

Sandra Brown

JOGUE SUJO

Autora de *Tiro indireto* e *Uma voz na escuridão*



Rocco

Título: Jogue Sujo.

Autor: Sandra Brown.

Título original: Play Dirty.

Dados da edição: Editora Rocco, Rio de Janeiro, 2010.

Género: romance.

Contracapa: Acusado de assassinato e condenado por envolvimento com a mafia, Griff Burkett, ex-superastro do time Dalas Cowboys, passou cinco anos na penitenciária federal. Agora, um homem livre, o atacante falido não tem qualquer perspectiva.

Há alguém, porém, disposto a pagar milhões pelos serviços de Griff: o excêntrico milionário Foster Speakman. Griff não pode recusar, pois só lhe é exigido sigilo absoluto. Nesse jogo de alto risco, contudo, Griff se vê apaixonado pela mulher de Foster, Laura Speakman, e decide proteger a ambos. Lançado sob a luz da suspeita de um novo crime, o futuro de Griff-e sua vida - depende de uma última jogada perfeita.

Em Jogue sujo, Sandra Brown apresenta ao leitor uma jornada repleta de reviravoltas inesperadas, numa história de obsessão e consequências mortais.

Americana do Texas, SANDRA BROWN começou a escrever em 1981 e sua carreira já conta com mais de 50 best-sellers, entre os quais figuram A troca, O álibi, Obsessão, Inveja, Uma ?voz na escuridão, Calafrio, Tempo quente e Tiro indireto, todos publicados pela Rocco.

Sandra Brown

JOGUE SUJO

Tradução de ALICE KLESCK

Título Original: PLAY DIRTY

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação da autora e foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com

acontecimentos reais, localidades ou pessoas vivas ou não é mera coincidência

Copyright (c) 2007 by Sandra Brown Mangement Ltd

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida sob qualquer forma sem a permissão do editor.

Edição brasileira publicada mediante acordo com Maria Carvainis Agency. Primeira publicação de PLAY DIRTY nos EUA pela Simon Schuster, Nova York.

Direitos para a língua portuguesa reservados com exclusividade para o Brasil à EDITORA ROCCO LTDA. Av. Presidente Wilson, 231 - 8º andar - 20030-021 - Rio de Janeiro - RJ

Tel.: (21) 3525-2000 - Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

Capítulo 1

SÓ ISSO?

- É isso. - Griff Burkett jogou uma mochila no banco detrás do carro, depois se

sentou na frente, no banco do carona. - Eu não trouxe muita coisa e certamente não vou levar nenhum suvenir. - Ele não queria lembranças de sua detenção na BIG, nome oficial do Instituto Penal Federal, em Big Spring, Texas.

Acomodou-se no conforto do banco de couro, ajustou a saída do ar-condicionado para soprar diretamente sobre ele, depois percebeu que o carro não estava em movimento e olhou para o lado do motorista.

- Cinto de segurança.

- Ah. Certo. - Griff esticou o cinto por cima do peito e o afivelou. com a língua espetando a bochecha por dentro, ele disse: - Eu não gostaria de infringir a lei.

No que dizia respeito a advogados, Wyatt Turner até que era razoável. Mas, se possuía algum senso de humor, ele o mantinha trancado. E não riu da observação de Griff.

- Ora, vamos, Turner, relaxe. Hoje é um dia especial.

- Infelizmente, nós não somos os únicos que estamos comemorando.

Turner chamou a atenção de Griff para um carro horrível, verde-azeitona, estacionado na vaga de deficientes. Ilegalmente parecia, porque não havia qualquer adesivo indicativo no espelho retrovisor. Griff não reconheceu o modelo do carro, por ter menos de cinco anos de fabricação. Nada caracterizava o seda sem acessórios, exceto o homem sentado atrás do volante.

Griff xingou em voz baixa.

- O que é que ele está fazendo aqui?

- Saiu em todos os noticiários que você seria libertado hoje, mas não acho que ele tenha trazido champanhe.

- Então, por que ele veio tão longe para me ver?

- Imagino que quisesse recomeçar de onde vocês dois terminaram.

- Grande chance.

A razão da conversa dos dois, Stanley Rodarte, havia estacionado onde não deixaria de ser visto. Ele queria que Griff o visse. E Griff o reconheceria em qualquer lugar, pois Stanley Rodarte era um filho da puta horrendo. Seu rosto parecia ter sido entalhado em um carvalho com uma serra elétrica, por um entalhador impaciente demais para aparar as arestas. As maçãs do rosto eram tão marcantes quanto lâminas de facas e chegavam a lançar sombras sobre sua pele avermelhada toda marcada. Os cabelos tinham a cor e a textura de palha suja. Por trás das lentes dos óculos escuros opacos, seus olhos - amarelados, conforme Griff lembrava - sem dúvida estavam fixos em Griff, com uma hostilidade que nem mesmo cinco anos haviam aplacado.

Griff sacudiu os ombros com mais indiferença do que sentia.

- É o tempo dele que está desperdiçando. Parecendo se referir a algo predestinado, Turner disse:

- Ele obviamente não acha.

Conforme eles se aproximaram do outro carro, Griff lançou um enorme sorriso para Rodarte, depois fez um gesto obsceno.

- Jesus, Griff. - Turner acelerou em direção ao portão da prisão. - Qual é o seu problema?

- Ele não me assusta.

- Bem, deveria. Se você tivesse algum resquício de bom-senso, ele te mataria de medo. Aparentemente, ele não se esqueceu de Bandy. Fique longe dele. Estou falando sério. Está me ouvindo? Não se meta com ele.

- vou ser cobrado por esse conselho não solicitado?

- Não, esse conselho é por conta da casa. É pela minha proteção, tanto quanto pela sua.

Apesar do ar-condicionado no máximo, Griff baixou o vidro quando Turner passou pelos portões da cadeia federal que havia sido seu lar pelos últimos cinco anos. A área onde ele foi mantido encarcerado era considerada de baixa segurança, mas, ainda assim, era uma prisão.

- Sem querer ofender o pessoal de Big Spring, mas eu nunca mais gostaria de entrar nos limites do município novamente - frisou ele, ao deixarem a cidade do oeste texano, seguindo para leste pela rodovia interestadual 20.

O ar estava quente, seco e recendendo a óleo diesel e gasolina da estrada bem movimentada, mas era um ar livre, o primeiro que Griff saboreava em mil oitocentos e vinte e cinco dias. Ele o engolia.

- Sente-se bem por estar fora? - perguntou seu advogado.

- Você não faz ideia.

Após um momento, Turner disse:

- Eu estava falando sério a respeito de Rodarte.

O ar arenoso batia sobre o rosto de Griff e achatava seus cabelos.

- Relaxe, Turner - disse ele, falando acima do ruído de um caminhão que passava soltando fumaça. - Eu não vou ficar acenando bandeiras vermelhas para Rodarte. Nem para mais ninguém. Isso é passado. Passado distante. Recebi meu castigo e paguei minha dívida à sociedade. Você está olhando para um homem reabilitado e mudado.

- Fico feliz em ouvir isso - disse o advogado, carregado de ceticismo.

Griff estivera observando Rodarte pelo espelho lateral do carro. Ele os seguira saindo de Big Spring e agora seguia na mesma velocidade que eles, mantendo-se a pelo menos três carros de distância. Se Wyatt Turner percebera que Rodarte estava em seu encalço, não mencionara. Griff começou a dizer algo a respeito, depois imaginou haver coisas que os advogados não precisassem saber. Coisas que somente o preocupariam.

Quase quinhentos quilómetros depois, Griff estava em pé no meio da sala de estar do apartamento, que o fazia rir ao ser chamado assim. Uma pessoa poderia existir ali, mas você não podia chamar aquilo de residir. A sala era tão escura que chegava a ser quase lúgubre, mas, na verdade, isso era algo a seu favor. Havia uma rachadura na parede que ia do chão ao teto, parecendo um raio, e tinha a largura de seu dedo indicador. O carpete era pastoso. O ar-condicionado estava ligado e o ar que entrava cheirava a umidade e comida chinesa velha.

- Não é muito - disse Turner.

- Não sacaneia.

- Mas não tem contrato. O aluguel é pago mês a mês. Considere isso apenas uma parada rápida até que você encontre um lugar melhor.

- Ao menos, Big Spring era limpo.

- Quer voltar?

No fim das contas, talvez Turner tivesse senso de humor.

Griff jogou a mochila de roupa no sofá que não apenas parecia desconfortável, mas estava manchado só Deus sabia de quê. Lembrava-se afetuosamente do apartamento em que morava na luxuosa área de Turtle Creek, em Dalas. Bastante ensolarado durante o dia, tinha uma belíssima vista da cidade à noite. Equipado com aparatos eletrônicos que ele não sabia para que serviam, nem sabia manejar. Mas o importante era que ele os possuía.

- Quando você vendeu minha casa, não conseguiu guardar nada das minhas coisas?

- Roupas. Coisas pessoais. Fotografias, coisas assim. Está tudo no guarda-móveis. Mas o restante… - Turner sacudiu a cabeça e balançou nervosamente as chaves, como se quisesse voltar ao seu carro, embora o trajeto tivesse demorado quase cinco horas com apenas uma parada. - Primeiro, eu liquidei tudo da Caixa de Brinquedo.

Esse era o apelido do depósito extra que Griff alugara para guardar seus brinquedos de gente grande: esquis de neve, equipamento de mergulho, uma motocicleta, um barco de pesca que estivera na água precisamente uma única vez. Coisas que ele havia comprado, mais porque podia.

- O Escalade e o Porsche foram em seguida. Mantive o Lexus até não ter mais escolha. Então, comecei a esvaziar o apartamento. Tive que vendê-lo, Griff. Para pagar sua multa. As taxas de consultoria.

- Sua taxa.

Turner parou de mexer nas chaves. Sob outras circunstâncias, a postura combativa que assumiu teria sido engraçada. Griff era mais de um palmo mais alto que ele e não tinha abandonado a malhação durante seu encarceramento. Talvez estivesse até mais forte agora do que quando entrou.

Wyatt Turner tinha a palidez de um homem que trabalhava num escritório doze horas por dia. Exercício para ele significava uma rodada de dezoito buracos de golfe, andando de carrinho, seguida por dois coquetéis na sede do clube. com seus quarenta e poucos anos, já desenvolvera uma pança mole na frente e uma bunda caída atrás.

- Sim, Griff, minha taxa - ele disse, na defensiva. - Eu sou pago para fazer meu trabalho. Exatamente como você é.

Griff o olhou por um instante, depois disse baixinho:

- Era. Exatamente como eu era.

Turner recuou, parecendo ligeiramente constrangido por sua petulância momentânea, virou-se de costas e colocou outro molho de chaves sobre a mesinha de centro barata.

- Nosso carro extra. Está estacionado lá fora. Não dá pra deixar de vê-lo. Vermelho desbotado, duas portas, Honda. Não vale nada numa troca, então, quando Susan ficou com o Range Rover, nós o mantivemos para emergências. Ele anda razoavelmente. Mandei trocar o óleo e verificar os pneus. Use o tempo que você precisar.

- A taxa diária de aluguel será acrescida à minha conta? Novamente, Turner ficou ofendido.

- Por que você está fazendo tanta picuinha com tudo? Estou tentando ajudar.

- Precisei de sua ajuda cinco anos atrás para me deixar fora da porra da cadeia.

- Fiz tudo que pude por você - Turner disparou de volta. - Eles o pegaram. Você vacilou e dançou.

- Nossa, eu preciso escrever isso. - Griff apalpou os bolsos, como se procurasse uma caneta.

- Estou saindo fora.

Turner seguiu em direção à porta, mas Griff chegou na frente.

- Está bem, está bem, você é um príncipe dos advogados e eu sou um escroto mal agradecido. Que mais? - Ele deu alguns instantes para que Turner fumegasse de indignação, depois repetiu num tom mais conciliador: - O que mais você fez por mim?

10

- Coloquei algumas de suas roupas dentro do armário, no quarto. - Ele gesticulou na direção de uma porta aberta do outro lado da sala. - Jeans e camisas polo não saíram de moda. Comprei alguns lençóis e toalhas da Target. Você tem coisas de higiene pessoal?

- Na minha mochila.

- Olhe, Griff, eu sei que isso não é um palácio, mas…

- Palácio? - ele repetiu, rindo. - Acho que ninguém confundiria essa espelunca com um palácio. - Então, para não parecer ingrato, ele acrescentou: - Mas, como você disse, é só temporário. Tenho um telefone?

- No quarto. Fiz um depósito para você. Está em meu nome. Podemos mandar desligar quando você arranjar o seu.

- Obrigado. Qual é o número? Turner disse.

- Você não acha que precisa anotar?

- Eu costumava guardar algumas centenas de jogadas dentro de minha cabeça. Consigo lembrar dez dígitos.

- Hmm. Certo. Não se esqueça de ligar para o seu agente da condicional. Ele vai precisar saber como entrar em contato com você.

- Primeiro item em minha lista: ligar para Jerry Arnold. - Griff desenhou um sinal de visto no ar.

Turner lhe entregou um envelope bancário.

- Aqui está algum dinheiro até que você consiga um cartão de crédito. E sua carteira de habilitação também está aí dentro. O endereço está errado, é claro, mas está vigente até seu próximo aniversário, e até lá você já terá uma nova moradia.

- Obrigado. - Griff jogou o envelope em cima da mesa, ao lado das chaves do carro emprestado. Aceitar coisas dadas por seu advogado era quase tão humilhante quanto o primeiro dia de prisão, quando lhe foram ditas as regras, assim como as punições por infringi-las.

- Bem, então acho que você já está pronto pra começar. - O advogado o segurou pelo ombro, o que pareceu um gesto artificial e estranho vindo dele. Ele se virou rapidamente, mas parou junto à porta e olhou para trás. - Griff… é… as pessoas ainda estão com raiva de você. Para muita gente, você cometeu um pecado capital.

Se alguém te ofender, não deixe que isso o aborreça muito. Dê a outra face, está bem?

Griff permaneceu em silêncio. Ele não faria uma promessa que não pudesse cumprir.

Turner hesitou, parecendo preocupado.

- Depois de sair, há uma transição difícil.

- Melhor do que ficar lá dentro.

- Aquelas aulas que eles oferecem aos detentos quando vão ser soltos…

- O Programa Preparatório de Liberação.

- Certo. As sessões foram úteis?

- Ah, sim. Aprendi como preencher um formulário de pedido de emprego. E me pediram para não coçar minha bunda, nem enfiar o dedo no nariz durante uma entrevista.

com uma expressão mortificada, Turner perguntou:

- Você tem alguma ideia do que vai fazer?

- Arranjar um emprego.

- com certeza. O que quero dizer é se você tem alguma perspectiva em vista.

- Você conhece algum time da Liga Nacional de Futebol que esteja precisando de um atacante? - O rosto de Turner ficou tão desconcertado que Griff riu. - Isso foi uma piada.

A propriedade era cercada por um muro de quatro metros de altura, coberto de hera.

- Puta merda. - Griff encostou o Honda junto ao interfone do portão. Pelo endereço, ele já sabia que se tratava de uma parte nobre de Dalas, mas não esperava que fosse tão nobre assim.

As instruções de como entrar em contato com a casa estavam impressas na caixa. Ele digitou a sequência de números no teclado, o que supostamente tocou um interfone do lado de dentro. Após um instante, ouviu-se uma voz no alto-falante.

-Sim?

- Griff Burkett, para ver o sr. Speakman.

Nada mais foi dito. O portão de ferro abriu e ele entrou com o carro. O caminho de tijolinhos era ladeado por arbustos e canteiros de flor. Por trás, o gramado parecia um carpete de veludo verde.

12

A mansão em si era tão notável quanto o jardim. Décadas mais velha que Griff, era construída de pedras cinzentas. Algumas das paredes eram forradas de hera, como o muro do terreno. Ele seguiu pela entrada curva e estacionou bem diante da entrada, depois saiu do Honda emprestado e se aproximou da porta da frente. Era ladeada por imensos vasos com árvores plantadas. Griff ficou ali à toa, imaginando como conseguiam fazer a árvore crescer em formato de saca-rolhas.

Não havia nenhuma teia de aranha junto ao beiral do telhado. Nenhuma folha solta, em lugar algum. Nenhuma mancha, em janela alguma. A casa, o terreno e o lugar todo tinham uma perfeição espantosa.

Ao dizer a Wyatt Turner que não tinha nenhuma perspectiva, ele mentira. Não que as ofertas de emprego estivessem vindo a rodo. Nesse momento, Griff Burkett era provavelmente o homem mais detestado em Dalas, se não em todo o estado da Estrela Solitária. Não, isso ainda era pouco: ele era desprezado em todo país que amava futebol. As pessoas zombavam de seu nome ou cuspiam depois de pronunciá-lo, como se fosse para afastar algum mau espírito. Ninguém em sã consciência ia querê-lo em sua folha de pagamento.

Mas, apesar de remota, ele tinha essa perspectiva.

Alguns dias antes de ser solto, Griff recebeu um convite para estar nesse local, nessa data, nesse horário. O cartão trazia gravado: Foster Speakman. O nome era ligeiramente familiar, embora Griff não conseguisse lembrar o motivo.

Enquanto apertava a campainha, ele não podia imaginar o que um cara que morasse num lugar como aquele poderia querer com ele. Imaginara que o compromisso prenunciasse uma oferta de emprego. Agora, ao ver tudo aquilo, ele achou que talvez não. Talvez esse tal de Speakman fosse algum fã dos Cowboys que só quisesse sua própria porção da carne de Griff Burkett.

A porta foi aberta quase que imediatamente. Griff foi recebido por um sopro de ar-condicionado e o leve aroma de laranjas, e por um cara que parecia alguém que deveria estar vestido de tanga, empunhando uma lança.

Griff esperara uma empregada, ou um mordomo - alguém de avental branco, com uma voz suave e maneirismos educados. Esse

sujeito não chegava nem perto disso. Vestia uma camiseta preta apertada e calças pretas. Tinha feições grandes, largas, da realeza Maia. Sua pele era lisa e sem barba. Seus cabelos lisos eram negros como tinta.

- É… o sr. speakman?

Ele sacudiu a cabeça e sorriu. Ou melhor, mostrou os dentes. Não dava realmente para chamar aquilo de sorriso, porque nenhuma outra parte do rosto mudou, nem de leve. Ele chegou para o lado e gesticulou para que Griff entrasse.

Um teto altíssimo reluzia três andares acima. Os tapetes orientais formavam ilhas de cores sutis sobre o piso de mármore. A imagem de Griff refletiu num espelho enorme pendurado acima de um console. A escadaria curva era uma maravilha arquitetônica, principalmente levando-se em conta a época em que a casa teria sido construída. O espaço era vasto e silencioso como uma catedral. O homem sem voz moveu a cabeça para que Griff o seguisse.

Novamente ocorreu a Griff que Foster Speakman pudesse estar

esperando deitado. Será que ele mantinha seus aparelhos de tortura e os chicotes no calabouço?

Quando eles chegaram às portas duplas, o mordomo - na falta

de uma palavra melhor para descrevê-lo - as empurrou, abrindo

ambas, depois deu um passo ao lado. Griff entrou na sala, obviamente uma biblioteca, com paredes em três lados, cobertas de estantes de livros, do chão ao teto. A quarta parede era quase toda de vidraças, provendo uma vista do gramado infinito e dos jardins floridos.

- Eu imaginava.

Griff virou-se diante da voz inesperada e teve sua segunda surpresa. O homem que lhe sorria estava numa cadeira de rodas. - Imaginava o quê?

- O quão imponente você seria fisicamente, em pessoa. - Ele mediu Griff de cima a baixo. - É alto como eu esperava, mas não tão… encorpado. É claro que eu só o vira a distância, do camarote do estádio, ou pela televisão.

- A TV aumenta cinco quilos. O homem riu.

- Isso, sem contar as ombreiras. - Ele estendeu a mão direita. Foster Speakman. Obrigado por vir. - Eles apertaram-se as mãos.

Sem surpresa, a mão dele era bem menor que a de Griff, mas a palma era seca e a pegada muito firme. Ele apertou um botão na elegante cadeira de rodas e recuou. - Venha, sente-se.

Ele gesticulou para Griff, em direção a um conjunto de móveis confortavelmente disposto, com mesas apropriadas e abajures. Griff escolheu uma das poltronas. Quando se sentou, sentiu uma pontada de saudade de casa, por conta dos móveis de qualidade semelhantes aos que ele antes possuía. Agora, ele precisava guardar o pão dentro de uma geladeira que fazia um barulho irritante.

Ao dar outra olhada ao redor da sala e ver o imenso terreno além das janelas, ele voltou a questionar que diabos estava fazendo ali, naquela mansão coberta de hera, com um paraplégico.

Foster Speakman provavelmente tinha uns cinco anos a mais que ele, significando ter cerca de quarenta. Difícil dizer sua altura, mas Griff imaginava que devia ter pouco menos de um metro e oitenta. Ele estava usando roupas esporte fino - camisa azulmarinho de golfe, calças caqui, cinto marrom combinando com os sapatos, meias beges. As pernas das calças pareciam balões murchos, sem muita carne para preenchê-las.

- Algo para beber? - Speakman perguntou, em tom agradável. Flagrado olhando e especulando, Griff desviou a atenção para

o rosto de seu anfitrião.

- Uma Coca?

Speakman olhou para o homem que atendera a porta.

- Manuelo, duas Cocas, por favor.

Manuelo era quadrado e sólido como um saco de cimento, mas se movia silenciosamente. Speakman notou Griff observando o empregado quando ele seguiu até o bar e começou a servir as bebidas.

- Ele é de El Salvador. -Ah.

- Literalmente andou até os Estados Unidos. -Ah.

- Ele cuida de mim.

Griff não conseguia pensar em nada para dizer diante disso, embora quisesse perguntar se Manuelo, apesar do sorriso, mantinha uma coleção de cabeças

murchas embaixo de sua cama.

- Você veio de carro de Big Spring, hoje? - perguntou Speakman.

- Meu advogado foi me buscar esta manhã.

- É um longo trajeto.

- Eu não me importei. Speakman sorriu.

- Imagino que não. Depois de ficar preso por tanto tempo. Ele esperou até que Griff tivesse pegado sua bebida da pequena bandeja que Manuelo lhe estendeu, depois segurou seu copo de cristal e o ergueu. - À sua libertação.

- Um brinde a isso.

Manuelo saiu pelas portas duplas e as fechou, depois de passar por elas. Griff deu outro gole na Coca, começando a sentir-se desconfortável diante do olhar curioso de Speakman.

Do que se tratava? Convidar um ex-presidiário para beber?

A cena toda estava começando a deixá-lo inquieto. Decidindo ir direto ao assunto, ele colocou a bebida na ponta da mesinha de canto, junto ao seu cotovelo.

- Você me convidou a vir até aqui para ver bem de perto um ex-jogador de futebol? Ou um delinquente?

Speakman pareceu inabalado por sua indelicadeza.

- Achei que você pudesse estar no mercado à procura de um emprego.

Sem querer parecer desesperado, ou necessitado, Griff sacudiu os ombros, casualmente.

-Já surgiu alguma oferta? - perguntou Speakman.

- Nenhuma que tenha me interessado.

- Os Cowboys não estão…

- Não. Assim como nenhum outro time. Eu fui banido da Liga. Duvido de que consiga sequer comprar um ingresso para assistir a um jogo da Liga Nacional de Futebol.

Speakman assentiu, como se já tivesse determinado a que as coisas realmente fossem assim para Griff Burkett.

- Se você não consegue fazer algo relativo ao futebol, o que planeja fazer?

- Eu planejava cumprir minha pena e sair. -Nada além disso?

Griff estava recostado e novamente sacudiu os ombros como se estivesse pouco ligando. Esticou a mão para pegar a Coca e deu outro gole.

16

- Tenho pensado em algumas coisas, mas ainda não resolvi nada.

- Sou dono de uma companhia aérea. A SunSouth.

Griff manteve a fisionomia impassível, sem querer demonstrar estar surpreso ou impressionado, quando, na verdade, estava ambos.

- Eu voo por ela. Ou melhor, costumava voar pela SunSouth frequentemente.

Speakman deu um sorriso propositalmente desinteressado.

- É, fico feliz em dizer que muita gente voa.

Griff olhou ao redor da bela sala, parando em alguns de seus itens preciosos, depois voltou a Speakman.

- Aposto que sim.

Apesar de seus gracejos, o sorriso de Speakman permanecia imutável.

- Eu o convidei a vir aqui para lhe oferecer um trabalho.

O coração de Griff deu uma pequena remexida de contentamento. Um homem como Foster Speakman poderia fazer muito por ele. Agora ele lembrava por que o nome lhe parecera tão familiar. Speakman era uma força influente em Dalas,

dono de um dos negócios mais bem-sucedidos da região. Um aval seu, mesmo que fosse uma simples menção de perdão, representaria muito, no sentido de recuperar parte do favorecimento que Griff perdera, cinco anos antes.

Mas ele conteve seu otimismo borbulhante. Até onde sabia, esse cara podia querer que ele tirasse a merda dos tanques sanitários de suas aeronaves.

- Estou ouvindo.

- O trabalho que estou lhe oferecendo lhe proporcionará um alívio financeiro imediato. Entendo que seu património tenha sido liquidado por conta do pagamento da multa que lhe foi imposta pela corte.

Resumindo a verdade, Griff disse:

- A maior parte, sim.

- Aqueles processos também foram usados para cobrir dívidas significativas. Está correto?

- Olhe, Speakman, já que você parece realmente saber, pare de ficar sondando. Eu perdi tudo e até mais. Era isso que queria ouvir? Não tenho nem uma privada pra mijar.

- Então, suponho que cem mil venham em boa hora.

Surpreso pela quantia, Griff sentiu a irritação mudar para desconfiança. Ele descobrira, do jeito mais difícil, como manter-se cauteloso diante de qualquer coisa que parecesse fácil demais. Se parecesse bom demais para ser verdade, provavelmente era.

- Cem mil por ano?

- Não, sr. Burkett - disse Speakman, sorrindo, se divertindo. Cem mil para selar nosso acordo. Usando um termo com o qual o senhor tem familiaridade, seria um bónus de assinatura.

Griff ficou encarando e contando até dez.

- Cem mil pratas em dólares americanos.

- Dinheiro legal. É seu, se disser sim ao que quero lhe propor. Griff cuidadosamente tirou o tornozelo de cima do joelho oposto e colocou os dois pés no chão, ganhando tempo, enquanto sua mente revolvia em torno da quantia e do quanto ele precisava.

- Está pensando em me utilizar para fazer propaganda de sua companhia aérea? Outdoors, comerciais etc.? Esse tipo de coisa? Eu não simpatizo muito com pousar nu, mas pode ser negociado.

Speakman sorriu e sacudiu a cabeça.

- Tenho consciência de que a propaganda tenha sido uma parte significante de sua renda, quando começou, como atacante do Dalas Cowboys. Aquela camisa dez vendeu muito de tudo que anunciou. Mas, agora, temo que seu endosso possa afugentar os clientes, em vez de atraí-los.

Mesmo sabendo que era verdade, Griff ficou injuriado ao ouvir isso.

- Então, o que tem em mente? Quem é que eu preciso matar? Speakman riu em voz alta.

- Não é nada assim, tão drástico.

- Eu não sei nada de aviões.

- Isso não tem nada a ver com a companhia aérea.

- Precisa de um novo jardineiro? -Não.

- Então, acabaram-se os meus palpites. O que eu preciso fazer para ganhar os cem mil dólares?

- Engravidar a minha esposa.

17

Capítulo 2

PERDÃO?

- Ouviu corretamente, sr. Burkett. Mais uma Coca?

Griff continuou encarando seu anfitrião, até que a pergunta foi assimilada. Ao menos o maluco era um anfitrião educado.

- Não, obrigado.

Speakman conduziu sua cadeira até a ponta da mesa e pegou o copo vazio de Griff, levou-o junto com o seu até o bar e colocou ambos numa prateleira, embaixo da pia. Ele usou um pano para limpar o tampo de granito, embora Griff pudesse ver, de onde estava sentado que a superfície estava extremamente polida, sem nenhuma gota de líquido ou mancha. Speakman dobrou o pano, ajustando a bainha, depois o pendurou numa argola, junto ao balcão.

Ele voltou, conduzindo a cadeira até a mesa próxima do cotovelo de Griff; substituiu o portacopo que usara no aparador de bronze, deu três tapinhas e engatou a ré da cadeira, voltando ao lugar original, a alguns metros de onde Griff estava sentado.

Griff, observando essas manobras, pensou: educado e caprichoso.

- Diga-me, caso mude de ideia quanto à outra bebida - disse Speakman.

Griff se levantou, deu a volta em sua poltrona, olhou de volta para Speakman, para ver se sua insanidade poderia ser detectada a distância, depois foi até as janelas e olhou para o lado de fora. Ele precisava se situar, ter certeza de que não havia caído na toca de um coelho ou algo assim.

Sentia-se da mesma forma como havia se sentido nas primeiras semanas em Big Spring, quando acordava desorientado e levava alguns segundos até lembrar onde estava e o motivo. Isso era como aquilo. Ele se sentia desligado. Precisava obter seus pontos de apoio.

Além da janela, não havia nenhum Chapeleiro Maluco à vista. Tudo estava calmo e parecendo perfeitamente normal - o gramado esmeralda, os caminhos com piso de pedras, serpenteando em meio às floreiras, árvores com enormes galhos, lançando sombras em tudo. Um lago ao longe. O céu azul. Acima, um jato fazia sua aproximação final para pousar em Dalas.

- É um dos nossos.

Griff não ouvira a aproximação da cadeira de Speakman e se assustou ao vê-lo

tão perto. A prisão também faz isso com você, o deixa em constante sobressalto. Os zagueiros com quase cento e cinquenta quilos costumavam voar em cima dele, infligindo dor e ferimentos, rangendo os dentes por trás das grades dos capacetes, olhos estampando malícia. Ele estava preparado para eles e se condicionara ao tratamento brutal.

Mas, mesmo na área de segurança mínima da prisão, onde os detentos eram criminosos de colarinho-branco, você ficava nervoso vinte e quatro horas por dia. Mantinha-se em alerta e as outras pessoas, a distância.

É claro que ele já estava desse jeito antes de ir para a prisão.

Speakman estava observando o jato.

- Está vindo de Nashville. Previsto para pousar às sete horas e sete minutos. - Ele deu uma olhada no relógio de pulso. Perfeitamente pontual.

Griff o estudou por alguns segundos, depois disse:

- A coisa mais infernal disso tudo é que você parece perfeitamente são.

- Você duvida de minha sanidade?

- E mais um pouco.

- Por quê?

- Bem, pra começar, eu não estou usando uma placa que diz “banco de esperma”.

Speakman sorriu.

- Não é o tipo de emprego que você poderia pensar que eu lhe ofereceria, não é?

- Nem de longe. - Griff deu uma olhada em seu próprio relógio. - Olhe, eu tenho planos para essa noite. Uma reunião com alguns amigos. - Não havia reunião alguma. Nem amigos. Mas aquilo pareceu plausível. - Preciso ir andando para chegar na hora.

19

20

Speakman pareceu ver claramente que ele estava mentindo.

- Antes de declinar de minha oferta - disse ele -, ao menos me ouça.

Ele estendeu a mão, como se fosse tocar o braço de Griff. O recuo de Griff foi involuntário, mas ele não teve como evitar que Speakman percebesse. Ele olhou para Griff intrigado, mas recuou a mão antes de realmente fazer contato.

- Desculpe - Griff murmurou.

- É a cadeira de rodas - disse Speakman, suavemente. - Afasta algumas pessoas. Como se fosse uma doença ou um amuleto de azar.

- Não é isso. De jeito nenhum. É que., é… Olhe, acho que nós já terminamos por aqui. Preciso ir.

- Por favor, não vá embora ainda, Griff. Você se importa se eu chamá-lo de Griff? Acho que esta é uma boa hora de passarmos a nos chamar pelo primeiro nome, não acha?

Os olhos de Speakman refletiam a luz clara da janela. Eram olhos claros e inteligentes. Não havia nenhum traço de loucura nem o tipo de alegria selvagem que sinalizava a insanidade. Griff ficou pensando se a sra. Speakman teria conhecimento disso. Que inferno, ele ficou pensando se haveria uma sra. Speakman. O milionário podia ser totalmente alucinado, tanto quanto um caprichoso compulsivo.

Quando Griff deixou de responder à pergunta quanto a chamá-lo pelo primeiro nome, o sorriso de Speakman murchou, passando a uma expressão de desapontamento.

- Ao menos fique tempo suficiente para que eu termine minha proposta. Detestaria que tudo que ensaiei fosse em vão. - Ele deu um sorriso rápido. - Por favor.

Lutando contra um forte impulso de dar o fora dali, mas também se sentindo culpado pela rejeição física que tivera ao homem, Griff voltou à poltrona e se sentou. Ao se acomodar junto às almofadas, ele percebeu que a parte de trás de sua camisa estava úmida de transpiração e nervosismo. Assim que pudesse sair graciosamente, ele diria adiós.

Speakman retomou o diálogo dizendo:

- Eu não posso ser pai de uma criança. Por método algum. Ele fez uma pausa, como se quisesse enfatizar isso. - Se eu tivesse esperma - ele acrescentou baixinho -, você e eu não teríamos essa conversa.

Muito em breve, Griff simplesmente não estaria conversando. Não era fácil olhar um homem nos olhos, enquanto ele admitia ter perdido sua virilidade.

- Está certo. Então, você precisa de um doador.

- Você mencionou um banco de esperma. Griff assentiu rapidamente.

- Laura, minha esposa, e eu não queríamos seguir essa rota.

- Por que não? Na grande maioria, eles são respeitáveis, não são? Confiáveis? Fazem a testagem nos doadores. Tudo isso.

Griff sabia pouco sobre bancos de esperma e realmente não estava interessado na forma como funcionavam. Ele estava pensando mais no que teria ocorrido a Speakman para colocá-lo naquela cadeira de rodas. Será que sempre fora paraplégico ou teria sido algo recente? Teria contraído alguma doença debilitante e degenerativa? Caído de um cavalo? O que teria sido?

- Quando o homem é incapaz de ser pai, como ocorre comigo

- disse Speakman -, os casais usam, sim, os bancos de esperma. Na maioria das vezes, com êxito.

Bem, aparentemente, ele não sentia qualquer constrangimento em relação ao seu estado, e Griff tinha que lhe dar algum crédito por isso. Se ele estivesse numa situação como a de Speakman, precisando de alguém como Manuelo para “cuidar” dele, duvidava de que tivesse essa aceitação que Speakman aparentemente possuía. Ele sabia que não seria capaz de falar sobre isso tão livremente, principalmente com outro homem. Talvez Speakman simplesmente fosse resignado.

Ele prosseguiu dizendo:

- Laura e eu queremos um filho desesperadamente, Griff.

- Sei - disse Griff, sem saber o que mais dizer.

- E queremos que nosso filho tenha características semelhantes às minhas.

- Certo.

Speakman sacudiu a cabeça, como se Griff ainda não estivesse entendendo. E quando notou que ele não estava entendendo mesmo, Speakman disse:

22

- Nós queremos que todos pensem que eu sou o pai da criança.

- Certo - disse Griff, mas havia um tom interrogativo no final da palavra.

- Isso é extremamente importante para nós. Vital. Na verdade, obrigatório. - Speakman ergueu seu dedo indicador, como um político prestes a fazer a afirmação mais importante de sua campanha.

- Ninguém pode duvidar de que eu sou o pai da criança.

Griff sacudiu os ombros indiferente.

- Eu não vou contar a ninguém. Speakman relaxou, sorrindo.

- Excelente. Nós estamos pagando pela sua discrição, tanto quanto por sua… assistência.

Griff riu levemente e ergueu as duas mãos, com as palmas para fora.

- Espere um minuto. Quando eu disse que não contaria a ninguém, eu quis dizer que não contaria sobre essa conversa. Na verdade, realmente não estou interessado em ouvir mais. Vamos considerar essa… entrevista concluída, está bem? Você fica com seus cem mil e eu fico com meu esperma, e esse encontro será nosso segredinho.

Ele estava quase se levantando da poltrona, quando Speakman disse:

- Meio milhão. Meio milhão de dólares, quando Laura conceber. Parando no meio do movimento, Griff achou mais fácil tornar

a se sentar do que levantar. Ele aterrissou com força, encarando Speakman, chocado.

- Você está me sacaneando.

- Posso lhe garantir que não estou.

- Meio milhão?

- Você tem olhos azuis, cabelos claros. Como os meus. Agora é difícil dizer, mas eu sou mais alto do que a estatura média de um metro e oitenta. Nós temos traços genéticos semelhantes, você e eu. De qualquer forma, somos parecidos o bastante para que a criança que você procriar passe por minha.

A cabeça de Griff girava tão rápido que era difícil se ater a um pensamento. Ele estava pensando em cifrões de dólares, enquanto Speakman falava sobre genes.

- Esses bancos de esperma têm livros. - Ele gesticulou como se estivesse folheando páginas. - Você os consulta e encontra o que quiser para seu filho. Escolhe a cor dos olhos, dos cabelos, altura, tudo isso.

- Eu nunca compro nada sem ver, Griff. Nunca compro a partir de catálogos de lojas. Certamente não faria isso para meu filho e herdeiro. E ainda há o risco de divulgação.

- Esses dados são mantidos em confidencialidade - argumentou Griff.

- Supostamente.

Griff pensou no portão com a voz desencarnada, no muro alto cercando a propriedade. Aparentemente, a privacidade era uma questão real para esse cara. Como o capricho. O psicólogo em Big Springs ia se divertir com a forma obsessiva com que Speakman removeu os copos de vista, dobrou a toalha e substituiu o portacopo.

Apesar de tudo, Griff estava intrigado e estudou o milionário por um longo instante, depois disse:

- Então, como funcionaria? Eu iria até o consultório de um médico e bateria uma punheta num potinho e…

- Nada de consultório. Se Laura fosse inseminada num consultório médico, haveria falatório.

- Quem falaria?

- As pessoas que trabalham no consultório. Outras pacientes que poderiam vê-la. As pessoas adoram falar. Principalmente sobre celebridades.

- Eu sou um astro decaído.

Rindo suavemente, Speakman disse:

- Eu estava me referindo a Laura e a mim. Mas o seu envolvimento certamente acrescentaria outro elemento para uma deliciosa fofoca. Isso seria tentador demais até para as pessoas presas aos privilégios profissionais.

- Está certo, então, eu não vou ao consultório médico com você. Você poderia levar meu sémen e alegar ser seu. Quem vai saber?

- Você não entende, Griff. Isso ainda deixa espaço para especulação. Minha condição é óbvia. Uma amostra que eu alegue ser minha poderia ser do rapaz que cuida da piscina. Um carregador. Qualquer um. - Ele sacudiu a cabeça. - Somos enfáticos quanto a

isso. Nada de enfermeiras, de recepcionistas tagarelas, nada de consultórios abertos ao público. Nada disso.

- Então, onde? Aqui? - Griff se imaginou pegando uma revista pornográfica e um copinho descartável e indo a um dos banheiros da mansão, com um empregado esperando, do lado de fora da porta, até que ele terminasse e entregasse sua amostra.

Pode esquecer, mane. Ou melhor, pode esquecer, Manuela.

Mas, por meio milhão de pratas?

Todo mundo tem seu preço. Ele havia provado ter o seu. Cinco anos antes, ele o baixara consideravelmente, porém, se Speakman estava disposto a pagar

quinhentas pratas para que ele fizesse o que vinha fazendo de graça, pelos últimos cinco anos, ele não deixaria que a modéstia o atrapalhasse.

Ele sairia com seiscentos mil dólares, contando com o “bónus de assinatura”. Os Speakman teriam o garoto que desesperadamente queriam. Era uma situação de ganhar ou ganhar, e não era sequer contra a lei.

- Imagino que você faria com que um médico primeiro me examinasse - disse ele. - Até onde você sabe, eu poderia ter arranjado um amante na cadeia e ter contraído HIV.

- Eu seriamente duvido disso - disse Speakman, secamente -, mas, sim, eu solicitaria que você passasse por um exame físico minucioso e me trouxesse um atestado, assinado por um médico. Você poderia dizer que é para um seguro de saúde.

Ainda parecia fácil demais. Griff se perguntava o que estaria deixando de enxergar. Onde estava o truque?

- E se ela não engravidar? Eu preciso devolver os primeiros cem mil?

Speakman hesitou. Griff inclinou a cabeça, como se quisesse demonstrar que isso poderia desfazer o acordo.

- Não. Isso seria seu definitivamente.

- Porque, se ela não conceber, isso pode não ser minha culpa. Sua esposa pode não ser fértil.

- Quem negociou seu contrato com os Cowboys?

- O quê? Meu ex-agente, por quê?

- Só um conselho, Griff. Durante uma discussão de negócios, uma vez que você tiver ganhado um ponto, deixe-o de lado. Não

volte a mencioná-lo. Eu já consenti que você ficasse com os cem mil iniciais.

- Está certo. - Não falaram disso nas sessões preparatórias antes de sua libertação.

Griff pesava suas opiniões e elas se resumiam a isso: ele não tinha opções, exceto dizer não e deixar para trás um mega capital. Para recusar isso, só se estivesse maluco. Maluco como o Speakman e sua patroa.

Ele ergueu um ombro, numa sacudidela displicente.

- Então, se isso é todo o exigido, nós temos um acordo. Mas tem uma coisa. Eu quero fazer meu negócio na privacidade do meu banheiro. O médico terá que vir à minha casa pra pegar o negócio. Acho que se pode congelar, então, posso dar várias amostras de uma só vez. - Ele riu com a piada.

Speakman também riu, mas ficou muito sério quando disse:

- Não haverá um médico, Griff.

Quando achou que tinha entendido o negócio, Speakman o atingiu com outra bordoada, como um zagueiro vindo sem que ele visse e fazendo com que caísse de bunda.

- O que quer dizer com não haverá um médico? Quem vai… Ele fez um movimento suave com as mãos. - Colocar o negócio onde tem que ser colocado?

- É você que vai - disse Speakman, baixinho. - Lamento não ter deixado isso claro desde o início. Eu insisto em que meu filho seja concebido naturalmente. Da forma como é a intenção de Deus.

Griff o encarou por vários segundos, depois começou a rir. Ou alguém o mandara ali como uma brincadeira ou Speakman estava completamente fora de si.

Ninguém na vida de Griff se importava o suficiente para fazer uma piada. Ninguém em sua vida atual se daria ao trabalho. Ninguém de seu passado lhe daria qualquer tempo, muito menos investiria o tempo que levaria para elaborar esse cenário bizarro, convencendo Speakman a participar.

Não, ele apostava em que Speakman era mais que um milionário excêntrico e obcecado por arrumação.

De qualquer forma, isso tudo era uma imensa perda de tempo, e ele já perdera sua paciência. De forma petulante, Griff perguntou:

- Meu trabalho seria trepar com a sua esposa?

Speakman se retraiu.

- Eu não ligo muito para o vernáculo, principalmente em…

- Pode cortar o papo furado, está bem? Você está me contratando para dar uma de garanhão. Basicamente, é isso, certo?

Speakman hesitou, depois disse:

- Basicamente? Sim.

- E, por meio milhão, você vai ficar assistindo.

- Isso é insultante, Griff. Para mim. E certamente para Laura.

- É, bem… - Ele não se desculpou. Sexo excêntrico era o fator menos ofensivo de toda essa entrevista. - Quanto a ela, ela sabe sobre seu plano?

- É claro.

- Sei. E o que pensa a respeito?

Speakman conduziu a cadeira até a ponta da mesa, onde havia um telefone sem fio no carregador.

- Você mesmo pode perguntar a ela.

Capítulo 3

LÁ EM CIMA, em seu escritório de casa, Laura Speakman verificou o relógio em cima da escrivaninha. Somente meia hora se passara desde a chegada de Griff Burkett. Pontual. Chegar no horário certamente teria lhe rendido pontos com Foster. Mas, e quanto às outras impressões que estaria causando, seriam boas ou más?

Durante trinta minutos ela estivera lendo o novo contrato proposto pelo sindicato das comissárias de voo. E não guardara nada do que lera. Desistindo de fingir

que estava trabalhando, ela deixou a escrivaninha e começou a andar de um lado para o outro no escritório. Era uma sala iluminada e ventilada. Havia cortinas nas janelas, o chão era acarpetado e o teto exibia uma bela sanca. Podia ser definido como escritório apenas pela escrivaninha e o computador colocado num móvel francês antigo, de dois metros e meio de altura. O que estaria sendo dito lá embaixo, na biblioteca? O fato de não saber a estava deixando louca, mas Foster insistira em se encontrar com Burkett sozinho.

- Deixe-me testar o terreno - dissera ele. - Depois que eu tiver uma impressão sobre ele, peço que você venha se juntar a nós.

- E se sua impressão sobre ele não for boa, se não o achar adequado, e então?

- Então, eu vou mandá-lo seguir seu caminho e você terá sido poupada de uma entrevista desconfortável e improdutiva.

Ela imaginava que seu plano fizesse sentido. Mas não era do seu perfil delegar a tomada de decisão. Certamente, não em algo tão importante assim. Nem mesmo ao seu marido.

É claro que, se ela e Foster não estivessem plenamente de acordo quanto à conveniência de Griff Burkett, ele seria rejeitado. No entanto, ela detestava ter que deixar de ver sua reação inicial à proposta e estimar essa reação por si mesma. A forma como ele reagisse diria muito a respeito dele.

Ela olhou para a porta fechada e, por um instante, pensou em ir até lá embaixo e se apresentar. Mas isso violaria o cuidadoso planejamento de Foster. Ele não aceitaria bem a interrupção de sua programação.

Andar de um lado para outro só a estava deixando ainda mais agitada. Ela voltou à poltrona junto à escrivaninha, reclinou-a, fechou os olhos e usou técnicas de relaxamento que aprendera sozinha, quando ainda estava na universidade. Depois de passar dias sem um intervalo nos estudos, quando sua cabeça estava tão cheia de informação que não conseguia mais tolerar, ela se forçava a se deitar, fechar os olhos, fazer exercícios de respiração profunda e descansar, se não dormisse. Praticar a técnica ajudava. No mínimo, aquilo fazia com que ela desacelerasse, admitindo as limitações de sua mente e corpo.

Por mais difícil de aceitar que fosse, agora não havia nada que ela pudesse fazer, além de esperar.

À medida que sua agitação diminuía, seus pensamentos voltavam aos acontecimentos e circunstâncias que a levaram até esse ponto de sua vida, a esse dia e hora, até contratar um total estranho para fazer um bebé com ela.

Começara pela cor dos uniformes…

As manchetes das páginas de economia exibiram a notícia, quando Foster Speakman, último da linha da proeminente família de Dalas que enriquecera graças ao óleo e ao gás, comprara a SunSouth Airlines, companhia aérea em sérios apuros.

Durante anos, a companhia mal administrada esteve à beira do colapso total. Ela sofrera com a longa greve de pilotos, seguida por uma grande exposição na mídia de suas relapsas práticas de manutenção; depois, um acidente trágico levara quinze vidas. O pedido de falência havia sido a última esperança de recuperação da companhia, mas, infelizmente, esse suspiro final não a salvara.

Todos pensaram que o herdeiro da família Speakman estivesse

louco, ao gastar uma polpuda fatia de sua fortuna na compra da

companhia. Durante dias, a notícia predominou nos noticiários de negócios: UM HOBBY CARO PARA UM MILIONÁRIO? A SALVAÇÃO DA

SUNSOUTH SERÁ A RUÍNA DE SPEAKMAN? A aquisição chegou a ser mencionada com certo deboche nos noticiários em cadeia nacional. Estava subentendido que outro texano rico fizera algo louco.

Mais adiante, Foster Speakman havia surpreendido a todos, imediatamente mandando parar todas as aeronaves, dispensando milhares de empregados, com a promessa de recontratá-los depois de realizada uma análise minuciosa da situação da companhia aérea. Ele fechou as portas para a mídia, dizendo aos repórteres frustrados que eles seriam notificados quando ele tivesse alguma notícia para lhes dar.

Durante os meses seguintes, Foster se trancou com especialistas financeiros e operacionais, além de consultores. Executivos de primeiro escalão do antigo regime receberam a opção de pacotes de aposentadoria antecipada. Os que não optaram por isso foram imediatamente dispensados.

As demissões não eram por vingança, apenas perspicácia de negócios. Foster tinha visão, mas ele também percebia que, de modo a fazê-la acontecer, precisaria ter ao seu redor pessoas com conhecimento igual ou maior que o seu. com seu entusiasmo, carisma e conta corrente aparentemente infinita, ele atraiu os melhores profissionais de outras empresas do setor.

Quase três meses após assumir, Foster convocou todos os novos responsáveis pelos departamentos para a primeira rodada de discussões. Laura estava lá, representando as comissárias de voo. Foi naquela reunião em que ela viu, pela primeira vez, o homem que estava no comando.

Ela conhecia sua aparência, por conta de toda a cobertura da mídia que ele recebera, mas as fotografias e imagens de televisão falharam em captar sua incrível vitalidade. Ele emanava energia como se tivesse uma aura elétrica.

Era esguio, bonito, confiante, bem apessoado. Ele irrompeu na sala da conferência, impecavelmente vestido, com um terno risca de giz, uma camisa cinza clara, uma gravata discreta. Mas, assim que a reunião começou, ele tirou o paletó, pendurou-o nas costas da cadeira, afrouxou a gravata e literalmente arregaçou as mangas. Ao fazê-lo, ele indicou que pretendia fazer o que fosse preciso e que não se considerava acima do trabalho árduo, esperando a mesma ética profissional de todos que estavam na sala.

29

30

Havia sido estipulada uma data para que a companhia aérea retomasse suas operações. A data foi circulada em vermelho, no imenso calendário posicionado num cavalete, onde todos podiam ver.

- Data alvo - Foster anunciou, contente. - Depois da revisão de nosso orçamento, cada um de vocês terá a chance de me dizer que estou fora de mim e que não há meios de cumprirmos esse prazo.

Todos riram, como esperado. A reunião começou.

O novo diretor financeiro, contratado por ser um avarento que ganhara sua reputação ao salvar um fabricante automotivo da falência, foi solicitado a discursar sobre o orçamento proposto, esmiuçando item por item.

Em seu tom monótono, ele falou ininterruptamente por dez minutos, depois disse:

- Programa de Comissárias de Voo, a cota permanece a mesma. Em seguida, temos alimentos bebidas. Agora, aqui…

- com licença.

O diretor financeiro ergueu a cabeça, olhando por cima dos óculos de leitura, inspecionou a mesa, para encontrar a voz que o interrompera. Laura ergueu a mão para se identificar.

- Antes de prosseguir, esse montante precisa ser discutido.

Ele baixou uma das espessas sobrancelhas, quase fazendo uma careta.

- O que não ficou claro?

- Está perfeitamente claro - respondeu ela. - O que precisa ser discutido é a forma como esse departamento está subcapitalizado.

- Todos que estão nessa mesa acham que seus departamentos estão subcapitalizados. - Ele estreitou os olhos para o programa da reunião, depois voltou a olhar para ela, também estreitando os olhos. - Quem é você, de qualquer forma?

Antes que ela tivesse a chance de responder, Foster Speakman falou, da cabeceira da mesa.

- Senhoras e senhores, para os que ainda não a conheceram, essa é a srta. Laura Taylor.

Os lábios dela se abriram, sem palavras. Foi um choque saber que Foster Speakman sabia que ela existia.

O diretor financeiro tirou os óculos de leitura e, depois de lançar um olhar de choque a Laura, perguntou a Foster:

- Onde está Hazel Cooper?

Ele disse:

- Srta. Taylor, pode nos dar a honra de responder? Ela encarou o desafio e disse, calmamente.

- A srta. Cooper entregou sua demissão anteontem.

- Foi mesmo, está certo - disse uma voz do outro lado da mesa. O homem era o diretor de recursos humanos. - Eu mandei um email geral. Vocês todos não receberam? - Seu olhar percorreu a mesa, mas houve uma sacudida unânime de cabeças. - Ora, bem, Hazel aceitou sua aposentadoria antecipada. Disse que, como estava havendo essa reestruturação, ela poderia seguir em frente agora, pois já planejava mesmo se aposentar no ano que vem. Eu pedi à srta. Taylor que ocupasse seu lugar, até que outro diretor possa ser contratado para o departamento.

O diretor financeiro tossiu atrás da mão.

- Muito bem, então. Assim que o novo diretor estiver designado, eu falarei do orçamento com ele.

- Ou ela - disse Foster.

O diretor financeiro ficou com o rosto vermelho.

- É claro, eu estava falando de um modo geral.

- Já que estamos aqui, vamos discutir o orçamento desse departamento - determinou Foster.

O diretor financeiro lançou outro olhar irritado a Laura.

- Sem ofensas à srta. Taylor, mas ela está qualificada para conduzir essa discussão?

Foster remexeu numa pilha de pastas que trouxera com ele. Encontrou a que queria, empilhou as outras, precisamente, sem deixar nenhuma borda desalinhada, depois abriu a que havia separado.

- Laura Eleanor Taylor… hmm, vou pular até… Vejamos. Formada com honras

pela Stephen F. Austin State University. Dois anos depois, conclui seu mestrado em negócios, pela Southern Methodist. Novamente com honras.

“Inscreveu-se e foi aceita no programa de comissárias de voo da SunSouth Airlines em 2002. Promoção, promoção e outra promoção”, disse ele, consultando seus registros de funcionária, no arquivo.

- Promovida para efetuar treinamento e avaliação de perfomance em 2005. Era uma pedra no sapato da administração anterior,

31

32

passando a ser um incómodo para a sra. Copper, ao escrever um memorando após outro, cópias dos quais possuo - disse ele, com a mão cheia de folhas de papel -, criticando os padrões e práticas atualmente em vigor e sugerindo formas pelas quais o departamento poderia ser vastamente melhorado. - Ele leu diretamente do memorando: - “Porém” - que está sublinhado -, “não sem a visão, inteligência e o bom senso por parte do novo proprietário.” Que, por acaso… - ele parou por um tempo que pareceu uma eternidade para Laura -, sou eu.

Ele recolocou as folhas dentro da pasta, depois a pôs em cima da pilha. Somente após alinhar as pastas com absoluta exatidão, ele se levantou.

- Pode me acompanhar até lá fora, srta. Taylor? Traga suas coisas.

Ela estava perplexa, com as bochechas em brasa, sentindo todos os olhos da sala em sua direção, exceto os de Foster Speakman. Ele já estava junto à porta da sala de reuniões, saindo, esperando que ela viesse atrás.

com o máximo de dignidade possível, ela recolheu sua bolsa e a pasta de mão, depois se levantou.

- Senhoras e senhores - ela disse. Alguns, constrangidos por ela, desviaram o olhar. Outros acenaram a cabeça, em solidariedade. O diretor financeiro, com quem isso tudo começara, abriu a boca como se fosse pedir desculpas, mas achou melhor apenas dar um aceno de cabeça.

Ela passou pela porta e a fechou, depois arrumou a postura e se virou para Foster

Speakman, que estava em pé no corredor vazio.

- Nem de longe sua aparência é tão feroz como seus memorandos me levaram a esperar que fosse, srta. Taylor.

Suas bochechas ainda queimavam de humilhação, mas ela manteve a compostura.

- Não imaginei que meus memorandos internos lhe estivessem sendo encaminhados.

- Diante de sua aposentadoria iminente, suponho que a sra. Cooper tenha achado que as questões que a senhorita levantou já não eram mais problemas dela e sim meus.

- Suponho.

- E o fato de saber que eu estava lendo os memorandos mudou sua opinião?

- De jeito nenhum. Mas eu talvez tivesse abrandado meu tom ou a linguagem com que me expressei.

Ele cruzou os braços e a observou por alguns momentos.

- Satisfaça minha curiosidade. Por que motivo, com um MBA da SMU, uma escola de negócios tão conceituada, a senhorita quis se tornar uma comissária de voo? É uma profissão honrada, mas suas qualificações estão acima disso.

- Eu me candidatei quatro vezes a uma posição gerencial na SunSouth e fui rejeitada, todas as vezes.

- E lhe disseram o motivo?

- Não, mas as colocações foram preenchidas por homens.

- Discriminação quanto ao sexo?

- Não estou fazendo acusações, apenas lhe dizendo o que aconteceu.

- Então, você se contentou com uma posição de comissária de voo.

- Eu aceitei, mas não me contentei. Achei que uma vez lá dentro…

- Poderia se destacar e trilharia seu caminho até o nível que inicialmente pretendera.

- Mais ou menos. Ele sorriu.

- Depois de ter estudado sua ficha, eu acho que sim. Pelo que sei, a senhorita pode estar de olho no meu emprego, srta. Taylor. De certa forma, eu espero que esteja, pois admiro a ambição. Mas hoje estou lhe oferecendo a posição da srta. Cooper, de diretora do programa de comissárias de voo. Acrescente a isso, o título de vicepresidente de… *etc.*

Desde que pousara os olhos nele, era a terceira vez que ele a estarrecia. Primeiro, por apenas saber quem ela era. Segundo, por chamá-la para fora da reunião, para o que ela achou que seria sua imediata demissão. Agora, isso.

-Assim, de repente?

Ele riu.

- Eu nunca faço nada “assim, de repente”. Não, essa oferta vem após uma cuidadosa análise de sua ficha profissional. Também fiz verificações de crédito e criminais, assim como ocorreu com todas as pessoas que estão naquela sala. Você passou, mas tem uma multa de estacionamento proibido que não foi paga.

- Eu postei o cheque ontem, muito contrariada. Não havia nenhuma sinalização indicativa, mas custaria mais para contestar a multa do que pagá-la.

- Uma decisão prática, srta. Taylor. Eu acredito que sua postura, ambição e talento tenham sido desperdiçados pelos gerentes com falta de “visão, inteligência e bom senso” - disse ele, abrindo o sorriso, ao mencionar o que estava escrito no memorando. Imagino que aceita a posição?

Ainda abalada, mas de alívio, em vez de humilhação, caso fosse sumariamente demitida, ela disse sim.

Sem mais nenhuma cerimónia, ele disse:

- bom. Agora, vamos regressar aos outros? - Ele esticou a mão para a porta, depois parou. - Uma palavra de alerta. A senhorita terá uma briga nas mãos por esse orçamento. Está preparada?

- Certamente.

As conversas murmuradas cessaram quando eles voltaram. Foster deixou todos perplexos ao apresentá-la com o novo título, mas a maioria pareceu contente.

- Sr. George - disse Foster, dirigindo-se ao diretor de recursos humanos -, depois dessa reunião, eu, o senhor e a srta. Taylor podemos repassar o contrato que eu havia antecipadamente elaborado, na esperança de que ela aceitasse minha oferta. Acho que vocês dois o julgarão satisfatório. - Ele deu um tapinha leve na mesa. - Agora, srta. Taylor, como sua primeira tarefa oficial, diga-nos por que motivo a cota orçamentária de seu departamento é inadequada.

Que saia justa. Laura respirou fundo, sabendo que esse era um teste rigoroso e torcendo para não fracassar.

- Enquanto estivemos parados, perdemos muitas comissárias. Algumas foram para outras companhias. Outras simplesmente deixaram a aviação. Agora estou diante do processo de novas contratações. Não tenho como atrair os melhores candidatos se não posso lhes oferecer salários iniciais e benefícios iguais àqueles oferecidos por nossos concorrentes. Eu gostaria de ter ofertas melhores ainda, mas me contento em ter uma igual. Segundo, os uniformes são horríveis e sem graça.

- Achei que as comissárias pagassem por seus próprios uniformes.

- E pagam - disse Laura. - Mas não há orçamento para um novo design. O que me leva a outro ponto.

- À comunicação visual da companhia aérea? - Todas as cabeças se viraram na direção da cabeceira da mesa. Foster deu um tapinha na pasta de cima da pilha. - Mencionando seu memorando mais recente, srta. Taylor. Pode discorrer a respeito?

As coisas estavam indo rápido demais. Ela não contava com o fato de ser elevada a uma posição executiva tão repentinamente. Nem planejara ser colocada nessa situação delicada imediatamente. Mas vinha lidando com esse

assunto havia várias semanas. Em seu tempo livre, pensava no que faria se estivesse no comando. Agora, o novo dono da companhia a convidara para falar sobre os pontos relevantes de seus memorandos. Ela estava pronta.

- Há alguns dias, Hazel, a srta. Cooper me deu uma cópia do orçamento proposto para que eu pudesse ir me familiarizando, antes dessa reunião. Vocês estão gastando muito dinheiro numa mudança drástica na infraestrutura e total reorganização da parte operacional da companhia - disse ela, dirigindo-se a Foster, diretamente. - Estão deixando-a novinha em folha. Mas pararam antes de chegar ao ponto de convencer os consumidores desta novidade.

- Mudar a cor dos uniformes das comissárias é fácil - alguém frisou. - E do pessoal de emissão de bilhetes e dos atendentes, também.

Laura aceitou o comentário com um aceno de cabeça.

- A aparência delas é importante porque lida cara a cara com nossos clientes. Assim como é vital a impressão que causam. Mas nós estamos lidando com uma reviravolta na opinião pública sobre a SunSouth Airlines. Tendo isso como objetivo, eu não acho que mudar a cor dos uniformes seja suficiente. - Ela percorreu a mesa com o olhar, parando em Foster. - Porém, como a mais nova diretora de departamento nomeada, eu não quero ultrapassar meus limites.

- Não, por favor - disse ele, indicando que ela deveria continuar. Prendendo o olhar dele, ela disse:

- Quando relançarmos a SunSouth, se tivermos o mesmo visual, os clientes vão achar que nós somos os mesmos.

- Foi sugerido que mudássemos o nome da empresa - disse outro diretor.

- Essa sugestão foi rechaçada em votação, pelo novo quadro diretor - alguém mencionou.

35

36

- Eu concordo que devamos manter nosso nome - disse Laura.

- É um bom nome. Um nome excelente.

- Mas? - perguntou Foster.

- Mas ele sugere luz. Dias ensolarados. Céu claro e paisagens abertas. Nossos aviões têm a cor das nuvens tempestuosas, assim como os uniformes. - Ela parou, sabendo que a proposta que estava prestes a fazer levantaria um coro de protestos. - Mesmo se significar cortes em outras áreas, incluindo o programa de comissárias, eu proponho que façamos um orçamento para incluir uma empresa de design de primeira linha, para repaginar todo o visual da companhia.

- Apoiada! - Isso veio do estimado chefe do departamento de propaganda e marketing, um jovem genial, chamado Joe McDonald. Ele sempre aparecia com uma estranha gravata-borboleta e suspensórios. Todos na SunSouth o conheciam porque ele fazia questão de conhecer cada um. Era um defensor das oportunidades iguais, desde executivos até o pessoal que fazia a limpeza do escritório, após o expediente. - Obrigado, Laura, por colocar o seu na reta salvando o meu.

Todos riram. A discussão continuou, porém num tom mais leve.

A proposta de Laura, apoiada por Joe McDonald, acabou sendo aceita, apesar de não ter sido sem inúmeras reuniões demoradas. Os custos representavam o fator principal. Designers do calibre que ela propôs não eram baratos. Além disso, renovar uma frota de aviões, por dentro e por fora, era algo exorbitante. Cada camada de tinta numa aeronave acrescentava peso, o que exigia um aumento no combustível para fazer o avião voar, demandando um aumento nos custos operacionais que eram passados aos passageiros por intermédio dos preços dos bilhetes, que seriam os mais baixos da indústria, segundo Foster Speakman dissera na mídia e ficara gravado.

com isso em mente, a empresa de design sugeriu tirar toda a tinta dos aviões e aplicar o novo logo sobre o metal prateado. Depois, o tom de vermelho usado no logo acabou sendo a cor característica dos novos uniformes das comissárias. Eles foram confeccionados com um visual profissional, mas transmitiam uma vivacidade e cordialidade que a mídia logo captou e elogiou. Os uniformes dos pilotos passaram de azulmarinho para caqui, com gravatas vermelhas.

O primeiro voo da companhia, depois de modernizada, decolou às seis e vinte e cinco da manhã, do dia dez de março - data do relançamento. Naquela noite,

Foster Speakman e sua esposa, Elaine, ofereceram uma grande festa em sua casa. Todos que eram alguém em Dalas receberam um convite para o evento black tie.

Naquela noite, o acompanhante de Laura para a festa era seu parceiro das partidas de ténis em dupla. A amizade dos dois era descomplicada e não tinha conotação romântica. Ele era divorciado, dono de uma firma de contabilidade e ficava à vontade com estranhos, consequentemente Laura não precisava se preocupar, nem cuidar dele.

Na verdade, logo depois que eles chegaram à mansão, ele pediu licença para ver a sala de sinuca. Uma vez, ela havia saído na Architectural Digest e foi considerada o sonho de sala de qualquer cara.

- Pode olhar com calma - ela disse a ele. - Eu vou estar ocupada, conhecendo as pessoas.

A sra. Speakman, Elaine, era uma mulher linda, impecável, com um vestido de grife e jóias de tirar o fôlego. Mas sua beleza era frágil, como talvez pudesse ser descrita por um dos personagens de F. Scott Fitzgerald. Assim como o marido, ela era loura, de olhos azuis, mas os dela eram de um tom mais claro. De braços dados com ele, ela era mais clara literalmente.

- É tão bom finalmente conhecê-la - ela disse a Laura, ternamente, quando Foster as apresentou. - Eu trabalho no quadro diretor da SunSouth, uma das poucas a sobreviver, depois do rebuliço que o novo dono causou, ao assumir o controle. - Ela deu um pequeno cutucão nas costelas do marido.

Foster se inclinou à frente e baixou o tom de voz, a um sussurro.

- Pelo que eu sei, ele pode ser um verdadeiro bastardo.

- Não acredite nisso - Elaine disse a Laura.

- Não acredito. Pela experiência que tive, ele é duro e sabe o que quer, mas é muito prazeroso trabalhar ao lado dele.

- É um docinho em casa - disse a esposa. Os dois sorriram um para o outro, depois Elaine voltou a Laura. - Nós, do quadro diretor, ouvimos a respeito de suas excelentes ideias e inovações. Em

nome de toda a diretoria, dos investidores e do meu próprio, obrigada por suas contribuições valorosas.

- Obrigada, mas está me dando crédito demais, sra. Speakman.

- Elaine.

Laura assentiu levemente.

- Foster já deixou claro que a nova SunSouth é um esforço coletivo. Todos os empregados têm voz na companhia.

- Mas algumas vozes ofertam muito mais do que outras - disse Elaine, sorrindo.

- Obrigada, novamente. No entanto, eu ainda sustento que nosso sucesso será atribuído às habilidades de motivação e gerenciamento de seu marido.

- Estou ficando vermelho? - perguntou ele.

Elaine o olhou ternamente, depois para Laura e disse:

- O cavalheiro com quem a vi chegar, ele é seu…

- bom amigo - disse Laura, cortando e torcendo para não ter que explicar sua condição de solteira. Embora milhares de mulheres de trinta e poucos anos continuassem sem se casar, uma explicação ainda parecia necessária.

A verdade era que ninguém, nem mesmo um amante ocasional

- e não houvera muitos - tinha sido tão importante para Laura quanto a busca de sua carreira profissional. Mas, de alguma forma, essa simples explicação parecia não satisfazer a curiosidade das pessoas.

- Ele está encantado pela sua sala de sinuca. Talvez eu tenha que arrastá-lo de lá.

Eles papearam por mais um tempo, mas Laura tinha consciência de que outras pessoas queriam algum tempo com o casal. Ela apertou a mão de ambos e se

afastou.

Mais tarde, quando estavam indo embora, ela deixou que seu amigo lidasse com o manobrista, enquanto ela procurava uma oportunidade de agradecer a seus anfitriões. Avistou-os do outro lado da sala, juntos, falando em particular. Foster se inclinou e disse algo que fez Elaine rir. Ele beijou-lhe a têmpora. Laura foi novamente arrebatada pela maneira como eles formavam um casal atraente e obviamente apaixonado.

- Ele é devotado a ela.

Laura se virou e viu uma colega de trabalho, em pé, ao seu lado. Ela também observava os Speakman.

- E ela a ele - disse Laura.

- Ela é adorável.

- Por dentro, assim como por fora. Uma verdadeira dama.

- Sim - a mulher suspirou. - Isso é que torna tudo tão trágico. Laura se virou para ela.

-Trágico?

A colega de trabalho, percebendo seu equívoco, tocou o braço de Laura.

- Desculpe. Achei que você soubesse. Elaine Speakman está doente. Na verdade, está morrendo.

O riso súbito, vindo lá de baixo, estava abafado pela distância, mas foi alto o suficiente para tirar Laura de seu devaneio. Ela não o reconheceu como sendo o riso familiar de Foster, portanto, só podia ser de Griff Burkett. O que Foster poderia ter dito para causar uma risada?

Alguns instantes depois, o telefone em sua escrivaninha tocou. Finalmente, pensou ela. Ela pegou o fone, antes do segundo toque.

- Foster?

- Você pode vir se juntar a nós, querida?

O coração dela disparou. Aquela convocação significava que, ao menos até agora, tudo estava de pé.

- Já estarei aí.

39

Capítulo 4

ENQUANTO esperava que a esposa de Speakman viesse se juntar a eles, Griff estivera estudando o globo. Suspenso por um suporte de bronze, era grande como uma bola de praia e feito de pedras semipreciosas. Um adorno e tanto. Ele ficou especulando se era possível comprar um bom carro pelo preço daquilo.

Engraçado como ter dinheiro, ou não, muda a sua perspectiva. Relembrando os itens raramente usados e supérfluos da Caixa de Brinquedos, ele não conseguia pensar mal de Speakman, por ter um globo elegante pelo qual podia pagar.

Griff se virou na direção das portas da biblioteca, quando ouviu que elas se abriram. Ele esperava ter sua primeira visão da sra. Speakman, mas, em vez disso, o sólido Manuelo entrou.

Ele foi direto até Speakman e estendeu uma pequena bandeja de prata. Sobre ela, havia um frasco de remédio prescrito e um copo dágua. Speakman pegou um comprimido e engoliu, com três goles de água. Eles conversaram rapidamente em espanhol, depois Speakman disse a Griff:

- Enquanto Manuelo está aqui, ele pode lhe servir algo? Griff sacudiu a cabeça.

Speakman olhou acima, para o homem da América Central, e o dispensou dizendo:

- Nada más, gracias.

Manuelo e a sra. Speakman se depararam junto à porta. Ele deu um passo ao lado, para que ela pudesse entrar na sala, depois saiu, puxando as portas duplas para fechá-las. Mas Griff já não estava mais interessado em Manuelo. Estava focado na sra. Speakman. Laura era seu nome.

Ela não emanava vibrações de loucura. Na verdade, parecia perfeitamente composta e no controle de suas faculdades. Ela não olhou na direção de Griff, embora ele gerasse uma silhueta volumosa, mesmo numa sala grande como aquela. Em vez disso, ela atravessou até onde o marido estava sentado em sua cadeira de rodas. Colocou a mão em seu ombro, inclinou-se abaixo e o beijou no rosto.

Quando recuou, Speakman disse:

- Laura, esse é Griff Burkett.

Como ela o havia ignorado até agora, ele ficou surpreso quando ela caminhou em sua direção, com a mão direita estendida.

- Sr. Burkett. Como vai? - Ele a encontrou na metade do caminho e eles apertaram-se as mãos. Assim como seu marido, seu aperto de mão era seco e firme. Um aperto de mão de uma mulher de negócios.

Griff se limitou a cumprimentá-la com um simples “Oi”. Ela soltou a mão dele, mas manteve o contato visual.

- Obrigada por vir. Não foi libertado essa manhã?

- Já falamos sobre isso - disse Speakman, com um tom de humor na voz.

- Oh, desculpe. Eu lhe perguntaria da longa jornada de carro, mas também imagino que vocês tenham falado sobre isso.

- Sim - disse Griff.

- Conversa à toa parece ainda mais à toa numa situação como essa, não é?

Ele não ia tocar no assunto, nem que fosse com uma vareta de cinco metros.

- Tenho certeza de que já lhe ofereceram algo para beber disse ela.

- Sim, já. Estou bem.

- Se mudar de ideia, pode me dizer.

Eles podiam ter perdido alguns parafusos, mas os bons modos estavam intactos.

- Por favor, sente-se, sr. Burkett. - Ela se sentou na poltrona mais perto da cadeira de rodas do marido.

Griff não tivera tempo de especular como seria a esposa de Speakman, mas, se ele tivesse que definir sua própria reação inicial, seria surpresa. Não havia nada em seu aperto de mão, ou olhar sincero, que pudesse ser interpretado como nervosismo, flerte ou timidez. Ela tampouco parecia estar constrangida pelo assunto que

tinham em comum. Ele poderia estar ali para falar sobre a limpeza dos carpetes.

Ela também não agia de forma submissa, como se isso fosse algo arquitetado pelo marido para sua própria satisfação e ela tivesse apenas que concordar, sob pressão.

Mas que droga, ele não sabia o que esperar, mas, fosse lá o que fosse, Laura Speakman não era aquilo.

Ela estava vestindo calça preta e uma blusa branca, sem mangas, com babados - ele achava que era assim que chamavam - costurada em fileiras, na frente. Como se fosse uma camisa de smoking. Sapatos pretos de salto baixo. Um relógio de pulso comum, uma aliança idem. Alguns dos jogadores do time de futebol usavam, na orelha, diamantes bem maiores e chamativos do que aqueles que estavam em suas orelhas.

Seus cabelos eram escuros e curtos. Meio… ondulados. Ele imaginou que, se ela os deixasse crescer, ficariam cacheados. Era mais alta que o padrão, esguia e, a julgar pelo bíceps exposto, bem condicionada. Ténis, talvez. Algumas vezes por semana, ela provavelmente fazia ioga ou pilates, uma dessas malhações de mulher, para manter a tonicidade e a flexibilidade.

Ele tentou não ficar encarando-a, tentava evitar olhar as feições de seu rosto muito atentamente, embora sua impressão geral lhe dissesse que, se a avistasse numa multidão, provavelmente olharia duas vezes. Ela não era uma gata, não do tipo da boneca siliconada de Dalas, que se via nas boates frequentadas por ele e seus colegas de time, solteiros ou não. Mas Laura Speakman não era do tipo

caseira. De forma alguma.

E outra coisa, ela parecia bem saudável para ter um bebé. Jovem o suficiente, também, se não perdesse tempo. Trinta e poucos anos. Por volta da idade dele.

Ele se sentia estranho, ali, em pé no meio da sala, com os dois olhando pra ele, como se estivessem esperando que ele os divertisse.

- Sr. Burkett? Griff? - Speakman acenou a cabeça em direção à poltrona de frente para eles.

Ele dissera a si mesmo que, na primeira chance que tivesse, diria: - Obrigado, mas não vai dar. - E sairia como um raio. Mas se sentia inclinado a ficar. Que droga, não sabia por quê.

Bem, tinha os seiscentos mil. O valor tinha vulto, era bem instigante.

Caminhou até a poltrona e se sentou. Olhando diretamente para Laura Speakman, ele disse:

- Seu marido me disse que concorda inteiramente com isso. É verdade?

- Sim.

Nada de hesitação. Nem piscou.

- Está certo. Mas, perdoe-me por dizer, isso é…

- Pouco ortodoxo?

- Eu ia dizer um troço de doido. Um cara pedir a outro cara, pagar outro cara para dormir com sua esposa.

- Dormir, não, sr. Burkett. Não, no contexto que isso implica. Engravidar. Quanto à loucura, não é sem precedentes. Na verdade, está nas escrituras sagradas. Génesis. Lembra-se?

Na casa onde Griff cresceu não houvera bíblias. Quando foi para a escola e aprendeu o Juramento de Fidelidade à nação, ele ficou chocado ao ouvir que tinha a palavra Deus. Logo percebeu que nem sempre Deus era dito junto com

me livre.

De qualquer forma, para ele, foi um choque saber que algo assim estaria na bíblia.

- Nós queremos muito um bebé, sr. Burkett - disse ela.

- Há outros meios de se engravidar.

- Sim, há. Nossos motivos para que seja dessa forma são pessoais e não deveriam preocupá-lo.

- Mas preocupam.

- Não deveriam - repetiu ela.

- Nós… é… vamos fazer nosso negócio, e eu vou pra casa e durmo com a minha consciência tranquila. Só isso?

- Resume-se a isso, sim.

Ele a olhou, imaginando como ela podia falar tão calmamente sobre os dois transarem, com o marido sentado bem ali, segurando sua mão. Griff desviou o olhar dela para Speakman, e o homem pareceu ler seus pensamentos.

- Antes que você viesse se juntar a nós, Laura, Griff sugeriu que… bem, que eu ficasse observando vocês dois.

Ela estava olhando para o marido, enquanto ele explicava. Alguns segundos se passaram, antes que ela voltasse o olhar para Griff, e ele percebeu seu rosto franzido.

- Ei, não me olhe como se o pervertido fosse eu.

- Acha isso perversão?

- Que nome você dá a isso?

- Acharia pervertido se estivéssemos lhe pedindo para doar um rim? Ou doar

sangue?

Ele riu.

- Há uma grande diferença. Para doar um rim, você não precisa… tocar - disse ele, rapidamente substituindo a palavra que estava pensando em dizer. - Você não precisa nem se conhecer.

- Infelizmente, a fisiologia reprodutora faz com que o toque seja necessário.

Porcaria nenhuma. Ele não precisava plantar a semente para fazer a lavoura. Mas já havia discutido sobre isso com o marido dela. Speakman estava determinado que ela concebesse naturalmente. Ela não parecia ter um problema ético ou moral em relação a isso, então, por que ele estava levantando a questão? Dizendo nem te ligo mentalmente, ele chegou a uma decisão: eles queriam que ele trepasse com ela, ele podia trepar com ela. Não era o caso de ela ter três olhos, ou algo assim.

Ele se dirigiu a Speakman.

- Um aperto de mão, e eu ganho cem mil?

Speakman conduziu a cadeira de rodas até a escrivaninha e abriu a gaveta. Tirou um envelope pardo e, quando voltou, o entregou a Griff, que lembrou ter precisado aceitar um empréstimo de seu advogado, feito um garoto recebendo uma mesada. Quanto mais rápido ele não precisasse ter nenhuma obrigação com ninguém, melhor.

Ele pegou o envelope.

- Aí dentro tem uma chave de um cofre e um cartão de assinatura - disse Speakman. - Você assina. vou providenciar para que o cartão seja devolvido ao banco amanhã, onde permanecerá em arquivo. Enquanto eu estiver lá, vou depositar o dinheiro no cofre. Você pode retirá-lo, amanhã, digamos, a qualquer hora, após as duas da tarde. Laura e eu temos uma reunião pela manhã com os representantes do sindicato dos comissários, para discutir o novo contrato.

Contratar um garanhão era apenas mais um compromisso na agenda movimentada do poderoso empresário.

Por ele, tudo bem, contanto que o dinheiro chegasse até o cofre.

Griff tirou o cartão de assinatura e olhou.

- E quanto ao exame físico? E se eu for reprovado? O casal se entreolhou, mas Foster falou por ambos.

- Nós temos fé em que você não será reprovado.

- Isso é um bocado de fé.

- Se previssemos um problema, você não estaria aqui.

- Está bem, eu pego meu adiantamento e vocês obtêm meu atestado de saúde. E depois?

- Depois, você espera ser avisado de onde precisará estar e quando. Na próxima ovulação de Laura.

Griff olhou para ela. Ela o olhava calmamente, aparentemente não ligando para o fato de que sua ovulação estava sendo discutida. Ele gostaria de ter alguns esclarecimentos quanto às implicações da ovulação, mas não ia perguntar. Não precisava saber. Ele sabia trepar, e era isso que estavam pedindo a ele.

- Vocês irão se encontrar uma vez por mês, pelo tempo que for necessário para que ela conceba - Speakman explicou. Ele levou a mão da esposa até a boca e a beijou na palma. - Esperançosamente, não irá levar muitos ciclos.

- É, eu também espero - disse Griff. - vou estar meio milhão de dólares mais rico.

Voltando a se sentir inquieto, ele se levantou e foi até as prateleiras de livros. Leu alguns títulos, os que estavam em inglês, mas eles não eram conhecidos. Pareciam ser de filosofia, umas coisas tediosas. Nada de Elmore Leonard nem Carl Hiaasen.

- Há algo o incomodando, Griff? Ele se virou de volta para o casal.

- Por que eu?

- Eu já expliquei isso - respondeu Speakman.

- Tem muito cara louro de olhos azuis por aí.

- Mas nenhum com a sua composição genética específica. Você tem tudo que poderíamos desejar para nosso filho. Força, uma resistência impressionante, velocidade, agilidade, até uma visão perfeita e coordenação fantástica. Eu poderia continuar. Houve artigos escritos sobre você, publicados não apenas em revistas

esportivas, mas em periódicos médicos, sobre o incrível exemplar .. . do corpo humano masculino que você é.

Griff se lembrou dos artigos, escritos por treinadores e especialistas da medicina esportiva, um dos quais o comparou a uma “obra-prima biológica”. Ele tinha enfrentado um inferno por conta disso, no vestiário, com os colegas de time zombando de sua pretensa perfeição e querendo testá-la com as competições mais brutas que podiam inventar. Quando ele levava as garotas para a cama, era outra história. Elas realmente gostavam de transar com uma obra-prima.

Mas ele também se lembrava dos editoriais sarcásticos que se seguiram à sua queda em desgraça. Desceram o cacete, não somente pelo seu crime, mas por desperdiçar os atributos que Deus lhe dera.

Dados por Deus porra nenhuma, pensou ele.

Aqueles que haviam se maravilhado com ele não o achariam tão perfeito se soubessem quem o criara. Se o sr. e a sra. Speakman conhecessem sua procedência, eles também pensariam duas vezes. Será que realmente queriam o sangue dos pais dele correndo pelas veias do filho?

- Vocês não sabem nada quanto às minhas origens. Talvez eu apenas tenha tido sorte, ganhei alguns genes que se acumularam por acidente. Meu quadro genético pode trazer uma quantidade indeterminada de sementes ruins.

- Nós correríamos esse risco, independentemente de quem fosse o doador de

esperma, até mesmo eu - disse Speakman. - Por que está tentando nos dissuadir, Griff?

- Não estou. - Na verdade, até certo ponto, ele estava. Havia passado cinco anos na cadeia, pensando sobre as más escolhas que fizera. Se havia algo que ele tinha aprendido mais que qualquer outra coisa, era não mergulhar de cabeça até que soubesse a exata profundidade da água.

- Eu só não quero me meter nisso para depois alguma coisa dar errado e eu acabar sendo o culpado.

- O que poderia dar errado? - perguntou Laura. Ele riu amargamente.

- Você não tem muita experiência, não é? Acredite em mim, as coisas podem dar errado. Por exemplo, e se meu tiro falhar?

- Você quer dizer, se você tiver uma baixa contagem de esperma? - perguntou Speakman.

Griff assentiu bruscamente.

- Você tem motivos para suspeitar de que esse seja o caso?

- Não. Mas eu não sei. Estou apenas perguntando. E se for o caso?

- Quando você for fazer seu exame médico, tenha isso testado.

- Speakman parou, depois disse: - Eu acredito que você esteja passando por um resquício de paranóia da cadeia.

- Pode apostar que sim.

Um silêncio pesado veio a seguir. Speakman esfregou o maxilar, como se estivesse procurando as palavras certas.

- Agora que o assunto foi levantado, vamos falar sobre sua prisão.

- O que é que tem?

- Eu tenho que admitir que isso pesou no fato de termos escolhido você.

Griff cobriu o coração com a mão, fingindo estar magoado.

- Então, você quer dizer que havia mais coisa, além dos atributos físicos ideais?

Speakman ignorou o sarcasmo dele.

- Você trapaceou seu time, a Liga e a maioria de seus fãs. Isso o transformou em persona non grata, Griff. Receio que você será alvo de insultos.

- Não tive nenhum confronto.

- Ainda não houve tempo para isso - disse Laura. Seu tom equilibrado o irritou.

- Eu não estou esperando ganhar nenhum concurso de popularidade, está bem? Eu trapaceei e infringi a lei. Fui punido por meu crime. Tudo isso ficou para trás.

- Mas também tem a questão do bookmaker que morreu.

Griff tinha se perguntado quando isso viria à tona. Se eles soubessem das coisas, e ele acreditava que sabiam, inevitavelmente teriam perguntado por Bandy. Ele só estava surpreso porque havia sido a esposa a levantar o assunto delicado.

- Bill Bandy não morreu, sra. Speakman. Ele foi assassinado.

- Você era um suspeito.

- Fui interrogado.

- Foi preso.

- Mas nunca fui acusado por isso.

- Ninguém mais foi.

- E daí?

- E daí que o assassinato permanece sem solução.

- Isso não é problema meu.

- Eu espero que não.

- Que diabos…

- Foi você? -Não!

O diálogo dos dois foi inflamado e rápido, seguido por um silêncio tenso que Griff se recusava a quebrar. Ele dissera o que havia a ser dito. Não tinha matado Bill Bandy. Ponto final. Fim.

- No entanto - disse Speakman, com o tom suave e conciliador de um agente funerário -, a sombra da suspeita estava sobre você, Griff. Você acabou sendo solto pela falta de provas, mas isso não o inocenta.

- Olhe, se vocês acham que matei Bandy, então, que diabos estou fazendo aqui? - Ele abriu os braços bem abertos, se referindo à sala toda, à casa. - Por que iam querer que eu fosse o pai de seu filho?

- Nós não achamos que você cometeu assassinato - disse Speakman. - Absolutamente, não.

Griff desviou seu olhar zangado para Laura, para ver se ela compartilhava da crença do marido, quanto à sua inocência. A expressão dela permanecia impassível, não acusadora, mas certamente não era de isenção.

Então, por que ela o estava contratando para ir para a cama com ela? Será que ele realmente precisava passar por esse tipo de injúria?

Sim, infelizmente precisava. Ele precisava do dinheiro. Precisava se levantar, e seiscentos mil eram uma oportunidade mais do que boa para fazê-lo. Eles que fossem para o inferno, ela que fosse, se pensasse que ele matou Bandy. De qualquer jeito, eles não devem ter se sentido incertos quanto a isso, ou ele não estaria ali. Além de malucos, eles eram hipócritas.

- A questão do homicídio de Bandy, assim como os crimes federais pelos quais você foi condenado, ainda permanecem como máculas em seu nome, Griff - disse Speakman.

- Eu tenho consciência disso.

- Então, quão realistas são as possibilidades de que alguém por aqui o contrate? Por qualquer valor, muito menos do que o valor que Laura e eu estamos lhe oferecendo?

A resposta era óbvia. Quando Griff poupou seu latim para responder, Speakman prosseguiu.

- Suas perspectivas são desanimadoras. Você não pode jogar futebol. Não pode ser técnico de futebol. Não pode escrever, ou comentar sobre futebol, porque nenhum dos canais da mídia irá contratá-lo para fazê-lo. Você admitiu precisar liquidar todos os seus bens para pagar suas dívidas, me parecendo não ter poupado para um dia de chuva.

Speakman parecia estar gostando de enfatizar suas perdas. Talvez, pensou Griff, ele devesse desafiá-lo para uma corrida. Ver quem era melhor nisso.

- Eu ganhava três milhões por ano dos Cowboys, mais os contratos de propaganda - disse ele, firmemente. - Todo mundo levou uma fatia, começando pelo meu agente e o imposto de renda, mas o que consegui guardar, eu gastei e me diverti a rodo. Qual é o seu ponto de vista?

- Meu ponto de vista é que você parece não ter cabeça para negócios, ou teria aplicado sua renda de forma diferente. Também parece que você não tem talento para ladrão, ou não teria sido pego.

- Armaram uma armadilha pra mim. Eu caí.

- Mesmo assim. - Depois de um segundo, Speakman disse: Eu não estou tentando ofendê-lo, Griff.

- É mesmo?

Novamente, Speakman ignorou seu tom sarcástico.

- Você perguntou o motivo por ter sido escolhido.

- Eu quase esqueci a pergunta.

- Ela exigiu uma longa explicação. E eu queria ser profundamente honesto quanto às nossas razões para lhe fazer essa oferta. Primeiramente, você tem a

composição genética para gerar a criança que desejamos. Segundo, pelos motivos que já discutimos, você está em necessidade urgente do dinheiro que estamos querendo pagar. Por último, você é totalmente independente.

“Não tem família, nem amigos de verdade, nem ligações que o prendam, ninguém a quem prestar contas, e isso é um benefício

enorme para nós. Enfatizamos a confidencialidade que esse acordo exige. Somos as únicas três pessoas que saberão que eu não fui o gerador da criança que Laura irá conceber.”

Griff, de certa forma, estava bem conciliador. Além disso, ele não podia se dar ao luxo de ficar cheio de melindres. Principalmente diante da verdade nua e crua. Ele foi até a escrivaninha, pegou um peso de papel de cristal e o segurou, com a palma para cima.

- Vocês estão depositando muita confiança em mim, quanto a manter minha boca fechada.

Speakman riu.

- Na verdade, não estamos. Estamos depositando muita confiança na ganância.

- Seiscentos mil? - Griff colocou o peso de volta e sorriu para Speakman. - Se você pensar, nem é tanto assim. Não é o que chamo de ganância.

Laura olhou para o marido.

- Você não lhe contou sobre o restante?

- Não chegamos tão longe - respondeu Speakman.

- Restante? - disse Griff.

Speakman conduziu a cadeira até a escrivaninha e pegou o peso de papel. Tirando um lenço do bolso da calça, ele poliu o cristal enquanto sorria para Griff.

- Não é que questionemos a sua integridade.

- Papo furado. Vocês seriam tolos se não questionassem.

- Certo - disse Speakman, rindo baixinho. - Seríamos. - com o lenço ainda ao redor do peso de papel, ele o colocou sobre a mesa, o deslocou milimetricamente à esquerda, depois lentamente puxou o lenço, que dobrou num quadrado perfeito, antes de o recolocar no bolso.

- Então, para a minha paz de espírito e também a de Laura, e para assegurar seu silêncio, nós lhe pagaremos um milhão de dólares no nascimento de nosso filho. Adicionalmente, você ganhará um milhão de dólares a cada ano, no aniversário dele. E tudo que terá de fazer em retribuição é esquecer que um dia nos conheceu.

Capítulo 5

GRIFF jogou as chaves do Honda para o manobrista e entrou rapidamente no belo lobby do prédio elegante. O hotel sofisticado ocupava os doze andares mais baixos, e os doze acima eram flats particulares.

O bar do lobby estava relativamente silencioso nessa noite de meio de semana. Um pianista tocava melodias habituais, ao estilo Sinatra, num pequeno piano branco. A maior parte das mesas estava ocupada por homens de negócios, tomando coquetéis, enquanto atuavam para ser melhores que os outros.

O bar dava de frente para um pátio iluminado, onde havia cadeiras, mas Griff preferiu ficar do lado de dentro, onde podia desfrutar do ar-condicionado, enquanto ficava de olho na entrada. Sentou-se a uma mesa vazia, sinalizou para a garçonete e pediu um Bourbon.

- Da casa ou de alguma marca?

- Pode ser da casa.

- Água?

- Gelo.

- Quer abrir uma garrafa com régua medidora?

- Por favor.

- Terá companhia? -Não.

- Volto já.

Embora a ocasião - sair da cadeia e o dia que ele tivera: seu encontro bizarro com os Speakman - parecesse pedir um ou dois drinques, Griff realmente não gostava de beber. Como ele tivera que limpar muito vómito de birita quando era criança, nunca chegou a realmente pegar gosto pela coisa.

Mas a bebida que a garçonete lhe entregou parecia boa e cheirava bem. O primeiro gole desceu macio, apesar de que, a julgar

pela queimação instantânea na barriga, ele pôde notar haver mais de cinco anos que não bebia nada alcoólico. Estava cauteloso para ir devagar. Não tinha certeza de quanto tempo teria que esperar. Um milhão de dólares.

- Você será pago em espécie - Speakman lhe dissera. - O dinheiro será colocado no cofre do banco, e somente você, eu e Laura seremos os signatários. Não haverá registros, nem papelada de qualquer tipo. Quando Laura conceber, absolutamente nenhuma ligação jamais poderá ser feita entre nós e você. Se nossos caminhos por acaso se cruzarem, o que é improvável, você não nos reconhecerá. Estaremos nos encontrando pela primeira vez. Entendido?

- Entendido.

A conversa foi suspensa quando Manuelo entrou para dar um recado telefónico à sra. Speakman. Ela o leu, pediu licença, dizendo que voltaria em breve. Ela saiu e Manuelo foi atrás.

Speakman percebeu que Griff estava observando o empregado, enquanto ele silenciosamente fechava as portas duplas.

- Não se preocupe quanto a Manuelo - disse ele. - Ele só fala algumas palavras em inglês. Eu disse a ele que você era um antigo colega de escola que estava

passando pela cidade. Ele não o reconheceria da época de futebol. Quando ele chegou aos EUA, você estava em Big Spring.

Laura Speakman regressou quase que imediatamente.

- Algo importante? - perguntou-lhe o marido.

- Joe McDonald, com uma pergunta que ele achou não poder esperar até de manhã.

- Esse é o Joe. - Foster riu. - Sempre com pressa. Enquanto eles conversavam sobre o impaciente Joe, Griff pensou em outro problema.

- Dinheiro em espécie será difícil de gastar - disse ele, abruptamente.

Após uma ligeira hesitação, Foster disse:

- Sim, temo que isso possa gerar algumas dificuldades. Imagino que você estará sob investigação minuciosa do imposto de renda e do FBI, já que foi especulado sobre as suas contas bancárias vazias, à época de sua prisão.

- Presumiram que você tivesse dinheiro escondido em algum lugar.

Sob a afirmação calma de Laura, ele ouviu um tom interrogativo.

- Da mesma forma como presumiram que eu teria apagado Bandy - disse ele, firmemente. - Não para um, não para outro.

Ela o encarou por alguns instantes, depois disse: - Está bem.

Mas ela disse isso como se estivesse apenas parcialmente convencida, e isso o deixou injuriado. Embora fosse levá-la para a cama, ele achava que jamais gostaria dela. Era bom olhar para ela, mas ele nunca se sentira atraído pelo tipo que dá chute no saco. E por que ela estava chutando o dele, que seria tão vital no que ela necessitava? Ele pensou em chamar sua atenção para essa ironia, mas decidiu não o fazer. Duvidava de que ela fosse ver alguma graça nisso.

- Eu preciso de dinheiro, sra. Speakman. O dinheiro é o único motivo pelo qual até pensei em fazer isso. Ao menos, estou sendo honesto a respeito.

Estava claramente subentendido que eles não estavam sendo tão honestos quanto aos motivos que tinham. Ela estava prestes a levantar a questão, quando o marido interveio.

- Você não me pediu aconselhamento financeiro, Griff, mas eu vou lhe dar. Arranje um emprego que lhe provenha um cheque de pagamento. Tenha uma conta bancária, cartões de crédito. Coisas normais. Se for auditado, a forma como explicará seu estilo de vida milionário cabe a você. Provavelmente, pelo resto de sua vida, eles ficarão procurando pela fonte de sua renda.

Ele ergueu uma sobrancelha, acrescentando:

- Talvez, algum de seus ex-parceiros de negócios possa auxiliálo nessa questão. Tenho certeza de que eles ocasionalmente utilizam instituições estrangeiras que não questionam a origem de grandes somas de dinheiro.

- Eu não saberia - disse Griff. - Mas, mesmo se eles o fazem, eu não tenho mais associação com nenhum deles. - Ele olhou para Laura e acrescentou: - E jamais terei. - Ele enfatizou isso com um rápido aceno de cabeça.

Speakman perguntou a Griff se ainda tinha alguma dúvida. Eles esclareceram alguns pontos menos importantes. Depois, Griff levantou uma questão que acabou sendo relevante. Era relativa 53

a um grande problema quanto ao pagamento em longo prazo. Dez, quinze, vinte anos à frente, ele não ia querer se deparar com um dilema que não fora previamente solucionado.

Uma discussão inflamada teve início. Não se chegou a uma solução, mas Speakman prometeu se dedicar a pensar a respeito e depois retornar a Griff com uma solução, assim que possível. Será que Griff poderia viver com isso? Ele perguntou. Rabugento, Griff disse que sim. Depois disso acordado, Speakman sugeriu que eles selassem o acordo com um aperto de mãos, o que fizeram.

Então, Speakman o convidou para ficar para jantar.

Antes que Griff pudesse aceitar ou declinar, a sra. Speakman disse:

- Oh, querido, eu sinto muito, mas não avisei à sra. Dobbins que teríamos visita e ela já foi embora. Achei que a ideia fosse manter a visita do sr. Burkett em

segredo. Manuelo é uma coisa, mas…

Parecendo nervosa, pela primeira vez desde que se juntara a eles, ela procurou desculpas para não se sentar à mesa com ele. Aparentemente, ela não tinha receios de ter conhecimentos carnais sobre ele, contanto que não precisasse comer com ele.

- Além disso - acrescentou ela, num tom de desculpa esfarrapada -, eu tenho uma tonelada de trabalho esperando por mim lá em cima.

- Não importa - disse Griff. - Eu tenho compromisso. Na verdade, já estou atrasado.

- Então, nós não vamos mais prendê-lo - disse Speakman. Laura Speakman se levantou. Parecia aliviada por ele estar indo

embora e, era possível, ligeiramente constrangida por sua falta de hospitalidade.

- Terá notícias minhas em cerca de duas semanas, sr. Burkett. Como posso contatá-lo?

Ele deu seu número telefónico, aquele que Turner mandara ligar, no apartamento espelunca. Ela o anotou num papel lembrete.

- Ligarei para lhe dizer onde me encontrar.

- Em duas semanas?

- Aproximadamente. Pode variar em um ou dois dias, a mais ou a menos. vou utilizar um detector de ovulação para o teste de oscilação de HL.

-HL…?

- Hormônio de luteína.

- Ah. - Como se ele quisesse dizer “Entendo”, quando, na verdade, não tinha a menor ideia.

- Tomara que eu possa prever o dia, mas pode ser com pouco aviso prévio.

- Tudo bem, tanto faz.

Os olhos dela se desviaram dos dele quando Griff a analisava. Ela podia fazer jogo duro com os garotos crescidos até certo ponto. Podia ter seu ciclo menstrual e ovulação e falar abertamente sobre contagem de esperma, em termos técnicos e práticos. Mas, quando se tratava do que interessava, de realmente ir para a cama com um estranho, ela se transformava em pura fêmea. O que, para ele, era tranquilizador.

Ela se despediu e pediu licença. Speakman se ofereceu para acompanhá-lo até a porta da frente. Quando eles chegaram lá, ele disse:

- Estou curioso, Griff. -Sobre o quê?

- No que você vai estar pensando quando sair daqui. Vai estar pensando no que irá comprar primeiro?

Na verdade, o que ele pensou ao ir embora, dirigindo para longe da mansão de pedras cinzentas, era que, embora eles parecessem pessoas equilibradas e inteligentes, talvez fosse bom que Foster e Laura Speakman não pudessem procriar, pois eram ambos dois doidos varridos.

Quem faria isso? Ninguém, isso sim. Não com os métodos científicos de fertilização disponíveis. Não quando se tem o dinheiro para pagar por esses métodos. Talvez esse fosse o meio de fazer as coisas nos tempos da bíblia, quando não se podia ter um filho. Mas hoje, não, quando há opções.

Até a hora em que chegou ao seu destino, ele estava quase convencido de que jamais voltaria a ter notícias do casal.

Quase.

- Mais um?

Ele olhou para cima. A garçonete voltara. Ele ficou surpreso ao ver que seu copo de Bourbon estava vazio.

- Não, obrigado. Uma Perrier, por favor.

- Claro, volto já.

Volto já. Ela usara essa expressão duas vezes, sem saber que, para ele, a frase aparentemente inofensiva era como sal numa ferida aberta.

Sua mãe lhe dissera essas palavras na noite em que partiu. Naquele dia, foi de vez. Frequentemente, ela ficava fora durante vários dias de cada vez, partindo com pouco além de “até logo”, voltando sem dar qualquer explicação ou desculpa para sua ausência. Ele nunca ficava muito aborrecido ou preocupado, quando ela não estava por perto. Sabia que, quando ela se cansasse do atual namorado, ou vice-versa, e o cara a pusesse para fora, ou ela simplesmente seguia em frente ou voltava para casa.

Quando voltava, ela nunca perguntava como ele estava nem o que ficou fazendo enquanto ela estivera fora. Ele estava bem? Tinha ido ao colégio? Tinha comido? Tinha ficado com medo da tempestade? Tinha ficado doente?

Uma vez, ele ficou. Doente. Teve uma intoxicação alimentar por comer uma sopa de carne enlatada que estava aberta havia muito tempo. Ele vomitou até desmaiar, depois voltou a si, no chão do banheiro, deitado de barriga para cima, no meio da diarreia e do vómito, com um galo do tamanho de seu punho, na parte de trás da cabeça, por causa da queda.

Ele tinha oito anos.

Depois disso, ele passou a ter mais cuidado com o que comia, quando a mãe estava fora. Aprendeu a se virar bem, até que ela voltasse.

Na noite em que ela partiu de vez, ele sabia que não ia mais voltar. Ela passara o dia inteiro tirando coisas escondido da casa, quando achava que ele não estava olhando. Roupas. Sapatos. Uma almofada de cetim que um cara tinha ganhado para ela numa feira estadual. Ela dormia naquela almofada todas as noites, porque dizia que preservava seu penteado. Quando ele a viu enfiando a almofada numa sacola de mercado e a levando para o carro do atual namorado, soube que sua ausência seria permanente.

A última vez que Griff viu o pai, ele estava de algemas, sendo enfiado no banco traseiro de um carro de polícia. Um vizinho havia chamado a polícia, relatando a disputa doméstica.

Disputa. Um nome educado para a surra que o pai deu na mãe, depois de voltar para casa e encontrá-la na cama com um cara que ela conhecera na noite anterior.

A mãe foi para o hospital. O pai, para a cadeia. Griff foi abrigado com uma família adotiva, até que a mãe se recuperasse dos ferimentos. Quando o caso foi a julgamento, o defensor público explicou a ele, com seis anos, que talvez fosse chamado para contar ao juiz o que havia acontecido naquela noite, pois havia testemunhado a agressão. Ele vivia aterrorizado por isso. Se o seu pai fosse liberado, ele faria Griff pagar por dedurá-lo. A retribuição incluiria uma surra com o próprio cinto. Não seria a primeira, mas prometia ser a pior de todas.

E ele honestamente não podia dizer que condenava o pai. Griff sabia que palavras como piranha, vagabunda e vadia significavam coisas horríveis sobre sua mãe, e ele imaginou que ela merecia ser chamada de todos esses nomes.

No fim das contas, acabou não tendo julgamento. Seu pai alegou ser culpado para ter uma redução da sentença. Griff nunca soube quando ele saiu da cadeia. Independentemente de quando foi, ele nunca os procurou. Griff nunca mais o viu.

Dali em diante, eram só sua mãe e ele.

E os homens que ela trazia para casa. Alguns se mudavam para lá por alguns períodos de tempo, uma semana, talvez duas. Outros eram visitantes que seguiam para a porta assim que vestiam as calças.

Griff lembrava que, pouco tempo depois da prisão do pai, ele ficou chorando porque a mãe o trancara no quarto e ele não conseguia sair e fugir da aranha que tinha subido em sua cama. O cara com quem ela estava naquela noite finalmente foi até seu quarto, matou a aranha, o afagou na cabeça e disselhe que estava tudo bem, que agora ele podia voltar a dormir.

Quando ele tinha idade suficiente para ir brincar na rua, alguns dos amigos de sua mãe o olhavam com um ar de pedido de desculpas, até de culpa. Principalmente se o tempo estivesse ruim. Outros não gostavam mesmo de que ele ficasse por perto. Era quando a mãe lhe dizia para dar o fora e ficar longe por algumas horas. Às vezes, ele recebia algum dinheiro para ir ao cinema. Na maioria das vezes, quando era expulso de casa, ele ficava perambulando pela vizinhança, sozinho, procurando alguma coisa para fazer mais tarde, em busca de diabruras.

Alguns dos amigos de sua mãe não lhe davam mais atenção do que dariam a um papel de parede desbotado. Não muitos, mas

alguns eram até legais com ele. Como o cara que tinha matado a aranha. Mas, infelizmente, ele nunca mais voltou. Um cara, um tal de Neal alguma coisa, tinha ficado um mês e pouco. Griff até que se dava bem com ele. Ele sabia fazer alguns truques de mágica com cartas e mostrou a Griff como eram feitos. Um dia, ele chegou em casa com uma sacola e a entregou a Griff dizendo: “Aqui, garoto. Isso é pra você.”

Dentro, havia uma bola de futebol.

Anos depois, Griff ficava imaginando se Neal o teria reconhecido, quando ele se tornou um jogador profissional. Será que lembrava que lhe dera sua primeira bola de futebol? Provavelmente não. Ele provavelmente nem se lembrava de Griff nem de sua mãe.

Os homens iam e vinham. Os anos se passaram. Sua mãe partia, mas sempre voltava.

Então, chegou o dia em que ela estava sorrateiramente estacionando o carro de um cara que tinha aparecido com ela, algumas semanas antes, e tinha ficado. Seu nome era Ray, e não demorou nem um segundo para que ele desgostasse de Griff, que sempre bufava quando Ray começava a contar suas histórias de recorde fenomenal, em rodeios de vaqueiro, antes que um cavalo bravo pisasse em suas costas e arruinasse sua vida na arena. Aparentemente, o cavalo arruinou todo o restante também, pois Ray não tinha qualquer meio visível de sustento.

Ray não gostava de Griff e não fazia a menor cerimónia quanto a isso. Mas Griff também não era adorável. Quando Ray surgiu em cena, Griff estava com quinze anos, todo cheio de si, cheio de raiva e rebeldia. Ele tinha sido flagrado roubando em lojas e vandalizando um carro, mas piedosamente recebera liberdade condicional, em ambas as vezes. Ele havia sido suspenso da escola duas vezes, por briga. Tinha um comportamento que parecia pedir para ser nocauteado. com o passar dos anos, seus cabelos escureceram, assim como a sua visão da vida.

Então, naquela noite, quando sua mãe seguiu Ray até a porta da frente e se virou para dizer tchau, ele fingiu indiferença e manteve os olhos fixos na TV Era uma TV de segunda mão e a imagem estava chuviscando, mas era melhor que nada.

- Eu te vejo mais tarde, bebé.

Ele detestava quando ela o chamava de bebé. Se ela algum dia o tratara como bebé, fazia tanto tempo que ele não se lembrava.

- Griff, você me ouviu?

- Eu não sou surdo.

Ela deu um suspiro dramático.

- Por que você está tão irritadinho essa noite? Volto já.

Ele virou a cabeça e eles se olharam, então ela soube que ele sabia.

- Você vem ou não? - Ray gritou lá do quintal da frente.

O olhar que Griff trocou com a mãe durou mais alguns segundos. Talvez ela estivesse lamentando ligeiramente o que estava prestes a fazer. Ele queria pensar que estava. Mas ela provavelmente não estava. Depois, ela se virou rapidamente e partiu. A porta bateu atrás dela.

Griff não saiu de casa por três dias. No quarto dia, ele ouviu um carro estacionando na entrada da garagem. Ele se odiou por sentir uma onda de esperança de que estivera errado e ela, afinal, tivesse voltado. Talvez tivesse percebido que Ray estava de papo furado. Talvez Ray tivesse visto a piranha que ela era e a tivesse trazido de volta.

Mas os passos na varanda eram pesados demais para serem dela.

- Griff?

Merda! O Treinador.

Griff torceu para que ele não tivesse visto que ele estava esparramado no sofá, maltrapilho, assistindo à TV. Mas ele não teve essa sorte. A porta rangeu quando foi empurrada e aberta, e ele se xingou por não a ter trancado. Em sua visão periférica, surgiu o treinador, na ponta do sofá. De mãos nos quadris, ele ficou ali de pé, olhando Griff, expressando reprovação.

- Senti sua falta no treino. A secretaria da escola me informou que você faltou os últimos três dias. Onde esteve?

- Aqui - disse Griff, continuando a encarar a TV

- Você está doente? -Não.

Uma pausa. - Onde está sua mãe?

- Como é que vou saber dessa porra? - ele resmungou.

- Eu vou lhe perguntar novamente. Onde está sua mãe? ;

Griff o olhou e, com uma expressão exageradamente inocente, disse:

- Acho que ela está na reunião de pais e mestres. Ou então está no grupo de costura da igreja.

O treinador caminhou até a televisão. Ele não a desligou, arrancou o fio da tomada.

- Pegue suas coisas. -Ha?

- Pegue suas coisas.

Griff não se mexeu. O treinador caminhou até ele, seus passos faziam reverberar as tigelas vazias de cereal e latas de refrigerante empilhadas na mesinha que Griff colocara diante do sofá.

- Junte suas coisas. Agora mesmo.

- Pra quê? Pra onde vou?

- Pra minha casa.

- Nem ferrando.

- Trate de se comportar direito comigo, ou vou ligar para o Serviço de Proteção Infantil. - O treinador voltou a colocar as mãos carnudas nos quadris, encarando-o. - Você tem um segundo pra escolher.

O riso vindo de uma mesa próxima trouxe Griff de volta ao presente. Em algum ponto de seu devaneio, a garçonete trouxera sua água Perrier. Ele bebeu como se fosse um moribundo sedento. Estava disfarçando um arroto, quando a mulher que estava esperando passou pelas portas giratórias da entrada. Ele se levantou e acenou para que a garçonete trouxesse sua conta e, ao fazê-lo, atraiu a atenção da mulher.

Ao vê-lo, ela parou de repente, obviamente surpresa.

Ele sinalizou para que esperasse, até que ele cuidasse da conta. Ele fez isso rapidamente, depois caminhou em direção ao lugar em que a mulher estava, a meio caminho da entrada dos elevadores.

- E aí, Márcia.

- Griff. Ouvi dizer que você estava saindo.

- Notícia ruim chega rápido.

- Não, é maravilhoso vê-lo. - Ela sorriu e o olhou de cima a baixo. - Você está bem.

Ele ficou admirando o visual dela, desde os cabelos ruivos esvoaçantes até as sandálias de salto alto. A região curva do meio o deixou tonto de avidez. Rindo baixinho, ele disse:

- Não tão bem quanto você.

- Obrigada.

Ele fixou o olhar no dela por alguns instantes, depois perguntou:

- Você está disponível?

O sorriso dela hesitou. Ela deu uma olhada ao redor do lobby, sua inquietação era evidente.

Ele se aproximou mais um passo e disse, baixinho:

- Foram cinco longos anos, Márcia.

Ela pensou por mais um momento, depois, chegando a uma decisão, disse:

- Tenho uma pessoa à meia-noite.

- Não vai demorar tudo isso, nem de longe.

Ele a pegou pelo cotovelo e eles caminharam até os elevadores, sem dizer nada, até que entraram num dos cubículos espelhados. Ela inseriu uma chave no painel mecânico. Respondendo ao olhar interrogativo que ele lançou, ela disse:

- Eu me mudei para alguns andares acima, para a cobertura.

- Os negócios devem estar indo bem.

- Agora tenho três garotas trabalhando pra mim. Ele assoviou.

- Os negócios vão muito bem.

- O mercado para o meu produto nunca desacelera. - Rindo, ela acrescentou: - Maneira de dizer.

Griff ficou ainda mais impressionado pelo seu sucesso quando eles saíram do elevador que conduzia a um lobby de piso de mármore e uma clarabóia no teto, que provia uma bela vista da lua em quarto crescente e das estrelas, que chegavam a desafiar a vista das luzes da cidade.

Havia três portas que davam na recepção privativa.

- Você tem amizade com seus vizinhos?

- Um deles é um negociante japonês. Raramente está aqui, mas, quando está, acha a proximidade bastante conveniente.

Griff riu.

- Ele vem pedir açúcar emprestado?

- Pelo menos uma vez, enquanto está na cidade - disse ela, de forma afetada. - O outro é um amigo, um decorador gay que inveja a minha clientela.

Ela destrancou a porta da frente e ambos entraram. O interior parecia uma

fotografia de revista, provavelmente o sonho molhado de seu vizinho gay. Griff deu uma olhada rápida e disse num tom bem educado:

- Muito bonito - depois esticou o braço para pegá-la e a puxou para junto dele.

Ele não beijava uma mulher havia cinco anos, e o sexo teria que ser muito bom para ser melhor que o prazer provocado só de enfiar a língua em sua boca. Ele a beijava como um garoto cheio de tesão, com uma menina fácil na festa de formatura. Ávido demais, ganancioso demais, desajeitado demais. As mãos dele estavam por todo lado, de uma só vez.

Depois de um minuto de sarro, ela o empurrou para longe, rindo.

- Você conhece as regras, Griff. Nada de beijo. E sou eu que tomo a iniciativa.

Sua jaqueta lutava para continuar em seu corpo, enquanto ele lutava freneticamente para tirá-la.

- Dá um tempo.

- Só dessa vez. Mas algumas regras têm que ser seguidas.

- Certo. Eu pago adiantado.

- Hmm.

As mangas da jaqueta estavam do avesso, quando ele finalmente conseguiu arremessar o troço ao chão. Ele enfiou a mão no bolso da calça, procurando o bolinho de dinheiro que Wyatt Turner lhe dera. O bundão teria cólicas se soubesse que seu cliente estava gastando o dinheiro da comida com uma prostituta. Falando de si próprio, Griff não teria má vontade em dar um centavo sequer da taxa de Márcia. Se precisasse, ele até ficaria sem algumas refeições.

- Quanto?

- Dois mil. Por uma hora. Sexo puro.

Ele ficou de boca aberta e engoliu a bola de golfe que se alojara em sua garganta.

- Dois mil? Você subiu muito. Muito.

- Assim como o custo de vida - respondeu ela, friamente. - E as despesas do negócio.

Ele soltou um expressivo suspiro de decepção, depois se abaixou e pegou a jaqueta do chão.

- Eu não tenho. Talvez, amanhã à noite - ele disse, fazendo

uma careta.

- Quanto você tem?

Ele esticou a mão com o bolinho de dinheiro. Ela pegou, tirou duas notas de cem dólares e devolveu o restante.

- Não conte a ninguém.

Griff achou que ia chorar de gratidão.

- Estarei eternamente em dívida com você. Márcia era a prostituta mais seleta de Dalas, e foram estritamente suas práticas profissionais que a levaram até ali. Ela era uma mulher de negócios, do começo ao fim. Griff ouvira dizer que, seguindo dicas de seus clientes, investira sabiamente em imóveis. Havia comprado uma fazenda ao norte de Dalas e, quando a cidade se expandiu naquela direção, ela fez muita grana. Também diziam que tinha uma carteira de ações que valia milhões.

Tudo isso podia ser boato, mas ele não ficaria surpreso se fosse verdade. Diziam que ela começara como “acompanhante”, para ajudar seus estudos de odontologia, mas logo percebeu que era muito melhor em outras coisas do que polindo dentes. E ela podia fazer muito mais dinheiro com isso. Logo depois de assinar com os Cowboys, Griff ficou sabendo sobre ela por um colega de time. Ele disse que Márcia era a melhor que se podia obter, se pudesse pagar, pois, mesmo naquela época, ela já era cara. Ele preferia uma profissional em vez das fãs que se atiravam sobre ele, pois dormira com elas uma vez e isso lhe causou problemas desnecessários.

Márcia era discreta. Ela era limpa. Tinha escrúpulos quando se tratava de pré-qualificar seus clientes, assegurando-se de que não tivessem doenças e fossem financeiramente estáveis e seguros. Ela nunca aceitava alguém que chegasse sem

aviso. Abrira uma exceção para ele essa noite.

Tinha o rosto generoso de uma corista de igreja, combinado a um corpo sensual que era um convite ao pecado. De alguma forma, apesar de sua ocupação, ela conseguiu se manter como uma dama e, se um cliente não a tratasse como tal, ele deixava de ser cliente.

Quando ela se despiu, Griff ficou contente ao descobrir que cinco anos não haviam deixado nenhum dano perceptível. Ela era viçosa, mas firme onde tinha de ser. Ele não conseguia tirar a roupa com rapidez suficiente. Por conhecê-lo, lembrando de suas preferências, ela não o ajudou, mas ficou tocando em si mesma, enquanto o olhava tirando as peças e as jogando para o lado. Quando os dedos dela sumiram por entre as próprias coxas, ele fez um som de

murmúrio involuntário, mas já estava muito fora de si para se importar diante de sua deselegância.

Quando já estava despido, ela foi até ele e gentilmente o empurrou para trás, até que ele ficasse sentado na beira da cama. Ele apertou o rosto junto ao peito dela, espremendo seus seios nas bochechas dele. Ela lhe deu um preservativo e ele o colocou.

- O que quer fazer, Griff?

- A essa altura… não faz diferença.

Ela ficou de joelhos, no meio das coxas dele, e sussurrou:

- Aproveite.

- Griff?

- Hmm?

- Já passa de onze horas. Você precisa ir.

Ele estava dormindo de bruços, com a cabeça mergulhada no travesseiro macio e perfumado, literalmente em estado de coma. Virou-se de barriga para cima. Márcia já tinha tomado banho e estava de robe.

- Você apagou como uma lâmpada - disse ela. - Não tive coragem de acordá-lo antes, mas agora você precisa ir.

Ele se espreguiçou profusamente.

- Foi gostoso dormir pelado, dormir em lençóis que não cheiram a detergente industrial. - Ele arqueou novamente as costas e se esticou. - Preciso?

- Precisa.

Ela disse isso sorrindo, mas ele sabia que estava falando sério. Ele não podia discutir, depois de ela já ter sido tão caridosa. Ele se sentou, virou os pés para o chão. Ela já estava com as roupas dele aguardando. Na verdade, apressou-o sem parecer que o estava fazendo enquanto ele se vestia. Ela segurou a jaqueta para ele, depois colocou a mão no meio de suas costas e o conduziu até a porta.

Quando chegaram lá, ele se virou para ela.

- Obrigado. Você fez uma imensa concessão, e eu agradeço mais do que imagina.

- Presente de boasvindas. - Ela beijou o próprio dedo e o apertou junto aos lábios dele. - Porém, da próxima vez, tem que ser com hora marcada e preço completo.

- Minha situação financeira deve melhorar substancialmente até amanhã. - Mas ao se lembrar da forma como ela ficou inquieta por ser vista com ele, na recepção, ele acrescentou: - Isso é, se você ainda me quiser como cliente. Eu posso ser ruim para o seu negócio.

- Todo negócio precisa de certa destreza, de vez em quando. Ela estava pegando leve, mas ele sabia que a ideia lhe passara pela cabeça. - Talvez você queira tentar uma das novas garotas. Elas são jovens e lindas, e eu as treinei pessoalmente.

- Satisfação garantida?

- Sempre. Quer que eu agende algo para você?

Uma imagem mental de Laura Speakman surgiu na mente dele, como um lampejo.

- Não tenho certeza do que estarei fazendo, nem de onde vou estar. Deixe que eu te ligo. Mas eu tentei o número antigo. Apareceu uma gravação, dizendo que tinha sido desligado.

Ela entregou um cartão de visitas.

- Preciso mudar periodicamente. Para que os policiais malvados continuem honestos - disse ela, sorrindo.

Ele a beijou no rosto, agradeceu novamente e eles se despediram. Ela fechou a porta devagar, mas firmemente. Ao entrar no elevador, Griff encontrou o decorador gay saindo. O homem o olhou de cima a baixo, depois fechou os olhos e gemeu baixinho.

- Que lindinho - murmurou, ao passar por ele.

O bar da recepção estava bem menos movimentado agora do que antes. A garota que o atendera conversava com um dos mensageiros, que parecia à toa. O pianista havia sido substituído por uma música de fundo.

O porteiro cumprimentava um hóspede que chegava, quando Griff passou pela porta giratória. Lá fora, o ar tinha abrandado, mas ainda estava quente o suficiente para lhe tirar o fôlego, até que ele se acostumou. Ficou ali, em pé, suando, por um minuto inteiro, esperando que o manobrista do estacionamento aparecesse. Como ele não apareceu, Griff saiu à sua procura. Caminhou a extensão da entrada do prédio e deu a volta na esquina, rumo à garagem do estacionamento.

Foi quando deu de cara com um punho fechado.

Ele acertou direto na maçã de seu rosto, como uma britadeira. Um soco no queixo. Dois. Mais um.

Griff cambaleou para trás, xingando alto, girando sem coordenação, tentando focar o agressor.

Rodarte.

O SORRISO de Rodarte transformava seu rosto numa máscara de Halloween. - Oh, desculpe, isso doeu? O ar que Griff inalou assoviou por entre os dentes cerrados de dor. Ele tateou o rosto e seus dedos ficaram vermelhos.

- Filho da puta!

Rodarte acendeu um cigarro, rindo e abanando a fumaça do fósforo.

- Foi isso que ouvi também. Griff o olhava furioso.

- Eu ouvi dizer que sua mãe trepava com um cachorro, se não tivesse mais nada por perto. Pobrezinho do Griff. Foi bravo, né? Até que o treinador Miller e a esposa o acolheram.

Quando Griff foi acusado, passando de garoto propaganda a um marginalizado, muito de seu passado horrendo havia sido exposto. Nem o treinador nem Ellie teriam sido fontes de informação. Griff podia apostar sua própria vida nisso. Mas um repórter figurão do jornal MorningNews cavara até encontrar fatos suficientes para sustentar suas especulações. Elas formaram uma revelação sensacionalista. Conclusão, o autor deixou implícito que a queda de Griff Burkett teria sido predestinada desde seu nascimento, que ele fora criado para ser um transgressor e que o crime que cometera poderia ser previsto.

Rodarte o olhava com malícia.

- Diga-me, qual foi a sensação de roubar aquele jogão? Agora, honestamente. Só entre nós. Você teve alguma dor na consciência? Ou não?

Os alertas de Wyatt Turner ecoavam nos ouvidos de Griff. Não se meta com ele. Dê a outra face. Algo que parecia meio irónico, particularmente nesse momento, quando sua bochecha estava latejando e toda a lateral de sua cabeça doía tanto que ele achava que talvez fosse vomitar.

Griff queria se atracar com Rodarte pelos cabelos ensebados e bater sua cara contra a parede de concreto do estacionamento, repetidamente, até que suas feições horrendas virassem pudim.

Mas Griff não podia fazer nada sem causar problemas para si mesmo, e Rodarte sabia disso. Nada daria mais prazer ao bastardo do que ver Griff trancafiado novamente, no mesmo dia em que foi solto.

Murmurando algo irado, Griff se virou de costas, mas Rodarte o agarrou pelo ombro e o virou de volta e o bateu violentamente contra a parede.

- Não dê as costas pra mim, seu filho da puta presunçoso. Mais do que os xingamentos, o fato de ser jogado de um lado

para o outro daquela forma fazia Griff desviar a mente da dor intensa e deixava sua raiva tinindo como gelo. Ele poderia matar o bastardo. Fácil. Ser derrubado num jogo era uma coisa. Ser empurrado por Rodarte era bem diferente.

- Tire suas mãos de mim.

Talvez tenha sido o tom duro como aço, ou talvez seus olhos, mas algo transmitiu a fúria assassina que ele sentia, pois Rodarte o soltou e deu alguns passos para trás.

- Eu te devia essa - disse ele, erguendo o queixo na direção do rosto ensanguentado de Griff. - Por me fazer de bobo hoje. Eu fui dirigindo até a roça pra comemorar a sua libertação, e esse é o agradecimento que recebo por minha atenção.

- Obrigado. Agora estamos quites. - Griff passou por ele, esbarrando.

- Eu tive uma conversa interessante com alguns de seus ex-parceiros, ontem.

Griff parou e se virou.

Rodarte deu um enorme trago em seu cigarro, depois o soltou no chão da garagem e pisou com a ponta do pé, enquanto soltava a fumaça para cima.

- Não preciso dar nomes, não é? Você sabe de quem estou falando. Seus ex-parceiros de negócios.

- Eles foram se misturar à gentinha? - perguntou Griff. Rodarte mal sorriu. -?

Os três patrões do crime organizado - os garotos Vista, como Griff os chamava. Era de quem Rodarte estava falando. Os homens que usavam ternos de cinco mil dólares. O trio que Bill Bandy apresentara a Griff, quando ele precisou arranjar uma grana rápida para liquidar uma imensa dívida de jogo.

O triunvirato Vista fora muito amável. Eles abriram suas portas e seus escritórios luxuosos, nos arranha-céus que possuíam em Las Colinas com vista para o campo de golfe. E isso foi apenas o começo. Havia jantares elegantes em salas privativas de restaurantes cinco estrelas. Viagens em jatos particulares para Las Vegas, Bahamas, Nova York, San Francisco. Limusines. Garotas.

Sedução em sua forma mais pura.

A única coisa que ele recusara foram as drogas, apesar de ter tido acesso a qualquer tipo, a qualquer hora.

- Esses caras sabem que você saiu - Rodarte dizia. Seu sorriso era perigoso e insinuante, tipo chacal. - Não estão nem um pouco contentes com isso. Acharam que você certamente seria considerado culpado por apagar Bill Bandy.

- Não tive nada a ver com Bandy.

- Ceeeeerto.

Griff morreria seco antes de ficar ali alegando inocência àquele babaca.

- Se você voltar a cruzar com os garotos Vista, diga-lhes que eu os mandei se foderem.

Rodarte se retraiu.

- Oooh, eles não vão gostar disso. Primeiro, você mata o principal bookmaker que eles tinham…

- Não matei Bandy.

- Está vendo? Acho que eles não vão engolir essa, Griff. Você estava muito puto com ele, por te entregar ao FBI, é claro que o matou. Tinha direito de fazê-lo. Quase uma obrigação. Olhe, eu compreendo. E eles também. Um rato é um rato. Se você não o apagasse, Bandy poderia ser o próximo a entregálos.

- Então, qual é o problema deles?

- Eles nunca saberão, com certeza, se Bandy os teria traído. Mas você - ele disse, cutucando o peito de Griff com o dedo indicador -, você, na verdade, deu nome

aos bois ao FBI. Os nomes deles. Vê qual é o problema? Eles acham que Bandy teria continuado fiel a eles, se não fosse por sua causa. Independentemente da forma como a casa caiu, eles o culpam por foder toda a transação deles.

- Nossa, mas que história triste. ?. Ignorando a afirmação, Rodarte prosseguiu.

- Você foi ruim para o negócio deles. Depois que o mandaram para Big Springs, durante anos eles tiveram dificuldade em atrair um atleta profissional, em qualquer local do sudeste dos Estados Unidos. Os jogadores de todos os esportes ficaram nervosos, temendo que, se trapaceassem, seriam pegos, da mesma forma como aconteceu com você.

Rodarte respirou, depois, quando falou novamente, sua voz estava mais suave.

- Os garotos Vista, como você afetuosamente os chama, não se recuperaram inteiramente da mágoa que você lhes causou.

- Mágoa que eu causei a eles? - Griff finalmente deu vazão à pressão da raiva que vinha se acumulando dentro dele. - Nenhum deles ficou sequer um dia em cana.

- Só porque o FBI estava construindo o caso de extorsão deles apenas em torno de seu depoimento. - Rodarte sacudiu os ombros diante das falhas dessa estratégia. - Sua história não colou com o júri federal. Eles acharam que você estava tentando apontar outros, para tirar o seu da reta.

Ele cutucou Griff novamente.

- Essa é a única razão pela qual os garotos Vista não foram indiciados. Mas chegaram muito perto. E não esqueceram o quão perto foi. E tudo isso, graças a você. Eles estão meio ressentidos.

- O sentimento é mútuo. Agora, saia do meu caminho. Como Rodarte não recuou, Griff tentou contorná-lo. Rodarte

deu um passo ao lado, bloqueando a passagem.

- Mas, basicamente, estamos falando de caras legais. Eles podem lhes dar as boasvindas ao meio. Sob uma condição.

- Agora você é o recrutador deles? Rodarte piscou.

- Apenas digamos que uma palavra minha pode facilitar o caminho pra você.

- Não estou interessado em voltar ao meio.

- Você nem me ouviu.

- Não preciso.

69

Rodarte tirou a poeira de uma lapela imaginária na jaqueta de Griff. Se o homem o tocasse novamente, Griff achava que poderia ter que quebrar todos os ossos da mão dele.

- Aceite um conselho, Griff. Pense a respeito.

- Tive cinco anos para pensar a respeito.

- Então, não vai trabalhar com eles novamente? -Não.

- E quanto aos seus concorrentes? Afinal de contas, os garotos Vista são homens de negócios. Eles estão nervosos, só um pouquinho, quanto ao que você pode fazer, agora que saiu.

- Estou pensando em abrir uma banca de limonada.

O rosto franzido de Rodarte dizia que aquilo não fazia jus a ele.

- Não é da porra da conta deles, nem da sua, o que eu faço disse Griff.

- Eles insistem em discordar. Principalmente, se você estiver planejando se ligar a algum de seus concorrentes.

- Pode tranquilizá-los quanto a isso. Eles não têm nada com que se preocupar. Até mais, Rodarte.

Novamente, Griff se afastou, mas Rodarte se colocou em seu caminho. Ele chegou mais perto e voltou a baixar o tom de voz, dessa vez num sussurro de conspiração.

- E tem a questão do dinheiro.

- Que dinheiro?

- Ora, vamos, Griff - ele disse, num tom cantado, adulador. O dinheiro que você roubou de Bandy.

- Não tinha dinheiro nenhum.

- Talvez não em espécie. Uma chave de cofre bancário, talvez? Números de uma conta estrangeira? A combinação de um cofre. Coleção de selos.

- Nada.

- Conversa fiada! - Rodarte espetou o peito de Griff com o indicador novamente, com mais força, mais raiva.

Griff viu tudo vermelho, mas, apesar de seu desejo de quebrar ossos, ele não tocaria no homem. Um toque seria toda a provocação que Rodarte precisava para envolvê-lo numa briga. Se ele entrasse numa briga com Rodarte, mesmo que ganhasse, passaria a noite no Centro de Detenção de Dalas. Por pior que fosse seu apartamento, ele preferia ficar lá, em vez de na cela.

- Ouça-me, Rodarte. Se Bandy tinha algum dinheiro escondido, o segredo morreu com ele. Eu, certamente, não recebi porra nenhuma.

- Tenta outra. - Rodarte o jogou novamente de encontro à parede e se aproximou, mostrando os dentes. - Um gostosão de programa como você se asseguraria de não sair de mãos abanando. Você tem gostos caros. Carros. Roupas. Boceta. Se não escondesse um pouco do dinheiro de Bandy, como financiaria todos esses luxos?

- Não ferva a sua linda cabecinha com isso, Rodarte. Estou coberto.

-Ah, é? -É.

- Fazendo o quê? Griff não respondeu.

- Eu vou descobrir, você sabe.

- Boa sorte. Agora sai da porra do meu caminho.

Eles compartilharam um olhar fixo e hostil por um longo momento. Foi preciso cada milímetro de força de vontade de Griff para não dar uma joelhada no saco do cara e atirá-lo no chão. Mas ele se conteve e não piscou. Rodarte acabou tirando as mãos dos ombros de Griff e deu um passo atrás. Mas não estava admitindo a derrota.

- Está certo, Camisa Dez - disse ele, baixinho. - Vai querer dificultar pra você, por mim, tudo bem. Na verdade, eu prefiro assim. - Ele sussurrou, como se estivesse rogando uma praga.

Griff passou por ele e chegou à curva da garagem, quando Rodarte o chamou.

- Ei, responda a mais uma pergunta.

- Sim, você é horrível. Rodarte riu.

- Boa. Mas, sério, quando você cortou o pescoço de Bandy, você gozou? Eu sei que isso acontece, às vezes.

- O que você acha?

Laura nem precisou perguntar sobre o quê. Ela e Foster ainda não haviam falado com Burkett, mas ele poderia ser o assunto principal do jantar. Sua presença entre eles parecia quase tangível.

Ela pousou o garfo e esticou a mão para pegar a taça de vinho. Abrigando o bojo entre as mãos, ela olhava o conteúdo vermelho, pensativa.

- Minha primeira impressão é de que ele está zangado.

- com quê?

- com a vida.

A sala de jantar formal, que acomodava mais de trinta pessoas, só era usada quando eles recebiam visitas. Nos primeiros doze meses de casamento, eles

deram inúmeros jantares. Nos últimos dois anos só houvera um - no Natal, para o quadro diretor da SunSouth e cônjuges.

Nessa noite, como na maioria das noites, eles estavam jantando na sala de jantar da família. Bem mais aconchegante, ela ficava separada da cozinha de tamanho comercial por uma única porta. A empregada saía todos os dias às seis da tarde. Sua última tarefa era deixar o jantar no réchaud. Como Laura havia assumido grande parte do volume de trabalho de Foster, ela geralmente ficava no escritório da empresa até sete e meia, ou oito, o que fazia com que o horário do jantar fosse tarde. Foster se recusava a comer antes que ela chegasse em casa.

Essa noite, o jantar atrasara devido à entrevista com Griff Burkett. Laura perdera o apetite, mas Foster parecia estar aproveitando o filé Wellington. Ele cortava um pedaço e mastigava exatamente doze vezes, quatro séries de três, engolia, tomava um gole de vinho, secava a boca com o guardanapo.

- Passar cinco anos na cadeia pode deixar qualquer homem de mau humor.

- Acho que o sr. Burkett ficaria zangado sob qualquer circunstâncias.

- Como se essa raiva tivesse se enraizado à sua personalidade?

- Bem, você leu a história publicada nos jornais, sobre a forma como ele cresceu - disse ela. - Seus primeiros anos foram um pesadelo. Mas isso não justifica o que ele fez como adulto. Ele infringiu a lei. Mereceu punição. Possivelmente mais do que teve.

- Lembre-me de jamais ficar seu inimigo, sra. Speakman. A senhora é impiedosa.

Ela não se ofendeu, sabendo que ele estava só provocando.

- Eu só não tenho tolerância por adultos que culpam seus defeitos, até seu desprezo à lei, pela infância desamparada. Somente o sr. Burkett é responsável por suas ações.

- Pelas quais ele já pagou - o marido lembrou, gentilmente. Deixando a conversa mais leve, ele acrescentou: - Eu prometo fazer minha parte para que nosso bebé não tenha uma infância desamparada.

Ela sorriu.

- Se ficasse só por sua conta, acho que você o mimaria até estragá-lo.

-Ele?

- Ou ela.

- Eu adoraria uma menininha que se parecesse com você.

- E eu morreria de felicidade se tivesse um menino.

Os sorrisos continuaram, mas as palavras que não foram ditas pairavam na mesa de jantar. Nem um filho, ou filha, teria as feições de Foster. Parecido, talvez, mas não as dele.

Laura deu outro gole no vinho.

- Foster… -Não.

- Por que não? Você nem sabe o que vou dizer.

- Sim, eu sei. - Ele indicou seu prato. - Terminou? - Ela assentiu. Ele pousou a faca e o garfo sobre o prato, em posição diagonal, num ângulo preciso, e dobrou o guardanapo ao lado.

Ela se levantou, quando ele deu ré na cadeira de rodas, se afastando da mesa.

- vou pedir ao Manuelo que limpe a mesa, enquanto pego o café.

- Vamos tomá-lo na sala.

Na cozinha, ela encheu uma garrafa de café, que deixara no preparo automático, enquanto eles jantavam. Colocou-a numa bandeja com xícaras e pires, um pote de creme e um açucareiro. Levou a bandeja para a sala. Foster estava lavando as mãos com um frasco de desinfetante. Quando terminou, ele o colocou dentro de uma gaveta.

Ela serviu café e o levou até ele. Ele agradeceu, depois esperou que ela pegasse o seu e viesse até um dos sofás de couro.

Ele continuou a conversar, como se não tivesse havido uma interrupção.

- Você ia dizer que nós poderíamos seguir um caminho mais convencional. Fazer inseminação artificial com um doador anónimo.

Era exatamente isso que ela estivera prestes a dizer.

- Eles mantêm o anonimato dos doadores, por uma boa razão, Foster. Nós jamais saberíamos sua identidade, jamais teríamos uma imagem mental dele. A criança seria nossa. Jamais estaríamos estudando suas feições, em busca de semelhanças por… por alguém que conhecêramos.

- Você tem alguma objeção quanto às feições de Griff Burkett?

- Você não está entendendo meu ponto de vista.

Ele riu e conduziu sua cadeira até o sofá de dois lugares.

- Não, não, só estou provocando.

- Acho que essa noite não estou com humor para provocações.

- Desculpe. - Ele esticou a mão e afagou-lhe os cabelos. Mas ela não ia se contentar tão facilmente.

- Essa é provavelmente a decisão mais importante que tomaremos na vida.

- Nós já tomamos. Já falamos sobre isso mil vezes, estudando de todos os ângulos. Discutimos isso durante meses. Falamos sem parar, depois falamos mais, até que finalmente concordamos que esse seria o caminho certo para nós.

Para você, ela pensou em dizer, mas não disse.

- Eu sei que concordei, mas…

- O quê?

- Eu não sei. Na teoria… - Ela deixou o restante da frase no ar. O que funcionava na teoria podia não se traduzir na prática, quando em carne e osso. Principalmente, pelo fato de que seriam sua carne e osso que seriam afetados.

- Eu só estou pedindo um filho - disse ele, acariciando-lhe o rosto. - Se eu pudesse, lhe daria os três ou quatro filhos que planejáramos. Antes.

Antes. Ali estava o qualificador gigantesco. A palavra de cinco letras que pesava tanto para eles. Era a linha de demarcação em suas vidas. Antes.

Os olhos dele se desviaram para o rosto dela, amorosamente.

- Ainda sonho em fazer amor com você.

- Você faz amor comigo. Ele sorriu abatido.

- De certa forma. Não é a coisa verdadeira.

- Para mim, é.

- Mas não é a mesma coisa.

Ela se inclinou à frente e o beijou intimamente na boca, depois aconchegou o rosto em seu pescoço. Ele a abraçou, passando a mão em suas costas. Durante o movimento dos dias de trabalho, as horas se passavam e ela se esquecia do estado dele e do efeito drástico que isso teve em seu casamento.

Lembranças cruéis a pegavam desprevenida, vindo como flechas, sem qualquer aviso, impossíveis de se desviar. Durante uma reunião, ou quando estava ao telefone, ou conduzindo um debate, e isso a deixava anestesiada, por uma fração de segundo antes que a dor se instalasse.

Mas essas noites tranquilas, em casa, eram piores. Quando eles estavam sozinhos, como agora, cada um deles lembrava como era antes, como costumavam fazer amor sempre que lhes apetecesse, rindo da pressa, desmoronando saciados e felizes depois.

Agora, ela ocasionalmente ia até o quarto onde ele dormia, numa cama de hospital, equipada com todos os aparatos modernos que proviam o máximo de conforto. Ela o despia e se deitava com ele, apertando seu corpo junto ao dele. Eles se beijavam. Ele a acariciava e, às vezes, apenas a intimidade já era o suficiente. Em outras noites, ela atingia o orgasmo, o que não chegava a ser realmente satisfatório, pois ela sempre se sentia egoísta depois. Quando ela expressava isso, ele a confortava dizendo que ele se sentia realizado ao saber que

ainda podia fazê-la ter prazer físico.

Mas ela deixava a cama dele se sentindo uma exibicionista, sabendo que ele só podia se sentir como um voyeur. Pois não era mutuamente satisfatório, era… Bem, como ele dissera, não era a mesma coisa.

Eles raramente falavam sobre a vida que tinham antes da noite em que tudo virou de cabeça para baixo. As lembranças do primeiro ano de casamento eram guardadas em particular, nenhum dos dois queria causar mágoa ao outro, relembrando em voz alta. As lembranças eram agonizantes para ela. Só podiam ser ainda mais terríveis para Foster. Ela ainda estava inteira e saudável. Ele não.

Ele não parecia guardar ressentimentos ou amargura em relação ao destino, ou a Deus. Nem a ela.

Mas como é que ele podia?

Agora, ele a pegou pelos ombros e a afastou dele.

- Você tem algum receio, Laura? Quanto a utilizar Burkett, ou alguma outra pessoa? Alguma hesitação? Se for o caso, nós desistimos.

Ela tinha receio? Tinha milhares. Mas essa era a forma como Foster insistira para que fosse feito, portanto, assim teria de ser.

- Eu quero ver os resultados do check-up completo.

- Ele prometeu providenciar isso rapidamente e nos postar o relatório. Assim que tivermos examinado, nós o queimaremos.

- Acho que não haverá problema. Ele parece ser fisicamente ideal, como nós acreditamos.

- E quanto ao seu cará ter? Ela zombou disso.

- Menos que ideal. Isso, ele provou, cinco anos atrás.

- Seu crime não me interessa. O que eu quis dizer foi: você acha que nós

podemos contar com sua discrição?

- Acho que o dinheiro será um incentivo para que ele mantenha a nossa confiança.

- Eu fiz as condições mais simples que pude para ele.

Ele havia explicado a Griff Burkett que ele jamais poderia fazer qualquer alegação em relação à criança, jamais poderia contatá-los, nunca poderia reconhecer a existência deles. Se Griff mantivesse essas condições, ele receberia um milhão de dólares por ano.

Burkett havia perguntado: - Por quanto tempo?

- Pelo resto de sua vida.

Ele desviou um olhar incrédulo, de um para o outro.

- Sério?

Olhando para eles, como se ambos tivessem perdido a cabeça, ele disse:

- Ter um filho e manter sua concepção em segredo é tão importante assim para vocês?

A pergunta pareceu um prelúdio para uma extorsão. Laura não teria se surpreendido se, àquela altura, ele exigisse o dobro da quantia que lhe estava sendo oferecida. Mas, quando Foster disse “Sim, é muito importante para nós”, Burkett riu e sacudiu a cabeça, como se achasse esse ideal algo incompreensível. Ele obviamente jamais tivera um sentimento tão forte em relação a algo, nem tivera tanta adoração por nada. Nem mesmo por sua carreira.

- Bem, não é que eu queira um filho - disse ele. - Na verdade, desde a puberdade, eu venho tomando um cuidado dos diabos para me assegurar de que não fosse pai. Portanto, vocês podem ficar aliviados da preocupação de um dia eu querer reivindicá-lo. Ou a ela - disse ele, se dirigindo à Laura.

- E quanto à questão da confidencialidade? - perguntou Foster.

- Não há questão. Já entendi. Eu mantenho minha boca fechada. Se nos

encontrarmos por acidente, eu passo direto, sem reconhecer ninguém. Por um milhão de dólares por ano, eu posso perder a memória. Assim, de repente. - Ele estalou os dedos. - Mas tem uma coisa.

- O quê?

- O que acontece se… se eu viver mais que você?

- Laura manterá a nossa obrigação com você.

- E se ela não estiver por aqui?

Essa era uma questão que eles não haviam previsto. Eles nunca haviam considerado a possibilidade de que ele fosse viver mais que os dois. Ela e Foster olharam um para o outro, e ela soube que estavam pensando a mesma coisa. Se Griff Burkett vivesse mais do que eles dois, o filho deles ficaria vulnerável à extorsão financeira, assim como emocional. Eles haviam concordado em que o filho jamais saberia de onde viera. Deixariam que ele acreditasse, assim como todos, que Foster era seu pai.

- Essa é uma possibilidade que não nos ocorrera - admitiu Foster.

- Bem, agora que ocorreu a mim, ela precisa ser abordada.

- Até essa altura do tempo, você estará extremamente bem disse Laura.

- Vocês estão extremamente bem agora - retrucou Griff. - Não entrariam num contrato com uma contingência tão importante como essa, sem ser resolvida. Entrariam?

Ele estava certo, mas ela estava relutante em ceder a isso.

- Tenho certeza de que, com o passar do tempo, nós poderemos resolver isso, de alguma forma.

- Não. com o passar do tempo, não. Agora.

- Ele está certo, Laura. O eterno é crítico. Eu sou a prova de que nossas vidas

podem mudar num piscar de olhos. É melhor resolvermos as questões agora do que as deixarmos pendentes. Foster pensou naquilo por um instante, depois disse: - Infelizmente, todas as soluções que me vêm de imediato à cabeça exigem papelada, e é essencial que nós evitemos isso. - Ele abriu os braços, com as palmas para cima. - Griff, ou você terá de confiar em mim, quanto a arranjar uma solução, ou…

- Quando?

- Darei o máximo de prioridade.

Burkett franziu o rosto, como se isso não fosse suficientemente bom.

- O que seria o bOM?

- Ou, o que estou entendendo de você é que isso desfaz o acordo.

Laura notou que ele não teve que pensar a respeito por muito

tempo.

- Está bem, eu vou confiar em você para arranjar algo. Afinal, está depositando confiança em mim, e eu é que sou o delinquente criminoso.

- Fico contente por ter sido o senhor a citar isso, sr. Burkett.

Laura disse antes de pensar, mas não se arrependeu. Ele precisava ser lembrado de que o risco que eles estavam correndo era muito maior que o dele. Ele não mexeu nada, exceto os olhos, mas ela sentiu o impacto de raiva quando seus olhares se cruzaram.

- Quer dizer, para que a senhora não precisasse citar - disse ele. - Para que não precisasse mencionar que, se há alguém indigno nesta sala, esse alguém sou eu.

- Laura não quis ofendê-lo, Griff - interveio Foster. Mantendo os olhos fixos nela, ele disse:

- Não. Claro que não. Não me ofendi.

Mas ela sabia que ele não estava falando sério, da mesma forma como ele sabia

que ela havia falado sério.

- O risco de ambos os lados é inerente a qualquer negócio de parceria. - Foster falava por sua própria experiência. Ele também era um excelente mediador, que sempre tentava diluir o desacordo, antes que as coisas saíssem de controle. - Acho que o risco compartilhado é uma coisa positiva. Isso faz com que todos fiquem vulneráveis até certo limite e mantém todos honestos. - Ele se virou para Laura. - Mais alguma coisa? Ela balançou a cabeça.

- Excelente - disse ele, dando três tapas nos braços da poltrona. - Vamos apertar as mãos.

Agora, Foster estava dizendo:

- Você disse que entraria em contato com ele em duas semanas.

- vou monitorar o meu ciclo, medir minha temperatura a cada manhã, para que possa saber o dia em que vou ovular.

- E, depois disso, quanto tempo até saber que você concebeu?

- Duas semanas.

- Eu fico até tonto, só em pensar.

- Eu vou ficar tonta quando fizer xixi numa tirinha e ela ficar cor de rosa. Ou azul. Ou seja lá a cor que tiver que ficar.

Rindo, ele a beijou, depois, eles seguiram até o elevador que ficava discretamente posicionado sob a escada.

- Aposto uma corrida com você até lá em cima - ele disse, enquanto conduzia a cadeira de rodas para dentro da gaiola metálica.

Ela subiu correndo pelas escadas e estava lá para esperá-lo, quando ele chegou.

- Você sempre ganha - resmungou ele.

- Essas corridas escada acima me mantêm em boa forma.

- Eu que o diga. - Ele esticou o braço e deu-lhe um tapa na bunda.

Ouvindo que eles se aproximavam, Manuelo abriu a porta de dentro do quarto de Foster.

- Podemos pular a terapia dessa noite? - Foster perguntou. O assistente sorriu e sacudiu os ombros, indicando que não havia entendido a pergunta. - Ele está fingindo. Eu sei que está. Ele sabe muito bem que estamos falando da terapia que ele me aplica e como me sinto quanto a isso. - Ele pegou a mão dela e a apertou. Poupe-me, Laura, por favor.

- Ei, eu também tenho meu trabalho duro essa noite. Tenho que revisar aquele contrato do sindicato. Mas vou voltar para dar boa-noite. - Ela o beijou levemente nos lábios e prosseguiu pelo corredor largo, até seu escritório.

Mas, uma hora depois, quando foi até o quarto de Foster, Manuelo já fizera tudo que precisava ser feito. As cortinas estavam

fechadas. O termostato estava programado em sua temperatura preferida. Havia uma garrafa de água gelada e um copo em sua mesinha de cabeceira. O botão da campainha estava à mão. Ele dormia, com um livro no colo.

Ela apagou o abajur lateral e ficou por um bom tempo no escuro, sentada na cadeira ao seu lado, ouvindo sua respiração. Ele não se mexia e ela se sentia grata por ele conseguir dormir tão bem.

Finalmente, ela o deixou sozinho e foi para a cama que eles costumavam compartilhar, desejando que seu sono pudesse ser tão profundo quanto o dele.

Capítulo 7

NA MANHÃ SEGUINTE, Griff estava com um nó nas costas, por ter dormido no colchão mole, que afundava no meio. Ele negava que a dor crónica fosse remanescente dos anos em que sofrera faltas nos jogos - da oitava série até seus anos com os Cowboys.

Seu ombro direito também o incomodava mais do que ele queria admitir. Ao longo da época em que jogou futebol, ele quebrou quatro dedos, sendo que um

dos mindinhos ele quebrou duas vezes, no mesmo lugar. Na segunda vez, nem se deu ao trabalho de ir engessar, portanto, calcificou torto. Outra grande variedade de percalços e lutas corpo a corpo fazia com que levantar da cama, a cada manhã, fosse um processo lento.

Alegremente recordando o conforto dos lençóis perfumados de Márcia, ele foi mancando até a cozinha tosca, ferveu água para fazer um café instantâneo, torrou um pedaço de pão e o mandou para dentro, com um copo de leite, para tirar o gosto do pseudocafé da boca.

Antes que esquecesse, ele ligou para o oficial da condicional que lhe fora designado. A gravação da secretária eletrônica de Jerry Arnold o fizera parecer um cara suficientemente agradável, e agora sua voz parecia ainda mais amistosa, sem nada de ameaçador.

- Eu só estou ligando para ter certeza de que você recebeu o recado que deixei ontem - disse Griff, depois de uma troca de olás e como vai.

- Recebi, sim. Mas deixe-me repetir a informação, pra ver se anotei corretamente. - Ele disse o endereço e número telefónico que Griff havia deixado.

- Isso mesmo.

- E quanto a um emprego, Griff? Já surgiu alguma coisa?

- vou ver algo sobre isso hoje.

- bom, bom. Mantenha-me informado quanto a qualquer progresso.

- Farei isso.

- Bem, você sabe as condições de sua condicional, portanto, não vou mais importuná-lo com isso.

- Elas estão gravadas em meu cérebro. Eu não quero voltar para a cadeia.

- E eu não quero que você volte. - O burocrata hesitou, depois disse: - Você era

um grande jogador de bola, Griff. Uma sensação de se assistir.

- Obrigado.

- Bem, boa sorte hoje.

com essa tarefa eliminada, Griff seguiu para o chuveiro. Tinha uns troços pretos peludos crescendo no rejunte dos ladrilhos, mas, para sua surpresa, a água quente era abundante. Ele se vestiu rapidamente, mas com critério, escolhendo a melhor das roupas que Wyatt Turner lhe deixara no apartamento. Fez uma anotação mental para perguntar ao advogado onde estava guardado o restante de suas coisas e como ele poderia recuperá-las.

Depois, ele lembrou que, se os Speakman fizessem o pagamento do sinal, ele poderia sair e comprar umas coisas novas. A ideia fez suas vísceras revirarem com uma expectativa feliz.

No entanto, ele não saberia, até as duas horas de hoje, se eles realmente procederiam conforme o prometido. Enquanto isso, ele tinha outras coisas a fazer.

Entrou na clínica às oito e meia e ficou pouco menos de uma hora.

- Quanto tempo vai levar para que eu possa pegar os resultados do laboratório?

- De três a cinco dias.

- Consiga em três - disse ele, dando uma piscada para a enfermeira, com seu melhor sorriso. Sorrindo timidamente, ela prometeu tentar. Obviamente, ela não acompanhava o futebol dos Cowboys.

Da clínica, ele seguiu de carro até uma filial da biblioteca pública, a que ficava mais próxima do endereço de Turtle Creek. Duvidava de que houvesse alguma no bairro onde estava situado seu apartamento atual, duvidava de que muitos residentes da área soubessem ler.

Chegou à biblioteca e descobriu que só abria às dez. Um bando de criancinhas e jovens mães - quando foi que as jovens mães passaram a ficar tão bonitas? - se aglomeravam junto às portas, esperando abrir.

As mães e as crianças o olhavam, curiosas. com um metro e noventa e dois, ele parecia imenso perto deles. O corte e o hematoma no rosto, colaboração de Rodarte, também chamavam atenção, fazendo com que se sentisse particularmente chamativo entre a galera do grupo de historinhas matinais de quintafeira. Uma vez que as portas foram destrancadas, as mães levaram seus filhos para um canto do fundo, enquanto ele seguiu ao balcão de informações. A atendente da biblioteca sorriu agradavelmente e perguntou-lhe o que podia fazer por ele.

- Preciso usar um computador. E provavelmente vou precisar de alguma ajuda.

Cinco anos de avanço em tecnologia de informática equivaliam a uma eternidade. Mas a bibliotecária pacientemente mostrou como acessar a internet e fazer uma busca no Google, e ele logo tinha muita informação sobre a companhia aérea SunSouth, mais especificamente sobre seu proprietário.

Primeiro, ele acessou um resumo sobre o histórico de Foster Speakman, começando na década de 1920, com seu bisavô e a família que acumulara uma fortuna com petróleo e gás. Único herdeiro, Foster recebeu megamilhões, além de vastas parcelas de terras no Novo México, Colorado e Alaska.

Ele era formado em negócios pela Universidade de Harvard e era um renomado jogador de polo. Recebera inúmeras citações e prémios de grupos de negócios e associações cívicas por serviço comunitário. Analistas económicos aplaudiram sua aquisição e a reviravolta da companhia aérea decadente.

Se ele tivesse sido um jogador de futebol, Speakman teria sido o astro atacante do jogo final, o Super Bowl.

Ele e a sra. Speakman - não Laura - foram fotografados participando de inúmeros eventos sociais beneficentes. Uma das fotos que acompanhava um artigo na revista Forbes, mostrava Foster orgulhosamente de pé, diante de um jato da SunSouth, de braços cruzados, parecendo um homem que acabara de conquistar o mundo. Ele parecia robusto e forte.

O que significava que, em algum ponto, entre a época em que ele comprara a companhia, alguns anos antes, e agora, ele ficara paraplégico. Doença? Cataclismo?

Enquanto pensava nessas possibilidades, Griff se deparou com o obituário de Elaine Speakman. Ela morrera após uma longa e valorosa batalha contra a leucemia. Não havia filhos do casamento.

O viúvo se casara com Laura Speakman um ano e cinco meses após a morte de Elaine.

Foster e Elaine haviam sido muito bem representados na imprensa. Mas Foster e a sra. Speakman II figuravam na imprensa quase que diariamente - o que explicava a alusão que ele fizera quanto a serem celebridades.

Então, Griff encontrou o que estava procurando. com um ano e setenta dias de casados, a vida de Foster e Laura Speakman mudou irrevogavelmente. A história estampou a primeira página do The Dalas Morning News, com a manchete e uma fotografia gráfica. A notícia não chegara a Big Spring. Ou, se havia chegado, ele não soubera. Ou, se tinha ouvido falar a respeito, se esquecera, pois não lhe despertava qualquer interesse.

Griff leu a história duas vezes. Havia links a inúmeras outras histórias que se seguiram. Ele leu todas, depois, usando o ícone de regresso, voltou à história original e a leu mais uma vez. E quando, pela terceira vez, ele chegou àquela frase reveladora que tanto explicava, recostou-se em sua cadeira e disse: - Ora essa.

Era um belo bairro. Ao contrário daquele onde ele crescera, não havia persianas soltas, nem telas rasgadas nessas casas. Os gramados eram aparados, os canteiros de flor, bem cuidados. As cestas de basquete, na verdade, tinham rede, e, se houvesse qualquer coisa no chão da entrada das garagens, eram reluzentes bicicletas e skates, nada de carros enferrujados abandonados.

Embora esse bairro fosse vinte anos mais jovem, transmitia a mesma sensação familiar que aquele onde o treinador e Ellie Miller haviam morado. Onde ele havia morado desde o dia em que o treinador o tirou da casa caindo aos pedaços de sua mãe. O treinador havia entrado em contato com o Serviço de Proteção Infantil e lidou com os trâmites legais, incompreensíveis para Griff, com seus quinze anos. Ele imaginava que o treinador havia se autodesignado

seu responsável. De qualquer jeito, ele ficara com os Miller até se formar no

ensino médio e partir para jogar futebol pela Universidade do Texas.

Ele localizou o endereço e passou de carro, devagarinho, olhando. Dos dois lados da porta de entrada havia vasos de flores brancas. Acima da cerca do quintal dos fundos, Griff podia ver o topo de um escorregador de piscina. Dois garotos estavam arremessando uma bola de futebol, de um lado para o outro, no gramado da frente. Eles tinham idade suficiente para ter cautela com estranhos e olharam para Griff com atenção quando ele passou vagarosamente.

Ele foi até o fim da quadra e virou a esquina. Percebeu que as palmas de suas mãos estavam molhadas de apreensão. E isso o deixou zangado consigo mesmo. Por que diabos suas mãos estavam suando? Ele tinha tanto direito quanto qualquer um a estar passando por essas ruas bem cuidadas. As pessoas que moravam ali não eram melhores do que ele.

Mas ele sentira essa mesma ansiedade quando o treinador Joe Miller estacionou o carro na entrada da garagem e disse: “É aqui.” Griff olhou a casa com o tapete da entrada escrito bem-vindo e trepadeiras subindo pela grade e se sentiu deslocado, como um pedaço de bosta dentro de uma bacia de ponche. Ele não fazia parte daquele lugar. Mas ele morreria antes de deixar que alguém percebesse que se sentia inferior.

Sério, meio desajeitado, ele seguiu o treinador pelos degraus e entrou pela porta da frente.

-Ellie?

- Aqui dentro.

Griff tinha visto a esposa do treinador nos jogos. A distância, ela parecia legal, ele achava. Realmente nunca a notara direito.

Ela se virou, quando eles entraram na cozinha. Seus cabelos estavam com bobes e ela usava luvas amarelas de borracha.

- Esse é o Griff - disse o treinador. Ela sorriu pra ele.

- Oi, Griff. Eu sou Ellie.

Ele continuou com aquela cara franzida, de quem está se lixando, para que eles

não soubessem que seu coração batia mais forte do que quando ele estava diante de um gol, e na esperança de que

não ouvissem sua barriga roncando. Deu uma olhada pela porta aberta da despensa. com exceção do supermercado, ele nunca vira tanta comida junta num só lugar. Em cima da pia havia uma torta com uma massa dourada, transbordando calda de cereja. O cheiro fez a boca de Griff aguar.

- Ele vai ficar conosco por um tempo - disse o treinador.

Se essa notícia chegou a ser um choque para Ellie, ela escondeu.

- Oh, bem, que bom - disse ela. - Seja bem-vindo. Agora, você pode me dar uma mão, Griff? Aquela torta vazou um grude no forno todo. Estou tentando tirar as grades para conseguir limpá-las enquanto ainda estão quentes, mas minhas luvas vão derreter se eu as pegar. Os pegadores de panela estão na primeira gaveta.

Sem saber o que mais fazer, ele pegou os pegadores de panela e tirou as grades de metal do forno. Sem mais cerimónia, entrou na casa dos Miller e em suas vidas.

Griff sempre desconfiou de que o treinador e Ellie tinham discutido sobre essa possibilidade, antes que o treinador fosse pegá-lo naquela manhã. Porque lhe foi mostrado um quarto arrumado para um garoto adolescente. Tinha uma cama grande forrada com um cobertor vermelho e branco, com a imagem do mascote do time da escola - um viking fazendo cara feia. Outras flâmulas esportivas estavam penduradas nas paredes.

- Aqui é o armário. Diga-me, se precisar de mais cabides. Ellie deu uma olhada na pequena mochila que ele trouxera, mas não comentou o quão pouco devia conter, o quão pouco ele tinha.

- Você pode guardar suas roupas de dobrar nesse baú. Se precisar que algo seja lavado, o cesto de roupa suja fica no banheiro, Oh, meu Deus, eu não lhe mostrei o banheiro. - Era tão limpo que ele ficou com medo de fazer xixi na privada.

Naquela tarde, todos eles foram à Sears comprar “umas coisas”, mas voltaram para casa somente com roupas para ele. Ele nunca tivera comida como a que

Ellie cozinhava, incluindo a torta que eles comeram de sobremesa naquela noite. Ele nunca estivera numa casa que cheirasse bem, que tivesse livros nas prateleiras e quadros nas paredes.

Mas, com a experiência da limpeza do forno, ele aprendeu que alguns luxos não vinham de graça. Era esperado que ele cumprisse suas tarefas. Sem jamais terem lhe exigido que fizesse coisa alguma, exceto não atrapalhar quando havia um homem no quarto com sua mãe, Griff descobriu que esse era um aspecto da vida familiar ao qual ele teria de se acostumar.

As repreensões de Ellie eram suaves e geralmente incluíam alguma a si mesma.

- Você se esqueceu de fazer sua cama essa manhã, Griff. Ou será que eu esqueci de lhe dizer que os lençóis são trocados só às sextas? Você não vai poder vestir aquela sua camisa favorita amanhã, porque eu a encontrei embaixo da cama, somente depois de ter lavado a roupa. Não se esqueça de colocá-la no cesto da próxima vez.

O treinador era menos sutil.

- Você já terminou seu dever de história? -Não.

- Não é para entregar amanhã?

Ele sabia que era. Um dos assistentes do treinador era o professor de história de Griff.

- Eu vou fazer.

O treinador desligou a TV.

- Certo. Você vai. Agora.

Sempre que era repreendido, Griff resmungava planos rebeldes de ir embora. Estava farto e cansado daquela lengalenga. Faça isso, faça aquilo, limpe isso, leve isso lá para fora. Só bobos iam à igreja aos domingos, mas ele por acaso tinha escolha? Não. Simplesmente era esperado dele. E o que ele tinha a ver com o fato de o carro estar lavado ou a grama, aparada?

Mas ele nunca concretizava suas ameaças de partir. Além disso, seus resmungos

eram solenemente ignorados. Ellie falava junto e o treinador dava as costas, ou saía da sala.

O treinador também não dava moleza no treino. Dava até mais duro nele, como se fosse para garantir aos outros jogadores que Griff não era nada especial para ele apenas por estar instalado embaixo de seu teto.

Numa tarde, ainda zangado por lhe terem negado assistir à TV, na noite anterior, Griff ficou embromando durante os exercícios. Ele não deu um único passe aos receptores. Os backs tinham que pegar a bola dele, porque ele não se mexia para passá-la. Ele fingiu se machucar.

O treinador o observava; apesar de sua cara feia, ele não soprou o apito, nem o mandou sair.

Mas, ao final do treino, quando todos seguiram para o vestiário, o treinador o mandou ficar onde estava. Ele colocou um boneco de bloqueio a trinta metros e arremessou a bola de futebol para Griff.

- Atira.

Griff jogou a bola sem maiores esforços do que fizera antes, no restante do treino, e errou o boneco. O treinador o encarava.

- Tente novamente - disse ele, arremessando outra bola. Novamente ele errou.

O treinador lhe entregou a terceira bola.

- Bate nessa porcaria.

- Estou tendo um dia ruim. Qual é o grande problema?

- O grande problema é que você é um babaquinha.

Griff, então, jogou a bola direto no treinador. A bola quicou no peito largo. Griff deu as costas, indo em direção ao vestiário.

Quando o treinador o agarrou pelo ombro e o virou, seu capacete saiu voando,

levando sua cabeça junto. Antes que Griff pudesse se recuperar, o treinador plantou-lhe a mão imensa no meio do peito e o empurrou. Ele caiu sentado com tanta força que a dor subia pelo cóccix, percorrendo a coluna, indo direto ao seu cérebro. Doía tanto que ele perdeu o fôlego e seus olhos se encheram de lágrimas. Isso era mais mortificante do que sua pose no chão.

- Eu não tenho medo de você! - ele gritou para o treinador.

- Agora eu tenho a sua atenção?

- Por que você não pega no pé de outro, para variar um pouco? O Phillips perdeu as dez tentativas de hoje. Eu não o vejo fazer com que ele tenha que arremessar alguma bola no meio dos mastros. Quantas vezes o Reynolds ficou enrolando durante o último jogo? Três? Quatro? Por que você não pega no pé dele? Por que sempre tem que ser comigo?

- Porque Phillips e Reynolds não têm nenhum talento! - O treinador pareceu usar todo o seu fôlego naquele rugido. Sua voz foi bem mais branda ao dizer: - E você tem.

Ele limpou o suor da testa com a parte de trás do polegar. Desviou o olhar, depois voltou a encarar Griff, que ainda estava sentado na terra, com o osso da bunda doendo demais para tentar se levantar.

- Nenhum outro jogador nesse time, nem nessa escola, nem em nossas escolas rivais, tem talento que se iguale ao seu, Griff. E você o está jogando no lixo, sentindo pena de si mesmo, e fica todo nervosinho porque sua mãe era uma piranha. Você teve uma bosta de vida até agora, não se pode negar. Mas, se deixar que isso estrague o resto de sua vida, quem é o tolo? Quem é que você estará arruinando? A você mesmo, isso sim.

“Você pode não ter medo de mim, mas se caga de medo de você mesmo - disse ele, apontando o dedo para o alto, no espaço entre os dois. - Porque, apesar de tudo, você é melhor do que aqueles dois que o fizeram. É inteligente e tem boa aparência. Tem mais habilidade atlética do que eu jamais vi em qualquer esporte. E, por causa desses dons, você talvez queira se tornar alguém.

“E isso o amedronta, porque você não seria capaz de manter essa maldita dessa sua autopiedade. Você não poderia detestar o mundo e todos que nele vivem, só por conta do destino de merda que você recebeu. Não teria uma desculpa para

ser tão egocêntrico, esse babaca completo que você é.”

Terminado o discurso, ele ficou ali em pé, olhando para Griff por mais um momento, depois ele deu as costas, desgostoso.

- Se você tem culhão pra isso, esteja pronto pra treinar amanhã. Se não, dê o fora do meu time.

Griff estava no treino no dia seguinte, e nos outros dias também. E naquela temporada ele levou o time ao campeonato estadual, assim como o fez nos três anos seguintes. Nem o incidente, nem o sermão do treinador jamais voltaram a ser mencionados. Mas Griff não esqueceu, e ele sabia que o treinador também não.

O relacionamento deles melhorou. Eles tinham seus altos e baixos, porque Griff constantemente forçava a barra com o treinador e Ellie, para ver até onde podia ir, antes que eles se fartassem e o pusessem para fora.

Quando ele desafiou seu horário estipulado para voltar para casa e chegou uma hora e meia mais tarde, eles não o expulsaram, mas o treinador impôs a pior punição imaginável - o fez esperar por dois meses depois de seu aniversário de dezesseis anos para que ele pudesse fazer seu teste de motorista e tirar a carteira de habilitação.

Eles o incentivavam a convidar amigos para a casa, mas ele nunca o fez. Nunca chegou a desenvolver habilidade para fazer amizade e realmente nem tinha esse desejo. Convites feitos por colegas de sala eram declinados. Mais cedo ou mais tarde, as pessoas o abandonam, então para que se incomodar? A longo prazo, você acaba ficando melhor sozinho.

Às vezes, ele flagrava Ellie o olhando tristemente e sabia que ela guardava preocupações silenciosas quanto a ele. Talvez ela sentisse, mesmo naquela época, que o pior ainda estava por vir.

As coisas seguiam muito bem. Então, no começo de seu segundo ano do ensino médio, aconteceu um incidente no vestiário que fez com que Griff fosse suspenso da escola por três dias. Não havia sido uma luta justa - Griff contra cinco atletas; três jogadores de futebol e dois do time de basquete.

Quando eles foram apartados pelos assistentes dos treinadores, dois dos garotos

foram levados para a sala de emergência, um com o nariz quebrado, o outro precisou tomar pontos no lábio inferior. Os outros três estavam com os narizes sangrando e hematomas no tórax, mas não precisaram ser hospitalizados.

Griff, o instigador da briga aparentemente não provocada, não sofreu mais que alguns arranhões e um olho roxo.

- Não temos escolha, treinador Miller - disse o diretor da escola, ao entregar Griff para ele. - Apenas alegre-se porque os pais dos outros meninos não prestaram queixa por agressão. Eles poderiam ter prestado - acrescentou ele, encarando Griff.

O treinador o levou para casa, passou marchando por Ellie, que estava quieta, e o confinou ao seu quarto durante toda sua suspensão. Na noite do segundo dia, o treinador entrou em seu quarto sem avisar. Griff estava deitado na cama, de barriga para cima, jogando uma bola de futebol para o alto.

O treinador puxou a cadeira da escrivaninha e virou o encosto ao contrário, sentando-se.

- Ouvi algo interessante hoje.

Griff continuou arremessando a bola, mantendo os olhos no teto. Sua língua teria que apodrecer antes que ele perguntasse.

- De Robbie Lancelot.

Griff segurou a bola junto ao peito e virou a cabeça na direção do treinador.

- Robbie me pediu para agradecer-lhe pelo que você fez. E principalmente por não contar.

Griff continuou em silêncio.

- Ele imaginou que eu soubesse, seja lá o que for, que você não contou. Estou pedindo que você me conte agora.

Griff apertou a bola de futebol entre os dedos, ficou estudando o cadarço, evitando olhar para o treinador.

- Griff.

Ele soltou a bola. Suspirou.

- Lancelot pesa quanto? Cinquenta quilos, talvez? Ele é um nerd, um boboca. As pessoas colam dele nas provas de química, mas fora isso… - Ele olhou para o treinador, que assentiu, compreensivo.

“Eu tinha terminado meus exercícios com os pesos e fui para o vestiário. Ouvi uma confusão no fundo dos chuveiros. Aqueles cinco caras tinham encurralado Robbie num canto. Estavam com a cueca dele. Ele estava ali, pelado, e eles estavam fazendo com que ele… você sabe. Bater uma punheta. Dizendo coisas como: Você é mesmo o Lança love? Queremos ver essa sua lança. Pena que sua lança não é grande como seu crânio, coisas desse tipo.”

Ele olhou para o treinador, depois desviou o olhar.

- Ele estava chorando. com o nariz escorrendo. O pau dele estava… ele estava batendo com força, mas não… nada acontecia.

- Entendi.

- Aqueles caras estavam infernizando a vida dele. Então, eu fui lá e o puxei da parede e o levei até seu armário, disse pra ele vestir a roupa e limpar o nariz, pelo amor de Deus. E dar o fora dali. Depois voltei e desci o cacete naqueles babacas. bom, tentei - Griff murmurou.

O treinador o observou por um longo instante, depois se levantou, recolocou a cadeira embaixo da escrivaninha e foi até a porta.

- A Ellie disse que o jantar estará pronto em meia hora. É melhor você ir lavar as mãos.

- Treinador? - Ele virou de volta. - Não conte a ninguém, está bem? Eu só tenho mais um dia de suspensão e… eu prometi ao Lancelot.

- Não contarei a ninguém, Griff.

- Obrigado.

91

Até esse dia, Griff lembrava a expressão no rosto do treinador quando ele saiu do quarto naquela noite. Ele nunca conseguiu defini-la, mas sabia que algo importante havia acontecido, que algum tipo de entendimento tinha se passado entre eles. Até onde ele sabia, o treinador jamais traíra sua confiança quanto ao incidente.

A essa altura, ele já tinha dado a volta no bairro todo e, pela segunda vez, se aproximava da casa com os dois vasos de flores brancas na porta da frente e o escorregador de piscina no quintal dos fundos. Ele já perdera tempo demais. Era agora ou nunca.

Os dois garotos com a bola de futebol ainda estavam arremessando um para o outro, quando Griff estacionou junto ao meio-fio e desceu.

92

Capítulo 8

Os GAROTOS pararam de jogar, observando enquanto ele andava em direção a eles.

- Oi - disse ele.

- Oi. - Eles disseram ao mesmo tempo, cautelosos.

- Essa é a casa de Bolly Rich?

- Ele está lá dentro - respondeu o mais alto dos dois. - Ele é meu pai.

- Qual é o seu nome? - Griff perguntou.

- Jason.

- Você joga bola? Jason assentiu.

- Que posição?

- Atacante. -É?

- Na segunda linha - Jason confessou, constrangido.

- Quer jogar na primeira?

Jason olhou para o amigo, depois de volta para Griff.

- Claro.

- Dê-me a bola,

Novamente, Jason primeiro consultou seu amigo, depois passou a bola de futebol para Griff, mantendo certa distância.

- Estou lançando patos.

Griff sorriu ao ouvir o termo usado para um passe fraco.

- Isso acontece com todo mundo, de vez em quando, mas você tem como evitar. - Ele pegou a bola na mão direita, apertou as pontas dos dedos junto aos cadarços. - Está vendo isso? Ele segurou a bola para que Jason e seu amigo pudessem observar. - Você precisa manter as pontas dos dedos segurando firme, como se estivesse tentando espremer o ar para tirá-lo da bola. Aí, quando você solta… - Ele gesticulou para que o amigo de Jason corresse para

pegar o passe. O garoto foi, cheio de disposição. Griff recuou o braço para trás. - Você tem controle, mais mira e velocidade.

Ele arremessou a bola. Ela viajou com rumo certo e direto. O garoto a pegou e ficou radiante. Griff fez um sinal de positivo com o polegar, depois se virou para Jason.

- Uma bala, em vez de um pato.

Jason ergueu a mão para proteger os olhos do sol.

- Você é Griff Burkett.

- Isso mesmo.

- Eu tinha um póster seu no meu quarto, mas meu pai me fez tirá-lo da parede.

Griff deu um sorriso fungado.

- Não estou surpreso.

- Griff?

Ele se virou. Um homem magro, de short de sarja, uma camiseta furada e ténis velhos abrira a porta da frente e estava em pé, na soleira, no meio dos vasos de flores. Ele estava mais careca, mas os óculos eram os mesmos que Griff lembrava da última vez em que Bolly o entrevistara.

- Olá, Bolly. - Ele olhou para o menino. - Continue treinando, Jason. - O pequeno assentiu respeitosamente. Depois, Griff foi até Bolly, junto à porta, e estendeu a mão. Para crédito do homem, ele apertou sua mão após alguns minutos de hesitação. Mas os olhos por trás da armação de ferro não estavam exatamente felizes em ver o homem mais odiado de Dalas em sua porta da frente.

- Acho que Jason tem potencial para ser bom qualquer dia desses.

Bolly concordou vagamente, ainda tentando se recuperar do choque.

- O que está fazendo aqui, Griff?

- Pode me dar um ou dois minutos de seu tempo?

- Pra quê?

Ele olhou por cima do ombro, vendo os dois meninos que ainda estavam prestando muita atenção à conversa. Virando outra vez de frente para ele, Griff disse:

- Prometo não fugir com a prata da família.

O colunista esportivo hesitou por alguns segundos, depois entrou na casa e gesticulou para que Griff o seguisse. Após entrarem, Bolly o conduziu por um pequeno corredor que os levou até uma sala compacta, com forração de madeira. As prateleiras estavam abarrotadas de parafernália esportiva. Fotografias

emolduradas de Bolly com astros do esporte tomavam a maior parte da parede. No canto, havia uma escrivaninha bagunçada, com um telefone e um computador. O monitor estava ligado. A proteção de tela mostrava fogos de artifício multicoloridos, explodindo em silêncio.

- Sente-se, se conseguir achar lugar - disse Bolly, enquanto se espremia atrás da escrivaninha.

Griff tirou uma pilha de jornais da única cadeira que havia na sala e se sentou.

- Eu liguei para a redação esportiva no jornal. O cara que atendeu disse que você estava trabalhando em casa hoje.

- Agora, faço isso a maioria dos dias. Só vou até o escritório algumas vezes por semana, se muito. Se você tem e-mail, consegue tocar praticamente qualquer negócio de casa.

- Eu usei um computador na biblioteca hoje de manhã. E me senti como um homem das cavernas olhando o painel de controle de um jumbo 747.

- Eles ficam logo obsoletos. Pra fazer com que as pessoas comprem os novos modelos.

-É.

Um silêncio desconfortável veio a seguir. Bolly pegou uma bola de ténis que estava solta em cima da mesa e ficou rolando entre as palmas das mãos.

- Ouça, Griff, eu quero que saiba que eu não contribuí em nada naquela matéria sobre você que saiu durante o seu julgamento.

- Eu não achei que o fizera.

- bom, ainda bem. Mas eu queria que você soubesse. Aquele escritor, você sabe, agora ele está em Chicago.

- Já foi tarde.

- Amém. De qualquer forma, ele me apertou pra ter informações sobre seu passado. Seu pessoal. O treinador Miller. Tudo isso. Tudo que eu disse a ele, a

única coisa que eu falei, foi que você era o melhor atacante que eu já vira na vida. Melhor que o Montana, Staubach, Favre, Marino, Elway, Unitas. Pode dizer qualquer um, você era melhor. E estou falando sério.

- Obrigado.

95

- O que me deixa ainda mais puto pelo que você fez.

Boily Rich, um colunista esportivo para o The Dalas Morning News, sempre havia sido justo com ele. Mesmo quando ele não tinha uma boa performance, como aconteceu uma vez, no jogo de segunda-feira à noite contra o Pittsburgh. Era seu ano de estreia, sua primeira vez jogando contra os Steelers, na casa deles. Foi o pior jogo de sua carreira. Na manhã seguinte, a coluna de Bolly foi crítica, mas ele colocara parte da culpa pela derrota humilhante na linha ofensiva, que fizera muito pouco para proteger o novo atacante. Ele não havia crucificado Griff, da maneira como fizeram tantos outros colunistas esportivos. Esse não era o estilo de Bolly.

Griff tinha esperança de apelar para seu senso justo agora.

- Fiz merda - disse ele. - Uma merda do caralho.

- Como é que você pôde, Griff? Principalmente depois de uma temporada tão notável. Vocês estavam a um jogo de distância da final. Tudo que tinham que fazer era ganhar o jogo contra Washington.

- ArrE.

- De jeito algum o Oakland conseguiria derrotar os Cowboys naquele ano. Vocês teriam jogado a final contra eles, com os pés nas costas.

- Também sei disso.

- Você só tinha que fazer a bola chegar ao Whitethorn, que estava na linha dois. Na dois! Sem ninguém perto dele.

Bolly não precisava recontar a jogada para ele. Ele a reprisara na mente mil vezes, desde que lançara aquele passe, enquanto os segundos finais do jogo

passavam no relógio.

Quarta linha e ponto dos Redskins - ia dar o maldito Redskins no placar - linha de dez jardas. Os Cowboys estavam dez pontos atrás. Um tiro livre não seria suficiente.

O meio campo lançou a bola nas mãos de Griff.

Whitethorn disparou à frente e se desvencilhou da linha de batalha pela bola.

O jogador do Redskin escorregou, perdendo o ataque. O Whitethorn chegou até a linha cinco.

Os caras da defesa dos Skins foram freados de cara. Eles não conseguiam penetrar a linha de frente do Dalas, coletivamente intitulada “muralha de pedras” naquela temporada.

Um cara da linha de fundo dos Skins estava disparando à frente, em direção ao Whitethorn, mas o Whitethorn agora partia com tudo, deixando-o para trás. O time estava a um passo do gol, da vitória, da final do Super Bowl.

Tudo que Griff precisava fazer era um lançamento curto por cima da linha, para as mãos de Whitethorn.

Ou perder e receber dois milhões de dólares pagos pelos garotos Vista.

Os Cowboys perderam de 14 a 10.

- Foi uma derrota esmagadora - Bolly estava dizendo -, mas eu me lembro da forma como os fãs ainda o aplaudiram, quando você deixou o campo naquele dia. Eles só se voltaram contra você mais tarde, quando veio à tona que você tinha errado o lançamento para Whitethorn de propósito. E quem podia condená-los? O grande astro do Super Bowl se transformara num trapaceiro, um bandido.

Falar sobre isso, cinco anos depois do fato, ainda deixava Bolly zangado. Ele deixou cair a bola de ténis, que quicou de sua mesa e foi ao chão, ignorada. Ele tirou os óculos, esfregou os olhos, agitado, e perguntou bruscamente:

- O que você quer, Griff?

- Um emprego.

Bolly recolocou os óculos e o olhou, como se estivesse esperando pelo fim da piada. Ele acabou percebendo que Griff estava falando sério e disse:

- O quê?

- Você ouviu direito.

- Um emprego? Fazendo o quê?

- Achei que um jornal poderia ser um caminho disponível. Você não poderia falar bem de mim para alguém desse departamento? - Bolly continuava a olhar para ele; ele não sorriu. - Isso é uma piada, Bolly.

- É? Porque, fora isso, eu não consigo imaginar o motivo para você ter vindo a mim, pedindo um emprego. Se chegar a qualquer lugar perto de um departamento esportivo de um jornal, provavelmente será pichado. Se tiver sorte.

- Eu não precisaria ir tão perto. Eu poderia trabalhar diretamente pra você.

Bolly franziu o rosto.

97

- O que você tem em mente? Não que eu ache que exista qualquer possibilidade de isso chegar a algum lugar. Estou apenas curioso em ver como sua mente está funcionando.

- Você não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo, Bolly. Não pode cobrir mais que um jogo por vez. Eu sei que você utiliza pessoas para cobrirem os jogos para você. Para lhe dar aquela essência que somente alguém que esteja no jogo pode obter.

- Uso alguns correspondentes, sim.

- Deixe que eu seja um. Eu me formei em inglês. Tenho um domínio razoável da língua. Tanto quanto qualquer um no Texas. Seu sorriso rápido não foi retribuído. - Pelo menos consigo formar duas frases seguidas. Mais importante: eu conheço o jogo. Eu vivi o jogo. Poderia lhe dar as perspectivas, jogada a

jogada, algo que ninguém mais poderia fazer, acrescentar minha visão, algo exclusivo, baseada na experiência atual. Anos e anos.

Ele havia ensaiado a tentativa e, aos seus ouvidos, ela parecia boa.

- Eu poderia descrever como é maravilhosa a sensação da vitória. E como é terrível sentir a derrota. E como é ainda tão pior ganhar, quando você sabe que jogou mal e a vitória foi um acaso. Ele parou, depois perguntou: - O que acha?

Bolly o estudou por um momento.

- É, eu acho que você poderia dar um relato preciso de vitórias e derrotas, acrescidas de um sabor original. Você provavelmente seria muito bom nisso. Mas, até com magníficas habilidades linguísticas, você nem chegaria perto de saber o que é ser jogador de um time, Griff. Porque você não sabe.

- O que quer dizer? - Mas ele nem precisava perguntar. Ele sabia o que Bolly queria dizer.

- Você era um homem de show solo, Griff. Sempre foi. Voltando à sua época de ensino médio, logo que começou a chamar atenção dos recrutadores das faculdades, tinha tudo a ver com você, nunca com o time. Você conduziu seus times a uma vitória atrás da outra, com sua incrível habilidade dentro de campo, mas, fora dele, você era um líder de merda.

“Até onde eu sei, você nunca foi eleito capitão do time, o que não me surpreende. Porque a única coisa que o fazia pertencer a qualquer time era o fato de vestir a camisa da mesma cor. Você não fazia amigos. Os colegas de time admiravam seu jogo. Aqueles que não o invejavam, o idolatravam. Mas eles não gostavam de você, e, por você, estava tudo bem. Você cagava e andava, contanto que eles realizassem as jogadas que você armava.

“Eu nunca o vi incentivar outro jogador que cometera algum erro, nunca o vi dar os parabéns a outro por uma boa jogada. Nunca o vi estender a mão por amizade nem dar uma mão de ajuda a ninguém. O que vi, de fato, foi você devolvendo o presente de Natal que Dorsey te deu, sem abrir, dizendo: Eu não curto essa merda.

“Eu vi você censurar Chester, quando ele o convidou para uma prece no café da manhã em nome da esposa, que estava passando por uma quimioterapia horrível

e radiação. Quando a noiva de Lambertt morreu, naquele acidente de carro, você foi o único do time que não compareceu ao enterro.

“Você era um atleta notável, Griff, mas uma desculpa lamentável como amigo. Acho que é por isso que fico até surpreso e ligeiramente ofendido por você me procurar agora e me pedir ajuda, como se nós tivéssemos sido grandes companheiros.”

Não foi fácil ouvir todas essas coisas sobre si mesmo, principalmente por serem verdade. Silenciosa e humildemente, Griff disse:

- Eu preciso de trabalho, Bolly.

Bolly tirou os óculos para esfregar os olhos novamente, e Griff soube que ele estava prestes a rejeitá-lo.

- Eu detesto o que você fez, mas todos podem cometer um erro e merecem uma segunda chance. E apenas… Que droga, Griff, eu não conseguiria colocá-lo em nenhuma cabine de imprensa da Liga.

- Eu posso cobrir futebol de faculdade. De ensino médio. Bolly estava sacudindo a cabeça.

- Você encontraria a mesma animosidade por lá. Talvez, até mais. Você trapaceou. Primeiro, infringiu as regras no jogo de azar. Depois, roubou num jogo de campo. Você roubou numa porra de um jogo de campo - disse ele, inflamado. - Por dinheiro. Você roubou seu próprio time, tirando-lhes uma vitória garantida do Super Bowl. Você foi pra cama com… gângsteres, pelo amor de Deus. Acha que alguém vai permitir que você se aproxime de garotos,

jovens jogadores? - Ele sacudiu a cabeça e se levantou. - Sinto muito, Griff, eu não posso te ajudar.

Ele almoçou num estacionamento da lanchonete. Sentado no Honda emprestado, comeu um cheeseburguer, uma torta frita, dois pães doces e uma bebida de morango com limão. Fazia cinco anos que ele não comia essas porcarias. Além disso, ele concluiu que, se ia se tornar um exilado, tinha mais era que ser um exilado gordo.

No trajeto rumo ao bairro de Bolly, até a hora em que Bolly não apenas lhe disse não, mas disse isso amaldiçoando, Griff tinha dado os parabéns a si mesmo pela personalidade de procurar um emprego, já que, às duas e meia dessa tarde, seus problemas de dinheiro estariam resolvidos. Ele buscou trabalho antes de ir ao banco verificar o conteúdo do cofre. Em sua opinião, fora preciso muita integridade e humildade para pedir um emprego, de chapéu na mão, quando, depois de hoje, ele não teria mais que trabalhar, nunca mais, se não quisesse. Ele até aturou o sermão de Bolly, e o colunista esportivo não pegou leve quanto às suas falhas de caráter.

Embora ele precisasse admitir que a memória de Bolly era impecável. O homem também tinha uma visão precisa quanto à sua natureza. Foi por isso que ele não pediu perdão, nem tentou se justificar. Ele jamais fora o tipo sentimental. Nunca quis dar tapinhas na bunda de seus colegas de time, após uma grande jogada, porque certamente não ia querer que fizessem isso com ele. Deixava todo aquele negócio comemorativo por conta do pessoal do banco, enquanto ele estava lá no campo, cuidando do trabalho sanguinolento de quebra de ossos contra os zagueiros, que ficavam com seus capacetes marcados, se quisessem derrubá-lo.

Mas por que ele estava se revolvendo ao redor da censura de Bolly? Nada disso fazia diferença. Agora, ele só tinha dois companheiros de time e tudo que precisava fazer para deixá-los felizes era engravidar um deles. Bem fácil.

Griff teve indigestão enquanto entrava no prédio do banco. Culpou o cheeseburger, não os nervos. Estava atento, como se esperasse ser reconhecido e exposto como o maior babaca do planeta.

Mas aconteceu exatamente como Foster Speakman lhe dissera que seria. Nada de enrolação. Ele fez a solicitação no balcão da recepção, depois foi acompanhado até um elevador que conduzia a uma parte subterrânea do banco, onde uma vovozinha simpática pediu que ele assinasse um cartão. Ela o comparou com o cartão de assinatura que Foster Speakman havia deixado no arquivo, conforme prometido. Satisfeita, a vovó levou Griff a um cubículo.

Seu coração estava disparado. A vovó lhe entregou a caixa, dizendo que ficasse à vontade e apertasse o botão na parede quando terminasse, depois saiu. A chave que Speakman lhe dera, na noite anterior, estava no bolso de seu jeans. Ele a pegou e destrancou a caixa.

Do banco, Griff seguiu direto ao NorthPark para uma farra de compras. Ele gostava de seu jeans velho e “ajustado”, mas comprou dois novos - porque podia. Suas botas eram confortáveis demais para serem substituídas, mas ele mandou engraxá-las. Achou umas camisas sociais de grife na Neimans, que não eram excessivamente afrescalhadas. Mudou de roupa no provador e saiu da loja com uma das camisas.

Nenhuma das jaquetas esportivas na butique do Armani era larga o suficiente para seus ombros, mas ele encontrou uma que poderia ficar boa depois que passasse por um conserto. Disseram-lhe para ir buscá-la em alguns dias.

Ele comprou um par de óculos escuros de quatrocentos dólares. Era estranho como o estilo dos óculos havia mudado mais que qualquer coisa nos últimos cinco anos. Também comprou um telefone celular. Isso provavelmente levou mais tempo para comprar do que levaria uma casa. Até conseguir saber de todas as funções que lhe foram demonstradas e ouvir as explicações dos planos disponíveis, e como pegar seus recados na secretária eletrônica, programada para ser acessada através de apenas um dígito, ele estava impaciente para sair dali e, de fato, usar a porcaria do troço para fazer uma ligação.

Que foi para Márcia. Ele discou o primeiro número no cartão que lhe fora dado e ouviu uma gravação anónima, inócua, pedindo que deixasse recado, o que ele fez. Esperando que ela retornasse sua ligação, ele ficou dirigindo pela área, dando uma olhada no comércio, passando por antigos locais que frequentara, seus restaurantes prediletos. Alguns ainda estavam funcionando, outros tinham dado lugar a novos estabelecimentos.

101

Depois de uma hora sem que Márcia tivesse retornado, ele ligou para um número que pertencia a uma de suas garotas. Jovem, linda, satisfação garantida.

-Alo?

A garota tinha uma voz rouca, sexy. Ele já gostou.

- Meu nome é Griff Burkett. Sou cliente da Márcia. Ela recomendou que eu ligasse pra você.

A princípio, ele achou que ela havia soluçado, mas depois percebeu que estava

chorando.

- A Márcia… - Ela ficou engasgada e não conseguiu terminar. Depois começou a chorar - Oh, Deus! Que horrível!

- O que é tão horrível?

- A Márcia está no hospital.

O Hospital Presbiteriano era cercado por ruas que estavam em reparos. Até conseguir passar pela área em obras e por todos os desvios necessários, Griff já estava xingando e suando sem parar.

Ele atravessou o estacionamento correndo, numa distância que parecia ter quilómetros, e finalmente chegou à entrada da recepção principal, tendo que esperar por sua vez para ser atendido no balcão de informações. Estava transbordando de impaciência até o momento em que a atendente lhe deu o número do quarto de Márcia.

Do lado de fora de sua porta, recostado à parede, estava o vizinho que Griff vira saindo do elevador, na noite anterior. Quando viu que Griff vinha correndo pelo corredor em sua direção, ele deu um pulo como se tivesse sido cutucado com uma vareta de gado e se posicionou diante da porta do quarto.

Ele começou a acenar freneticamente, na frente do rosto.

- Não, não. Vá embora. Ela não vai querer que você a veja desse jeito.

- Por que ela está aqui? - Griff não havia arrancado nada da garota histérica ao telefone.

O homem cessou seus contorcionismos e baixou as mãos. Seu belo rosto se transformou numa máscara de mistério. Seus olhos já estavam vermelhos de chorar. Começaram a minar novas lágrimas.

- Não posso acreditar que isso tenha acontecido com ela. Primeiro, eu pensei que tivesse sido você, embora você não pareça desse tipo. A selvageria que foi…

- Selvageria?

Novamente, o homem voltou a abanar as mãos diante do rosto, dessa vez constrangido pela emoção. Frustrado, Griff o afastou para o lado, ignorou o aviso de Visitas Proibidas e entrou no quarto. As cortinas estavam fechadas vedando o sol da tarde e todas as luzes estavam apagadas. Mas ele podia ver o suficiente, e o que viu o fez parar no meio do caminho, entre a porta e a cama de hospital.

- Oh, Jesus.

- Eu lhe disse que foi selvagem. - O vizinho o seguira para dentro do quarto. - A propósito, eu sou Dwight.

- Griff. E eu não fiz isso com ela.

- Eu sei disso. Agora.

- O que aconteceu?

- Cerca de uma hora depois que eu o vi na recepção, minha campainha tocou. Eu não estava esperando visitas e o concierge não anunciou ninguém. Olhei pelo monitor de segurança e vi Márcia, ali em pé, no hall, só que meio… dobrada. Ela estava… assim.

Márcia tinha tomado uma surra dos diabos. Griff não podia vê-la inteira, é claro, mas havia hematomas e inchaço em cada centímetro de pele exposta. Se o restante de seu corpo estivesse do mesmo jeito que o rosto, ela tivera sorte de estar viva. Vários cortes haviam sido suturados. O sangue coagulado deixara os cabelos grudados na cabeça. Seu rosto estava tão deformado com o inchaço que, se ele não soubesse que era ela, jamais a teria reconhecido.

- Seu maxilar foi quebrado - sussurrou Dwight. - Fizeram uma cirurgia esta manhã para recolocá-lo no lugar. Na noite passada, não havia morfina suficiente que pudesse aliviar a dor.

Griff abaixou a cabeça e respirou fundo várias vezes. Quando ergueu a cabeça novamente, ele perguntou com uma calma mortal:

- Quem era seu cliente seguinte? Depois de mim. Alguém estava chegando à meia-noite. Ela me apressou para sair, para que pudesse se aprontar para ele. Você sabe seu nome? - Ele subitamente se virou para Dwight e sua expressão fez

com que o homem recuasse de medo. - Você sabe seu nome? - ele repetiu, com raiva.

Um gemido vindo da cama chamou a atenção para Márcia. Em dois passos, Griff estava ao lado dela. Cauteloso com a agulha do soro que estava presa à sua mão, ele a pegou.

- Olá - disse ele, baixinho.

Os dois olhos estavam fechados com o inchaço, mas ela conseguiu abrir ligeiramente um deles com dificuldade. A adorável íris verde estava flutuando num lago vermelho vivo. Como não podia mover o maxilar para falar, ela mal conseguia emitir um som murmurante que vinha do fundo da garganta.

- Shh. - Ele se inclinou e beijou sua testa, quase sem deixar que seus lábios a tocassem, por medo de machucá-la. - Tire proveito dos remédios. Descanse. - Ele novamente a beijou na testa, depois se levantou e virou para Dwight, que estava junto ao pé da cama, fungando baixinho.

- Você ligou para a polícia? Dwight balançou a cabeça.

- Por que diabos não ligou?

- Ela não conseguia falar por causa de seu maxilar, mas ficou histérica quando eu mencionei ligar para a polícia. Acho… - Ele deu uma olhada por cima do ombro, para se assegurar de que ninguém estivesse entreouvindo. - Por conta de sua profissão, ela não queria a polícia envolvida.

- Mas você ligou para a emergência.

- Imediatamente. Os paramédicos estavam lá, em alguns minutos.

- Como explicou seu estado?

- Tenho uma escada circular em meu apartamento. Disse a eles que ela havia subido para usar o toalete e caíra quando estava descendo.

- E eles acreditaram nisso?

- Provavelmente, não. Mas deixaram por conta da equipe do pronto-socorro para chamar um policial. Ele também não acreditou na história da escada e insistiu para que Márcia identificasse seu agressor, escrevendo seu nome. Ela se recusou.

com um esforço limitado, Márcia apertou a mão de Griff. Ele voltou a se inclinar sobre ela e gentilmente ergueu uma mecha de cabelo, afastando-a de um curativo em seu couro cabeludo, onde o cabelo havia sido raspado para possibilitar algumas suturas.

- Quem foi, Márcia? Quem você ia encontrar depois de mim? Quase sem conseguir se mover, ela sacudiu a cabeça. E apertou

mais a mão dele, que percebeu que ela queria aproximá-lo para

ouvi-la falar. Ele abaixou bem, colocando o ouvido pouco acima de sua boca.

Quando ouviu a única palavra que ela sussurrou, ele deu um solavanco com a cabeça e olhou na fresta do olho que ela conseguia abrir. Ela o fechou por alguns segundos, para que ele soubesse que ouvira corretamente.

- Isso foi por minha causa? Ela assentiu.

A ira o percorreu. Suas veias incharam e pulsavam de ódio. Mas sua voz permaneceu notavelmente calma.

- Ele vai morrer. - Ele disse isso como um fato inequívoco, dizendo a ela que podia apostar. - Stanley Rodarte vai morrer.

Agora ele entendia por que ela se recusara a chamar a polícia. Rodarte teria deixado bem entendido que acusá-lo causaria uma reprise ainda pior do que a surra que ele já lhe dera.

O mais repugnante era saber que a única razão que Rodarte tivera para vitimar Márcia era mandar um recado para Griff. E ele fora bem-sucedido nisso. Griff entendeu o recado, em alto e bom tom. Rodarte ainda não terminara com ele.

Bem, sabe da maior, seu filho da puta, pensou Griff. Eu apenas comecei com você.

- Eu vou fazê-lo pagar por isso - ele jurou a Márcia, num sussurro. - Eu juro a

você.

Ela apertou sua mão. Ele novamente se debruçou até os lábios dela. Os sons embaralhados vinham do fundo de sua garganta, mas ela conseguiu se fazer entender em seu alerta.

- Cuidado com ele.

105

Capítulo 9

A LIGAÇÃO chegou cedo, numa manhã de segunda-feira, assim que ele acordou, mas antes de ter se levantado da cama. Virou-se para o lado, sonolento, pegou seu novo celular na mesinha de cabeceira e o abriu. - Alo?

- Sr. Burkett? Aquilo o acordou.

- Sim, sou eu.

Ela não se identificou. Não precisava.

- Hoje, à uma da tarde, estaria conveniente para o senhor?

- Uma hora? - Como se ele precisasse pensar a respeito. Como se pudesse ter um problema de agenda. Como se tivesse alguma outra coisa para fazer. - À uma hora está ótimo.

- O endereço é o seguinte. - Ela lhe deu um número da rua Windsor. - Anotou?

- Anotei.

Ela desligou. Griff fechou o telefone, depois ficou ali deitado, agarrado ao aparelho, agarrado ao fato de que eles realmente levariam isso adiante. Depois, ele se sentou como um raio. A dor nas costas o fez prender o fôlego. Ele arremessou o lençol, saiu da cama nu em pelo, foi cambaleando pelo apartamento até achar uma caneta e um papel para escrever o endereço. Estava certo de que já o gravara de cabeça, mas não ia arriscar.

Griff entrou no banheiro. Ficou em pé, junto ao vaso, e olhou para baixo, para si

mesmo, enquanto dizia:

- Nem pensar em ficar com medo do palco.

Como previsto, ele já passara no exame físico, com folga. A enfermeira o procurara após apenas dois dias. O relatório mostrava que seu eletrocardiograma estava normal, os pulmões eram limpos. A pressão arterial estava baixa, o colesterol e o PSA também.

Achava que isso tinha algo a ver com sua próstata. Ao contrário, sua contagem de espermas era alta. Excelente.

Ele colocara o relatório, junto com o número de seu celular, no envelope endereçado e selado que Speakman lhe dera para esse propósito e o deixara na caixa de correio mais próxima.

Isso havia sido duas semanas antes. Desde então, ele já se mudara para outro apartamento e já estava bronzeado.

Usando seu dinheiro recente, ele abandonara o lugar infestado de baratas e se mudara para um duplex. Viver estritamente de dinheiro vivo apresentou os problemas esperados. As sobrancelhas se levantaram quando ele assinou o contrato, mas a administração do condomínio aceitou o dinheiro sem fazer muitas perguntas. Seu novo apartamento não era no mais elegante dos bairros, pois esses demandariam cartas de referência e uma inspeção mais minuciosa, porém, estava a mundos de distância de onde ele estivera.

O condomínio tinha um portão de segurança, dependências bem cuidadas, uma academia e uma piscina - motivo de seu bronzeado. Depois de levar seus poucos móveis e montar um sistema de som e uma televisão de tela de plasma e alta definição (a melhor invenção de todos os tempos), ele não tinha muito mais a fazer, exceto malhar - foi durante um instante em que considerou o fato de ficar gordo - e ficar deitado na piscina.

Também ia ao hospital quase todos os dias para visitar Márcia e sempre lhe levava alguma coisa. Levara flores, até que a equipe de funcionários reclamou que o quarto estava parecendo uma estufa. Dwight, que provara ser um amigo firme e atencioso para ela, repreendeu Griff por não ser mais criativo. Então, um dia, ele levou-lhe um ursinho. No dia seguinte, levou um chapéu.

- É pra você usar até que saia daqui e possa fazer o seu cabelo ele disse a ela, cuidadosamente colocando-o sobre sua cabeça.

Ela ainda não conseguia falar, mas transmitia sua gratidão pelas visitas com expressão dos olhos. A essa altura, ela já podia dar pequenos passeios pelo corredor. Dwight se referia a um cirurgião plástico que, segundo a sua bem preservada clientela, era um génio. Após examinar Márcia, o cirurgião prometeu fazer coisas excelentes, mas disse que não poderia sequer começar até que ela sarasse totalmente.

Ela continuava ingerindo suas refeições por um canudo, e todas as vezes que Griff presenciava aquilo sua fúria ressurgia. Ele concluíra que Rodarte havia se dirigido à cobertura de Márcia imediatamente após aquele encontro na garagem. Esperando seu cliente, ela teria aberto a porta para ele. Rodarte a pressionou para obter informações sobre Griff e, quando ela não teve - e, na verdade, não podia - nada a dizer, ele tentou tirar algo dela, dando-lhe uma surra.

Do ponto de vista de Rodarte, aquela era uma missão fracassada, na medida em que ele não sabia os futuros planos de Griff até agora. Mas tivera a satisfação de aterrorizar e desfigurar uma bela mulher que era sua conhecida. O fato de saber que poderia se safar disso por conta da profissão dela era um bónus. Rodarte era um cara baixo nível, um debochado que se divertia em infligir a dor só por curtição. Gratificar sua veia cruel era a única motivação de que precisava.

Griff não podia pensar nisso sem ficar irado. Numa de suas visitas ao hospital, ele novamente mencionou o assunto de dar queixa de Rodarte à polícia, mas o medo e a angústia que preenchiam os olhos de Márcia o dissuadiram.

- Ele não vai sair ileso dessa - ele disse a ela. - Eu prometo a você.

Desde a agressão, não houvera mais qualquer sinal de Rodarte. Griff sabia onde encontrálo, mas não se atreveria a ir procurá-lo. Rodarte adoraria que ele aparecesse derrubando as portas, ameaçando um derramamento de sangue. Sem dúvida, esse era o tipo de reação negligente que ele esperava provocar.

Griff não daria a Rodarte a satisfação de jogá-lo novamente na prisão, nem desejava piorar as coisas para sua amiga, que estava sofrendo. Portanto, por ora, ele honrou os apelos de silêncio de Márcia e não buscou a retaliação.

Hoje, os pensamentos sobre Rodarte foram obscurecidos pela ligação de Laura Speakman. Depois de ter tido duas semanas para se preparar mentalmente para isso, Griff se surpreendera pela forma como estava nervoso. Para se distrair até a hora marcada, ele foi dar uma corrida de oito quilómetros, depois malhou com pesos na academia. Seu objetivo não era voltar a ter o tamanho da época em que jogava futebol, mas manter a forma esguia e forte que tinha agora.

Logo em seguida às sessões de peso, ele foi nadar na piscina. Mas, quando lhe ocorreu que excesso de exercícios podia prejudicar seu desempenho sexual, imediatamente parou.

Passou fio dental antes de escovar os dentes. Cortou as unhas das mãos. Colocou sua jaqueta esportiva Armani. Deixou o apartamento ao meiodia e meia. Chegou ao endereço indicado ao meiodia e trinta e sete. Tinha vinte e três minutos para matar.

A casa ficava numa área bem situada, com vigilância, onde os residentes estavam em alerta para gente ciscando e parecendo suspeita. Ele decidiu que seria melhor não esperar estacionado na rua perfilada por árvores, onde se encaixaria exatamente nessa descrição.

Em vez disso, seguiu pela entrada estreita da garagem e contornou até a parte de trás da casa, onde havia uma área coberta para estacionamento e um belo quintal sombreado por duas imensas árvores. Uma cerca privativa separava a propriedade das outras casas em ambos os lados.

Nesse bairro mais antigo, as pessoas estavam comprando as casas e as derrubando para reconstruir nos lotes cobiçados, ou fazendo reformas completas. Griff achava que ali se tratava dessa última opção, pois parecia que o espaço onde antes fora uma garagem agora era um cómodo. Mas tudo foi benfeito, e a casa manteve suas características e seu charme.

Ele havia comprado o Honda vermelho de Wyatt Turner. Não era o que queria dirigir, mas andava bem e ele imaginou que mostrar dinheiro em espécie para comprar um carro novo e chamativo

- pouco tempo depois de dar um depósito num duplex - levantaria todas as bandeiras vermelhas para seu agente de condicional, ao imposto de renda, ao FBI. Até seu advogado o olhou de forma suspeita quando ele perguntou quanto queria pelo carro, depois contou as notas de cem dólares para pagar. Turner não

perguntou como ele recebera o dinheiro. Griff não se ofereceu para dar a informação.

Agora ele estava com o motor do Honda ligado, para que pudesse manter o ar-condicionado funcionando. Tamborilava os dedos no volante e balbuciava, acompanhando a música country que tocava no rádio. O artista havia cantado o hino nacional na abertura de um dos jogos que os Cowboys haviam jogado em casa,

depois, a convite do dono, assistira aos quatro tempos do jogo na lateral do campo.

Depois de uma vitória fácil contra o Tampa Bay, ele pedira um autógrafo a Griff. Esse cara era um astro recente. Ganhara vários Prémios Grammy, mas ficou totalmente gago e hesitante ao estender o prospecto do jogo e uma caneta para Griff.

Hoje, o cantor nem mijaria em cima dele se ele estivesse pegando fogo.

Ele ouviu o carro dela chegando, acima do som do rádio e de sua cantoria. Desligou o Honda, respirou fundo, soltou o ar e saiu.

Seguiu pela entrada da garagem pela lateral da casa e chegou por trás dela, na pequena varanda, enquanto ela destrancava a porta da frente. Sentindo sua presença, ela se virou, surpresa. - Oh.

-Oi.

- Eu não sabia que você já estava aqui.

- Estacionei lá atrás.

- Oh - repetiu ela, depois rapidamente destrancou a porta e entrou na frente dele. Ela fechou a porta assim que ele passou pela soleira. Havia um pequeno hall de entrada que dava numa sala. As persianas estavam fechadas sobre as janelas grandes, portanto, a sala tinha pouca luz. Era uma sala basicamente quadrada, com uma pequena lareira no centro da parede, chão de madeira e móveis comuns.

Ela tirou a alça da bolsa do ombro e a segurou junto ao peito, como se parecesse temer que ele pudesse arrancá-la dela.

- Achei que chegaria aqui antes de você.

- Não moro longe.

- Compreendo.

- Algumas milhas. Cheguei antes do que esperava.

- Estava esperando há muito tempo?

- Não muito. Mas não está atrasada. Está no horário.

Durante essa conversa brilhante, ela havia ajustado o termostato na parede. O ar fresco começou a entrar pelas saídas no teto. Griff ficou grato por isso. Ele havia começado a transpirar. Queria tirar a jaqueta, mas achou que ela poderia interpretar algo sugestivo diante da remoção da peça de roupa, qualquer peça de roupa. Como ele não tinha a menor ideia de como isso deveria transcorrer, imaginou que deveria acompanhá-la, apesar do fato de que isso implicaria em suar um pouco.

Ela estava vestida para ir ao escritório. Usava um conjunto preto, mas o tecido era leve, de verão. Linho, ele supunha. A saia ficava logo acima dos joelhos, o blazer era justo na cintura. Por baixo, havia uma blusa cor-de-rosa que pendia sobre o peito e parecia macia. As mesmas jóias de antes. SanDálias pretas de salto alto. As unhas dos pés estavam pintadas de marfim perolado.

Ele havia notado tudo isso enquanto seguia atrás dela na varanda. Não se atrevia a inspecioná-la agora, pois ela estava esticada como o cabo de uma tecla de piano, toda profissional. Se ela tivesse um aviso de NÃO TOQUE tatuado na testa, isso não deixaria mais clara a forma como ela se sentia por estar a sós com ele.

- Ali dentro tem algumas revistas. - Ela apontou para um armário no canto. - E uma televisão com… vídeos. - Simultaneamente, os dois olharam para as portas fechadas do armário, depois de volta um para o outro.

- Está bem - disse ele.

- Dê-me alguns minutos. Depois, quando estiver pronto, eu estarei no quarto.

E ao dizer isso, ela atravessou a sala, entrou pelo corredor, seguiu até o fim, entrou num quarto e fechou a porta.

Bem, pelo menos agora ele sabia como ia ser. Eles iam fazer o negócio feito porco-espinho.

Ele tirou a jaqueta e a dobrou sobre o encosto de uma poltrona. Foi até o armário e abriu as portas duplas. Lá dentro havia um tesouro em pornografia. Ele deu uma olhada na pilha de revistas. Uma imensa variedade de possibilidades. Algo para todos. A mesma coisa com a coleção de vídeos.

Quem havia feito esse estoque?, pensou ele. Foster? Ela? De alguma forma, ele não conseguia imaginá-los visitando uma loja pornográfica da pesada à procura de algo para excitá-lo.

- Do que acha que ele irá gostar, querido? Dupla de gémeas ou Sarro europeu?

Talvez eles tivessem mandando Manuelo para realizar essa tarefa; uma das revistas era em espanhol. Talvez Manuelo se ligasse em pornô. Talvez esse fosse o motivo daquele seu sorriso vago.

111

Griff reconheceu o que realmente representava a sua meditação: estava enrolando.

Ele foi caminhando até a cozinha e aos fundos da casa. Havia garrafas de água e seis latas de Coca diet, na geladeira. Ele pegou uma garrafa dágua abriu a tampa e bebeu um pouco e foi até a ex-garagem, que agora era um salão de inverno, embora não entrasse muita luz do sol através das cortinas fechadas. A casa estava tão lacrada quanto a sra. Speakman.

Ele voltou à sala e se sentou no sofá, de frente para o armário. Tirou as botas, remexeu os dedos dos pés e tentou dizer a si mesmo que estava confortável e relaxado. Voltou a olhar as revistas, e as fotos brilhosas das capas deram um ponto de partida no negócio. Mas, ao resolver que preferia sua própria imaginação, ele colocou as revistas de lado, puxou a bainha da camisa pra fora e desabotoou seu jeans.

Recostou nas almofadas do sofá, fechou os olhos e relembrou a noite em que estivera com Márcia. Mas as imagens eróticas foram instantaneamente apagadas e substituídas por aquelas em que ela estava deitada em sua cama de hospital, parecendo ter saído de uma zona de guerra.

Merda!

Antes que perdesse o que já tinha, ele tentou pensar em alguma coisa que o mantivesse em pé. O que poderia ter aguçado sua curiosidade ultimamente? Essa busca mental só levou alguns segundos, mas era para valer. Ele ficou instantaneamente excitado.

Ele bateu na porta fechada.

- Pode entrar.

Ele abriu a porta e entrou no quarto. Estava totalmente mobiliado, embora mais tarde ele não conseguisse se lembrar de porcaria nenhuma, exceto do lençol claro que a cobria até a cintura. Ela estava deitada de barriga para cima, com um travesseiro embaixo da cabeça e as mãos enlaçadas sobre a barriga. Ainda estava com a blusa rosa, e ele podia ver o pedacinho da alça de um sutiã, em seu ombro.

E embaixo do lençol?

Seu blazer e a saia estavam dobrados numa cadeira. Os sapatos estavam ao lado da cama.

E a calcinha? com ou sem?

De qualquer forma, ele estava contente por ter seguido sua intuição e ter ficado de roupa. Obviamente, ficar nu não fazia parte do programa.

Mas, por necessidade, seu jeans estava desabotoado. O olhar dela naquela região foi tão passageiro que ele se perguntou se o que ela teria visto havia sido registrado, antes que ela olhasse em direção ao teto e fixasse o olhar num ponto de lá.

Ele caminhou até a lateral da cama e deu as costas. Ela não disse nada, nem ele. Ele tirou o jeans, mas ficou de cueca. Por medida de segurança - literalmente -, ele discretamente se apertou por cima da cueca e sentiu uma gota de umidade

molhar o tecido. Depois, continuando de costas para ela, ele levantou o lençol e se deitou embaixo. Sentiu-se ridículo ao puxar o lençol por cima das pernas, mas puxou.

Ele ficou ali deitado de barriga para cima, também encarando o teto, por trinta segundos ou mais. Mas isso matava o clima, sem mencionar o risco em que colocava sua habilidade de fazer uma criança.

Ele se virou de lado para ficar de frente para ela. Ela não falou nada, nem piscou. Mas abriu as pernas. A que estava mais próxima encostou nele. A parte externa de sua coxa recostou sobre a dele. Apenas aquele contato de pele lhe deu o poder de fixação.

Ele chegou mais perto dela, se posicionou entre suas pernas e puxou a cueca abaixo dos quadris. Ela ergueu os joelhos, não de uma forma particularmente convidativa, mas ao menos eles estavam anatomicamente posicionados para ter relações sexuais. Ele encostou onde deveria encostar.

O coração dele estava disparado. Sem calcinha. Somente… ela.

Ela virou a cabeça para o lado e fechou os olhos.

O que o deixou com raiva. Era certo que isso seria estranho. Até difícil. Mas, até agora, ela não fizera nada para facilitar. Enquanto ele estava lá fora, pensando em sacanagem para se sentir excitado, o que ela ficou fazendo? Obviamente, nada. Masturbação provavelmente não estava em seu vocabulário, mas será que ela não poderia ter feito algo para se tornar mais receptiva? Se não por ele, então, por ela mesma. Será que não podia erguer um pouquinho os

quadris? Se movimentar à frente, ou para trás? Pegar nele e guiá-lo até o caminho de casa? Alguma coisa?

A única coisa que ela fez foi virar o rosto.

Quanto mais ele pensava a respeito, mais zangado se tornava. Isso tinha sido ideia dela, não dele. Ela não queria conversar antes? Tudo bem. Ele não precisava mesmo conversar com ela.

Ela queria fazer isso de roupa? Por ele, tudo certo.

Nada de preliminares? Quem precisava? Ele, não.

Ela queria virar a cara, como se estivesse prestes a ser sacrificada ou algo assim? Então, ela que lidasse com as coisas do jeito como preferisse.

Queria ficar deitada, dura como uma tábua? Ótimo.

Mas não estava ótimo, porque logo ficou aparente que ele não poderia penetrá-la sem machucá-la, e a ideia de machucá-la…

- Apenas faça - disse ela. Então, ele fez.

Depois disso, a biologia e os instintos primitivos assumiram o controle. A resistência apertada apenas o compeliu a empurrar com mais força, mais fundo. Ele fechou os olhos, mas somente porque não conseguia suportar ver a careta que ela fazia. Isso foi o que ele disse a si mesmo. Ele tentou esvaziar a mente de todos os pensamentos, exceto o dinheiro que teria.

É isso, pense no dinheiro. Não pense nela. Não pense em qual é a sensação que isso dá… nem em como é apertado. Merda! Não pense em apertado. Não pense… ah, que inferno…

com um longo gemido, ele se esvaziou, depois esqueceu as regras e desmoronou sobre ela. Seu rosto continuou pressionado junto ao travesseiro, perto da cabeça dela, com suas mechas de cabelo junto ao seu nariz, até que ele conseguisse recuperar o fôlego.

Ela não se mexeu quando ele se ergueu e recuou. Só ficou ali deitada com o rosto virado para a parede, de olhos fechados, com uma ruga vertical entre as sobrancelhas. Ele saiu da cama, vestiu a cueca, depois o jeans. Quando terminou de abotoar e afivelar o cinto, olhou por cima dos ombros. Ela havia abaixado os joelhos. O lençol fora puxado novamente até a cintura. Ela ficou deitada, com um antebraço sobre os olhos.

- Você está bem? Ela só assentiu.

Ele ficou ali, sentindo-se culpado, embora não soubesse o motivo. Sentiu-se da mesma forma com que ocorrera, uma vez, quando Ellie o pegou roubando uma

nota de dez dólares de sua carteira, depois disse que ele podia ficar com o dinheiro. Ele abriu a boca para dizer alguma coisa, mas parou. Depois, finalmente, disse:

- Olhe, você me disse para…

- Estou bem, sr. Burkett. - Ela baixou o braço e abriu os olhos, mas não olhou na direção dele. - É que aumenta minha chance de conceber, se eu ficar aqui por meia hora ou mais. Só isso.

- Ah. Então, está tudo bem?

- Sim.

Ela não lhe agradeceu. Certamente, não parecia apropriado que o fizesse.

Ela estava vestindo o blazer quando entrou na sala. Ao vê-lo no sofá, ela parou, chocada por encontrálo ali. Analisando sua expressão, ela não ficou nem um pouco feliz com isso. Enfiou o braço na manga, ajustando o blazer no lugar com força.

- Por que você não foi embora? Ele se levantou.

-Eu…

- A essa altura, você já deveria ter partido. -Eu…

- Não deveria ter esperado, sr. Burkett. - A voz dela parecia um pano rasgando. Ou ela estava furiosa, ou prestes a ter um ataque histérico. Ele não tinha certeza, mas essa foi a maior demonstração de emoção que ele já vira por parte dela. Suas bochechas estavam vermelhas. A dama de postura calma e controlada estava em vias de perder a cabeça. - Por que simplesmente não foi embora?

Ele disse, baixinho:

- Seu carro está bloqueando o meu.

Num instante, a postura dela mudou, passando de rígida a hesitante. Ela soltou o ar lentamente, tocou a testa com as pontas dos dedos, depois as bochechas flamejantes com as costas das mãos, parecendo constrangida.

-Oh.

- Eu mesmo o teria tirado, mas não estava com as chaves.

115

Ele gesticulou em direção à bolsa dela. Ela olhou abaixo, para onde as chaves estavam penduradas na lateral.

- Certo. - Depois, reassumindo a postura de mulher de negócios centrada, ela disse: - Peço desculpas por tê-lo feito esperar.

- Sem problemas.

- Deveria ter vindo me dizer.

- Se ajuda ficar deitada depois… sabe… Eu não me importei em esperar um pouquinho. A finalidade de tudo isso é fazê-la engravidar.

Ela concordou, depois consultou seu relógio de pulso.

- Preciso ir, vou chegar atrasada a uma reunião. Pode desligar o termostato, por favor?

- Claro.

- Apenas bata a porta depois de sair. Ela tranca. Entrarei em contato de uma forma ou de outra.

Ela saiu correndo, e sua pressa em partir o deixou irritado. Ele resolveu que não diria nada. Se fosse inteligente, não diria. Mas…

- Fiquei pensando no motivo para que concordasse com isso, sra. Speakman.

Já na metade do caminho da porta de entrada, ela parou, virou-se, olhou para ele.

- Sabe o motivo, sr. Burkett. Eu quero um filho.

- Mas isso? - Ele deu um tapinha na própria braguilha e gesticulou para a genital dela. O gesto causou um frisson em sua expressão calma. O rubor voltou parcialmente às suas bochechas. Ele foi até ela, parando apenas a alguns passos

de distância. - Depois de conhecer vocês dois, eu quase pude compreender seu marido.

- Sua compreensão não é importante para nós. Nem necessária.

- Está bem. Digamos que eu quisesse entender pela minha própria paz de espírito. Seu marido é excêntrico, talvez até completamente maluco, mas, vendo por esse ângulo de ter um filho herdeiro, a partir da perspectiva de um homem rico, eu meio que entendo. Meio. - Ele balançou a cabeça, franzindo o rosto de perplexidade. - Mas a senhora, simplesmente não consigo compreender.

- Então, não se incomode em tentar.

Ele deu mais um passo se aproximando, deixando-a desconfortável e tendo essa intenção, pois no quarto ela o fizera se sentir como o vândalo saqueando a virgem da vila.

- Por que, eu perguntei a mim mesmo, sua anuência em fazer um bebé dessa forma? - Os olhos dele prendiam os dela. Ele baixou o tom de voz. - E agora eu sei.

Friamente, ela disse: -Agora?

- Agora que sei por que seu marido está naquela cadeira de rodas.

Eu consigo fazer isso, Laura dizia a si mesma ao entrar na sala de reunião. Todos já estavam lá. Ela seguiu até a cabeceira da mesa.

- Desculpem pelo atraso.

- Prometemos não contar a Foster - disse um dos diretores de departamento.

- Obrigada. Todos nós sabemos que a pontualidade é uma religião para ele.

- Almoço longo? - alguém brincou.

A mão dela tremeu ligeiramente ao pegar a jarra de água.

- Não, só uma tarefa que demorou mais do que eu esperava.

A tarefa não tinha demorado tanto. Sua recuperação era que tinha. Ela se

perguntava como as mulheres que mantinham casos extraconjugais no meio do dia completavam suas tardes com algum nível de compostura. Ela estivera certa de que, quando regressasse ao seu escritório, Kay, sua assistente, a olharia acusadora e diria: “Você acaba de fazer sexo.”

Mas, aparentemente, não havia sinais visíveis de como ela passara seu horário de almoço. Kay a tratara como sempre fazia, lembrando-a, eficientemente, da reunião ao lhe entregar uma pilha de recados telefónicos por ordem de prioridade.

Para todos os outros, essa era uma segunda-feira comum. Para Foster, era um dia de importância monumental. Para ela, um dia de substancial ambiguidade. Foster estava passando o dia em casa. Ela não podia se dar a esse luxo. Tinha de enfrentar essa assembleia de líderes corporativos quando, menos de uma hora antes, estava fazendo sexo com um estranho.

Sim, era estritamente com o propósito de procriar, e, sim, ela o fizera com a bênção do marido, e, sim, em nome do futuro que teriam juntos, ela poderia fazer isso novamente, até que eles fossem bem-sucedidos. E ela o faria.

117

Ela deu um gole em seu copo dágua, depois sorriu para toda a mesa de reunião.

- Quem vai falar primeiro?

- Eu - disse o homem encarregado das bagagens. - Infelizmente, nós tivemos um incidente em Austin, e Foster não vai gostar disso.

Foster ainda era muito presente, mas, ultimamente, ela o substituía em algumas das reuniões executivas. O trajeto diário até o escritório, por mais curto que fosse e com Manuelo para facilitar as coisas, provara ser excessivo. Portanto, Foster limitara seus dias no escritório apenas a duas idas semanais. Nos dias em que era imprescindível que os diretores se reunissem, Laura presidia. À noite, ela lhe passava as informações sobre o que fora discutido.

Em apenas alguns anos, ela deixara de perguntar aos passageiros “Café ou chá?” para ser a substituta do presidente. Quando Foster a contratara para ocupar o lugar de Hazel Cooper, sua transição à diretoria foi tranquila. Durante anos, ela havia se preparado para tal posição. Era o que aspirava a fazer e, ao lhe darem a

oportunidade, acreditava estar apta aos desafios.

Mas, quando o perfil de seu cargo se expandiu, incluindo lidar com um marido deficiente, assim como assumir muitas de suas responsabilidades corporativas, a transição não foi tão suave. Até aquele ponto de sua vida, Laura tinha resistido ao fato de delegar qualquer responsabilidade. Agora, não tinha escolha. Tarefas menores, que insistia em fazer, tiveram que ser passadas a subordinados.

Mesmo assim, a maior parte da carga de trabalho continuava sendo sua, pois as tarefas que fazia para Foster não poderiam ser transferidas para qualquer outra pessoa. Somente ela poderia realizá-las, pois Foster exigia que fossem feitas numa determinada ordem, de um jeito específico. Do jeito dele, que era bem mais meticuloso do que de qualquer outro. A insistência que ele tinha quanto à perfeição restringia o tempo dela.

Porém, independentemente do quanto sua agenda se tornasse difícil, ela se recusava a se dobrar. Desistir ou mesmo relaxar não eram opções. Ela estava fazendo o que deveria ser feito e continuaria a fazê-lo.

No entanto, começava a temer o impacto que a maternidade teria no equilíbrio cuidadoso que vinha mantendo. Como é que ela

poderia ser mãe em tempo integral, o que gostaria de ser, sem prejudicar seus deveres de esposa, de diretora de departamento e substituta do presidente? A perspectiva de lidar com essa responsabilidade adicional era assustadora. Mas, se - quando - se visse forçada a enfrentá-la, ela o faria.

Presentemente, havia outras questões demandando sua atenção, tais como essa, envolvendo a bagagem.

- Que tipo de incidente? - ela perguntou ao diretor do departamento.

- O pior. Malas roubadas.

- Você está certo. Foster não vai gostar disso. Quais são os detalhes?

A explicação foi extensa e envolveu todos ao redor da mesa. Laura tentou se concentrar no que estava sendo dito, mas sua mente divagava. Sua habilidade de concentração simplesmente não estava ali. Ela a deixara para trás, naquela casinha da rua Windsor, junto com sua dignidade.

Por que, perguntei a mim mesma, por que concordar em fazer um bebé dessa forma?

- Laura?

Ela voltou a mente ao negócio à sua frente. Todos a olhavam e ela imaginou quantas vezes teria sido chamada antes de perceber.

- Sinto muito, minha cabeça divagou por um momento.

A pergunta foi repetida. Laura respondeu. A reunião continuou. Embora ela não estivesse inteiramente sintonizada, não voltou a ser flagrada por falta de atenção. Mas, assim que surgia um ponto que poderia ser convenientemente adiado, ela o fazia.

- Continuaremos o restante na próxima reunião, está certo? Tenho uma agenda terrível essa tarde.

À medida que os outros iam saindo, ninguém parecia especialmente curioso quanto à sua mente distraída, ou o súbito adiamento. Joe McDonald parou a caminho da porta.

- Dia difícil?

- Mais difícil que a maioria.

- Talvez isso a anime. - De trás das costas, ele tirou um imenso envelope branco e, com um floreio, o colocou em cima da mesa, diante dela. - Tchã-nã!

- O que é isso?

-Seu bebé.

- Meu o quê?

- É… - Obviamente surpreso pela reação dela, ele disse: - O que quero dizer é que você está esperando por isso há muito tempo. Dê uma olhada.

Depois de se recuperar das palavras que ele escolhera, ela abriu o envelope e puxou seu conteúdo, que deslizou sobre a mesa. Era uma arte final do novo e

inconfundível logotipo da SunSouth na fuselagem de um jato da empresa.

- Oh, meu Deus! - exclamou Laura. - Ficou ótimo, Joe! Realmente maravilhoso!

Ele prendeu os polegares nos suspensórios.

- Achei que você ia gostar.

- Gostar? - disse ela, incapaz de conter sua empolgação. - Eu adorei. - Ela correu os dedos sobre o trabalho de arte que exibia as palavras impressas no avião. “SunSouth Select.”

Joe estava radiante.

- Como eu disse, seu bebé.

Capítulo 10

JOE A DEIXOU, e Laura decidiu aproveitar a solidão da sala de reunião. Continuou sentada na poltrona de couro de encosto alto, à cabeceira da mesa - a mesma em que Foster estivera sentado, na primeira vez que ela o viu -, e novamente olhou o logo de quatro cores no jato lustroso.

SunSouth Select era um conceito que vinha sendo trabalhado havia mais de um ano. Era um serviço inovador para o passageiro que viajava a negócios, e ela pretendia implementá-lo antes que algum concorrente fizesse algo semelhante. Ela queria que a SunSouth fosse inovadora, não imitadora.

Joe pareceu surpreso com o fato de que Foster ainda não tivesse visto sequer uma sílaba. Laura teve que trabalhar naquilo durante meses, e, quando estava concluído, Joe imaginou que houvesse sido levado diretamente para Foster.

- Não - ela lhe disse. - Quero que a SunSouth Select seja uma surpresa. Quero apresentá-la como um pacote completo.

- Quer ter todos os patos enfileirados.

- Exatamente. E ainda estou esperando algumas análises de mercado e projeções

de custos. Quando estiverem prontas, e eu tiver uma chance de analisá-las, vou mostrar o planejamento inteiro a. ele.

Isso não era algo habitual. Antes, ela e Foster sempre trabalhavam em conjunto. Raramente um deles dava um passo sem que o outro soubesse a respeito. Embora fosse verdade que ela o quisesse surpreender com uma proposta completa, também era verdade que, quando o fizesse, queria toda a sua atenção. Ela não tinha isso havia meses. Ele andara preocupado em encontrar o homem que geraria o filho deles.

Ele pensava e falava a respeito de poucas coisas além disso. Todas as conversas incluíam ao menos uma referência a um filho ?121

e sua concepção. Agora esse era o assunto predominante de suas vidas. Se ela engravidasse, sabia que Foster se tornaria um especialista em cuidados pré-natais, dietas, exercícios. Ele passaria horas pesquisando e tentando memorizar cada aspecto da gravidez. Não havia dúvida de que teria gráficos para acompanhar o desenvolvimento do filho diariamente.

Certa vez fora mencionado na Business Week que ele dissera que o sucesso da companhia aérea devia-se à sua DOC - disfunção obsessiva compulsiva. O entrevistador achou que ele estivesse brincando. Ele não estava.

Ele havia sido diagnosticado quando adolescente, embora tivesse demonstrado os sintomas ainda na infância. Seus pais achavam que suas compulsões fossem compatíveis com sua mente brilhante e nem um pouco preocupantes. Mas, quando essas compulsões começaram a interferir nas funções normais e na vida do dia a dia, seus pais procuraram ajuda psiquiátrica.

Foster passou a utilizar medicação para manter a disfunção sob controle. No entanto, ele não ficou “curado” e, de uma forma bem real, sua obsessão era, de fato, responsável por sua atenção fanática aos detalhes, consequentemente ao sucesso extraordinário da SunSouth.

A menos que o clima fosse proibitivo, decolagens e pousos atrasados não eram tolerados na SunSouth Airlines. Cada saquinho de amendoim continha exatamente a mesma quantidade. Um a menos, o cliente havia sido roubado. Um a mais, custava o dinheiro da empresa.

As comissárias de bordo e os pilotos não podiam alterar seus uniformes, nem

mesmo usando abotoaduras não regulamentadas, nem um tom de meia-calça que não tivesse sido previamente aprovado.

Se tivesse menos carisma, a obsessão de Foster teria incitado motins em seus subordinados. Porém, pessoalmente, ele tinha um poder tão forte de desarmar que isso era tolerado. A maioria encarava como diversão, em vez de impaciência. Ele era até provocado a respeito. Era um tipo de idiossincrasia inspiradora. E ninguém, nem mesmo seus críticos mais sérios, podiam argumentar em relação ao seu sucesso.

Laura tinha, no entanto, uma perspectiva diferente em relação à disfunção de Foster, pois ela convivia com isso. Ela o encobria para que isso se tornasse menos perceptível em meio aos colegas. Só ela sabia o quanto isso governava a vida dele. Cada vez mais, ao que parecia. Suas compulsões eram uma parte integral dele. Por amá-lo, ela as aceitava e tolerava. Mas isso havia sido mais fácil antes. Antes.

Laura se levantou e caminhou até a janela, esfregando os braços para afastar o frio do ar-condicionado. Abriu um pouco as persianas e olhou pelas frestas, vendo o trânsito aumentando na via expressa. Um jato da SunSouth seguia a oeste, minutos após a decolagem. O voo de 15:45 para Denver, ela pensou, automaticamente.

Ficou observando enquanto o jato subia, o sol refletindo em sua fuselagem prateada, fazendo com que seus olhos doessem com a luz ofuscante que refletia. Logo ela percebeu que eles doíam, no entanto, pela necessidade de chorar. Recostando a cabeça junto à moldura da janela, ela os fechou com força, lutando contra as lágrimas. E sussurrou:

- Eu quero a minha vida de volta.

Foster havia esperado um ano, depois da morte de Elaine, até convidar Laura para sair. Inicialmente, Laura não interpretara o convite corretamente, acreditando que ele a tivesse convidado para acompanhá-lo a um evento beneficente de gala por motivos profissionais. Mas, quando várias dúzias de rosas brancas foram entregues em seu apartamento, antes que ele fosse buscá-la, ela começou a achar que talvez houvesse mais coisa. Indubitavelmente, a ideia a deixou fervilhando por dentro.

Até o final da noite, não houvera dúvidas de que fora um encontro romântico. Se

Foster tivesse pedido a qualquer outro executivo que o acompanhasse - o diretor financeiro, por exemplo ele não teria pegado suas duas mãos e beijado seu rosto para dar boa-noite.

Suas saídas noturnas se tornaram mais frequentes. Havia os jantares juntos, após o trabalho, as tardes de sábado, velejando no lago, e os jantares de domingo, quando ela cozinhava em sua própria casa. Laura frequentava as partidas de polo que ele disputava, e Foster não tinha nenhuma cerimónia quanto a beijá-la na frente de seus colegas de time após uma vitória. Ela passou a ser sua companhia permanente em jantares e eventos públicos. Começou a

recusar outros convites, até mesmo os de seu amigo dos jogos de ténis, que a provocava falando de seu novo namorado.

Ela não podia dar um título frívolo como esse a Foster Speakman, mas, longe do escritório, ele agia como um. Quanto mais tempo a sós eles passavam, menos inocentes se tornavam os abraços. Ela começou a pensar muito nele, em seu sorriso, seus olhos, seus gestos. Via-se sonhando acordada com ele, diferentemente do que ocorria com outros homens, inclusive na sua adolescência. Ela sempre gostara da vida social ativa. Tivera um número generoso de namorados e amantes suficientes para ter confiança em sua sedução, mas não chegava a ser um número grande o suficiente para deixá-la constrangida.

Mas dentre eles não havia ninguém fora do comum, não houvera nenhum rompimento que a deixara de coração partido, nenhuma tentativa quase bem-sucedida. Porque cada relacionamento que tivera, desde a primeira saída de carro até o último homem com quem dormira, passara por uma pré-qualificação. Não podia interferir em sua ambição.

Isso agora a deixava num enigma com Foster. Por causa das implicações profissionais, nenhum dos dois reconhecia a intimidade crescente e o desejo de terem mais. Os beijos e carícias os deixavam febris e frustrados, mas cada um deles estava determinado a preservar o relacionamento profissional.

Numa noite, quando estavam aconchegados no sofá, na sala dela, assistindo a um filme na televisão, ele subitamente pegou o controle remoto e desligou.

- Obrigada - disse ela. - Eu também estava tendo dificuldade de me concentrar no filme.

- Eu amava Elaine com todo o meu coração, Laura. Reconhecendo a seriedade de seu tom, ela se sentou ereta e

olhou em seu rosto.

- Sim, amava. Eu sei disso.

- Se ela tivesse sobrevivido, eu a amaria para sempre.

- Eu não duvido disso.

- Sempre louvarei sua lembrança e os anos que passamos juntos. Nada disso foi uma surpresa para Laura. Ela os vira juntos em

inúmeras ocasiões após aquela primeira vez na casa deles. Era óbvia a forma como eles se amavam profundamente. Desde a morte de Elaine, Foster a homenageara com uma fundação para angariar fundos destinados à pesquisa da leucemia. Ele não era só de falar e assinar cheques, mas também um árduo defensor e angariador de fundos. Tanto na morte, quanto em vida, Elaine era uma parte vital dele.

Ele acarinhava o rosto de Laura.

- Mas Elaine não está mais aqui. Você está. E eu estou apaixonado por você.

Ele passou aquela noite com ela. E também passaram juntos a maior parte das noites seguintes. No escritório, eles continuavam como sempre haviam feito, desempenhando suas funções individuais, se portando de forma profissional, tratando um ao outro sem nada de diferente da forma como tratavam seus colegas. Estavam confiantes de que ninguém sabia sobre seu relacionamento pessoal, porém, mais tarde, Laura descobriu que eles só estavam enganando a si mesmos. Todos sabiam.

Numa manhã, ela entrou no escritório dele sem ser anunciada e colocou um envelope em sua mesa.

- O que é isso?

- Minha demissão.

Ele se esforçou para conter um sorriso.

- Não a estamos pagando o suficiente? Você recebeu uma oferta melhor?

Ela se sentou na cadeira em frente à mesa dele.

- Foster, durante as últimas quatro horas eu vivi os momentos mais felizes de minha vida. E também os mais infelizes.

- Bem, espero que quando estava comigo tenha sido a parte feliz.

Ela o olhou ternamente.

- Você sabe o quanto fico feliz em estar com você. Mas o segredo faz com que isso pareça…

- Sórdido?

- Sim. E vulgar. Estou dormindo com meu chefe. Como uma mulher de carreira, e eu não gosto do que isso dá a entender a meu respeito. Não gosto da conotação que meus colegas de trabalho fariam a respeito. Não quero abrir mão de meu trabalho. Foi algo pelo qual trabalhei muito duro. Você sabe o quanto o adoro.

“Mas eu não tenho como abrir mão de você - continuou ela, com a voz ficando rouca de emoção. - Entre os dois, eu o amo mais do que amo meu trabalho. Então… - Ela gesticulou em direção ao envelope sobre a mesa. - Eu preciso deixar a SunSouth.”

Ele pegou o envelope, olhou-o, virando-o de um lado para outro, como se estivesse olhando seu conteúdo.

- Ou - disse ele - você poderia se casar comigo.

Elaine Speakman abrira um precedente ao fazer parte do quadro diretor, portanto, ninguém bradou nepotismo. De qualquer forma, ninguém ia querer fazer isso. Quando Foster e Laura anunciaram seus planos aos outros executivos

e membros do quadro diretor, a única discussão foi a data em que seriam realizadas as núpcias e se eles pegariam um jato da SunSouth para partir em lua de mel.

Se houve alguma conversa quanto a ela se casar com Foster por seu dinheiro, ou alguma razão de interesse pessoal, Laura nunca ficou sabendo. Mesmo que tivesse ouvido falar sobre boatos desse tipo, ela teria ignorado. Embora alguns tivessem encarado o que aconteceu como uma história de Cinderela - foi mencionado nessas exatas palavras numa coluna de jornal -, ela sabia que seu único motivo para se casar com ele era por amá-lo profundamente. Ela não se incomodaria pelas conjecturas de gente cruel.

O casamento deles teve uma vasta cobertura da imprensa, embora não houvesse fotografias acompanhando as histórias. Eles mantiveram o casamento em si bem privativo, apenas com seus amigos mais íntimos comparecendo à cerimónia numa capela e ao jantar que veio a seguir.

Foster chegou a falar que se mudaria da propriedade de sua família, mas Laura percebeu o sacrifício que isso representaria para ele. Ele adorava a casa da família e a abraçou fortemente quando ela disse que também a adorava e que era ali que eles deveriam ficar e construir suas vidas juntos.

Laura se mudou para lá, modificando bem pouca coisa quanto à decoração de Elaine. Assim como sua riqueza, o amor de Foster por Elaine era apenas outro de seus aspectos. Laura não se sentia ameaçada pela lembrança da esposa falecida, nem tampouco intimidada pela sua fortuna.

Foster teria preferido que ela tivesse engravidado na época em que eles regressaram da lua de mel, em Fiji. Quando ela fez objeção, ele a provocou por conta de seu relógio biológico.

- Eu tenho trinta e um anos! - exclamou ela.

Ele encostou o ouvido na parte inferior de sua barriga.

- Mas eu posso ouvir o tic-tac.

Mesmo assim, ela pediu tempo para que pudesse ser esposa antes de se tornar mãe. Mais tarde, essa decisão pareceu terrivelmente egoísta e algo de que ela sempre se arrependeria.

Naquele primeiro ano, eles se mantiveram ocupados com a companhia aérea que florescia e a adaptação à vida de casado. Embora Laura viesse a descobrir que "adaptação" era um conceito estrangeiro para seu marido. O homem jamais descansava. Quanto mais tinha a fazer, mais coisa ele fazia. Era incansável, um incessante gerador de energia. Tinha a ética profissional de um troiano, mas também era adepto de la dolce vita. Seu entusiasmo pela vida era contagiante. Laura se deleitava com o rodamoinho da vida que eles tinham.

Foster usava a mídia em seu favor, regularmente provendo informações sobre a companhia aérea, mesmo quando não havia o que informar, para que a SunSouth continuasse na mente do público. Seu nome, junto com o de Laura, figurava frequentemente nas seções de negócios dos jornais.

Eles receberam uma cobertura nacional das revistas quando jogaram uma partida de duplas de ténis com o presidente e a primeira-dama. O programa de televisão 20/20 fez um segmento sobre eles, mencionando como a equipe conseguira, apesar dos contras da indústria, reerguer a companhia aérea falida. Eles participaram do programa Good Morning América para falar sobre a Fundação Elaine Speakman e as pesquisas médicas que vinham sendo custeadas.

As colunas de fofoca que quiseram mencionar que Laura queria dar o golpe do baú em breve estavam ressaltando sua inteligência, sua perspicácia nos negócios, seu gosto impecável e charme sem afetação. Os Speakman se tornaram os queridinhos das colunas sociais locais, e suas fotografias começaram a figurar regularmente como anfitriões, convidados ou patrocinadores de um evento após

o outro.

Ao deixarem um desses eventos, uma decisão tomada mudaria para sempre o curso de suas vidas.

Era terça-feira à noite. Eles haviam participado de um jantar para um notável cidadão de Dalas. O hotel onde o jantar se realizara e a propriedade dos Speakman ficavam separados por apenas cinco quilómetros de ruas urbanas.

Quando o manobrista trouxe o carro de Foster, Laura deu a volta e seguiu para o lado do motorista.

- Você brindou com ele mais que eu - disse ela.

- Estou bem para dirigir.

- Por que arriscar?

Ela se sentou ao volante. Ele se sentou no banco do carona. Conversavam sobre a agenda do dia seguinte. Ela acabara de lembrá-lo de uma reunião da próxima tarde.

- Tenho um dia movimentado - ele frisou. - Alguma chance de que possamos mudar isso?

Então, tudo mudou.

O motorista de um caminhão de entregas avançou um sinal vermelho, um erro que lhe custou a vida. Por não estar de cinto de segurança, ele foi lançado através do parabrisa.

De outro modo, talvez ele tivesse que ser retirado das ferragens, como ocorrera com Foster. A cabine do caminhão se fundiu ao lado do banco do carona do seda de Foster. Os trabalhadores de resgate levaram quatro horas para cortar as ferragens e removê-lo.

Laura ficou inconsciente pelo impacto. Ela voltou a si na ambulância e seu primeiro pensamento foi o marido. Sua histeria crescente preocupava os paramédicos que a socorriam. Eles responderam honestamente:

- Não sabemos quanto ao seu marido, senhora.

Foram horas agonizantes, antes que lhe dissessem que ele estava vivo, mas seu estado era grave. Depois, ela descobriu que ele passou por uma cirurgia de emergência, para sanar lesões internas que estavam causando hemorragias que ameaçavam sua vida. Pelo fato de ter tido apenas um traumatismo, um braço quebrado e alguns arranhões e hematomas, ela finalmente obteve permissão para entrar na UTI, onde Foster lutava para viver. Os especialistas vinham e iam. Falavam em sussurros. Ninguém parecia otimista.

Os dias se passavam; Foster se agarrava à vida. Laura mantinha vigília ao lado de sua cama, enquanto os monitores emitiam bipes, traduzindo sua

extraordinária vontade de viver.

Somando todas as cirurgias, ele passou por seis. Desde o início, ela percebeu que os ortopedistas sabiam que ele jamais voltaria a andar, mas eles realizaram as cirurgias como se houvesse esperança. Usaram pinos e parafusos para prender ossos que jamais voltariam a se mover, a menos que alguém os movesse para ele. Outros especialistas emendaram veias sanguíneas para prover uma melhor circulação. Ele passou por uma segunda cirurgia abdominal para reparar uma ruptura de cólon que não havia sido detectada durante a primeira operação.

Ela não conseguia lembrar quais as finalidades das outras cirurgias.

Só depois de várias semanas após o acidente, Foster foi inteiramente informado sobre seu estado e prognóstico. Ele recebeu a notícia com uma autoconfiança notável, com coragem e determinação.

Quando estavam sozinhos, ele esticou o braço para pegar a mão de Laura, apertou-a entre suas mãos e a tranquilizou, dizendo que tudo ficaria bem. Olhou-a com um amor incondicional e repetidamente expressava sua gratidão a Deus por ela ter escapado do acidente sem ferimentos graves.

Ele jamais sugeriu que ela fora responsável. Porém, quando ela o olhava, por entre as lágrimas que derramou naquele dia, ela dizia algo que sabia ter passado pela cabeça dele, assim como passara pela sua, mil vezes.

- Eu devia tê-lo deixado dirigir.

Dois anos depois, olhando vagamente pela janela, na sala de reunião da SunSouth, ela ainda se agoniava pela decisão de ter dirigido naquela noite. Será que Foster teria dirigido um pouquinho mais rápido, um pouquinho mais devagar, evitando que eles estivessem bem no meio do cruzamento quando o caminhão não parou? Será que ele teria visto isso antecipadamente e conseguido desviar, evitando a colisão? Teria ele feito alguma coisa que ela não fez?

Ou, se o destino tivesse imposto que eles estivessem naquele ponto, naquele exato instante, era ela que deveria estar sentada no banco do carona.

Foster jamais dera a entender que a culpa era dela. Ele nunca se referiu sequer à

breve conversa que tiveram sobre quanto cada um havia bebido e quem deveria dirigir. Porém, apesar de permanecer sem ser dita, a pergunta sempre estivera ali, entre eles: teria isso acontecido se ele estivesse ao volante?

Laura reconhecia o quanto era insensato perguntar. Mesmo assim, as suposições a torturavam, da mesma forma como ela sabia que deviam torturar Foster. Eles iriam para seus túmulos perguntando: E se?

De alguma forma, Griff Burkett descobrira a respeito do acidente. Ela não ficara para ter uma conversa com ele sobre isso, porém, se ele sabia dos detalhes quanto ao motivo de Foster estar numa cadeira de rodas, ele certamente entendia por que ela concordaria em seguir esse plano, ou qualquer outro que Foster elaborasse.

Foster não morrera, mas a vida que levava anteriormente acabou na noite do acidente. E Laura ficou repleta de culpa.

Ter um filho concebido da forma como Foster desejava exigia muito pouco dela, levando-se em conta tudo que ele tivera de abrir mão. Um filho e herdeiro era um dos sonhos que haviam sido arrancados dele naquela noite. Talvez, ao conceder-lhe esse sonho, ela pudesse aliviar sua culpa e, ao fazê-lo, teria de volta uma porção de sua vida antiga.

Impaciente por sua autopiedade, ela se afastou da janela. Ao fazê-lo, uma sensação de pontada entre suas pernas a fez se retrair, tanto pela lembrança que evocava, quanto pelo desconforto físico.

Fora difícil para Griff Burkett penetrá-la. O fato de que ela estava seca e inflexível dizia muito de sua vida particular, e isso havia sido mortificante. Mas, ao menos, ele teve a sensibilidade de perceber seu estado e de hesitar. Ele até pareceu relutante em prosseguir, sabendo que ia machucá-la. Na verdade, ele havia machucado…

Não. Ela não pensaria nisso. Não pensaria nele. Pois fazê-lo tornaria isso pessoal. Se isso se tornasse pessoal, o argumento dela não se sustentaria. O argumento que usara para convencer-se de concordar com o plano de Foster, para usar um pai substituto, era tão clínico e sem envolvimento emocional quanto passar por uma inseminação artificial no ambiente de um consultório médico.

Mas o dolorido entre suas coxas era um lembrete insultuoso de que ela estivera com um homem. Um homem que se movera dentro dela. Chegara ao clímax dentro dela.

Como é que ela pôde achar, mesmo que por um segundo, que isso seria uma sensação clínica?

Capítulo 11

O BAR ESPORTIVO estava lotado e barulhento, mas Griff achava que se passasse mais uma noite em seu apartamento ele ia pirar.

Sem nada construtivo para fazer durante o dia, as noites eram particularmente longas. Seu bronzeado já estava forte demais para parecer saudável. Embora estivesse seguindo um rigoroso programa de exercícios, ele estava entediado de malhar. Já vira todos os filmes em cartaz, alguns mais de uma vez. Já se atualizara na leitura. Pelo menos, no que achava divertido.

Márcia estava completando sua recuperação em casa e, por intermédio de Dwight, ela pedira a Griff que não fosse visitá-la lá.

- Ela já está enfrentando muita coisa só para se recuperar. Depois vai ter que lidar com a cirurgia plástica - Dwight lhe dissera. - Ela precisa de um pouco de espaço. Estou certo de que entrará em contato com você quando estiver de volta à sua forma gloriosa.

O recado até que foi bem-educado, mas Griff sabia ler nas entrelinhas. Ele era mais uma complicação da qual ela não precisava. Ela não o culpava pelo que havia acontecido, mas se distanciar dele seria mais seguro e saudável, para ela e seu negócio.

Consequentemente, ele nem tinha mais as suas viagens diárias ao hospital como incentivo. Estava entediado. E, possivelmente pela primeira vez em sua vida, estava solitário. Ser um marginalizado social era diferente de escolher ficar sozinho.

Uma das coisas que mais odiava em seu encarceramento era a falta de privacidade. Durante aqueles cinco anos, ele ansiava pela solidão e jurava que,

quando saísse, jamais a subestimaria novamente. Mas, pelo menos, quando ele estava a fim de falar havia outros presidiários com quem jogar conversa fora. Suas refeições eram feitas em companhia de outras pessoas.

Agora, ele não tinha ninguém com quem fazer alguma coisa. Passavam dias em que ele não trocava uma única palavra com outra pessoa.

Não que ele fosse de andar em bando, por natureza. Conforme Bolly tinha frisado tão ternamente, ele sempre fora um solitário. Sem dúvida, essa tendência viera de sua infância. A negligência de sua mãe lhe ensinara a ser autossuficiente. Ele contava apenas consigo para tudo - sustento, pacificação, diversão.

A obrigação de ter somente a si mesmo com quem contar passou a ser um traço de sua personalidade. Também se tornou uma arma para manter outras pessoas a distância, ou por não gostar, ou por não confiar nelas. Ele não via o custo-benefício em deixar que alguém tivesse domínio sobre ele. Até mesmo a mais casual das amizades já exigia muito. Para ser um amigo, deve-se dar e aceitar. Griff achava as duas coisas igualmente difíceis. O treinador e Ellie finalmente haviam descoberto isso e pararam de pressioná-lo para fazer amigos, resignando-se a aceitar sua preferência por andar só.

Mas, em sua vida anterior, ele estivera ao redor de outras pessoas, mesmo que não se envolvesse com elas. No colégio, nos Cowboys, em Big Spring. Agora, ele estava sozinho, de fato. Então, alguns dias antes, por conta do desespero, havia ligado para um de seus ex-colegas de time, um com quem ele tivera relativa amizade.

O ex-zagueiro, agora proprietário de uma bem-sucedida empresa de software, lhe deu os parabéns por ter saído e mentiu ao dizer que era ótimo ter notícias dele. Mas, quando Griff sugeriu que eles se encontrassem para tomar uma cerveja, o cara arranjou uma dúzia de desculpas em trinta segundos, sendo uma delas que ele havia se casado.

- Ela é uma moça ótima, não me leve a mal. Mas me mantém na rédea curta. Você sabe como é.

Na verdade, ele não sabia. Mas o que ele sabia era que esse imenso ex-jogador da liga nacional de futebol preferia que Griff o achasse um marido frouxo a tomar uma cerveja com ele.

Hoje, sem querer passar outra noite no confinamento solitário de seu apartamento, Griff tinha se vestido e ido procurar uma galera. Encontrara uma no bar caro de um bairro chique. O lugar era bonito e chamativo, servindo mais martínis com sabor de fruta do

que cerveja. Atraía o pessoal jovem, bonito e sarado. Griff era o mais pálido entre eles.

Ele foi cobiçado por uma porção de garotas de vinte e poucos anos, com seus tops de verão e saias curtas. Ele também paquerava, mas sem grandes ambições. O que era bem surpreendente, já que ele não fizera sexo com ninguém desde Márcia.

Bem, e Laura Speakman.

Não pense nisso.

Era isso que ele dizia a si mesmo, sempre que sua mente seguia nessa direção.

As pessoas sentadas abarrotavam o bar circular. Ele teve que esperar quase meia hora para conseguir uma banqueta junto ao balcão. Sentou-se, pediu uma cerveja e um hambúrguer. Enquanto comia, assistiu a um jogo de beisebol no telão suspenso acima do bar.

Percebera uma morena, sentada do outro lado do bar, de frente para ele. Ela lhe dava um sorriso toda vez que seu namorado - ou marido, sabia-se lá - não estava olhando. Fora isso, Griff deixou que os enredos do bar seguissem sem dar muita bola.

Ele esticou sua refeição durante cinco lançamentos do jogo dos Rangers. Para manter a posse da banqueta e evitar voltar ao apartamento vazio, ele pediu uma segunda cerveja que não queria.

Os Rangers estavam na frente por três pontos. O time estava numa boa temporada. Se chegasse às eliminatórias, ele ficaria interessado. Do contrário, ele não gostava tanto de beisebol. Ele não conseguia dar muito sentido a um jogo em que, na jogada perfeita, nada acontecia. Os fanáticos por beisebol discordariam, dizendo que acontecia muita coisa durante uma bola não rebatida,

mas ele não conseguia apreciar aquilo.

Era claro que era muito mais divertido de assistir quando você havia apostado no resultado.

Sua jogatina havia começado de forma inocente assim. Ele fazia por diversão. Mesmo quando estava na Universidade do Texas, ele fazia apostas nos jogos da NCAA, embora nunca tivesse apostado num jogo dos Longhorns. Mas ele queria apostar. Ele não cedeu à tentação de apostar em seus próprios jogos, até ser recrutado pelos Cowboys.

O psiquiatra com quem ele fizera terapia em Big Spring tinha uma teoria. Ele dizia que Griff se sentia culpado pela boa sorte. Os Longhorns haviam ganhado o campeonato nacional em seu último ano de faculdade. Ele deixou de ser premiado por Heisman por dois votos. Foi o jogador número um, recrutado naquele ano, um prémio invejado para os Cowboys, cujo atacante veterano havia se aposentado. Quando ele assinou com o time, sua foto saiu na capa da revista Sports Illustrated. Fama e fortuna aos vinte e três anos. Sobe à cabeça.

A grande sacada do psiquiatra era que ele havia apostado na esperança subconsciente de ser flagrado, sendo punido e perdendo tudo, incluindo a afeição do treinador e de Ellie. O psiquiatra havia enfatizado isso.

- O treinador Miller talvez seja a única pessoa do mundo a quem você respeitava e por quem tinha afeição. No entanto, você deliberadamente fez aquilo que sabia que ele não perdoaria, o único ato que causaria uma ruptura irreparável em seu relacionamento.

O resumo de sua análise era que, inconscientemente, Griff sentia que tinha de ser penalizado por todas as coisas boas que lhe aconteceram - começando pelo fato de o treinador lhe dar um lar até se tornar o atacante dos Dalas Cowboys - porque, no fundo, em seus recôncavos mais sombrios, ele não se sentia merecedor de nada disso. Sua ruína se tornara uma profecia autorrealizada.

Talvez isso estivesse certo.

Ou talvez fosse balela.

Ele havia apostado porque era divertido e podia se safar fazendo aquilo.

Depois, quando se atolou na merda, deixou de ser divertido. E ele já não podia mais se safar.

Sentado ali, bebericando sua segunda cerveja, tentando fazer com que fosse a última, ele ficou pensando em quanto dinheiro havia sido apostado no resultado desse jogo dos Rangers. Quanto seus ex-parceiros de negócios, no elegante escritório em Las Colinas, teriam ganhado ao longo desses nove lançamentos? Muito, pode ter certeza. Os garotos Vista tinham bookmakers por todo o país, trabalhando para eles.

Agora que Bill Bandy já não estava empregado, era um a menos.

135

Griff torcia para que aquele dedo duro estivesse lentamente ardendo no fogo do inferno.

- Apostou alguma coisa nisso?

Perdido em seus pensamentos, Griff virou a cabeça para a direita, para ter certeza de que era com ele que estavam falando. O homem na banqueta ao lado o encarava, seu lábio superior curvado com um sorriso hostil e malicioso.

- Perdão? - disse Griff.

- Pergunte novamente - disse um segundo homem que estava em pé atrás do primeiro. Sua expressão truculenta combinava com a de seu amigo, e os olhos estavam vermelhos pelo excesso de bebida.

Calmamente, Griff disse:

- Perguntar o quê ?

- Eu lhe perguntei se você apostou dinheiro nesse jogo. - O que estava na banqueta apontou o polegar para a televisão.

- Não, não apostei. - Griff desviou, torcendo para que aquilo tivesse terminado.

- Você não aposta mais?

Griff o ignorou e pegou sua cerveja.

O que estava na banqueta lhe deu um soco no braço, fazendo com que ele derramasse cerveja no balcão.

- Ei, seu babaca. Não me ouviu? Eu lhe fiz uma pergunta.

A essa altura, os que estavam mais perto deles haviam percebido a troca de palavras. A música continuava saindo alta das caixas de som. A ação prosseguia na tela da TV, mas a conversa havia sido suspensa, conforme a atenção se voltou para eles.

- Não quero confusão - disse Griff, baixinho. - Por que vocês não dão um tempo, vão até algum lugar para ficar sóbrios, está certo? - Mas ele sabia que eles não iam simplesmente sair andando. O segundo cara viera para trás de sua banqueta, mantendo-se bem próximo. Griff estava de costas para ele, mas sentia a postura hostil e desafiadora do homem.

Ele fez contato visual com o bartender e gesticulou pedindo sua conta. O atendente se apressou em ir até a caixa registradora computadorizada. Griff deu uma olhada para a morena, do outro lado do bar, que o estava paquerando. Ela bebia seu drinque com um canudo e o olhava por cima do copo. Seu acompanhante também o olhava.

O cara em pé atrás da banqueta de Griff disse:

- Acho que ele só aposta nos jogos que rouba pra ganhar.

- Trapaceiro filho da puta. - O primeiro cara socou seu braço novamente, com força. - Filho da puta ladrão…

A mão de Griff voou na velocidade do bote de uma cobra, agarrou o punho do homem e o virou, como numa queda de braço.

Ele uivou de dor. O segundo pulou em cima das costas de Griff, parecendo um colchão forrado de chumbo. Griff desceu de sua banqueta e tentou sacudir o cara, fazendo com que ele se soltasse. Houve um rebuliço ruidoso de pés à medida que as pessoas se afastavam. Em algum lugar, um copo quebrou. Dois seguranças surgiram e puxaram o cara das costas de Griff.

- Solta.

Um dos leões de chácara empurrou o ombro de Griff, fazendo com que ele recuasse vários passos. Griff não ofereceu nenhuma resistência. Ele levantou as mãos.

- Eu não procurei nenhuma confusão. Eu não queria.

Os dois seguranças pegaram seus agressores firmemente e os levaram embora. Eles protestaram bêbados, mas foram levados lá para fora. Porém, o show não havia terminado. Todos os olhos continuavam em Griff, principalmente agora que ele havia sido reconhecido. Seu nome estava sendo sussurrado pela multidão, como uma mancha que se espalhava.

O bartender lhe deu a conta. Antes que ele pudesse contar as notas para pagá-la, um jovem de terno da moda se materializou atrás dele. Obviamente era o gerente:

- É por conta da casa - disse ele ao bartender, que assentiu e

guardou a conta.

- Obrigado - disse Griff. Mas a expressão do jovem não era hospitaleira.

- Estou lhe pedindo que vá embora e não volte mais. A raiva e o constrangimento fizeram o rosto de Griff esquentar.

- Eu não fiz nada.

- Estou lhe pedindo que não volte mais - repetiu o jovem. Griff o encarou por mais alguns segundos, depois o empurrou para o lado e passou. A aglomeração abriu caminho. Quando ele chegou à porta, um dos leões de chácara a abriu para que passasse. conforme Griff passou, o segurança murmurou:

- Trapaceiro filho da puta.

Lá fora, o ar envolveu Griff numa mortalha de umidade. No entanto, ele teria mais sorte para se livrar da atmosfera úmida do que de sua raiva. Ele estava

cuidando da vida, sem incomodar ninguém, e foi solicitado a ir embora e não voltar mais por um cara que estava vestindo uma das camisas que ele dispensara na Neimans porque parecia de boiola.

Eles que se danassem. Ele já havia comido hambúrgueres melhores na Dairy Queen, por uma fração desse preço, então, de qualquer jeito, por que diabos ligar para isso?

Ele ligava porque havia sido humilhado na frente de gente que costumava saudá-lo. E passar de um super astro do Dalas Cowboys, cercado pelos fotógrafos da mídia e fãs gritando, para ser acompanhado até a saída de uma glorificada espelunca de hambúrgueres era uma decadência e tanto.

Ele chegou ao seu carro e o destrancou. Antes que tivesse tempo de abrir a porta, foi agarrado por trás e jogado contra a traseira.

- Nós não terminamos com você. - Era o cara do bar, aquele que havia falado com ele primeiro. Seu parceiro estava em pé ao seu lado. Eles não estavam bêbados. Estavam claramente sóbrios. E Griff percebeu, num clarão, que também não eram fãs descontentes.

- Essa é pelo meu pulso - o cara rosnou. Ele enterrou o punho no estômago de Griff.

Não, Griff pensou, conforme seus joelhos amoleceram. Esses caras não são fãs de esporte com muitas cervejas na cabeça. São profissionais.

Capítulo 12

FOSTER? -Hmm?

- Você vai ao escritório amanhã?

Ele abaixou o livro que estava lendo e olhou para Laura. Ela trouxera trabalho do escritório para fazer em casa. Desde o jantar, estava sentada no sofá da biblioteca, lendo os inúmeros relatórios.

- Se quiser que eu vá.

- Aqui tem coisa que está além da minha compreensão - disse ela. - É conteúdo técnico e exige seu parecer. Já faz quase uma semana que você esteve lá. Acho importante que vá ao escritório sempre que possa.

- Você acha que os ratos estão fazendo a festa? Ela sorriu.

- Não, porque eles sabem que eu reclamo com qualquer um que estiver relaxando. - Ela hesitou, depois disse: - Acho importante para você que vá.

- Ah, então, você acha que eu estou relaxando.

Ela colocou as mãos nos quadris, fingindo exasperação.

- Você está tentando arranjar uma briga?

- Está bem, chega de provocações. Mas você entende, não é? Só porque não estou fisicamente no escritório não significa que eu não esteja trabalhando.

- Eu sei que sua mente está sempre ocupada, mas sempre há uma carga energética de qualidade pelo fato de estar no escritório.

Ele a olhou por um instante.

- Você está fazendo seu trabalho, além de me substituir. Ter essa responsabilidade dupla passou a ser demais para você?

Ele tocou em seu ponto fraco e ela reagiu.

- Você acha que é?

- De jeito nenhum. Só notei que você parece cansada.

Ela deixou o assunto de lado por um momento.

- Estou preocupada por você, não por mim. Você adora a SunSouth. É seu sangue vital. Você precisa daquela companhia aérea tanto quanto ela precisa de você. E quando foi a última vez que saímos para jantar?

Ele inclinou a cabeça ligeiramente para trás.

- Desculpe. Eu devo ter perdido o fio da meada. Quando foi que mudamos de assunto?

- Não mudamos. É o mesmo assunto. -É?

- Raramente vemos nossos amigos. Nem me lembro da última vez que saímos, ou quando tivemos um casal nos visitando para jogar cartas, num brunch de domingo. Você fica aqui a maioria dos dias. Tudo que faço é trabalhar. Eu adoro e não estou reclamando, mas… - Ela parou, abaixou o queixo e deixou o fim da frase no ar…

- Você ficou menstruada.

Ela ergueu a cabeça, cruzou seu olhar e, conforme relaxou os ombros, assentiu.

- Sinto muito.

Ele franziu o rosto com tristeza.

- Eu sabia.

- Por causa dos meus queixumes?

- Não. Essa foi a primeira manhã em que não lhe perguntei sobre sua menstruação.

- Foster. - Ela estava enganada. Não era tristeza que estava por trás de sua observação. Ele vinha acompanhando seu ciclo atentamente, perguntando todos os dias, às vezes várias vezes por dia.

- Essa manhã eu dei azar por não levantar a tempo de vê-la sair antes que você fosse para a reunião no café da manhã. Sempre lhe pergunto sobre sua menstruação no primeiro horário da manhã. Hoje de manhã, eu não perguntei.

- Foster, acredite ou não, minha menstruação não depende do fato de você perguntar ou não a respeito dela.

- Estava atrasada.

- Só dois dias.

- Por que estava atrasada?

- Eu não sei.

- Você nunca teve atrasos antes.

- Não, geralmente não.

- Então, por que está acontecendo agora?

- Eu não sei, Foster - disse ela, tentando conter sua impaciência. - Estresse, talvez.

- Droga! - Ele bateu três vezes nos braços da cadeira de rodas.

- Quando você não menstruou, dois dias atrás, eu me permiti começar a ter esperanças. Eu deveria ter perguntado. Se eu tivesse perguntado…

- Eu teria ficado menstruada de qualquer forma.

- Bem, nunca se sabe.

- Eu sei. Minha temperatura havia caído, indicando que eu não estava grávida. Estive na TPM durante vários dias, senti os sintomas. Por isso estive tão ranzinza e cansada. Eu torcia para que estivesse errada, mas… - Ela sacudiu a cabeça, desanimada. - Detesto ter que lhe dizer.

- Não é culpa sua. Venha aqui.

Seu tom suave a compeliu a deixar os papéis de lado. Quando chegou até ele, ele a guiou a seu colo. Ela se sentou, alegre.

- Não me deixe machucá-lo.

- Só se você conseguisse. - Eles sorriram um para o outro, mas deixaram as palavras por dizer quanto às inúmeras coisas que se passavam sem serem mencionadas sobre o acidente e seus efeitos residuais em suas vidas. Ele apertou o ombro dela afetuosamente. Isso é um desapontamento, mas não é uma derrota. Você fez tudo que podia.

- O que, obviamente, não foi o bastante.

- O sucesso foi adiado. Isso não equivale ao fracasso. Ela abaixou a cabeça, murmurando:

- Você me conhece tão bem.

- Eu sei como funciona a sua mente, visando exceder em suas realizações. Às vezes trabalha em sua desvantagem.

Ambos tinham personalidade do tipo A e haviam comparado suas infâncias, descobrindo que, apesar da grande distância financeira que havia entre as duas famílias, eles tinham sido criados de forma muito semelhante. Os pais dela, assim como os dele, tiveram grandes expectativas em relação à única criança.

Tanto o pai dele quanto o dela haviam sido dominantes, sem deixar de ser afetuosos. A pressão pelo êxito que eles faziam nas crianças era mais implícita do que evidente, mas isso não a tornava menos efetiva.

O pai dela fizera carreira na Força Aérea, como piloto de bombardeiro, e servira duas vezes no Vietnã. Depois da guerra, ele foi piloto de testes e treinador. Era um indivíduo corajoso por natureza, corria riscos, pilotava motocicletas sem capacete, esquiava tanto na água quanto na neve, pulava de asa delta e fazia bungee jumping.

Morreu dormindo. Pelo rompimento de um aneurisma cerebral. Ele não viu absolutamente nada.

Laura o adorava e teve dificuldades em aceitar sua morte, não apenas por conta da injustiça bizarra, mas porque ele não viveu para vê-la realizar todos os objetivos que estabelecera para si mesma.

Sua mãe considerava o marido enérgico um herói sem paralelos. Ela o louvava e nunca se recuperou do choque de encontrálo morto, deitado ao seu lado. A mágoa se transformou em depressão. Laura se viu incapaz de evitar a queda implacável que acabou levando a vida da mãe.

Laura fora uma aluna que só tirava dez, oradora oficial e membro da sociedade académica Phi Beta Kappa. Alcançara todas as metas que estipulara para si. Seus pais demonstravam seu orgulho abertamente. Eles a chamavam de sua realização

coroada. Mas a morte dos dois, tanto trágica quanto prematura, fez com que sentisse ter fracassado terrivelmente com eles.

Foster sabia disso. Ela apontou o dedo para ele, dizendo:

- Não comece com aquela conversa psicológica sobre minha vontade de não decepcionar meus pais.

- Está bem.

- Mas é isso que você está pensando - ela acusou. - Da mesma forma como está pensando que isso é culpa sua porque você não me perguntou sobre minha menstruação hoje de manhã.

Ele riu.

- Quem conhece quem tão bem?

Ela correu os dedos pelos cabelos dele.

- Eu sei que você não gosta de mudar sua rotina, pois, se o fizer, coisas terríveis acontecerão. Não é esse o princípio segundo o qual você vive, Foster Speakman?

- E agora há provas do quanto esse princípio é perfeito.

- As leis da natureza também são perfeitas. - Ela sacudiu os ombros. - Um óvulo não foi fertilizado. É simples assim.

Ele sacudiu a cabeça com teimosia.

- Nada é tão simples.

- Foster…

- É incontestável, Laura. São leis não escritas que governam as nossas vidas.

- Pode ser, até certo ponto, porém…

- Não tem porém. Há padrões cósmicos em ação que não se podem violar. Se o fizerem, as consequências podem ser severas.

Ela abaixou a cabeça e disse baixinho:

- Como trocar de lugar com quem vai dirigir no último minuto.

- Ah, Cristo. Agora eu a deixei ainda mais infeliz. - Ele puxou sua cabeça para baixo, levando-a até o peito, e acariciou suas costas.

Ela não podia discutir com ele. Tentar fazê-lo seria fútil. Logo depois que eles se casaram, na tentativa de entender melhor a sua disfunção obsessiva compulsiva, ela havia conversado com o psiquiatra dele. Ele explicou que Foster estava convicto de que a desordem predestinava o desastre. Os padrões não podiam ser interrompidos. Foster acreditava nisso com todo o coração, mente e alma, e o médico dissera a ela que tentar convencê-lo do contrário era perda de tempo.

- Ele lida com isso extremamente bem - ele lhe dissera. - Mas é bom lembrar que aquilo que lhe parece um obstáculo, para ele é um caos.

Silenciosamente concordando em deixar o assunto de lado, eles ficaram ali, quietos. Depois de um tempo, Foster disse:

- Griff Burkett também ficará desapontado.

- Sim. Ele terá que esperar pelo menos mais um mês para receber seu meio milhão.

Ele não lhe perguntara nada específico quanto ao seu primeiro encontro com Burkett. Quando ela chegou em casa, naquela noite, ela lhe dera um relato detalhado de tudo que acontecera no escritório, mas não dissera nada sobre isso até que ele perguntou.

- Como foi seu encontro com Griff Burkett?

- Rápido. Ele fez o que tinha de fazer e foi embora.

Ela não se estendeu, e ele não pediu mais informações, talvez por sentir que entrar em detalhes a deixaria desconfortável.

- Então, você ligará para ele novamente em algumas semanas?

- perguntou ele.

Ela se endireitou na cadeira e olhou profundamente em seus olhos.

- Você quer que eu ligue, Foster?

- Sim. A menos que isso seja insuportável para você. Ela sacudiu a cabeça e desviou o olhar.

- Se você pode suportar, eu também posso.

- Não foi isso que combinamos?

- Sim.

- É o que queremos.

- Eu sei. Só espero que aconteça logo.

- É o que queremos.

- Eu te amo, Foster.

- E eu amo você. - Então, ele puxou a cabeça dela para junto de seu peito, novamente, dizendo: - É o que queremos.

Uma semana depois da surra, Griff começou a achar que ia sobreviver. Durante os seis dias anteriores, ele não tivera tanta certeza.

Os filhos da puta nem foram gentis o suficiente para surrá-lo até que ele perdesse a consciência. E isso havia sido de propósito. Eles queriam que ele acordasse e sentisse cada soco, cada torção. Queriam que estivesse consciente quando ergueram sua cabeça pelos cabelos e apontaram o carro estacionado próximo, para que reconhecesse o sedan verde de Rodarte, piscando os faróis. Eles não o queriam com o olhar embaçado ou confuso. Queriam que se lembrasse da surra e de quem estivera por trás dela.

Deixaram-no com uma concussão. Ele já sofrera algumas jogando futebol, portanto, reconhecia os sintomas. Embora não tivesse passado pelo estado de amnésia que às vezes acompanha uma concussão, a náusea, tontura e a visão

embaralhada o incomodaram por vinte e quatro horas.

Pelo certo, ele não deveria ter se movido, exceto para usar seu telefone celular e ligar para o atendimento de emergência, chamando uma ambulância até o estacionamento. Mas uma ida ao pronto-socorro teria envolvido papelada, polícia. Só Deus sabia o que mais.

De alguma forma, ele conseguira entrar no carro e dirigir para casa, antes que seus olhos se fechassem de inchaço. Desde então, ele tomava comprimidos de Ibuprofeno a cada duas horas, tentando encontrar uma posição, deitado, que não causasse uma dor latejante. Não se preocupou com ferimentos internos. Os profissionais sabiam como fazer um estrago para que ele sentisse, mas não queriam um assassinato nas costas. Se quisessem, ele estaria morto. Eles só o queriam rezando para morrer e se sentir melhor.

Ele se levantava exclusivamente para fazer xixi e só quando a bexiga estava a ponto de explodir. Quando saía da cama, andava como um velhinho, dobrado na cintura, com os passos embaralhados, porque todas as vezes que tentava erguer os pés, uma dor pontiaguda surgia no fim das costas, trazendo lágrimas aos seus olhos.

No dia anterior, sua mobilidade melhorou um pouquinho. Nessa manhã, ele havia juntado coragem suficiente para entrar no chuveiro. Na verdade, a água quente propiciou-lhe uma sensação boa, abrandando um pouco das dores.

O quarto fedia com seu cheiro, porque ele não conseguia trocar os lençóis. Farto de olhar para as mesmas quatro paredes, deixou o cómodo pela primeira vez em uma semana. Café parecia bom. Ele percebeu que estava faminto. As coisas estavam melhorando.

Estava comendo umas garfadas de ovos mexidos direto da frigideira, quando a campainha tocou.

- Que diabos? - Ele não conseguia pensar em alguém que pudesse vir vê-lo.

Conseguiu chegar até a porta da frente e olhou pelo olho mágico.

- Tá de brincadeira - sussurrou ele. Depois: - Merda!

- Griff ?

Griff baixou a cabeça, sacudindo de leve, pensando em seu azar do cacete.

- É. Só um minuto. - Ele remexeu nas fechaduras que trancara, por segurança, quando voltou para casa na noite da surra, temendo que os capangas de Rodarte voltassem para um segundo round.

Ele abriu a porta. -Oi.

Seu oficial de condicional ficou de queixo caído, olhando para ele.

- Mas que merda. O que aconteceu com você?

Ele conhecera Jerry Arnold em seu escritório, uma semana depois de falar com ele ao telefone. Griff imaginou que um encontro pessoalmente ia favorecê-lo. Depois do encontro de dez minutos, ele soube que ganhara alguns pontos.

Agora, a boa opinião que Arnold tinha a seu respeito estava em risco. Geralmente, Griff ficava bem acima do homem escuro e parrudo. Hoje, como Griff estava ficando em pé num ângulo curvo, eles estavam se olhando praticamente com os olhos na mesma altura.

- O que aconteceu? - repetiu Arnold.

Essa era a primeira vez que Griff se ausentava da cama por mais tempo em uma semana, e ele começava a se sentir tonto e trémulo.

- Entre. - Dando as costas para seu visitante, ele lentamente seguiu até a poltrona mais próxima e se sentou com a maior cautela possível. Mesmo assim, todas as dores que haviam sido abrandadas pelo banho quente estavam de volta. - Senta aí, Jerry - disse ele, apontando outra poltrona.

Arnold se vestia e se portava como um burocrata e aparentava ser um homem de grandes responsabilidades e muita coisa na cabeça - uma esposa, uma hipoteca, alguns filhos para criar com o salário do governo. E ex-presidiários não confiáveis para ficar de babá. Ele colocou as mãos nos quadris, lembrando o treinador.

- Vai me dizer, ou não?

- Fui jogado na jaula dos gorilas, no zoológico. Aqueles cretinos podem ficar muito irritados.

Arnold não estava achando engraçado. Griff suspirou de resignação e dor.

- Eu dei de cara com alguns ex-fãs. Na última… é… quintafeira, eu acho.

- E ainda está ruim assim?

- Não se preocupe, a dor é muito pior do que a aparência. Ele sorriu, mas o outro homem continuava a franzir o rosto.

- Você foi ao pronto-socorro? Foi examinado por um médico? Griff sacudiu a cabeça.

- Também não dei queixa na polícia. Foram apenas uns bêbados. Eles pularam em cima de mim, no estacionamento de um restaurante. - Ele fez um gesto abanando a mão, subestimando o incidente. - Eu não revidei, portanto, você não precisa se preocupar quanto a alguém dar queixa contra mim. Finalmente, Arnold se sentou.

- Esse tipo de coisa tem acontecido muito?

- Eu recebo olhares tortos, mas essa foi a primeira vez que a hostilidade se tornou física. Como eu disse, eles estavam bêbados. Ele deu uma versão melhorada do que havia acontecido.

- Você acha que Vista estava por trás disso?

- Vista? - Griff roncou. - Se o Vista estivesse por trás disso, eu não estaria aqui para lhe contar a respeito. Não é nada, Jerry. Juro por Deus. Estou me sentindo muito melhor.

Arnold fazia questão de olhar para o suor frio que Griff sentia minar em sua testa, mas não comentou mais nada.

- Fora isso, como estão indo as coisas? -Bem.

Arnold olhou ao redor do apartamento, observando a televisão elegante e os móveis novos.

- Esse lugar é legal.

- Obrigado.

Os olhos do homem se voltaram para ele.

- Como é que você paga?

- Dinheiro vivo. Que recebi legalmente.

- Como?

- Não teve nada a ver com o Vista, nada daquilo. Eu não infringi lei alguma. Não joguei.

- Já tem um emprego?

- Estou vendo algumas coisas.

- Você ia fazer uma entrevista…

- Não deu em nada.

- O que era?

- Não arranjei o emprego, então, que diferença faz?

Arnold não ficou visivelmente contrariado pela postura por trás da pergunta, mas ele a repetiu, num tom de chega de papo furado - O que era?

Resignado, Griff respondeu:

- Eu perguntei a um colunista esportivo se poderia fazer uns bicos pra ele. Você conhece o Bolly Rich?

- Leio sua coluna.

- Propus me tornar um de seus correspondentes. Ele recusou. Na verdade, Griff estava contente pelo fato de Arnold pressioná-lo a dizer isso. Ele torcia para que

o oficial de condicional ligasse para Bolly para verificar. Bolly confirmaria que Griff havia tentado sinceramente conseguir o emprego.

- Mais alguma coisa?

- Nada concreto. - Griff torcia para que Arnold cortasse o assunto, pois, basicamente, Griff gostava do cara. Ele tinha um emprego escroto, mas alguém tinha que fazê-lo. Griff não tinha nada pessoal e odiaria mentir para ele.

- Avise-me assim que você conseguir alguma coisa. Vai ficar bem na sua ficha.

- Aviso. Assim que conseguir algo.

- Enquanto isso, nada de apostas, nada de Vista.

- Nossa, eu sei disso.

- Independentemente do quanto fique desanimado.

- Acredite em mim, Jerry. Não quero ter nada a ver com eles.

- Eu acredito em você. - Ele disse isso como se quisesse acreditar, mas não acreditasse. - Tente ficar fora dos lugares onde possa se deparar com fãs de futebol.

Griff lançou-lhe um olhar. Constrangido, ele disse:

- É algo difícil de fazer, eu sei, mas tente não provocar outro incidente.

- Eu não provoquei esse.

- Também acredito nisso. - E, dessa vez, ele pareceu sincero. Ele se levantou para ir embora. Griff tentou não deixar transparecer seu alívio. - Fique onde está. Eu sei o caminho da saída. - Ele se virou para sair, depois virou de volta. - Ouviu falar alguma coisa sobre Stanley Rodarte?

Griff ficou contente pelo efeito que o inchaço e os hematomas deram em sua expressão.

- Na verdade, ele foi até a prisão no dia em que fui libertado. Ele admitiu isso, no caso de ser uma pergunta capciosa. Arnold poderia ter estado em contato com

Wyatt Turner, que poderia ter mencionado a aparição nada bem-vinda de Rodarte.

- Falou com ele lá?

- Não. - Novamente a verdade.

- Ele representaria problemas para você. É a última pessoa que você vai querer ver pela frente.

- Pode acreditar.

- Eu gostaria de saber, caso ele apareça. Na verdade, eu preciso saber.

- Pode deixar.

- Você seria um tolo de encará-lo sozinho, Griff.

- Eu não o farei.

Pensativo, Arnold passou a gravata no meio dos dedos.

- com a fama que ele tem, fico ligeiramente surpreso que esteja mantendo distância. Nada dele desde o dia da prisão, é?

- Não, nada.

E já era não mentir para o oficial da condicional.

A força física e o condicionamento de Griff o ajudaram, e ele ficou bom. Durante a semana seguinte à visita surpresa de Jerry Arnold, o inchaço em seus olhos e boca diminuíra e seu rosto voltou a parecer familiar.

Os hematomas passaram a uma tonalidade horrível de verde amarelado, depois o esverdeado começou a sumir, deixando só um tom abatido. O corte acima de sua sobrancelha desbotou, transformando-se apenas numa linha cor-de-rosa. Ela combinava com o risco rosa claro na maçã de seu rosto, um presente duradouro que Rodarte pessoalmente lhe dera, naquela noite no estacionamento.

Rodarte tinha um caminhão de rancor guardado. Apesar do que dissera ao seu oficial de condicional, Griff mal podia esperar para dar o troco a esse bastardo.

Ele ainda não retomara suas corridas quilométricas, mas vinha nadando bastante nos dois últimos dias. Seus músculos estavam doloridos, mas, de um jeito bom, proveniente dos exercícios, não por ter sido surrado por punhos que pareciam amaciantes de carne.

Ele não estava a plena velocidade, mas já não se movimentava como um velhinho de noventa anos, com artrite em todas as articulações. Estava se sentindo mais como ele mesmo. O que era bom. Porque Laura Speakman ligou, numa manhã, quando ele estava saindo do chuveiro,

- Uma hora?

- Para mim, está bom.

- Então, o vejo lá.

Ele se olhou no espelho inteiro, na parte de trás da porta do banheiro. Se ela desviara a cabeça antes, agora ela podia até se esconder de medo, se o visse hoje. Sua aparência havia melhorado, mas ele ainda parecia ter tomado uma surra.

Olhou-se no espelho mais uma vez, de frente e de trás. Ainda bem, pensou ele, que ela não vai me ver nu.

Capítulo 13

LAURA abriu a porta para ele, depois ficou ao lado e gesticulou para que ele entrasse na casa. Dessa vez, nada de jaqueta esportiva, ela notou. Ele estava com uma camisa polo branca, para dentro do jeans, e botas marrons de caubói, que usara das duas outras vezes em que ela o vira. E trazia um saquinho branco, de papel.

Ela fechou a porta e foi com ele até a sala, onde ele tirou os óculos escuros. Ela mal conseguiu conter a respiração ofegante. Seu rosto, principalmente ao redor dos olhos e ao longo do maxilar, estava roxo.

A julgar pela cor horrível dos hematomas, eles já tinham mais de uma semana. Deviam estar muito piores quando recentes. O corte acima da sobrancelha era novo. O que havia no rosto estava mais claro do que um mês antes.

Ou ele tinha tendência a se acidentar, ou…

Ela não especulou sobre o ou. Nenhuma das possibilidades que lhe vinha à mente era boa.

Griff notou que ela estava olhando, mas, como ele não explicou sobre sua aparência machucada, ela também não perguntou a respeito. Ele colocou os óculos escuros e o saquinho em cima da mesa de centro, depois se levantou e ficou olhando para as portas fechadas do armário, por alguns minutos, antes de se virar de volta para ela.

- Não deu certo?

Pelo fato de ainda estar pensando nas circunstâncias em que seu rosto ficara tão machucado, ela levou alguns segundos para assimilar a pergunta. Desviando o olhar, ela sacudiu a cabeça.

- Se tivesse dado, nós não estaríamos aqui.

- Certo.

O termostato do ar-condicionado desarmou. Sem o seu sussurro, a casa parecia incrivelmente quieta.

- Bem… -Eu…

Eles começaram a falar ao mesmo tempo. Laura gesticulou para que ele prosseguisse.

Ele pegou o saquinho que trazia e entregou a ela.

- Eu trouxe isso.

Ela o olhou curiosamente, depois abriu o saco e espiou lá dentro. Quando viu a caixa, seu coração disparou.

- É… não é do tipo que tem espermicida - disse ele. - Eu verifiquei, porque algumas têm. Algumas têm.

Sem confiar na própria voz para falar, ela assentiu. As botas de caubói se remexeram um pouquinho.

- Eu só achei que, já que…

- Sim, obrigada. - Antes que qualquer coisa a mais pudesse ser dita, ela se apressou ao quarto.

Lá dentro, fechou a porta e se encostou sobre ela. Ela estava segurando o saquinho nas mãos com toda a força. Suas palmas estavam suando. Era uma tolice ficar assim, tão constrangida. Mas o que poderia constrangê-la mais do que um tubo de lubrificante era o fato de ele ter se lembrado de trazer. Era o fato de ele ter pensado no que eles iam fazer hoje.

Ela colocou a bolsa em cima da cama e entrou no banheiro. O espelho acima da pia refletia uma imagem que parecia surpreendentemente normal. Cabelos escuros. Olhos cinzentos, esverdeados. Um sinal preto no olho direito. Um rosto em formato triangular, a testa mais larga que o maxilar. O que a salvava de ser excessivamente pudica eram seus lábios cheios - sexy, segundo lhe disseram.

Sua cor estava ligeiramente acentuada. Ela atribuía isso ao calor do meio do dia.

Um mês antes, assim como hoje, ela cuidadosamente escolheu o que vestir, usando seus conjuntos mais clássicos e profissionais. Nada excessivamente feminino e, certamente, nada provocante. Ela tirou o blazer do conjunto, tirou a saia e os sapatos. Como antes, ficou de blusa, que hoje era uma camiseta regata com decote V, azul-clara, não muito apertada. Também deixou o colar prateado de três voltas que, de alguma forma, a fazia se sentir mais vestida.

Tirou a caixa do saco, abriu, retirou o tubo. Só para garantir que ele não estivesse errado, ela leu cada palavra que havia na bula. Duas vezes.

Temendo estar demorando muito, ela se apressou no banheiro, dobrou as cobertas e se deitou na cama. Tirou a calcinha e a colocou embaixo entre os colchões, como fizera da última vez. Puxou o lençol até a cintura, depois um pouco mais acima.

Fechou os olhos e tentou relaxar e controlar a respiração inconstante. Seu coração estava batendo rápido demais. Essa espera por ele era agonizante.

O que ele estaria fazendo lá fora?

Bem, é claro que ela sabia o que ele estava fazendo. Ela só se perguntava qual das opções. Será que ele estava sentado? Ou deitado no sofá? Estaria sentindo algum constrangimento? O mínimo de ansiedade quanto à sua habilidade para atuar? Será que lhe ocorrera imaginar no que ela ficava pensando, enquanto esperava por ele?

Ela não ouvira qualquer som vindo da sala, nem da última vez, nem hoje, então, imaginou que ele havia decidido contra os vídeos, preferindo as revistas.

Ou talvez não precisasse de nenhum dos dois e estivesse simplesmente fantasiando suas próprias imagens. Ele certamente já havia estado com incontáveis mulheres. Quando era um astro do futebol, as mulheres se atiravam em cima dele. Sem dúvida, ainda o faziam. Ele devia ter tido centenas de experiências eróticas às quais recorrer.

Qual seria seu tipo de mulher? Alta ou mignon? Magra e atlética ou curvilínea e rechonchuda, loura, ou ruiva? Morena?

Sua batida foi de leve, mesmo assim a assustou. Ela respirou fundo.

- Entre.

Ele entrou no quarto. Embora só estivessem eles dois na casa, ele fechou a porta. Mesmo sem botas, parecia imenso dentro do quarto. Os olhares se cruzaram por uma fração de segundo, conforme ele caminhou em direção à cama. Ele se sentou na beirada, de costas para ela.

Hesitou por alguns segundos, depois se ergueu os quadris apenas para puxar seu jeans. E o tirou, puxando-o pelas pernas, depois o deixou no chão. Ela achou que ele também tirara as meias, mas não tinha como ter certeza.

Griff foi entrando nos lençóis, depois murmurou algo que ela não entendeu. Ela virou os olhos para ele, prestes a perguntar o que havia dito, quando ele colocou os polegares no elástico do cós da cueca e tirou-a.

Ela deu uma olhada na marca do bronzeado em sua cintura. Havia um contraste

forte entre a pele marrom e a pele branca Santo Deus - abaixo. E a camisa dele voltou ao lugar.

Ele levantou o lençol e deslizou ao lado dela.

- Você usou?

- Sim.

Sem maiores preâmbulos, ele foi até ela e separou seus joelhos com os dele. Seu primeiro impulso foi alojar a cabeça de seu pênis dentro dela. Mas só isso. Ela fechou os olhos e virou a cabeça para o lado, mas podia sentir que ele a olhava, zangado.

Usando um braço estendido para se apoiar, ele colocou sua outra mão entre seus corpos. Ela se retesou. Mas ele não a tocou; masturbou-se com movimentos rápidos e curtos. Algumas vezes, os nós dos dedos dele roçaram nela.

Ela logo sentiu a tensão dos músculos dele. Sua respiração ficou inconstante e quente, junto ao rosto dela. Ele deu um gemido suave e, num momento antes, tirou a mão, entrou todo nela e gozou.

O braço que ele havia usado para apoiar seu peso, cedeu. Ele se acomodou pesadamente sobre ela. Sua pele bronzeada e a pele branca. Ele puxou o ar profundamente e o soltou lentamente. Reposicionou sua perna direita. Provocava uma sensação musculosa dentro da coxa dela, e era áspera por causa dos pelos. A camisa dele estava ligeiramente úmida de transpiração. A umidade passava para a camiseta dela, para sua pele. Ela podia sentir o cheiro de seu suor. De sabonete. De sémen.

Quando ele se mexeu, foi algo súbito, como alguém que está quase pegando no sono e tem um rápido movimento muscular. Ele levantou a cabeça, mas deu um solavanco de volta, na direção dela. Laura, sem perceber o que havia acontecido, tentou empurrá-lo.

- Calma! - ele rosnou.

Depois, ela viu qual era o problema. Uma das voltas de sua corrente havia prendido num dos botões da camisa dele. Ele manuseou desajeitado, xingando baixinho, até que conseguiu soltar.

Menos de cinco minutos depois de ter tirado a cueca, ele a colocava novamente. Laura manteve os olhos desviados, mas, em sua visão periférica, ela seguiu seus movimentos, que eram abruptos e violentos, de um homem zangado, mal conseguindo conter seu temperamento.

Ele enfiou a parte de trás da camisa para dentro do jeans, como se estivesse furioso. Abotoou a braguilha com rapidez, mas a fivela do cinto foi um desafio. Quando finalmente conseguiu fechar, ele apertou firmemente e se virou para ela.

- Por que mentiu pra mim?

- Não usei porque temi que fosse fazer diferença.

- É claro que faria diferença, foi por isso que eu trouxe.

- Quero dizer, eu receei que fosse evitar a concepção.

- Eu lhe disse que não.

- Poderia modificar o esperma. Algo. Eu não sei - disse ela, na defensiva. - Eu só não quis arriscar.

- Bem, mas eu não queria machucá-la novamente. - Sua voz alta e veemente pareceu surpreendê-lo tanto quanto a ela. E deixou os dois em silêncio. Finalmente, ele disse: - Olhe, eu sei que você tem uma péssima opinião a meu respeito. Acha que sou um bandido. Um criminoso. Um jogador de futebol grande e bobo. bom, tudo bem. Pense o que quiser. Eu realmente estou cagando, contanto que seu dinheiro seja bom.

Ele parou para pegar fôlego e, quando voltou a falar, sua voz estava áspera.

- Mas eu a machuquei. Duas vezes. E me ressinto por você achar que isso estaria bom pra mim. Porque não está.

Ela se sentou, mas manteve o lençol puxado até a cintura.

- Não deveria fazer qualquer diferença para você.

- Mas faz.

- Bem, mas não deveria fazer! - Ele estava provocando-lhe uma reação emotiva, e ela não queria sentir qualquer emoção, nem mesmo raiva. - Isso não tem nada a ver com a forma como você se sente, ou eu me sinto.

- Eu compreendo isso. Mas, se você tem que fazer isso dessa forma, poderia ao menos fazer de um jeito mais fácil para você. Por que você não assiste aos filmes pornôs? - Ele levantou as mãos para impedi-la de comentar. - Esqueça, esqueça.

Novamente ele parou para respirar várias vezes. Depois disse:

- Nada de tocar. Ótimo. Também não estou a fim disso. Nada de beijos, nem de preliminares, porque isso iria… Porque… Já saquei que não tem beijo, nem preliminar, está bem? Mas será que nós não podíamos ao menos ter uma conversa, antes?

- Para quê?

- Porque talvez isso evitasse que você se encolhesse de medo, e eu não me sentiria como se a estivesse violando.

- Eu não acho que seja uma violação. Ele fungou, discordando.

- Podia me enganar. Você nem olha pra mim.

Nesse momento, ela lançou um olhar expressivo, mas não se atreveu a verbalizar o que estava pensando - que olhar um para o outro dificultaria as coisas, em vez de facilitá-las.

Ele pareceu perceber isso também, pois deu as costas e murmurou um monte de palavrões. Ele ergueu o rosto para o teto, colocou as mãos nos quadris e soltou o ar. Correu os dedos pelos cabelos. - Cristo. - Depois de um tempo, ele a olhou novamente.

- Eu entro aqui, nós mal fazemos contato visual. Você está aí deitada, imóvel e muda, resignada a um destino pior que a morte. Como acha que isso me faz sentir?

- Não me interessa como isso o faz sentir.

Interessava, mas ela não podia deixá-lo saber disso. Na verdade, a preocupação dele a comovia, e esse era um sentimento perigoso. Eles não podiam ser amigos. Nem inimigos. Não podiam ser nada um do outro. Entre eles, não podia haver nada, exceto total indiferença, ou ela jamais poderia voltar a essa casa.

As feições dela estavam impassíveis, seu tom foi frio ao dizer:

- Isso é biologia, sr. Burkett. Nada além disso.

- Então, por que você não deixa que eu apenas me masturbe num frasco e lhe entregue? Deixou muito claro o quanto é desagradável quando estou sobre você. Admita, você ficou toda descontrolada quando pus a mão lá embaixo. Que inferno, você entrou em pânico quando sua corrente prendeu no meu botão. Se é assim tão terrível, por que se obriga a passar por isso?

- Achei que já tivesse entendido isso.

- Você estava dirigindo na noite em que seu marido perdeu sua virilidade. Coitada de você. Tem uma cruz para suportar, pelo resto de sua vida. Essa é sua penitência, eu acho. Trepar com um cara baixo nível como eu. É isso?

Ele havia tocado na ferida aberta e ela bateu de volta, na defensiva.

- Se eu posso aturar, você também pode.

A expressão dele mudou, se assemelhando à dela. A pele do rosto dele se esticou, chegando a mudar a configuração dos hematomas.

- Eu não assinei para ser insultado.

- E eu não prometi ficar conversando educadamente. Pare de se preocupar como eu me sinto e apenas…

- Faça o papel de garanhão.

- Foi com isso que você concordou fazer.

- Bem, estou repensando sobre nosso acordo. Eu não preciso dessa merda.

- Não, só de nossos milhões.

Ele a encarou por vários segundos, depois se virou. Chegou à porta com dois passos longos e a abriu com tanta força que ela bateu na parede e voltou.

- Eu diria vá se foder, minha senhora, mas eu já te fodi.

Ele bateu a porta da frente ao sair, pensando estar partindo pela última vez. Mesmo se quisesse voltar, o que não queria, a sua frase de despedida já era motivo suficiente para que eles o despedissem.

Despedi-lo ? Como se isso fosse um emprego normal. Como se os termos de seu emprego algum dia viessem a ser objetos de currículo. Ele até podia imaginar algum momento, no futuro, ao ser entrevistado por um possível empregador.

Qual foi o seu último emprego, sr. Burkett?

Eu era pago para trepar com a esposa de um doido rico.

E falhou no cumprimento da tarefa?

Ah, não. Eu a desempenhei muito bem.

Então, qual foi o motivo de sua dispensa?

Perdi a compostura e dei um fora nela.

Entendo. E tudo que tinha a fazer era aparecer, ficar de boca fechada e trepar com ela?

Isso mesmo.

O senhor não é muito inteligente, ê, sr. Burkett?

Aparentemente, não.

Aquilo parecia uma piada de terceira categoria.

Ela só podia ter estacionado nos fundos, onde ele colocara o Honda da primeira vez, porque o Honda vermelho era o único carro na entrada da garagem. Até chegar ao carro, ele já tinha pensado em voltar e pedir desculpas. Ainda estava muito zangado, mas não podia se dar ao luxo de ter raiva. O preço era meio milhão, agora, e mais milhões pela frente. Não valia a pena. Nem de longe.

Ele deu a volta e foi seguindo na direção da casa, quando avistou algo que o fez parar.

158

Capítulo 1 4

RODARTE estava estacionado na metade do quarteirão. O parabrisa de seu carro refletia as árvores folhosas, impedindo que Griff conseguisse enxergá-lo. Mas ele colocou a mão para fora da janela do motorista e deu um pequeno aceno amistoso. Griff esqueceu seu pedido de desculpas a Laura Speakman. Foi correndo até o Honda, entrou e ligou o motor. Os pneus deixaram um bocado de borracha na entrada da garagem conforme deu ré. Ele acelerou na pequena distância e freou a um centímetro do parachoque do sedan de Rodarte. Saiu do Honda como uma bala.

Rodarte estava esperando por ele. O motor de seu carro estava desligado, mas a janela do motorista estava aberta. Griff precisou de todo o seu autocontrole para não segurar Rodarte pelo pescoço e arrancá-lo pela janela.

- Você é um maldito covarde, Rodarte.

- Você está tentando me magoar?

- Você contrata capangas para fazer seu trabalho sujo com homens. Mas as mulheres você mesmo surra.

- Falando nisso, como vai a sua piranha preferida? - Rodarte riu diante da expressão irada de Griff. - Está certo, eu me empolguei um pouquinho. Por que você não deu queixa à polícia?

- Isso foi decisão da Márcia.

- Mas eu aposto que você não discutiu, não foi? Só em pensar no envolvimento da polícia, você já fica de cu na mão, não é? Pelo sacode que você tomou, ouvi dizer que foram dois ex-fãs.

- Eram profissionais.

- Você sabe disso?

- Você estava por trás.

Rodarte sacudiu o dedo apontado para ele.

- Mas você não deu queixa. Aposto que também não contou ao seu advogado. Nem ao seu oficial da condicional. Jerry Arnold, certo?

159

- Você sabe quem é meu oficial da condicional? - Griff se arrependeu de perguntar assim que a frase saiu. Isso revelava o quanto ele estava surpreso e alarmado por Rodarte estar tão bem informado sobre sua vida.

Rodarte sorriu.

- Eu sei muito sobre você, Camisa Dez.

Ele tinha de saber. Só podia o estar seguindo, ou não saberia que Griff estaria especificamente naquele bar, onde mandou os brutamontes atacarem-no. Ele também não saberia como encontrálo nessa rua, hoje, nesse momento.

Jesus.

E antes que Griff sequer conseguisse assimilar as preocupações decorrentes disso, Rodarte disse:

- Uma coisa que eu não sei é o nome dessa sua nova xoxota aí. Griff virou a cabeça rapidamente e viu Laura Speakman dando

ré em seu carro, saindo da entrada da garagem. Felizmente, ela saiu dirigindo em sentido oposto.

- É corretora de imóveis - disse Griff. - Estava me mostrando a casa.

Rodarte riu, debochado.

- Você está procurando uma casa, depois de ter acabado de se instalar em seu duplex?

- Acabei não morrendo de amores pelo bairro.

- Onde arranjou dinheiro pra comprar todos aqueles brinquedos novos? Som. TV de tela grande. Tudo aquilo.

A cabeça de Griff estava girando. Ele queria afundar o punho na boca de Rodarte, porque cada palavra que saía dali fazia com que sua apreensão aumentasse. Rodarte sabia onde ele morava. Sabia como ele gastava seu dinheiro. E agora ele sabia sobre essa casa. O mais preocupante era o fato de que ele talvez descobrisse sobre o acordo de Griff com os Speakman.

- Veja - disse Rodarte, puxando assunto -, o que eu acho é que antes de usar suas mãos grandes de atacante para quebrar o pescoço de Bill Bandy, você pôs essas mãos na grana dele.

- Isso é papo furado e você sabe disso. Como é que eu poderia ter pegado qualquer dinheiro? Fui preso na cena do crime.

- Detalhe técnico - disse Rodarte, com um gesto depreciativo.

- Antes de o bicho pegar de verdade, você arranjou um jeito de

esconder a grana, em algum lugar onde ninguém a pudesse encontrar. E ficou lá, rendendo juros, esperando que você saísse. Agora está à mão. Exatamente como você planejou. Ele parou, franziu o rosto e disse tristemente:

- Só que, do jeito como os garotos Vista vêem a coisa, o dinheiro é deles, não seu. Ficariam muito gratos a qualquer pessoa que pudesse recuperar a grana pra eles.

- Em outras palavras, você.

- Eu só estou tentando facilitar as coisas pra você, só isso. Estou fazendo um favor pra todo mundo. Esses caras pegam o dinheiro deles de volta e talvez possam até esquecer quanto ao pobre do Bandy. Está entendendo como isso seria bom pra todos? Seu sorriso agradável sumiu. - Onde está o dinheiro?

- Você está delirando. Sobre Bandy. Sobre essa grana. Sobre essa porra toda. Acha que, se eu tivesse dinheiro, estaria andando por aí nessa bosta? - Ele ergueu o braço na direção do Honda. Um carro de segunda mão, que comprei do meu advogado?

Rodarte o olhou por um momento, depois disse suavemente:

- Você fica bem bonitão com essa nova jaqueta Armani. Griff tentou manter a expressão neutra.

- Obrigado. Ficaria uma merda em você. Rodarte riu.

- Receio que você esteja certo. Eu não tenho toda essa beleza.

- Você também não tem culhão. Se tivesse, saía dessa porcaria desse carro, parava de fazer ameaças e lutava como homem.

Rodarte fez cara de quem estava pensando a respeito.

- Tem certeza de que quer que eu faça isso, Griff? Pense bem. Griff estava em estado de ebulição, mas ele sabia que não podia ceder à sua ira. Se pegasse Rodarte, ele daria uma surra dos diabos no filho da puta que bate em mulher, exatamente como ele merecia.

- Márcia não tinha nada a dizer - disse ele. - Você arruinou seu rosto por nada.

Rodarte sacudiu os ombros.

- Acho que sim. Ela não me disse nada de útil e, pelo que sei, ela não vai dizer nada a ninguém por um bom tempo. Eu me pergunto se ela vai poder dar umas chupadas com aquele maxilar costurado. E outra coisa… - Griff não mordeu a isca, mas Rodarte disse mesmo assim.

- Não era de se pensar que uma piranha fizesse tanto jogo duro pra tomar na bunda.

Uma onda de fúria em labaredas percorreu Griff.

Rodarte sentiu e sorriu.

- Você já comeu a bunda dela?

Griff havia se perguntado se o ataque de Rodarte teria incluído estupro. Ele não perguntara isso a Márcia, para evitar causar mais estresse. E, talvez, ele

simplesmente não quisesse saber precisamente o quanto ela teria sofrido por sua causa. Agora que sabia, tinha uma vontade maior ainda de matar o homem que lhe sorria.

Rodarte acenou a cabeça em direção à casa, no meio da quadra.

- E quanto a ela? Mesmo a distância, deu pra ver que a sua amiga tem uma bundinha bem atrevida. Você podia me dizer seu nome. vou descobrir mesmo.

Em questão de segundos, o ódio de Griff passou de ferozmente quente a gélido. O grau de sua ira o assustava e deve ter assustado Rodarte.

- Um dia desses - ele disse, baixinho, com convicção, como uma promessa -, eu vou ter que matá-lo.

Rodarte engatou a ré e sorriu, enquanto recuava o carro.

- Eu tenho sonhos eróticos com o dia em que você tentar.

Relutante, o concièrge tocou para a cobertura de Márcia. Virado de costas para Griff, ele falava ao interfone em sussurros, até que Griff esticou o braço por cima do balcão e lhe deu um tapinha no ombro.

- Dê-me o interfone. Por favor - acrescentou ele, mas com impaciência. Relutante, o homem passou o fone a Griff. - Márcia?

- Na verdade, é o Dwight.

- E aí, Dwight. É o Griff Burkett. Eu quero subir.

- Desculpe, você não pode.

- Quem disse?

- Ela não quer companhia.

- Eu preciso vê-la.

- Ela está descansando.

- Eu vou esperar.

Depois de um suspiro dramático, ele disse:

- Ela provavelmente vai me matar, mas tudo bem.

Dwight atendeu a porta da cobertura e deu um passo ao lado, para que Griff entrasse.

- Hoje ela não está num dia muito bom.

- Nem eu - respondeu Griff, enquanto seguia o vizinho de Márcia ao interior da sala espaçosa, onde Márcia estava reclinada no sofá. Parecia estar dormindo, embora fosse difícil saber, pois sua cabeça estava enrolada em bandagens.

- Ela passou por uma cirurgia?

- Pela primeira, de muitas. Três dias atrás. Seu nariz teve de ser quebrado novamente. Ela ainda está com muita dor, mas eles disseram que já estava bem o suficiente para voltar pra casa.

- De maneira geral, como ela está indo?

- Não muito bem. Ela…

- Eu estou ouvindo vocês, viu? - A voz estava abafada pelas bandagens e seu maxilar ainda se movia com limitação, mas parecia mais ela mesma, e Griff ficou mais esperançoso.

com uma certa leveza na voz, ele disse:

- Nossa! A múmia fala!

- Eu estou com um creme de lagosta no fogo - disse Dwight. Ela está mais ranzinza que nunca, mas seja bonzinho com ela. - Ele deu um tapinha no braço de Griff, ao seguir para a cozinha.

Griff puxou uma cadeira para mais perto do sofá e a colocou onde Márcia podia vê-lo, sem ter que virar a cabeça.

- Se você acha que minha aparência está ruim agora, espere até que a bandagem seja tirada. vou ficar um show de terror.

Ela estava vestida com um robe que ia do pescoço aos pés, mas dava para notar que suas curvas viçosas haviam diminuído. Ele imaginou quanto peso ela teria perdido, desde a última vez que a vira. Esticou o braço e pegou a mão dela, dando um beijo na parte de trás.

- Você não conseguiria ficar um show de terror, por mais força que fizesse.

- Eu detestaria que minha própria mãe me visse assim. Não que ela vá ver, já que me abandonou há anos.

- Deixa pra lá a aparência, como se sente?

- Drogada.

Ele riu. - Drogas boas?

- Eu poderia fazer uma fortuna vendendo esse troço. Se não fosse contra a lei. Mas, por outro lado, a prostituição também é.

- Falando em infringir a lei… - Ele olhou diretamente nos olhos dela, que o espiavam em meio à bandagem. - Eu vou até a polícia por causa de Rodarte.

A reação dela foi imediata. - Não!

- Ouça-me, Márcia. Eu sei o que ele fez com você. Ele ficou se gabando a respeito, uma hora atrás.

Ela o encarou por um longo tempo, depois fechou os olhos, como se quisesse se fechar para ele, para a lembrança, para tudo. Griff sentiu o tremor que a percorreu.

- Por que você não me contou?

- Eu não queria falar sobre isso.

- Ele a machucou.

- Sim.

- Muito.

Então, ela abriu os olhos.

- Eu sou uma piranha. Já fiz de tudo. Mas sempre quando estou no controle. Ter isso forçado é diferente. - Ela fechou os olhos novamente. - Tente explicar isso a um policial.

- Eu vou tentar. Você foi estuprada.

- E ele dirá que isso não importa.

- Para mim, importa! - Ele se levantou da cadeira, fazendo-a cair para trás. Dwight veio correndo, vestido de avental, com uma colher pingando na mão. - Volte para o seu creme de lagosta Griff ordenou. Dwight hesitou, depois colocou a mão livre embaixo da colher e, andando de costas, voltou à cozinha. A pressa quase cómica do decorador para vir salvá-la diluiu a raiva de Griff. Ele endireitou a cadeira e se sentou, voltando a segurar a mão de Márcia.

- Rodarte não vai desistir. O filho da puta tem me seguido. Ele sabe de tudo que tem se passado em minha vida. Mas isso tudo é nada, comparado à sodomia. Eu gostaria de matá-lo por isso. Mas não posso, e ele sabe disso. Não posso fazer nada sem violar minha condicional. Ele vai continuar atrás de mim, Márcia. Forçando. Vai continuar a machucar pessoas próximas a mim. A única opção que resta é levar isso à polícia.

- Eu estou lhe implorando, Griff, não faça isso. -Mas…

- Olhe para mim! - As lágrimas encheram os olhos dela. - Se você fizer isso, eu vou ficar com um holofote em cima de mim e de meu negócio. Cada um dos beatos de bíblia na mão, alguns dos quais são clientes, por sinal, sairá da toca para condenar minha ocupação. Não faria diferença para os meus críticos o fato de que fui para o pronto-socorro, toda quebrada e sangrando. Eles diriam que isso foi uma punição pelos meus pecados.

“Se Rodarte for obrigado a responder por tudo isso, do que eu duvido, ele negará e vai colocar a culpa em algum cliente ou ex-namorado que tenha vindo depois dele. Provavelmente você. Não há DNA. Ele usou preservativo.” Amargamente, ela acrescentou: “Pelo menos, fico feliz por isso.”

- Cristo - Griff praguejou, sabendo que o que ela havia dito provavelmente estava certo. - Então, você espera que eu não faça nada?

- Eu estou lhe pedindo que não faça nada. Eu evitava que o público reparasse muito em mim quando estava linda e sensual. Acha que eu suportaria isso, com essa aparência? Não suportaria, Griff. Primeiro, eu pularia do telhado. - Ela disse isso de forma como se realmente acreditasse poder fazer isso. - A ameaça de exposição afugentaria meus clientes de vez. Eu perderia tudo. Se você tem alguma consideração por mim, deixe pra lá. Deixe pra lá.

- Ela retirou a mão e fechou os olhos.

- Acho que agora você deve ir. Ela precisa dormir. - Dwight voltara sorrateiramente para a sala. Seu tom não era indelicado, mas, inquestionavelmente, ele se designara advogado e protetor de Márcia.

Griff concordou e ficou em pé. Antes de se virar para sair, ele se abaixou e beijou os olhos fechados de Márcia. Dwight o levou até a porta.

- Sugiro que você telefone antes de voltar aqui novamente. Griff consentiu silenciosamente com um aceno de cabeça.

No hall, ele apertou o botão do elevador, mas estava tão perdido em seus pensamentos que ficou ali, em pé, olhando o cubículo vazio por vários instantes, até perceber que havia chegado.

Na descida, ele percebeu que continuar discutindo não faria com que Márcia mudasse de ideia. Pressioná-la só aumentaria sua angústia mental. Ele já infligira sofrimento suficiente, e, depois que

tudo foi dito, ela estava certa. Levar essa questão à polícia não colocaria um holofote apenas sobre Márcia, mas sobre ele também. Ele queria evitar isso, tanto quanto ela.

Não, ele teria que resolver esse problema sozinho com Rodarte, cara a cara com o filho da puta.

Griff parou no florista, na recepção, e pediu um vaso com uma orquídea

plantada, para que fosse entregue na cobertura de Márcia. No cartão que acompanhava, ele escreveu: “Está bem. Fica sendo nosso segredo. Mas ele pagará.”

Ele não assinou.

166

Capítulo 15

GRIFF ouviu a campainha tocando dentro da casa e as pegadas se aproximando. Suas vísceras se contraíram de apreensão pela forma como seria recebido. Talvez com uma batida de porta na cara.

Vir aqui teria sido uma má ideia?

Agora era tarde demais para voltar atrás. Porque a porta foi aberta e ele estava olhando para o rosto sorridente de Ellie Miller. Aterrorizado, ele ficou esperando que o sorriso desaparecesse. Em vez disso, ele se iluminou. - Griff!

Ela parecia pronta para se atirar em cima dele e dar-lhe um grande abraço, mas conteve o impulso e, em vez disso, esticou o braço e pegou sua mão, com uma força surpreendente para uma mulher tão pequenina. E o olhou de cima a baixo,

- Você está mais magro.

- Eu tenho nadado bastante, tenho feito menos exercícios com pesos.

Ela ainda não tinha parado de sorrir.

- Entre, entre, estamos aqui em pé, deixando todo o ar fresco sair, e nossa conta de luz já está nas alturas.

Griff entrou na casa e foi instantaneamente envolvido por seus aromas e texturas familiares. Ele parou, deu uma olhada ao redor. A árvore do hall estava no mesmo lugar de sempre. O papel de parede não fora trocado. O espelho emoldurado, que sempre lhe parecera pequeno demais para aquele local específico, ainda estava ali.

- Eu troquei o carpete da sala ano passado.

- Está bonito.

Fora o carpete, tudo estava exatamente como da última vez em que ele estivera ali. com exceção da foto dos três, que já não estava mais na mesa de canto. A fotografia havia sido tirada minutos após

a vitória do campeonato nacional entre faculdades, ele ainda vestia sua camisa de jérsei, suja de grama e de sangue, com os cabelos colados na cabeça por causa do suor e do peso do capacete. Estava em pé, entre Ellie e o treinador. Três sorrisos radiantes. Ellie tinha mandado emoldurar a foto e orgulhosamente a colocara ali dias depois do jogo.

Os Miller nunca haviam ficado mais felizes, nem mais orgulhosos dele, do que depois daquela vitória do campeonato Orange Bowl, exceto, talvez, pelo dia em que ele assinou sua carta de intenções com a Universidade do Texas. Naquele dia, essa casa ficou abarrotada de colunistas esportivos de todo o estado. Ellie ficou exasperada com a bagunça que eles faziam, derrubando farelo de biscoito e entornando ponche. O treinador reclamou quando a TV estourou um fusível.

Mas os resmungos não eram levados a sério. Ficava óbvio para todos que o casal estava explodindo de orgulho de Griff. Ele não somente recebera a oferta de uma bolsa de estudos integral para jogar futebol pela universidade, mas também estava se formando com louvor no ensino médio. A decisão do treinador de tê-lo acolhido havia valido a pena. Seu investimento no teimoso garoto de quinze anos tinha vingado e, de algumas formas, isso ia muito além da habilidade de Griff em jogar futebol.

Durante os quatro anos em que Griff jogou para a Universidade do Texas, ele foi treinado por alguns dos homens mais respeitados e conhecidos no jogo. Mas ele ainda se fiava nos conselhos do treinador Miller. Ele levou tudo que aprendera com o treinador para aquele jogo no Orange Bowl. Foi um triunfo do treinador, tanto quanto seu.

Foi mais tarde, depois de assinar com os Cowboys, que Griff parou de ouvir os conselhos de seu mentor e começou a ver o treinador como um incómodo, em vez de uma mão sensível a guiá-lo. A ausência daquela fotografia na mesinha de canto da sala dizia muito sobre os atuais sentimentos do treinador em relação a ele.

- Vamos até lá atrás - disse Ellie, enxotando-o rumo à cozinha. - Estou descascando ervilhas. Você pode comprá-las sem casca, mas eu acho que não têm o mesmo gosto. Quer um pouco de chá gelado?

- Por favor.

- Um pedaço de bolo?

- Se tiver.

Ela franziu o rosto para ele como se não ter bolo à mão fosse mais fácil que o inferno congelar e desocupou a mesa da cozinha de seu projeto de limpeza da ervilha. Ele se sentou na cadeira que havia sido designada como sua depois daquele primeiro jantar e ficou constrangido pela nostalgia que fez sua garganta fechar. Esse era o único lar verdadeiro que ele conhecera na vida. Para onde ele trouxera a desgraça.

- O treinador não está aqui?

- Ele está jogando golfe - disse Ellie, irritada. - Eu disse a ele que estava quente demais para jogar a essa hora do dia, mas ele não está menos cabeça dura. Na verdade, ele só piora.

Ela serviu o chá gelado e o bolo e se sentou de frente para ele, cruzando as mãos em cima da mesa. Ele olhou para aquelas mãozinhas, lembrando-se das luvas amarelas de borracha que ela estava usando no dia em que ele se mudou para lá e também de um dos raros momentos em que ele não se retraiu diante de seu toque. Ele estava gripado. Sentada na beirada de sua cama, ela colocou a palma da mão sobre sua testa para ver se ele estava com febre. A mão dela era macia e fresca, e até hoje ele lembrava a sensação boa que teve, da mão junto à sua pele quente. Para ela, foi algo instintivo a fazer, mas, até então, Griff não sabia que isso era o que as mães faziam quando os filhos reclamavam que estavam se sentindo doentes.

Ellie e o treinador nunca tiveram filhos. O motivo disso nunca lhe fora explicado e, mesmo sendo adolescente, ele tivera a sensibilidade de não perguntar. Talvez a falta de filhos a tivesse influenciado a dar as boasvindas a um garoto rabugento e sarcástico, acolhendo-o em seu lar.

Ela não o sufocara com afeições maternas, pois provavelmente tinha a sensação

correta de que ele as teria rejeitado. Porém, diante de qualquer sinal seu, ela estava sempre disponível. Ela emprestava a orelha, se ele quisesse falar de algum problema. De mil formas sutis, ela havia demonstrado o carinho maternal que obviamente sentia por ele. Agora, ele podia ver isso em seus olhos.

- É bom vê-la, Ellie. É bom estar aqui.

- Fico contente que você tenha vindo. Recebeu minhas cartas?

- Sim, e me senti muito grato por elas. Mais do que você possa imaginar.

- Por que não escreveu de volta?

- Eu não conseguia encontrar as palavras. Eu… - Ele sacudiu os ombros, impotente. - Eu simplesmente não consegui, Ellie. E não queria causar um problema entre você e o treinador. Ele não sabe que você me escreveu, sabe?

Ela se endireitou na cadeira e disse espertamente:

- Não diz respeito a ele o que faço ou deixo de fazer. Eu tomo minhas próprias decisões sobre as coisas.

Griff sorriu.

- Eu sei que sim, mas eu também sei que você apoia o treinador. Vocês dois formam uma equipe.

Ela teve a graciosidade de não argumentar diante disso.

- Eu sei o quanto ele ficou injuriado - disse Griff. - Tentou me avisar para que eu me precavesse quanto a uma grande queda. Eu não lhe dei ouvidos.

Ele se lembrava claramente do dia em que o relacionamento desgastado finalmente terminou. O treinador esperava por ele, junto ao seu carro, depois do treino. O pessoal da equipe dos Cowboys conhecia bem o treinador Miller, sabia o quanto ele influenciava o atacante novato e sempre dava as boasvindas ao vê-lo.

Griff, não. As conversas que eles tinham ficavam cada vez mais hostis. O treinador não tinha queixas quanto ao seu desempenho no campo, mas aprovava pouca coisa além disso, como a sua forma de gastar dinheiro.

Griff queria saber qual era o sentido de tê-lo, se não podia gastá-lo.

- Será sensato de sua parte guardar um pouco, para um dia de chuva - o treinador dizia. Griff ignorou o conselho.

O treinador também reprovava seu ritmo de vida. Ele alertava Griff quanto a treinar duro e viver em noitadas, principalmente fora da temporada, quando ele relaxava com os exercícios e ficava até altas horas nas boates de Dalas e Miami, onde tinha comprado um apartamento de frente para o mar.

- Foi a disciplina que o levou até onde você está - disse o treinador. - Você vai afundar rapidamente, se não mantiver essa disciplina. Na verdade, agora deveria ser mais rígida do que antes.

Sei, sei, Griff pensava. Ele imaginava que a insatisfação do treinador fosse por inveja. Ele já não tinha mais controle sobre as decisões que Griff tomava, ou a forma como vivia sua vida, e isso deixava o velho irritado. Embora Griff fosse grato por tudo que o treinador havia feito por ele, segundo seu ponto de vista, ele já era ultrapassado. Suas lições rigorosas já não se aplicavam. O treinador o levara até onde ele estava, mas agora ele estava ali, era hora de romper os cordões.

Griff começou a se distanciar. As visitas passaram a ser menos frequentes. Ele raramente retornava as ligações de seu mentor. Portanto, não ficou feliz em ver o treinador, quando ele o cercou junto a seu carro. com sua típica falta de rodeios, ele foi direto ao assunto.

- Estou preocupado com seus novos parceiros.

- Novos parceiros?

- Não se faça de bobo comigo, Griff.

Ele só podia estar falando dos garotos Vista, e Griff imaginou como o treinador saberia a respeito deles. Mas, por outro lado, ele raramente conseguia esconder algo desse homem. A vigilância do treinador fora um pé no saco quando Griff

era adolescente. Agora, já adulto, era pior ainda.

- Você é que está sempre me perturbando para fazer amigos. Fiz alguns amigos. Agora, não gosta deles.

- Não gosto de vê-lo fazendo amizade com esses caras.

- Por quê? O que há de errado com eles?

- Em meu ponto de vista, eles são exibidos demais. Griff gargalhou. - Exibidos?

- Lisos. Chamativos. Eu não confio neles. Você deveria ver direitinho quem são.

- Eu não bisbilhoto a vida dos meus amigos. - Olhando o treinador direto nos olhos, ele disse o que esperava ser o fim da discussão - Não meto meu nariz nos negócios dos outros.

O treinador não passou recibo.

- Faça uma exceção. Dê uma bisbilhotada.

- Pra quê?

- Veja qual é realmente a deles. Como é que eles pagam por aquelas limusines elegantes e aqueles motoristas?

- Eles são homens de negócios.

- Qual é o negócio deles?

- Uma mina de estanho na América do Sul.

- Mina de estanho porra nenhuma. Nunca vi um mineiro de estanho precisar de guarda-costas.

Griff já ouvira o bastante.

- Olhe, eu não me importo como eles pagam as limusines. Eu gosto das limusines e dos motoristas, sem mencionar os jatos particulares e as bocetas que

me arranjam de graça, sem que eu peça. Então, por que você não vai embora e me deixa em paz? Está bem?

O treinador fez exatamente isso. Foi a última conversa que eles tiveram.

Agora, Griff olhava para Ellie e sacudia a cabeça tristemente.

- Eu achei que era mais esperto que ele. Mais esperto que todo mundo. Quando fui pego, o treinador foi contra mim. Eu não o culpo. Entendi por que ele lavou as mãos a meu respeito.

- Você partiu o coração dele.

Ele a olhou intensamente. Ela assentiu e repetiu seriamente:

- Você partiu o coração dele, Griff. - Depois ela riu baixinho. E claro que ele também estava injuriado.

- É, bem, talvez seja melhor que ele não esteja aqui. Se estivesse, eu duvido de que teria sido convidado para entrar e comer bolo.

- Honestamente eu também duvido.

- Eu sei que arrisquei ao vir.

- Por que veio? Estou encantada, mas por que você veio?

Ele saiu da mesa e foi até a pia. Tirou uma ervilha de um saco marrom e a apertou entre os dedos, fazendo partir a casca, depois sacudiu as ervilhas que estavam na vasilha de aço inox. Jogou a casca vazia de volta no saco.

- Eu continuo ferindo as pessoas e não quero fazer isso.

- Então, pare.

- Não tenho a intenção, apenas continuo a fazer.

- Como?

- Só por ser eu, Ellie. Só por ser eu. - Ele se virou e encostou os quadris na pia, cruzou os tornozelos, cruzou os braços e ficou olhando a ponta das botas. Elas

precisavam ser engraxadas outra vez. - Sou destrutivo. Parece ser uma maldição em minha vida.

- Pare de sentir pena de si mesmo. Ele ergueu a cabeça e olhou para ela.

- Pare de derramar lágrimas de crocodilo e me diga o que está havendo. Quem foi ferido?

- Uma conhecida. Ela foi muito ferida por minha causa. Nenhuma outra razão, apenas por ter a ver comigo.

- Lamento muito, mas isso não parece ser culpa sua.

- Dá a sensação de que foi. Isso é da época de… - Ele gesticulou, como se quisesse se referir àquela época. - Tem um cara. Desde que fui solto, ele fica em cima - disse ele, com a palma diante do nariz. - Ele tem bronca de mim e não vai recuar até me fazer virar pó.

Griff ficara de olho no retrovisor durante todo o tempo em que dirigiu até ali. Fizera também um caminho diferente, olhando para trás várias vezes, para ter certeza de que não estava sendo seguido por Rodarte nem alguém que Rodarte tivesse contratado.

Claro que Rodarte sabia onde os Miller moravam. Se ele quisesse feri-los para atingir Griff, o teria feito. Griff achava que Rodarte não considerava o treinador tão vulnerável quanto Márcia. A ideia de enfrentar o treinador podia assustar até ele próprio. E deveria.

- Você está envolvido em problemas, Griff?

Ele sabia que ela estava perguntando se ele voltara a se envolver com algo ilegal.

- Não, eu juro.

- Acredito em você. Então, vá às autoridades e conte sobre essa pessoa que o está seguindo e…

- Não posso, Ellie.

- Por que não?

- Porque ele não está agindo estritamente por conta própria. -Você quer dizer que…

- Vista. Os mesmos homens que o treinador chamou de lisos, e ele não sabia nem metade.

- Então, você certamente precisa falar com as autoridades. Ele sacudiu a cabeça, pensando no que já decidira na véspera,

ao deixar a cobertura de Márcia.

- Já fiquei até o queixo de autoridades pelos últimos cinco anos. Não quero ter nada a ver com as autoridades.

Ele não poderia denunciar o crime de Rodarte sem chamar a atenção de um monte de merda para ele e Márcia. O mais infernal era que o silêncio protegia Rodarte e lhe dava espaço para manobras. Rodarte podia se tornar uma verdadeira ameaça, e Griff estava encurralado.

- Mas a polícia, ou o FBI precisam saber se…

- Eu não confio mais no sistema, Ellie. Estou fazendo o que tenho de fazer. Formei um bom relacionamento com meu oficial da condicional. Acho que ele está do meu lado. Quero ficar dentro do radar, sem ter nada que chame atenção.

- Nem para aquele assassinato.

- Nem para aquele assassinato - ele admitiu.

- Eles nunca pegaram a pessoa que matou aquele sujeito, o Bandy, pegaram?

- Não, nunca pegaram.

O silêncio ficou denso, se estendeu. Ela não perguntou. Não queria insultá-lo, perguntando. Ou talvez não quisesse ouvir a resposta. Ela deu um gole no chá, recolocou o copo na mesa com mais cuidado do que o necessário.

- Você não pode viver sua vida se esquivando dos bandidos, Griff. Terá de

ignorá-los.

- Eu tentei. Não é tão fácil assim. Na verdade, é impossível. Ignorá-los só faz com que se sintam mais determinados a chamar minha atenção. E usarão outras pessoas para fazer isso, para me forçar a aceitar a sua forma de pensar. Não vou me meter com eles, Ellie. Não vou infringir a lei novamente. Mas não quero outras pessoas sendo feridas.

Principalmente os Speakman. Se Rodarte descobrisse sobre o acordo que Griff fizera com eles, ele poderia arruiná-lo, e essa era a única coisa que Griff tinha. Além disso, Rodarte podia causar danos irreparáveis à reputação do casal. Speakman podia ser um doido de pedra, mas parecia um cara decente. Era respeitado pela comunidade e por doar caminhões de dinheiro a causas de caridade.

E Griff chegava a ficar enjoado só de pensar em Laura Speakman sendo exposta à violência de Rodarte, como Márcia havia sido. Se tivesse a chance, Rodarte ia feri-la, sem pensar duas

vezes. Ele já a notara, falara a seu respeito de uma forma que deixara Griff enfurecido.

Ao perceber a expressão de preocupação de Ellie, Griff relaxou e sorriu.

- Eu não vim aqui para preocupá-la. Só precisava de uma opinião, e você sempre foi uma boa fonte.

Ela se levantou e pegou a mão dele novamente.

- Mais do que qualquer coisa, eu quero que você seja feliz, Griff.

- Feliz? - Ele repetiu a palavra, como se fosse em outro idioma. Felicidade parecia um objetivo inalcançável.

- Já arranjou um emprego?

- Estou vendo algumas coisas. Vai surgir algo, em breve.

- Enquanto isso, o que você está fazendo para arranjar dinheiro?

- Meu advogado vendeu todas as minhas coisas. Sobrou um pouquinho, depois que ele pagou as multas e tudo mais. O que não foi vendido ficou num depósito. Eu tirei tudo algumas semanas atrás. Vendi algumas coisas no eBay. Estou legal.

Ela pegou a bolsa que estava pendurada num gancho perto da porta dos fundos e tirou uma nota de cinquenta dólares da carteira.

- Tome aqui. Ele a afastou.

- Ellie, eu não posso aceitar isso.

- Pode, sim. Eu insisto. É parte do meu dinheiro do Havaí.

- Dinheiro do Havaí?

- Depois de anos importunando-o sobre isso, Joe finalmente concordou em me levar ao Havaí mais para o fim do verão. Eu guardei algum dinheiro das despesas. Se você não pegar, eu vou comprar cinquenta dólares de suvenires cafonas, dos quais não preciso e nunca mais vou querer ver. Pegue.

Ele pegou. Não por querer, ou precisar, mas porque ela queria lhe dar, e ela precisava que ele aceitasse,

- Eu vou pagar de volta.

Eles ouviram o carro ao mesmo tempo. Ellie olhou para ele, deu um sorriso fraco para tranquilizá-lo e se virou de frente para a porta dos fundos quando o treinador entrou.

- De quem é aquele carro…

Foi até onde ele falou. Ver Griff em sua cozinha o fez parar no meio do caminho. Seus cabelos ralos estavam mais grisalhos. Ele aumentara uns cinco quilos, mas ainda estava sólido como uma parede de tijolos, não gordo. Havia mais rugas nos cantos dos olhos, no rosto eternamente bronzeado. Fora isso, ele estava bem parecido com o que era no dia em que trouxera Griff para essa casa, quase vinte anos antes.

Griff registrou tudo isso numa fração de segundos, tempo em que o treinador ficou parado antes de seguir seu caminho atravessando a cozinha, passando pela sala e seguindo pelo corredor. A batida da porta do quarto ecoou ruidosamente na casa.

Levou um tempinho, até que Ellie falasse.

- Sinto muito, Griff.

- Eu não esperava que ele fosse ficar contente em me ver.

- Ele está, só não consegue demonstrar. Griff não teve coragem de desiludi-la.

- Eu preciso ir.

Ela não discutiu. À porta, ela o olhou com preocupação.

- Cuide-se.

- vou me cuidar.

- Promete?

- Prometo.

- Eu nunca tive a chance de lhe dizer isso, mas, quando tudo aquilo aconteceu, cinco anos atrás, eu lamentei muito por você. O que fez foi errado, Griff. Muito errado, e você não tem desculpa para tê-lo feito. Mas senti como se você fosse meu filho de sangue.

- Eu sei disso - a voz dele estava perigosamente embargada.

- Não desanime. - Ela afagou as costas da mão dele. - O melhor ainda está por vir. Tenho certeza disso.

Ele também não quis desiludi-la quanto a isso.

- Precisa de ajuda com isso, senhora?

Laura se virou, pronta para aceitar a gentil oferta de auxílio. Mas, quando viu Griff Burkett, seu sorriso congelou no lugar, conforme seus olhos ficaram

repletos de susto.

- O que você está fazendo aqui?

Ele pegou a caixa pesada dos braços dela, que pareceram se desmanchar quando ela o viu.

- Para onde estava levando isso? Ela continuou olhando para ele de boca aberta.

- Se continuar a me olhar desse jeito, vai chamar atenção disse ele. - Para onde está levando a caixa?

- Até meu carro. - Ela acenou a cabeça em direção às vagas reservadas no estacionamento, não muito longe da entrada de funcionários da qual ela havia surgido. Olhou ao redor nervosamente. As fileiras de carros fumegavam sob o sol ardente, mas não havia mais ninguém por perto, motivo pelo qual ela vinha carregando a caixa.

O prédio que abrigava os escritórios corporativos da SunSouth Airlines era uma das edificações mais famosas de Dalas, construído basicamente com vidro e estruturas de ferro. Por isso, qualquer um que estivesse olhando pela lateral do prédio teria uma visão desimpedida do estacionamento e poderia vê-la com ele, possivelmente até reconhecê-lo.

No entanto, se ele não estivesse tão perto, ela própria provavelmente não o teria reconhecido. Ele havia alterado sua aparência com um boné de beisebol e óculos escuros. Vestia uma camiseta desbotada e quase puída, bermuda até os joelhos, com bainhas desfiadas e ténis em vez das botas de caubói. Mas sua altura e a largura dos ombros eram impossíveis de serem disfarçadas, embora tentasse andar de ombros caídos.

- O que você está fazendo aqui? - repetiu ela.

- Eu sei que é contra as regras.

- O Foster ficaria…

- Quicando, eu sei. Mas era importante que eu a visse.

- Você poderia ter ligado.

- Você atenderia a ligação? Provavelmente não, pensou ela.

- Está certo, você está aqui. O que é tão urgente? Você está desistindo?

Ele parou, se virou para ela.

- Quer que eu desista?

- Você foi embora dizendo que não precisava dessa merda, lembra?

- E você me lembrou o quanto eu preciso.

177

Eles se olharam por alguns segundos, depois simultaneamente lembraram o quanto estavam vulneráveis por serem vistos e continuaram andando na direção das vagas reservadas.

- Qual é o seu carro?

- É a BMW preta.

- Aperte o botão do porta-malas.

Ela pegou as chaves, apertou o botão e a tampa do porta-malas automaticamente se abriu. Ele baixou a caixa e a colocou do lado de dentro.

- O que tem aqui dentro? É leve para ser tão volumoso. -.

- É um modelo de aeronave. vou levá-lo para casa.

- Para Speakman? Vi que ele não veio trabalhar hoje.

Ele ainda estava abaixado, remexendo a caixa. Para um observador ocasional, dava a impressão de estar acomodando a caixa no porta-malas para evitar que fosse danificada durante o transporte.

- Como sabe disso?

- Porque a primeira vaga tem o nome dele e está vazia. Eu sei que não esteve aqui mais cedo porque fiquei vigiando, do outro lado da rua…

- Vigiando?

- Lá da pizzaria. Durante horas. Observando essa porta, esperando por uma oportunidade de lhe falar.

- O que é tão importante que não podia esperar até a próxima vez que nos encontrássemos?

- Haverá uma próxima vez? - Ele se endireitou e se virou para encará-la.

Ela deu um rápido aceno de cabeça.

- É… sua…

- Sim. Anteontem. -Ah.

Ele só ficou ali, parado.

Ela ficou examinando as chaves.

Eternamente.

Depois ele disse:

- Deve ter ficado decepcionada.

- Claro que fiquei. Nós ficamos. Foster e eu. - Respirando rapidamente, ela disse: - Então, nós devemos nos encontrar novamente. - Evitando olhar para ele, exceto com a visão periférica, ela inclinou a cabeça para trás e olhou diretamente nas lentes opacas de seus óculos escuros. - A menos que você desista.

- Já falamos sobre isso.

- Então, o que há de tão importante para que você viesse até aqui?

- Vim alertá-la.

Ela esperava uma exigência de mais dinheiro adiantado. Talvez um pedido de desculpas pelo que ele lhe dissera antes de partir da última vez. Mas um alerta?

- Veio me alertar quanto a quê?

- Algumas semanas atrás. Quando estávamos juntos. Viu os hematomas em meu rosto?

- E no seu quadril.

Ele inclinou a cabeça e ela soube que, se pudesse ver seus olhos, eles estariam demonstrando uma expressão de curiosidade. Só havia uma forma para que ela soubesse dos hematomas na bunda dele, e ela acabara de se entregar. Mas tentar disfarçar para sair da saia justa só a faria parecer mais constrangida.

- O que tem os hematomas? - perguntou ela impacientemente.

- Eu gostaria de dizer que os outros caras ficaram piores.

- Caras? Mais que um?

- Dois. Eu fui atacado no estacionamento de um restaurante e levei uma surra. Algumas semanas antes disso, alguém conhecido ficou pior. - Os lábios dele formaram uma linha reta e apertada. Muito pior. E ainda nem se recuperou.

Laura não podia acreditar no que estava ouvindo.

- No que você está envolvido?

- Nada!

-Você e seu amigo foram surrados por nada?

- Ouça - disse ele, chegando mais perto, falando rápido e baixinho. - Isso é coisa de cinco anos atrás, mas não tem nada a ver comigo agora. Exceto pelo fato de que um babaca resolveu que sua missão seria arruinar a minha vida. Seu nome é Stanley Rodarte. Ele tem um carro horrível, verde oliva. Se o vir, fique fora de seu caminho. Caso esteja sozinha, não deixe que ele se aproxime sob circunstância alguma. Está me ouvindo?

- Eu raramente estou sozinha.

- Estava agora mesmo. Olhe como foi fácil para que eu me aproximasse. - Como

se para enfatizar isso, ele olhou para baixo, para o espaço entre eles, que era de menos de um palmo.

- Agradeço pelo alerta - disse Laura, se distanciando mais que apenas fisicamente. - Mas suas atividades extracurriculares não têm nada a ver comigo e Foster. Esse tal de Stanley sei lá de que não representa qualquer ameaça a nós.

- O nome é Rodarte, e porra nenhuma que não é ameaça disse ele, forçando as palavras. - Ouça o que estou dizendo. Ele é perigoso. Se tiver uma chance, vai machucá-la de forma como você provavelmente nem imagina. Isso não é conversa fiada. Ela…

- Laura?

Eles deram um pulo culposamente diante do som de outra voz. Ela se virou e avistou Joe McDonald se aproximando, vindo de uma fileira de carros mais adiante.

- Oi, Joe - ela disse, tentando parecer normal e contente ao vê-lo.

- Lembre-se do que eu lhe falei - disse Griff baixinho, depois saiu andando rapidamente.

Forçando-se a se mover, Laura seguiu em direção ao chefe de marketing, que olhava curiosamente o porte alto de Griff, conforme ele caminhava entre os carros.

- Quem era esse?

- Alguém que estava cortando caminho por nosso estacionamento. Sorte minha. Ele me viu carregando a caixa com o modelo da Select e se ofereceu a carregá-la para mim.

- Onde estava o guarda que fica na porta?

- Não estava lá quando passei, e eu não queria esperar. - Sem dar na vista, ela conduziu Joe até a entrada. - Estou ansiosa para levar o modelo para casa e mostrá-lo a Foster.

- Então, hoje é a grande noite?

- É. Deseje-me sorte.

Enquanto eles se aproximavam da entrada, ela olhou casualmente por cima do ombro. Griff Burkett havia desaparecido.

Capítulo 16

LAURA não contou a Foster sobre a inesperada aparição de Griff Burkett. Geralmente, ela não escondia nada do marido. Mas estava relutante em compartilhar o alerta de Burkett quanto a um homem num carro verde, pois a mais remota possibilidade de que ela estivesse em perigo faria com que Foster entrasse em parafuso. Ele reagiria da forma típica; ela teria guardas armados em uma hora.

Além disso, essa noite ela não queria dividir a atenção de Foster com mais nada.

Ela mudou de roupa antes de descer para jantar, colocando um vestido preto simples que era um dos que ele mais gostava. Levou mais tempo arrumando os cabelos e a maquiagem. Passou perfume.

Ao descer a escada, percebeu que sentia cócegas na barriga e seu nervosismo a surpreendeu. Mas depois lembrou a si mesma que já fazia meses que vinha se preparando para essa noite. Um ligeiro medo da atuação era compreensível.

Mal tocou no jantar, mas Foster não percebeu porque estava entusiasticamente contando sobre o novo exercício que Manuelo havia inserido em suas seções de fisioterapia.

- Está ajudando a fortalecer minha coluna e meus braços. Já notei uma grande melhora.

- Ele aprendeu a técnica naquele seminário em que você o matriculou no mês passado?

- Sim. Obviamente ele aprende rápido.

- Ele seria até mais rápido se soubesse inglês.

- Ele é um homem muito orgulhoso.

- Como é que aprender inglês poderia ferir seu orgulho?

- Ele encararia isso como uma traição à sua descendência. Antes que ela pudesse comentar mais, ele perguntou sobre seu

dia no escritório.

182

- Fico contente que você tenha mencionado isso - disse ela, exibindo um sorriso malicioso. - Tenho uma surpresa pra você, depois do jantar.

Quando eles terminaram a refeição, ela pediu que ele a acompanhasse, saindo da sala de jantar. Ele movimentou a cadeira de rodas à frente e para trás, três vezes, antes de seguir em frente. Esse era um hábito que havia adquirido algumas semanas antes.

Além disso, começaram a surgir frascos de desinfetante de mão por toda parte. Inicialmente, ele os usava quando achava que ela não estava olhando. Agora, havia dúzias deles espalhados pela casa, para que sempre houvesse um ao alcance de Foster. Limpeza e eliminação de germes sempre foram obsessões, mas esses sinais recentes a perturbavam. Ela insistia para que ele conversasse com seu psiquiatra a respeito de tais manifestações.

Essa noite, no entanto, eles não abordariam essa disfunção nem nenhuma outra coisa negativa. Além disso, uma vez que Foster estivesse focado no projeto que ela estava prestes a apresentar, seus sintomas provavelmente voltariam a regredir.

Laura havia organizado tudo na sala com antecedência. Ao conduzi-lo à porta fechada, ela a abriu de forma dramática e entoou:

- Apresentando a SunSouth Select. - Ela deu um passo ao lado para que ele pudesse ver o trabalho artístico exposto, a faixa que ela mandara fazer exibindo o novo logotipo, os gráficos e tabelas posicionados em cavaletes, para uma rápida referência, e o modelo da aeronave.

Parecendo ligeiramente oprimido pelo visual, Foster fez sua rotina da ré três

vezes, depois lentamente conduziu a cadeira para dentro da sala.

- O que é tudo isso?

- Uma inovação em serviços aéreos, cuja concepção teve em mente os passageiros frequentes e a negócios - disse ela, como se estivesse se dirigindo a uma sala cheia de gente, de cima de um palanque. - Permita-me.

- Por favor.

Ela ficou diante dele como se tivesse assumido o centro de um palco.

- A SunSouth Select oferecerá tratamento VIP a um número limitado de voos partindo de Dalas para destinos de grande procura. Houston, Atlanta, Denver, Los Angeles, Washington D.C., Nova York. Um voo bem cedo pela manhã. Um voo tarde da noite.

“A Select será apenas para membros associados. Os passageiros serão previamente filtrados e registrados. Eles terão passes que lhe pouparão a passagem pela segurança habitual nos aeroportos. A Select proverá tratamento cuidadoso da bagagem. Um serviço de motorista do aeroporto poderia ser opcional, porém recomendado, para garantir um serviço até melhor e um número menor dos incómodos, geralmente ligados às viagens de negócios.

“Aeronaves projetadas para cento e trinta passageiros seriam reconfiguradas para acomodar cinquenta. Até mesmo as companhias aéreas internacionais que bajulam seus passageiros de primeira classe ficariam apagadas, em comparação aos mimos dispensados aos integrantes da SunSouth Select.

“Custoso? Decididamente. Porém, menos custoso do que ser dono de sequer uma fração de um jato particular e com muito mais espaço - acrescentou ela, com um sorriso. - Pelo valor que um executivo de negócios gastaria para fretar um jato particular para esses destinos, ele poderia voar com muito mais conforto, com comissários especialmente treinados para atendê-lo. Ou a ela.”

Até então, Foster não dissera nada, mas estava ouvindo.

Ela prosseguiu.

- Pelo fato de que funcionaria sob o patrocínio da SunSouth Airlines, o

passageiro teria a garantia da segurança da Select, padrões rigorosos e eficiência incomparável.

“Essa eficiência é a marca registrada da SunSouth, mas não vem de graça. Uma crítica frequentemente ouvida, principalmente dos passageiros habituais de negócios, é que a SunSouth é equivalente a viajar em um ônibus da viação Greyhound. Dez meses atrás, a companhia começou a oferecer poltronas reservadas, substituindo a ocupação dos lugares por quem chegava primeiro. Isso provou ser uma opção de imenso sucesso.

“Dezoito ponto três por cento de nossos passageiros estão dispostos a pagar os vinte dólares adicionais por bilhete pela garantia de um assento reservado e a conveniência do embarque prioritário. Exagerando, se pelo menos metade de um por cento de nossos

dezoito ponto três por cento entrar como sócios da SunSouth Select, os aviões voarão lotados.

“Nos últimos anos, a posse de jatos particulares se tornou extremamente competitiva, mas esse tipo de transporte ainda é acessível para apenas uma minúscula percentagem de viajantes. Por um lado, você tem as companhias aéreas sem frescuras, como a SunSouth e a Southwest. Por outro, os jatos particulares.

“A SunSouth Select vai preencher o vácuo que existe no meio. É previsto que esse vácuo aumente, à medida que as companhias diminuam os serviços de primeira classe em favor de viagens económicas. Além disso, há uma pequena margem no mercado, mas é um nicho vital, pois atende aqueles que precisam voar e, de fato, voam milhares de milhas a cada ano. Felizmente, esses passageiros também são os que possuem capital para gastar em viagens aéreas. Se a SunSouth não reivindicar esse nicho do mercado, uma companhia aérea concorrente irá fazê-lo. A Select irá assegurar que a SunSouth mantenha sua posição como líder na indústria aérea.”

Foi a conclusão planejada para sua apresentação. Quando Foster estava certo de que ela havia concluído, ele movimentou a cadeira para frente e para trás, três vezes, depois foi em direção à mesa onde ela colocara o modelo do avião. Um dos lados da fuselagem era feito de plástico transparente para que o interior - que

superava em muito até a mais luxuosa e espaçosa das cabines de primeira classe - ficasse visível. Ele estudou a peça por um tempo que pareceu uma eternidade para Laura.

Finalmente, ele falou:

- Isso já foi experimentado antes. Serviços de Rolls-Royce a preços de Rolls-Royce. Aquela companhia aérea não durou muito.

Laura tinha uma resposta para esse argumento.

- Eles não vendiam programas para membros. Só se fiavam nas reservas individuais, portanto, se depararam com problemas de fluxo de caixa. Nós venderíamos programas para associados, renováveis anualmente. Antes que a primeira aeronave decolasse, teríamos capital operacional para manter o serviço em funcionamento por no mínimo um ano. E tendo rendimentos simultaneamente.

- O vínculo de associado daria ao passageiro o direito de voar um número estipulado de trechos?

- Milhas, na verdade, já que alguns trechos são mais longos que outros. Estamos pensando em algo na casa de setenta e cinco mil milhas. Se o membro não voar todas elas, ele as perde. Se ele voar acima desse número de milhas, para cada voo adicional ele pagará uma taxa equivalente ao preço de um bilhete de primeira classe em outra companhia.

- E esses números funcionam?

- Está no resumo. - Ela entregou a ele uma pasta com o logo da SunSouth Select em relevo na capa de couro. Ele estudou o logo, mas recolocou a pasta em cima da mesa sem abri-la.

- Quanto nós teríamos que cobrar pelas associações dos membros?

- Como eu disse, o resumo contém várias projeções financeiras. Se cobrarmos esse valor, nossa margem de lucro será maior do que se cobrarmos aquele.

- Eu sei o que é uma projeção financeira, Laura. Perplexa pelo tom, ela murmurou:

- É claro que sabe. Eu só quis que você entendesse que isso tudo é preliminar.

- É mesmo? Parece tão bem pensado.

- Eu trabalhei nisso por muito tempo e com muito afinco, Foster. Tentei pensar em todos os aspectos e contingências.

- Quem mais esteve trabalhando nisso? Ela riu.

- Isso faz parecer uma conspiração.

- Isso meio que parece uma conspiração. Algumas semanas atrás, quando eu perguntei a você se os ratos estavam brincando enquanto o gato estava longe, eu quis fazer uma piada.

- Você está zangado?

Para a frente, para trás, para a frente, para trás, para a frente, para trás, depois até o bar, onde ele se serviu de uma dose de uísque. Ele não ofereceu a ela.

- O que a AST (Administração de Segurança de Transportes) diz a respeito da emissão de passes para esses associados?

- Não é uma ideia nova. Os passes para passageiros frequentes é um assunto que foi já abordado. Alguns já estão em uso, em alguns aeroportos.

- De onde viriam os aviões?

- com tantas companhias aéreas reduzindo voos por motivos económicos, nós poderíamos comprar os aviões que estão parados por uma mixaria.

- Ainda assim, custariam milhões. E mais milhões para convertê-los para isso - disse ele, gesticulando para o modelo.

- A SunSouth tem uma linha de crédito extensa. Nós poderíamos pegar o dinheiro emprestado…

- E se esse conceito fracassar, estaremos presos a uma imensa dívida, sem meios de quitá-la.

- Nós poderíamos incorporar essas aeronaves recém-compradas às nossas operações normais. Nossos aviões já voam lotados, geralmente vendemos até mais que o limite e, de qualquer maneira, estávamos mesmo planejando expandir nossa frota no ano que vem.

Ele terminou seu uísque num único gole, depois voltou ao bar, pegou um guardanapo e limpou a borda do copo, fazendo três círculos antes de colocá-lo de volta na prateleira embaixo da pia. Recolocou a tampa do decanter de cristal e o colocou exatamente onde estava antes. E usou um dos frascos de desinfetante de mão.

Finalmente, ele acrescentou:

- Tudo isso é muito especulativo, Laura.

- E preliminar. Foi o que eu disse. Isso precisa de muita afinação. Estou contando com você para isso.

Ele não se estendeu nesse ponto.

- A probabilidade de sucesso é bem remota.

- Assim como a probabilidade de que a SunSouth fosse vingar, quando você assumiu. Todos lhe disseram que não havia espaço para outra companhia aérea comercial baseada em Dalas. Os economistas disseram que você estava louco. Os analistas de negócios riram na sua cara. Você não lhes deu ouvidos. Passou por cima da incredulidade deles como um rolo compressor. Não deixou que ninguém o impedisse de realizar seu sonho.

- Naquela época, eu não era um aleijado.

Se ele a tivesse esbofeteado, ela não teria ficado mais chocada. Na verdade, ele a atingira onde sabia que doeria mais. Ela o encarou, depois, ao recuperar-se da perplexidade inicial, deu as costas e seguiu rumo à porta.

- Laura. Laura, espere! Eu sinto muito. - Ela parou com a mão na maçaneta da porta. Ele veio por trás e esticou o braço para pegar a mão dela. - Deus, eu sinto muito. Perdoe-me.

Ele a puxou para seu colo, segurou sua cabeça com as duas mãos, forçando-a a

se virar para o lado e olhá-lo.

- Desculpe. - Ele a beijou no rosto, depois nos lábios. - Eu sinto muito, me perdoe.

Ouvindo um arrependimento verdadeiro em sua voz, ela relaxou a postura.

- Por que você diria algo desse tipo, Foster?

- Foi totalmente impróprio. Completamente.

Por cima do ombro dele, ela olhou para o modelo que representava tantas horas de trabalho. Dela e de muitos outros.

- Achei que isso fosse empolgá-lo, revigorá-lo. Ele afagou seus cabelos.

- Eu arruinei sua surpresa com minha negatividade. Peço desculpas por isso. Principalmente, por você já ter tido uma decepção essa semana.

Ele estava falando da menstruação dela. Verdade, havia sido uma decepção, mas ela não se distrairia do assunto falando sobre isso.

- Você detesta a ideia da SunSouth Select?

- É bastante coisa para ser absorvida em quinze minutos. - Seu sorriso gentil foi uma tentativa de abrandar o golpe, assim como foram as suas palavras cuidadosamente escolhidas. - Você teve meses para alimentar seu entusiasmo. Eu não sabia de nada. Dê-me algum tempo para pensar a respeito.

- Mas sua reação inicial é contra.

- De jeito algum. Sou criteriosamente favorável a uma ideia que requer um estudo adicional.

O que se traduzia em contra.

Ele virou a cabeça dela ao ombro dele.

- Enquanto isso, parabéns pelo trabalho benfeito. Foi uma das melhores apresentações que eu já ouvi.

Ele estava rejeitando a ideia, enquanto lhe dava uma nota dez para seu empenho. Ela detestava ser tratada com condescendência, mas estava abatida demais para discutir a respeito essa noite. Depositara toda a sua energia na apresentação. Agora que havia terminado e não alcançara o objetivo desejado, ela se sentia vazia e esgotada.

- Agora - disse ele, como se uma questão irrelevante tivesse sido abordada e concluída -, conte-me o que mais aconteceu hoje.

Capítulo 17

BOLLY RlCH subiu as arquibancadas e se sentou ao lado de Griff. Por quase sessenta segundos, eles ficaram ali sentados, em poses idênticas - antebraços apoiados nas coxas, mãos enlaçadas no meio dos joelhos -, olhando os jogadores no campo. Bolly foi o primeiro a quebrar o silêncio.

- Que diabos você está fazendo, Griff?

- Estou assistindo ao treino.

- Esse é o terceiro dia seguido que você vem aqui.

- Tá contando?

- Estou, estou contando. Qual é a jogada?

- Bem, em minha opinião, o Jason é tão bom quanto qualquer outro jogador em seu time. Eles não têm um zagueiro forte. A defesa deles é uma merda. Jason está se esforçando, mas ele…

- Corta o papo furado, Griff - disse Bolly, ainda mais zangado do que antes. - O que você está fazendo assistindo ao treino de futebol de garotos do colégio?

Griff virou a cabeça e olhou para ele.

- Matando tempo, Bolly. Porque eu não tenho mais nada a fazer. Pelo que sei, esse é um lugar público e isso me dá o direito de estar aqui tanto quanto você. Se você não gosta, não fale comigo. Eu não o convidei para vir aqui em cima.

Então, por que você não volta lá pra baixo e se junta ao pessoal decente, antes que eu te contamine e você seja expulso do clube?

Lá embaixo, no campo, os técnicos estavam com os meninos reunidos, deixando que eles bebessem água de suas garrafas, enquanto conversavam no intervalo da partida. Os garotos pareciam pequenos demais para as ombreiras largas. Dessa distância, eles pareciam bonecas cabeçudas, todos desproporcionais. Griff havia começado a jogar futebol na idade de Jason. Ele achava que também devia parecer bem pequeno, naquela época.

Bolly ficou onde estava.

- Meu filho o idolatra - disse ele.

- Eu sou um herói lamentável.

- Eu disse isso a ele.

Eles ficaram observando, enquanto os treinadores dividiam os jogadores de ataque e os da defesa e os juntaram em dois grupos, nos cantos opostos do campo, para a realização de exercícios de corrida. Cinco minutos se passaram. Dez.

Então, Bolly limpou a garganta.

- Sabe aquela noite, em Buffalo?

Griff não demonstrou ouvir, embora soubesse imediatamente a que noite específica ele se referia.

- Nunca passei tanto frio na minha vida.

- Dez abaixo de zero, naquele jogo - disse Griff. - Pelo menos, foi o que me disseram mais tarde. Eles não tiveram coragem de nos dizer no vestiário, antes do jogo. Sessenta minutos de futebol jogados em plena neve, e, no apito final, tudo que tínhamos era uma porcaria de um lançamento. O chutador, todo embrulhado em agasalhos, ficou o tempo todo tomando bebidas quentes no banco. De repente ele sai trotando aquele rabinho magro pra marcar os únicos três pontos do jogo. Meus dedos estavam sangrando por causa das travas da chuteira do homem de linha do time dos Bills. Estava tão frio que meus dedos

endureceram, eu nem conseguia dobrá-los. E aquele chutador foi que levou toda a glória.

Bolly deu um riso fungado.

- Ele era um metido a besta.

- Nem me fale. De onde ele era mesmo? Não tinha nenhuma vogal em seu sobrenome.

- De um daqueles países do leste europeu. Passou do futebol com os pés para o futebol com as mãos, para que pudesse vir para os EUA ganhar mais dinheiro. Ainda bem que os Cowboys se livraram dele.

Havia sido uma vitória vergonhosa de um jogo que chegou tarde na temporada, seu resultado foi irrelevante para as eliminatórias. O aeroporto estava fechado por conta da nevasca, então o time não pôde voar de volta para casa. Ninguém estava em clima de festa quando voltaram ao hotel para mais uma noite. A maioria foi direto para o quarto.

- Você e eu acabamos sendo os dois últimos no bar - disse Bolly, como se estivesse acompanhando os pensamentos de Griff. Eu fiquei de porre.

- Bolly…

- Não, não, isso precisa ser dito, Griff. Eu fiquei bêbado e chorei feito um bebé, falando dos meus problemas conjugais.

Pelo que Griff podia se lembrar, a esposa de Bolly fizera as malas e o abandonara, dizendo que estava farta de ficar em casa com o filho pequeno enquanto ele estava longe, se divertindo com os caras, cobrindo um evento esportivo após o outro.

- Pelo jeito, deu tudo certo - disse Griff.

- Sorte minha.

Pelo jeito com que Bolly havia ficado bêbado naquela noite, Griff estava

surpreso de que ele nem sequer se lembrasse de seu desmoronamento emocional. Talvez ele estivesse precisando daquilo para endireitar as coisas em casa. Ele e a esposa ainda estavam juntos. Ele tinha uma bela casa, um filho com um corte de cabelo razoável e nenhum piercing aparente no corpo. Por que tocar no assunto agora?

- Eu nunca o agradeci pela discrição - disse Bolly baixinho. Griff o olhou.

Sacudindo os ombros, constrangido, Bolly tirou os óculos e os girou, segurando pela haste.

- Muitos dos meus colegas traem suas esposas quando estão na estrada. com certeza não ficam chorando por elas. Eu lhe dei um bocado de motivo para papear no vestiário. Mas você nunca mencionou nem uma palavra a ninguém.

- Eu não tinha amigos, lembra? Não tinha ninguém a quem contar.

Bolly lançou um olhar enviesado.

- Mas você também nunca tocou no assunto comigo. Ficou na sua. Você sabe. Na verdade, você fingiu que nem tinha acontecido.

- Ele abaixou a cabeça e estreitou os olhos, olhando os ténis. - E você nunca pediu um favor, nem mesmo quando veio pedir um emprego. Desde então, isso vem me corroendo por dentro.

Bolly recolocou os óculos. Alguns minutos se passaram enquanto eles observavam o treinador de Jason dando algumas instruções. Finalmente, Bolly disse:

- Esse cara é razoável para um treinador de ensino fundamental, mas Jason até que poderia usar alguma ajuda extra. Eu sei que não é grande coisa como emprego. Na verdade, Griff, não é…

- Eu aceito.

- Espere aí. Qualquer oferta de pagamento que eu lhe faça será insultante.

- Não precisa me pagar. Eu preciso de algo construtivo para fazer. Compre uma dúzia de bolas de futebol para que eu use, e estamos quites.

Bolly ficou pensando por um instante, depois pareceu chegar a uma decisão.

- Que tal aqui, uma hora antes do treino, todos os dias?

- Pra mim, tá bom. - Eles apertaram-se as mãos. - Diga a Jason para vir preparado para ralar muito.

- Ele vai ficar radiante. Começa amanhã?

- Estarei aqui.

Bolly ficou em pé e desceu alguns degraus da arquibancada, depois parou e virou para trás.

- Isso não significa que eu perdoo o que fez, Griff. Você ainda está em condicional comigo, tanto quanto com a corte. Se houver qualquer sinal de problemas, você está fora.

- Não haverá problema algum. Eu juro.

Bolly assentiu, depois continuou descendo as arquibancadas para se juntar aos outros pais que estavam em pé, na lateral do campo, assistindo ao treino.

Griff não havia sido convidado para se juntar a eles, nem seria, mas tudo bem. Ele se sentia melhor do que vinha se sentindo havia muito tempo. Agora ele tinha um projeto, algo para incentivá-lo, um motivo para sair da cama todas as manhãs. E, para ser treinador de um aspirante a atacante, não havia ninguém mais qualificado. Saber disso fez com que ele se sentisse bem.

Ele estava sorrindo quando o celular tocou.

Ele chegou antes dela e estacionou nos fundos. Alguns minutos depois, ela estacionou o carro atrás do dele.

- Uma reunião se estendeu - disse ela, ao sair do carro.

- Eu também acabei de chegar.

Juntos, eles caminharam em direção à porta da frente da casa. Enquanto ela

estava destrancando a porta, ele olhou a rua em ambas as direções. Nada de sedan verde oliva. Ele viera direto do treino do colégio e sabia que não havia sido seguido até ali. Na verdade, ele não vira Rodarte, nem ninguém suspeito, desde o último confronto - um mês antes, ele se deu conta.

Mas nem por um instante ele achava que Rodarte se sentira intimidado. Sua ausência notória era, de fato, enervante. Griff preferia tê-lo à vista, ao menos ocasionalmente. Pensando nisso, assim que eles entraram, ele perguntou a Laura se ela vira o cara sobre quem ele a alertara.

- No carro verde horrível? - Uma das sobrancelhas dela se ergueu ligeiramente.

- Por que você está me olhando desse jeito? Acha que eu o inventei?

- O que acho é que você correu um risco desnecessário de ser visto comigo.

- Conheço as regras, mas você precisava saber sobre Rodarte.

- Eu duvido.

- Olhe…

- Não quero discutir sobre isso - ela estrilou. Depois, ela esfregou a testa e suspirou de modo exaustivo. - Não vi nenhum homem à espreita num carro verde oliva.

- bom. Obrigado. Era só isso que eu queria saber. Por que simplesmente não me disse, e nos pouparia a discussão?

Ela olhou, pronta para começar a argumentar, depois mudou de ideia e seguiu em direção ao quarto.

- O que era o modelo?

- O quê?

- O modelo. Na caixa que eu carreguei para seu carro.

- Era o modelo de uma aeronave.

- Até aí eu imaginei. Você estava levando pra casa para mostrar a seu marido.

Pra quê?

- Para uma apresentação.

- Ah, é? E como foi?

Evitando contato visual, ela correu os dedos pelos cabelos,

- Agora não importa. - Antes de dar a ele a chance de dizer mais alguma coisa a respeito, ela caminhou pelo corredor e entrou no quarto.

Griff ficou olhando, imaginando o que a teria deixado tão nervosinha. Uma discussão em casa? Um dia ruim no escritório? Ou apenas o fato de que teria de aturá-lo de novo?

Dane-se. Ela que fique nervosinha. Deixe que ela fique de mau humor. Tanto faz. Ele não se importava. Ele só esperava em Deus que dessa vez desse certo. Estava pronto para pegar a grana e ralar.

Ele tirou a fralda da camisa de dentro da calça e descalçou as botas. Verificou o termostato e abaixou vários graus. Entrou na cozinha e olhou a geladeira. A mesma água engarrafada, as mesmas seis Cocas diet. Ele não queria nem um, nem outro, mas desabotoou a camisa e ficou em pé, na frente da porta aberta da geladeira, deixando que o ar frio batesse em seu peito.

De volta à sala, ele abriu o armário e correu os olhos pelos títulos dos vídeos. Talvez ele devesse dar uma olhada num deles, só para variar. Vejamos. Homens com mulheres. Mulheres com mulheres. Uma fábula de duas cidades. Hmm. Que duas cidades?, pensou ele. Numa das capas, uma garota sem nada, exceto algumas tiras de couro, estava montada numa moto. Suas unhas vermelhas longas o desestimularam em vez de estimular.

Ele fechou as portas do armário, mais uma vez rejeitando os vídeos e as revistas, preferindo usar sua própria imaginação.

- Entre.

Ele entrou no quarto e fechou a porta. No meio do quarto, ele parou. Ela estava deitada como antes, olhando o teto, coberta até a cintura com o lençol. Acima, ela estava totalmente vestida.

Mas dessa vez havia marcas de lágrimas em seu rosto.

Como ele não foi diretamente para a cama, ela o olhou, depois olhou de volta para o teto.

Ele caminhou até o pé da cama.

- Qual é o problema?

- Nada.

- Você estava chorando.

- Só estou cansada.

- Você chora quando está cansada? Ela o olhou e disse:

- Às vezes. Agora, será que, por favor, podemos acabar logo com isso?

193

Injuriado pelo tom e a condescendência que havia por trás, ele murmurou:

- Ao seu dispor, senhora - e arrancou o jeans, na verdade, torcendo para que a visão de sua cueca armada a ofendesse. Ofendeu. Ela virou a cabeça para o lado.

Ele chutou o jeans para longe, tirou a cueca e entrou na cama, se esticando em cima dela. Ele relutou com o lençol, xingando, antes de conseguir tirá-lo do caminho. As pernas dela se abriram. Ele tomou a posição, deu um impulso, errou, deu outro.

Foi mais fácil do que as duas primeiras vezes. Mais rápido, também. Acabou bem depressa. Se você procurasse pá-pum no dicionário…

Ele nem se permitiu o tempo de recuperar o fôlego antes de se erguer. Ao fazê-lo, ele deu uma olhada no rosto dela, desviado. E congelou. Novas lágrimas escorriam por suas bochechas, como repreensões silenciosas. Seu lábio inferior estava preso entre os dentes, como se ela tentasse evitar tremer.

Que bom, merda. Será que foi tão ruim assim ?

Aparentemente, foi bem ruim, porque o peito dela deu um solavanco, com um soluço.

- Que droga, eu a machuquei? Ela balançou a cabeça.

- Você disse que queria acabar logo com isso.

Ela tentou dizer algo, mas as palavras ficaram engasgadas na garganta. Ela engoliu, convulsivamente.

Griff, meio perdido, nada disse. Em vez disso, ele encostou a mão em seu rosto molhado. Ela se retraiu diante de seu toque. Quando ergueu a mão, ele esperava que fosse para tirar a mão dele de seu rosto. Em vez disso, ela cobriu a mão dele com a dela, depois virou o rosto para a palma da mão dele, e as pontas de seus dedos encostaram à lateral do rosto junto aos cabelos.

A respiração dela saía ofegante de emoção. As lágrimas caíam na palma da mão dele. Ele olhava sua garganta, enquanto ela relutava para conter os sons do choro. Depois, quando não conseguiu mais conter, ela apertou novamente os dentes. Exceto que, dessa vez, não foi seu lábio a ficar preso entre eles. Foi a ponta do polegar dele. Ela mergulhou os dentes no dedo dele.

O efeito em Griff foi instantâneo. Ele inalou o ar rapidamente de forma audível.

Laura soltou os dentes imediatamente. Ele ergueu a mão do rosto dela. Os olhares se cruzaram com um impacto tão estarrecedor quanto uma mordida. Os olhos dela, inundados de lágrimas, se abriram ligeiramente quando ela sentiu o que ele não conseguia controlar. Não queria controlar. Ele se enrijeceu dentro dela com uma infusão de sangue tão quente e insistente, de uma maneira que não ocorrera em nenhuma das vezes, com força, sem desejo de recuar.

Ele a preencheu completamente. Ou será que ela estava se retraindo ao redor dele? Era difícil saber. E realmente não fazia diferença. Porque foi um impulso, a coisa mais erótica que já acontecera com ele.

Griff pressionou o quadril à frente, testando a reação dela. Laura fechou os olhos ligeiramente, depois os reabriu. Os cílios estavam molhados, formando pequenos punhados, muito bonitos. Havia um sinal preto na íris de seu olho direito, algo que ele nunca havia notado, mas nunca estivera tão próximo dela. Ele nunca havia realmente olhado dentro dos seus olhos. Não se permitira olhar dentro

deles.

Ainda testando, ele moveu o quadril em ângulo acima e à frente. A respiração dela fez um som chiado, inalado por entre os dentes. Seus olhos se fecharam. Estimulado, ele deslizou os braços por baixo dela, enchendo a mão com sua nádega e erguendo-a ao mesmo tempo em que pressionava até o fundo. Um som faminto ressoou na garganta dela, pois agora estava com os lábios virados para dentro, comprimidos firmemente. Ela estava respirando rapidamente pelo nariz.

Ele recuou, saindo quase completamente, depois mergulhou novamente dentro dela. Ela gemeu. Ele fez outra vez. Suas investidas eram longas, lentas e profundas, e ela reagia com movimentos correspondentes, que logo o faziam clamar pelos deuses, em meio à respiração ofegante.

As mãos dela, que antes sempre permaneciam imóveis nas laterais, estavam inquietas. Ela puxava o lençol, retorcia, depois soltava e puxava mais, buscando algo, e encontrou a frente da camisa dele, ainda desabotoada. Ela agarrou o pano, puxando até que ele

pôde sentir repuxar em suas costas. O pescoço dela arqueou, enquanto sua cabeça afundava no travesseiro. O quadril dela se erguia para ir de encontro às investidas dele, agora mais rasas e rápidas.

Depois, segurando-a firmemente junto a ele, esfregando-se a ela, ele gozou com força, e ela também. Mesmo quando estava exausto, deitado sobre ela como um morto, os pequenos espasmos do orgasmo dela o atingiam. Era como ser beijado na cabeça do pau. Ele estava esgotado demais para sequer sorrir, mas sorriu na mente.

Eles acabaram imóveis.

Ele a pegou por baixo da cabeça e virou de lado, carregando-a com ele. E a segurou desse jeito, com uma mão por baixo de seu queixo e a outra firme, segurando sua bunda, mantendo-a no lugar, permanecendo dentro dela. As sensações eram indescritíveis. Ele estava dividido, entre querer ficar daquele jeito até que eles petrificassem, e olhar para ela.

Griff queria que houvesse um jeito para que pudessem tirar as roupas sem se

mexerem. Estava subitamente desesperado para ficar pele com pele. Ele queria olhar seus seios. Ela toda. Tocar, se aninhar e acarinhar todos aqueles lugares provocantes que nem se permitira pensar.

Mais tarde. Agora, a letargia de Laura era tão absoluta que ela parecia estar dormindo. Ele recuou a cabeça para trás para poder olhar em seu rosto. Seus lábios estavam ligeiramente abertos, com uma aparência molhada e macia, inchados e vermelhos pelas mordidas que ela dera. No local onde o lábio inferior, mais cheio, encontrava o lábio de cima, havia uma ligeira covinha. Jesus, que pontinho mais sexy, implorando ser acariciado pela língua dele.

Ele estava abaixando a cabeça para fazer exatamente isso quando o corpo dela se enrijeceu. Os olhos se abriram de repente e, num movimento rápido de todos os membros, ela os separou e se sentou.

- Oh, Deus. - Ela mergulhou o rosto nas mãos. - Oh, Deus, oh, Deus, oh, Deus.

- Laura…

- Não diga nada! Apenas, por favor, não diga… não.. Oh, Deus. - Ela estava procurando alguma coisa ao lado da cama, e ele viu que era sua calcinha. Ela a vestiu correndo e saiu da cama, sumindo dentro do banheiro e fechando a porta ruidosamente.

Ele se levantou e, desajeitado, vestiu a cueca, foi até a porta do banheiro e bateu.

- Laura. - Sem esperar ter permissão, ele abriu a porta.

Ela estava vestindo a saia e enfiando os pés nos sapatos, ao mesmo tempo. Assim que fechou a saia, ela pegou o blazer no gancho atrás da porta. Sem parar de se movimentar, ela o empurrou para o lado e passou. Pegou a bolsa de cima da cómoda e escancarou a porta do quarto.

- Laura, espere! - Ele saiu atrás dela pelo corredor. Na metade da sala, ele a pegou pelo cotovelo e a virou. - Dá pra você esperar uma porcaria de um minuto? Fale comigo.

Ela deu um solavanco, soltando o braço, sem olhar para ele.

- Não há nada a ser falado.

- Só tudo.

- Aquilo não aconteceu. - Ela gesticulou com as mãos, para enfatizar cada palavra. - Não aconteceu.

- Aconteceu.

Apertando os olhos fechados, ela sacudiu a cabeça furiosamente.

- Não, não aconteceu, eu… - Ela cobriu a boca com a mão e soluçou. - Oh, Deus. - Virando-se para longe dele, saiu rapidamente pela porta.

Ele saiu atrás dela, mas ela partiu como um raio.

- Laura! - ele gritou. Ela não olhou para trás.

Capítulo 18

FOSTER estava ao telefone quando Laura entrou em seu escritório. Ela hesitou na soleira da porta, mas ele acenou para que entrasse. Sua chegada deu a ele um bom motivo para concluir a conversa com um dos membros da diretoria que começara a entediá-lo.

Administrar uma companhia aérea não era tão divertido quanto costumava ser. Os funcionários chaves eram bons em suas funções, podiam exercê-las sem a supervisão dele. A partir de uma perspectiva gerencial, era gratificante saber que ele fizera escolhas inteligentes ao contratá-los. Mas a confiabilidade deles o tornava supérfluo.

Ultimamente, ele se sentia como o próprio funcionário deficiente.

Concluiu a conversa com uma promessa de continuá-la em breve. Laura estava em pé, de costas para ele, olhando pela janela.

- A que devo essa honra? - perguntou ele. - Você geralmente está ocupada demais para me fazer uma visita durante o horário de expediente. Ou isso é sobre negócios? Você está aqui como chefe de seu departamento?

- Como esposa. Você tem tempo para mim agora?

- Sempre.

Ela havia encarado a rejeição dele em relação à SunSouth Select com grande dificuldade. Mais do que ele poderia imaginar. Desde que ingressara no quadro executivo da companhia, ela havia sido vencida em inúmeras votações, mas lidava com essas pequenas derrotas facilmente e acabava dando todo o seu apoio à maioria.

Dessa vez, não, e com razão. Embora ela tivesse creditado outras pessoas pelas contribuições de criação e informação, a Select havia sido uma visão sua, e ele essencialmente a esmagara. A julgar por seu humor durante as últimas semanas, ela havia encarado a questão como uma rejeição pessoal.

Durante esse tempo, o assunto só viera à tona uma única vez. Semana passada, durante uma reunião executiva, Joe McDonald mencionara a Select de passagem. Laura lançou-lhe um olhar de alerta que dizia: Não fale sobre isso. Não foi falado novamente, ao menos não na presença de Foster, e ele não achava que o assunto estivesse sendo cochichado pelas suas costas. Em lugar algum do prédio ele vira qualquer material que Laura usara para sua apresentação. Ele tinha a sensação de que, devido à sua rejeição, todos consideraram aquilo um assunto morto.

Foster repelira a SunSouth Select, embora, na verdade, fosse empolgante a prospecção de oferecer uma companhia com serviço alternativo. Sem que Laura soubesse, ele vinha pensando sobre o assunto e fazendo sua própria pesquisa desse setor crescente, verificando como poderia reivindicar uma parcela maior desse segmento.

Ele havia estudado os novos jatos ultraleves e considerou encomendar uma frota para dar início a um serviço de primeiro escalão. Até refletira sobre o que Laura havia sugerido, iniciando como um braço da SunSouth.

Mas, qualquer que fosse a forma das inovações, elas teriam de ser concepção e elaboração dele. Não dela, ou de nenhuma outra pessoa. Ele seria o líder, não o aleijado que antes fora alguém.

Foster dera à mulher espaço e tempo para cuidar de seu orgulho ferido, basicamente fingindo não notar seu abatimento. Seria essa visita não agendada ao seu escritório um sinal de que ela finalmente estava saindo de seu estado acabrunhado? Pode-se ter esperança.

- Dessa vez, você não trouxe vinho - disse ele.

Ela se virou e o olhou com uma expressão interrogativa.

- Será que faz tanto tempo que você já esqueceu? Você me surpreendeu com um almoço aqui nesse escritório. Para comemorar nosso aniversário de três meses.

- Quatro meses. E foi com champanhe.

- Foi? O que nós bebemos não é a parte de que me lembro. No entanto, lembro-me claramente da sobremesa.

Ela sorriu e modestamente baixou a cabeça.

- Tempos divertidos.

- Sinto falta daquela época.

Após alguns instantes, ela ergueu a cabeça e olhou para ele, agora séria.

- Nós ainda poderíamos nos divertir, Foster.

- Não daquele jeito.

- Não exatamente daquele jeito. Diferente. Mas tão bom quanto.

Ele deu uma risada tristonha.

- Não, a partir de minha perspectiva.

Ela o olhou por um momento, depois declarou:

- Eu não vou voltar.

- Voltar?

- Para a casa. Para Griff Burkett. Não vou fazer isso de novo. Ora essa. Então era assim que ela daria o troco por ele tê-la

magoado. Mantendo uma expressão impassível, ele enlaçou as mãos sobre o colo e disse:

-Ah, é?

-Não.

- Qual o motivo dessa súbita…

- Não é súbita. Eu pensei em pouca coisa além disso, desde… desde a última vez. Não vou voltar.

- Você disse isso. Acho que mereço saber o motivo.

- Porque está errado.

- Errado, a partir de que referencial? Como pode estar errado se eu dou meu consentimento?

- Eu não dou. Está errado segundo o meu referencial.

- Entendo. Quando foi que você decidiu que estava errado? Ela desviou o olhar, dizendo baixinho:

- Na primeira vez em que você propôs. - Depois, de forma mais contida, ela disse: - Eu fui contra desde o princípio. Só concordei porque te amo e queria lhe dar tudo que me pedisse. Mas não posso fazer isso. Não vou fazer.

- Achei que você quisesse um filho, tanto quanto eu.

- Isso não mudou! - exclamou ela. - Eu quero, sim, um bebé. Quero isso para nós. Muito. Mas nós temos opções. Posso ser inseminada artificialmente, usando um doador anónimo de esperma.

- Você sabe como me sinto em relação a isso. Ela hesitou, depois disse:

- Está bem. Farei essa concessão. Já que Griff Burkett já é de nossa confiança, nós podemos usar seu sémen. Ele sugeriu isso em nosso primeiro encontro, lembra? Dessa forma, ele não perderia seu dinheiro. Nós levaríamos a amostra até um consultório médico e diríamos ser sua. Ninguém saberia a diferença.

- Eu prefiro não recorrer a esse método.

- Não vejo isso como recurso.

- Eu vejo. E, de qualquer forma, não é cedo demais para irmos ao plano B? Só foram três ciclos.

- Eu sei quantos foram - disse ela, concisa. - Mas, mesmo que tivesse sido apenas um, eu não vou fazer novamente.

- Sua objeção é quanto ao Burkett? Ele a trata mal? -Não.

- De forma rude, grosseira? -Não.

- Porque, se ele o faz…

- Ele não faz.

- Está bem. - Ele deixou o assunto no ar, sem mais comentários, dando a ela algum tempo para se recompor.

Ela respirou fundo e soltou o ar lentamente.

- Minha decisão não tem nada a ver com ele. Isso é sobre mim. E sobre a ideia, como um todo.

- Discutimos sobre a ideia durante meses, Laura. Nós repassamos cada aspecto repetidamente.

- Tenho consciência disso.

- E você concordou.

- Sim. Mas falar sobre isso de forma abstrata e de fato… Subitamente ela se levantou. - Eu não deveria ter que justificar a forma como me sinto. Nem tentar explicar. Não quero fazer isso disse ela, com ênfase. - Isso deveria ser o ponto final.

Ele deixou passar alguns instantes, depois disse:

- Isso me surpreende. Não é o seu feitio deixar um trabalho por terminar.

- Verdade.

- Você nunca abandonou um compromisso.

- Não, e não pretendo abandonar esse. Achei que podia tratálo da mesma forma como qualquer outro desafio. Mas não posso.

- Não achei que isso fosse lhe causar tanto desgaste emocional.

- Bem, mas causa.

- Talvez você esteja levando isso para o lado pessoal. Ela o olhou, horrorizada.

- Eu sou sua esposa. Estou tendo relações sexuais com outro homem. Em nome de Deus, como pode deixar de ser algo pessoal?

- Você está ficando histérica, Laura. - Ele lançou um olhar cuidadoso em direção à porta do escritório.

Ela cruzou os braços e segurou os cotovelos, virando de costas para ele. Ele conduziu a cadeira para a frente e para trás, três vezes, depois a levou para longe da escrivaninha e parou atrás dela. Esticou os braços e a segurou pelos dois lados da cintura. Ela se retraiu e tentou se afastar, mas ele a segurou firmemente.

- Eu errei em meus cálculos. Não achei que isso a ofenderia no sentido de certo e errado.

- Detesto desapontá-lo, Foster. Eu sei o quanto isso significa para você. Mas é uma ambiguidade moral que não consigo superar.

- Eu respeito seus sentimentos, é claro. Assim como sua decisão.

Ela soltou o ar lentamente.

- Obrigada.

Ele fez pressão suficiente para fazê-la se virar de frente e olhá-lo.

- Você tem andado melancólica há semanas. Não mencionei nada a respeito, mas

percebi.

- Admito que não tenho sido eu mesma. Isso tem pesado muito em minha mente. Tem distraído a minha atenção do trabalho. Pior, estava criando uma barreira entre nós. Sabendo que seria uma decepção, eu venho adiando para lhe dizer, mas tinha que ser dito, antes que eu voltasse a encontrar Burkett. O pavor de lhe contar tem sido muito enervante. Fico contente por essa conversa já ter sido deixada para trás. - Ela deu um sorriso trémulo, depois abaixou e o beijou nos lábios.

Quando ela se afastou, ele disse:

- Já faz quinze dias que você esteve com Burkett pela última vez, correto?

Ela assentiu.

- Então, essa conversa pode ter sido por nada - disse ele, com um sorriso radiante. - Você já pode estar grávida.

E se ela estiver grávida?

Agora, essa era a grande dúvida na vida de Griff. A cada manhã ele acordava imaginando se esse seria o dia em que ele receberia a ligação com os parabéns.

Claro, esse era o objetivo deles, não era? Um óvulo fecundado seria a resposta para todos os problemas deles. Isso deixaria feliz o casal sem filhos e o tornaria um milionário pelo resto de sua vida.

Mas, se Laura tivesse concebido, ele nunca mais a veria.

- Griff?

Ele tomou um susto ao ver Bolly em pé, ao seu lado, na lateral do campo de treinamento. O colunista esportivo o olhava estranhamente.

- Desculpe, eu estava…

- A quilómetros de distância. Tive que dizer seu nome três vezes. Estava dormindo?

Griff tirou os óculos escuros e piscou diante do sol escaldante.

- Nesse calor, nem de longe. Eu estava me concentrando em Jason. Ele está demonstrando uma boa disposição hoje.

- Graças a você.

- Não, ele está se dedicando. O crédito é só dele.

- O garoto é obcecado por futebol, preocupa a mãe.

- Por quê?

- Ela teme que ele exagere e se machuque.

- As mães são assim. - Ele imaginava.

- Ela preferiria que ele jogasse badminton. Griff se retraiu e Bolly riu.

- É exatamente o que sinto. Escute, eu acabo de receber uma ligação. Consegui uma entrevista com o novo goleiro dos Stars, que assinou ontem, mas é só um intervalo rápido antes que ele voe para casa em Detroit. Se eu me apressar, posso alcançá-lo no Aeroporto Internacional de Dalas, antes de seu voo. Detesto tirar o Jason do treinamento. Você se importaria em levá-lo para casa?

- É claro que não - respondeu Griff.

- Eu não pediria, mas minha sogra teve que ir ao calista e minha esposa se ofereceu para levá-la de carro, então…

- Vá, Bolly. Devo ficar com o Jason até que você chegue em casa?

- Não, apenas o deixe lá, certifique-se de que ele tranque a porta. Ele conhece as regras de quando fica sozinho.

- Está bem, sem problemas.

Bolly olhou na direção do campo e localizou o filho, que mal teve tempo de passar a bola ao cara do meio campo antes de ser derrubado no chão. Mas não

ficou caído por muito tempo. Ele estava em pé de novo para ver o back fazer o primeiro ponto. Ele pulou no ar, levantou os punhos e gritou de alegria.

Bolly, ainda observando, sorriu, mas depois uma ruga se formou entre suas sobrancelhas.

- Griff, pensando bem, talvez…

- Você pode confiar em deixá-lo comigo, Bolly.

Bolly se virou para ele e o olhou por alguns instantes, enquanto silenciosamente debatia quanto à prudência de ter pedido esse favor. Depois ele assentiu.

- Eu agradeço, Griff. Obrigado.

Quando o treino terminou, Jason saiu do campo correndo na direção de Griff, que espalmou sua mão no alto.

- Ótimo treino, atacante. Principalmente as últimas ofensivas.

- Obrigado. - O garoto estava com o rosto todo vermelho e o suor deixara seus cabelos grudados na cabeça, por baixo do capacete, mas ele estava adorando o elogio.

Griff lhe contou sobre a súbita tarefa de Bolly.

- E eu sobrei para te dar uma carona pra casa hoje.

- Sério?

- Não fique animado, meu carro é uma merda.

No caminho, Griff entrou de carro numa loja da Braums.

- Até que eu tomaria um milk shake, e você?

Já que estavam ali, eles resolveram que seria bom comer hambúrguer e batata frita para acompanhar o milk shake. Estavam sentados a uma mesa com sofás, conversando alegremente sobre o time de Jason, os pontos fortes e fracos de vários jogadores, quando Griff percebeu um trio de trabalhadores de obras. Ele os notara quando entraram, mas só olhara de relance, voltando a atenção a Jason.

Agora ele percebia que havia sido avistado e reconhecido. Os operários mantinham a voz baixa, mas os olhares que lhe lançavam faiscavam de hostilidade. Outras pessoas começaram a notar. Griff sentia uma dúzia de olhos fixos nele.

Jason, que tagarelava sem parar, mal parando o suficiente para encher a boca de comida, percebeu a atmosfera carregada. Sua conversa desacelerou e depois parou de vez. Ele olhou para os três homens, depois para Griff, com os olhos repletos de preocupação.

- Tudo bem, Jason.

Mas não estava tudo bem. Porque, quando os homens saíram com suas sacolas para viagem e seguiam em direção à saída, eles tiveram que passar pela mesa com sofás onde Griff e Jason estavam sentados. Quando o último deles passou, disse:

- Você é um babaca, Burkett. - Então, ele escarrou e cuspiu em Griff. Ele errou, acertando o vinil do estofado, a alguns centímetros do ombro de Griff.

A saída deles deixou um vácuo. Ninguém se movia. Griff imaginou que todos estivessem esperando para ver o que ele faria. O que realmente gostaria de fazer era seguir o cara até o lado de fora e descer o cacete. Se ele estivesse sozinho, teria feito isso.

Mas, com Jason ali, ele não podia. Por si mesmo, não se importava com uma cena constrangedora, mas sim pelo menino, que estava sentado embaixo da mesa, de cabeça baixa com as mãos no colo.

Logo, os atendentes e outros clientes voltaram a cuidar da vida. Todos, menos Jason.

- Você terminou? - perguntou Griff. O menino ergueu a cabeça.

- Não é justo!

Griff ficou surpreso ao ver que ele não estava envergonhado, mas zangado.

- O que não é justo?

- O que aquele homem acabou de fazer. O que as pessoas dizem sobre você.

Griff empurrou o prato para o lado e colocou os antebraços na beirada da mesa.

- Ouça, Jason. Cuspir daquele jeito é nojento. Só o fez parecer um babaca. Mas, o que eu fiz, cinco anos atrás, foi muito, muito pior. - Ele olhou pela janela e viu os três, que estavam entrando na caminhonete de trabalho. - Quanto você acha que aquele cara ganha por ano?

Jason ergueu um ombro, sacudindo desinteressadamente.

- Uma fração do que eu ganhava quando jogava futebol. Uma minúscula fração. Aquele cara trabalha duro e não ganha nem o que eu gastava para mandar lavar as minhas camisas feitas sob medida. Ele não me odeia porque eu fazia mais dinheiro que ele. O que ele odeia é que eu estava vivendo a vida com que todo cara sonha e joguei tudo fora. Eu aceitei dinheiro para trapacear. Fui imbecil e egoísta e infringi a lei. Não tem como esconder isso.

- Mas agora você não é mau.

Ele estava transando com a mulher de um paraplégico por dinheiro. Isso era ruim para caramba. A única coisa pior seria querer transar com ela, sendo pago ou não.

Ele tentava não pensar no que tinha acontecido. Quando pensava, tentava fazer com que fosse uma causa ou efeito psicológico, mecanismos sexuais que, com todas as engrenagens azeitadas e em funcionamento, haviam produzido um resultado previsível.

Ou como capricho. Uma casualidade da sorte. As estrelas haviam colidido, mas isso não aconteceria novamente em um milhão de anos.

Mas, em quaisquer termos que ele tentasse explicar, aquilo permanecia em sua mente. Constantemente. A cada vez que ele pensava nos dentes dela mordendo seu polegar, ele ficava de pau duro, suas vísceras se contraíam de desejo, e tudo que ele desejava era estar dentro dela novamente.

- Não sou herói de ninguém, Jason. Não me torne um herói. Quer um herói, olhe

para seu pai.

- Meu pai? - Jason zombou. - O que ele fez de heróico?

- Ele ama sua mãe. Ama você. Cuida de vocês, se preocupa com vocês.

Jason, ainda de mau humor, disse:

- Isso não é nada.

- Isso é muita coisa. - Depois, para não parecer muito enfadonho, ele acrescentou: - Mas, para arremessar uma bola de futebol, ele é uma merda. E não diga a ele que eu disse merda na sua frente.

- Ele fala o tempo todo. Griff riu.

- Então, ele é meu herói. Jason voltou a sorrir.

O dia seguinte começou como qualquer outro. Griff saiu da cama e foi até o banheiro. Assim que fez xixi, ele consultou o calendário que tinha na parede. Agora, era essa a sua rotina. Pelo amor de Deus, ele estava riscando os dias.

Comprara um computador e estava aprendendo a usá-lo sozinho. Depois de extensas buscas na internet, ele acreditava possuir uma compreensão razoável sobre o sistema reprodutor feminino e a forma como funcionava, mais do que aprendera da biologia básica no colégio.

Algumas das páginas que visitou davam mais informações do que queria - será que ele realmente precisava saber sobre muco vaginal e saco gestacional? -, mas ele havia aprendido muita coisa sobre as fases e o que acontece dentro de um ciclo de vinte e oito dias. Ele aprendera o que era o hormônio da luteína.

Se ele estivera com Laura no dia em que ela ovulou, ele fez uma aproximação de quando ela ficaria menstruada - se fosse ficar. Aqueles cinco dias vieram e foram. Se ela tivesse ficado menstruada e se seus cálculos estivessem corretos, ele teria tido notícias dela três dias antes, quando ela estaria ovulando novamente.

Mas ela não voltara a intimá-lo a comparecer à casa da rua Windsor. Então, será que isso significava que ela não tinha ficado menstruada, portanto, teria

concebido? Talvez ela estivesse aguardando para dar a feliz notícia quando sua gravidez fosse confirmada por um médico. Ou, talvez, por conta do ocorrido na última vez, ela não tivesse a intenção de procurá-lo nunca mais. Mas será que ele não teria sido avisado de que o acordo havia sido cancelado?

Não saber o estava deixando louco, mas tudo que podia fazer

era esperar.

Como fazia todas as manhãs, ele deu um visto no calendário, depois foi tomar banho. Ao sair do chuveiro, ouviu o ruído na porta da frente do jornal sendo lançado. Ainda sem vontade de se vestir, passou uma toalha em volta da cintura. Pegou o jornal de sua pequena varanda da frente, entrou na cozinha e começou a fazer café.

Enquanto esperava o café ferver, ele passava pela primeira página e bebia suco de laranja, direto da caixa. Folheou o jornal, leu as manchetes, vendo as mesmas crises mundiais do dia anterior, e puxou a seção de esportes.

207

A manchete quase fez seu coração parar. O sangue lhe subiu à cabeça e o deixou momentaneamente tonto.

- Que porra é essa?

BURKETT INTERROGADO SOBRE A MORTE DO BOOKMAKER dizia a manchete.

MAIS AFLIÇÕES PARA O EX-COWBOY?

TÉCNICO VETERANO DENUNCIA O ASTRO DECADENTE

Reconhecendo as histórias, ele olhou a data. Não era a edição daquela manhã. O jornal tinha cinco anos e, apesar de bem conservado, agora ele via que o papel em que a seção esportiva havia sido impressa não era igual ao restante do jornal. Ele estava meio amarelado pelo tempo.

Rodarte.

Em um ímpeto de raiva, quase derrubou uma cadeira. Em segundos, ele estava fora da cozinha, passou pela sala e escancarou a porta da frente. Saiu como um raio no quintal estreito e olhou a rua. Realmente não esperava ver o seda verde e não o viu. Rodarte tivera tempo para ir embora.

- Filho da puta! - Griff agarrou a toalha que estava escorregando de sua cintura e voltou furioso para dentro, batendo a porta atrás de si. Rodarte não aparecia havia quase dois meses. Acontece isso logo agora, que Griff começava a achar - esperar - que o bastardo desistira.

Esperteza dele, plantar essa antiga seção esportiva no jornal de hoje, onde era certo que Griff a encontraria. Rodarte estava esfregando seu nariz na merda que ele fizera cinco anos antes.

Quando ele se sentiu recomposto o suficiente para confrontar a escrita impressa, endireitou a cadeira e se serviu de uma xícara de café, depois se sentou junto à mesa da cozinha e começou a ler. Cada palavra era um golpe doloroso, porque era verdadeira.

Desde a jogatina de Pete Rose e a demissão de José Can devido ao uso de anabolizantes, um atleta profissional não tinha causado tanto escândalo como o atacante que quebrara recordes, Griff Burkett. A cobertura da mídia havia sido extensiva e espalhafatosa. A história chegara às manchetes internacionais. O canal ESPN havia dedicado horas de programação para abordá-la.

Mas Rodarte fizera uma boa opção ao escolher essa edição específica do The Dalas Morning News, pois essas histórias resumiam as matérias de sua longa e implacável queda.

O jogo começara devagar, mas foi crescendo como uma vinha que ele não conseguia matar, nem controlar, até que aquilo o dominou e se tornou mais empolgante para ele do que os jogos dos domingos. Ganhar muito numa aposta era mais emocionante do que ganhar no campo.

Aquilo evoluiu até virar um vício. Antes de sair do controle, ele deveria ter sido esperto o suficiente para reconhecer os sinais de perigo. Talvez ele tenha reconhecido. Talvez apenas os tenha ignorado.

Griff ficou preso a uma espiral perigosa e divertida. Se ganhasse, ele aumentava a próxima aposta para ganhar mais. Se perdesse, aumentava a aposta para

recuperar a perda. A espiral se tornou um rodamoinho que acabou por engoli-lo.

Bill Bandy parecia mais um contador do que um bookmaker. Tinha um porte frágil, era um homem que, no dia de sua morte, provavelmente tinha o mesmo peso de sua formatura do ensino médio. Seus cabelos eram castanhos e ralos, o rosto era pequeno, com um queixo pontudo e um nariz fino. Suas narinas apertadas e os olhos azuis claros sinalizavam uma alegria permanente. Suas mãos eram macias e brancas como as mãos de uma mulher e pareceriam úmidas se fossem tocadas.

Ninguém o julgaria um mafioso. No entanto, isso era exatamente o que ele era. Corria um boato que em St. Louis, antes de sua mudança para Dalas, ele teria envenenado um tio que o traíra. Griff nunca soube se isso era fato ou ficção.

Bandy trabalhava para a Vista, a corporação que servia de fachada para uma mineradora de estanho, em algum lugar da América do Sul. A verdadeira localização e outros detalhes eram vagos. Os verdadeiros empreendimentos da Vista eram o jogo de grandes apostas, lavagem de dinheiro e, Griff achava, tráfico de drogas.

Os mineradores da Vista, que moravam em arranha-céus em Las Colinas, vestiam ternos de grife e usavam Rolexes incrustados com diamantes. Eles criavam um clima até quando entravam no banheiro dos homens. Tinham guarda-costas com pistolas automáticas e carros blindados.

Ninguém se metia a besta com eles.

Foi o que Bill Bandy dissera a Griff, enquanto comia um prato de enchilladas de frango, numa noite, em seu restaurante mexicano

favorito. Griff estava na metade de sua quarta temporada com os Cowboys. Bandy o convidara para jantar e falar de negócios, especificamente o pagamento de sua dívida de jogo, que agora era por volta de trezentos mil dólares e uns quebrados.

- Não se meta a besta com esses caras, Griff. Se fosse eu, eu lhe daria mais crédito. Porra, você faz milhões. Sei que em alguns meses você terá o dinheiro. Mas esses caras? - Ele enxugou o nariz que escorria com um lenço branco. - Não

há caridade em seus corações. Acredite em mim.

Griff molhou um chip de tortilla no molho de salsa e mastigou ruidosamente. Deu um gole em sua margarita e piscou para a adolescente vidrada no astro que o encarava na mesa ao lado.

- O que eles vão fazer? Mandar uns caras de mãos peludas para quebrar minhas pernas?

- Você acha isso engraçado?

- Acho que você está prestes a entrar em pânico, e pânico é desnecessário. Eles acumulam os juros toda semana, o que me torna uma grande fonte de lucro pra eles. Então, qual é o problema?

- Eles querem o dinheiro.

Finalmente, o tom sepulcral de Bandy chamou a atenção de Griff. O olhar nervoso e inquieto de Bandy agora estava imóvel como uma rocha. Até seu nariz havia secado temporariamente. Griff achou que o envenenamento do tio idoso talvez fosse verdade.

Mantendo aquela expressão fria, ele prosseguiu.

- Dê-se por contente por eles terem me mandado como mensageiro, ou você talvez não jogasse no próximo domingo, nem em qualquer outro domingo do resto da temporada. Não se engane, eles podem lhe causar muita dor, Griff. E o farão.

- Não faria sentido para eles me machucarem. Se eu não puder jogar, eles nunca terão o dinheiro.

O argumento não causou nenhuma modificação na expressão resoluta de Bandy. Griff empurrou seu prato para o lado e suspirou desgostoso por ter de lidar com aquilo agora. O time ia enfrentar os Falcons, no domingo, em Atlanta. Os Cowboys eram favoritos, mas não muito. Não ia ser moleza, de forma alguma. Ele deveria estar se preparando psicologicamente para um jogo duro, estudando as jogadas, não de conchavo com gângsteres.

- Está bem. Dê-me alguns dias - ele disse a Bandy. - vou vender alguma coisa.

Um carro. Meu apartamento na Flórida. Alguma coisa. Qual é a quantia mínima que os satisfaria temporariamente? Duzentos mil? Isso é mais da metade do que eu devo. Isso me compraria algum tempo?

Bandy secou os cantos dos olhos lacrimejantes com a ponta do lenço.

- Talvez possa haver um outro jeito.

- De ganhar tempo?

- De cancelar a dívida.

Griff ficou de boca aberta, como se ele tivesse dito que ele poderia passar uma semana numa ilha deserta com todas as coelhinhas da Playboy, de cada mês do ano anterior, que eram todas ninfomaníacas, cheias de tesão por ele, e que não era permitido ficar de roupa.

- Está disposto a se encontrar com eles e discutir as opções? perguntou Bandy.

- Onde e a que horas?

O “eles”, a quem Bandy havia se referido, eram três homens que haviam dado as boasvindas a Griff no opulento escritório da Vista, com vigorosos apertos de mão e hospitalidade ilimitada. O que você gostaria de beber? Sirva-se da bandeja de sanduíches ali. Eu recomendo o filé com molho horseradish. Que tal uma massagem depois da reunião? Temos uma garota em nossa equipe que lhe fará uma massagem com final feliz. Piscada daqui, piscada dali. Se é que me entende. Griff entendeu.

Pela forma como eles o receberam, você jamais saberia que ele lhes devia mais de um quarto de um milhão de dólares e que o estavam ameaçando, caso ele não quitasse sua dívida imediatamente.

O único nativo texano era alto, esguio, bem bronzeado, com dentes grandes e muito brancos. Ele era um ávido jogador de golfe, falava alto e sem parar. Foi ele quem colocou o braço atrás dos ombros de Griff e falou sobre a massagista de mãos e boca mágica. Larry era o nome do cara.

Martin tinha um visual trigueiro, mediterrâneo. Era obeso. Não respirava, arfava como uma gaita de foles desafinada e parecia que podia ter um ataque do

coração a qualquer momento, se seu coração tivesse energia para isso.

211

O terceiro, Bennett, era quieto e discreto. Estava ficando careca e tinha a pele clara. Ele se sentou afastado, interferindo pouco, mas estudando Griff enquanto o encarava sem piscar, um olhar áspero e venenoso.

Após os cumprimentos iniciais, eles foram direto aos negócios. Os termos da proposta eram simples: trapaceie o jogo em Atlanta, no domingo, e seu débito irá desaparecer. Não foi assim que eles colocaram, mas resumia-se a isso.

Martin lhe disse que eles não esperavam que ele tentasse perder.

- Apenas não jogue com todo seu potencial. Larry piscou novamente.

- Dê à porra dos Falcons uma porra de uma chance. Só isso.

- E quem sabe - Martin resfolegou - se os Falcons conseguirem uma vitória, nós não podemos jogar um bónus pra você, além de liquidar seu débito? - Resfolego. - Certo, Bennett?

Bennett, o Silencioso, assentiu, sacudindo sua cabeça de cabelo engomado.

Griff disse a eles que pensaria a respeito.

Tudo bem, eles disseram. Ele tinha até domingo para se decidir. E, só para demonstrar a boa vontade que tinham, insistiram para que ele utilizasse a massagem da garota, que finalizava a esfregação de quinze minutos com uma chupada. Não que ele não tivesse isso sempre que quisesse. Sempre havia garotas morrendo para ornar as cabeceiras de suas camas com o logo da Estrela Solitária do Dalas Cowboys. Mas essa garota era excepcional.

No domingo, enquanto estava se preparando durante a execução do hino nacional, mesmo ao entrar no campo, em seguida ao chute inicial do jogo, Griff ainda relutava com sua decisão. Não sabia o que faria até o final do quarto tempo com um placar de 10 a 10, quando o Dalas estava dentro do próprio campo, na terceira e décima segunda linhas.

Ele arrancou. Os homens da linha do Dalas caíram como pinos de boliche sob os

Falcons. Seu corredor mais veloz foi bloqueado por dois jogadores. O terceiro veio em direção a Griff, cheirando a sangue. Movimentando-se, em busca de um receptor, Griff percebeu o quanto seria fácil - e convincente - fingir uma interceptação.

O Atlanta venceu de 17 a 10.

A parceria foi formada.

Capítulo 19

SE VOCÊ quiser fazer ela girar, precisa colocar seu polegar embaixo. - Griff demonstrou o movimento de rotação da mão para Jason Rich. - Está vendo? Você tem que girar o polegar embaixo enquanto arremessa a bola. Agora, tente

outra vez.

Ele entregou a bola de futebol ao menino. O rosto de Jason estava tenso pela concentração, conforme ele pegou a bola da forma como Griff havia demonstrado e arremessou, dando o passe.

- Bem melhor.

- Mais uma vez, Griff? Acho que soltei um pouquinho atrasado.

- Tudo bem, mas só mais uma vez. O treino já vai começar. Griff viu a melhora no segundo passe.

- bom trabalho, Jason. Você está pegando o jeito. Arremesse mais mil e vai ser mole. Vai bater recordes.

Por trás do protetor de rosto, a feição suada de Jason abriu um sorriso.

- Ontem foi divertido. Exceto por… você sabe.

- É, eu lamento muito que você tenha visto aquilo.

- Eu contei ao meu pai. Ele disse que você lidou com aquilo do único jeito com que podia. Se fosse brigar com eles, teria piorado as coisas.

- Nem me fale. Você viu o tamanho daqueles caras? Jason riu, depois disse:

- Talvez a gente possa ir tomar milk shake de novo qualquer hora.

- Eu gostaria.

- Eu também. Eu te vejo amanhã.

Griff deu duas batidinhas no alto do capacete do garoto.

- Estarei aqui.

214

Jason saiu correndo para se juntar aos colegas de time que estavam se reunindo na lateral do campo de treinamento. Bolly estava junto com os outros pais. Griff ergueu a mão para cumprimentá-lo, e Bolly acenou de volta.

Griff correu atravessando o campo para recolher as bolas que Jason havia arremessado e as colocou dentro de um saco de pano que ele guardava no porta-malas do carro. Ele puxou o cadarço para fechar o saco e o jogou por cima do ombro.

Foi quando viu Rodarte em pé do lado de fora da cerca de arame, observando-o.

Griff já estava quente por estar sob o sol com Jason havia uma hora. Quando ele viu Rodarte, pareceu que seu sangue atingiu o ponto de fervura em segundos. Ele teve de se forçar para não atacar a cerca.

Sem pressa, ele seguiu em direção ao portão e se aproximou de Rodarte do outro lado. O filho da puta nem se dignou a olhar para ele. Em vez disso, ele olhava do outro lado do campo, na lateral oposta, onde o treinador escolar estava alertando o jovem time para que não tivessem um super aquecimento, por conta do calor excessivo, nem se desidratassem durante o treino.

- Você é patético, Rodarte - disse Griff. - Juntando jornal velho que nem uma velhinha catadora de lixo.

Rodarte deu uma gargalhada, mas ainda não virou o rosto para olhá-lo.

- É uma leitura divertida. Eu detestei guardá-la só pra mim. Griff ia pegá-lo pelo ombro e forçá-lo a se virar, mas não se

atreveu a encostar a mão no homem. Rodarte revidaria. E, se a coisa ficasse feia, o que inevitavelmente aconteceria, havia muitas testemunhas. Bolly, em particular. Griff prometera a ele que não haveria problemas. Ontem, o colunista esportivo lhe confiara o filho. Griff odiaria trair essa confiança agora.

Ele poderia mandar Rodarte para o inferno e simplesmente sair andando. Deixá-lo ali em pé, derretendo de calor, até virar uma poça de suor absorvido pelo chão.

Mas ignorá-lo não seria inteligente. O fato de Rodarte estar ali não era coincidência, assim como o incidente dessa manhã com o jornal não havia sido uma brincadeira inofensiva. Depois de ficar invisível durante semanas, Rodarte tinha ressurgido. Até que Griff descobrisse o motivo, não lhe daria as costas.

Rodarte enfiou a mão no bolso e tirou um pacote de chiclete.

- Estou tentando parar de fumar.

- Boa sorte. Seria terrível se você ficasse doente e morresse. Rodarte deu um sorriso malicioso, desembrulhou o chiclete e ò

pôs na boca.

- Ainda tá trepando com aquela mulher? O maxilar de Griff se retraiu.

- Imagino que sim, já que sua piranha preferida está fora de circulação, e você tem que se dar bem em algum lugar. - O sorriso dele ficou mais debochado. - Você não tá nada mal. A sra. Speakman não tem só uma bundinha gostosinha, mas ela também é cheia da grana. Mas eu tenho certeza de que você sabe disso. Ninguém nunca te chamou de burro, Camisa Dez. De muitos outros nomes feios sim, mas burro, nunca.

Griff não deu corda.

- Ela anda pagando suas contas ultimamente? E comprando todos aqueles lances maneiros? - Rodarte deu outra risada maldosa e ruidosamente estourou uma bola de chiclete. - Claro que tá. E toda contente. Empacada com um marido que é só meio homem, aposto que está disposta a pagar qualquer preço para trepar com um herói do futebol grande e forte como você.

Griff não se mexeu, embora estivesse ávido para ver Rodarte sangrando.

Baixando o tom de voz a um sussurro sugestivo, Rodarte disse:

- Aposto que ela é uma daquelas mulheres de negócios sem rodeios, que fica completamente doida na cama. Estou certo? Ela extravasa todas as inseguranças da carreira profissional no teu pau e gosta de ficar por cima. Ah, Burkett, conta aí. Ela é dessas?

- Você é um escroto. Rodarte soltou uma gargalhada.

- Você que tá fodendo com a mulher de um aleijado e eu é que sou o escroto?

- O que você quer?

- Quero? Nada - disse Rodarte inocentemente. - Só pensei em dar uma passada por aqui, dizer um alo. Não queria que você pensasse que eu te esqueci. Queria te tranquilizar de que quando você

se destruir, e você vai fazer isso, você sabe, eu vou estar por perto pra ver e tomara que possa ajudar. Tou na tua cola, Burkett. Você não faz ideia.

Griff temia que, se ficasse mais tempo, teria que dar o primeiro passo para essa autodestruição prevista. Precisamente o que Rodarte queria. Apesar de sua determinação para não dar as costas ao homem, ele o fez e saiu andando.

- O Jason está melhorando.

Griff girou de volta. Rodarte, rindo baixinho, cuspiu o chiclete na terra.

- O garoto não tem muito talento nato, mas ele se esforça. Dá pra ver que ele louva o chão que você pisa. Provavelmente, quer seguir seus passos. Bem, não o caminho de trapaça e assassinato que você seguiu, mas seus dias de glória no futebol.

Estreitando os olhos para Griff, separado pela distância entre os dois, Rodarte deixou que sua perversidade se estampasse no rosto forrado de crateras de acne.

- Seria uma pena se algo acontecesse com o garoto. Um acidente que o deixasse aleijado ou algo que o impedisse de seguir seu sonho. Ele pode até morrer.

Griff deu os passos necessários para fechar o espaço que havia entre eles.

- Encoste um dedo naquele garoto e…

- Calma - disse Rodarte, numa voz debochada. - Eu só estava especulando sobre o dedo do destino. Jesus, você está de cabeça quente. Eu tento ter uma conversinha amistosa aqui, no estádio atlético do colégio, e você…

- O que você quer, Rodarte?

Ele deixou de lado o fingimento e seus olhos assumiram uma expressão cruel.

- Você sabe o que eu quero.

- Eu não tenho nada do dinheiro dos Vista.

- Eles não estão convencidos disso. Eu certamente não estou. E eu não vou desistir de você até quebrá-lo, e você vai se entregar. Eu sou permanente como uma marca de nascença.

Griff apontou-lhe o dedo indicador e começou a recuar.

- Fique longe de mim. Fique longe de todos à minha volta. Rodarte riu.

- Se não, o que é que tem, Camisa Dez? Se não, o que acontece?

Griff violou uma regra de sua condicional, a primordial, segundo Jerry Arnold constantemente o lembrava: Não chegue nem perto de seus antigos parceiros.

Da forma com que Griff via, ele não tinha escolha. Rodarte ameaçara Jason. E a forma como ele havia falado sobre Laura… Ele deixou a ameaça implícita, o que significava coisa muito ruim, que eriçava os pelos da nuca de Griff. Rodarte não teria qualquer receio de ferir nenhum dos dois. Nem mesmo o dinheiro de Laura poderia protegê-la. Ele a machucaria, assim como a Jason, num piscar de olhos e se divertiria a rodo ao fazê-lo.

Para evitar isso, Griff teria de enfrentar o assunto cara a cara, agora mesmo. Ele não estava disposto a viver com a constante ameaça de Rodarte. Ele certamente não queria impor essa ameaça a duas pessoas inteiramente inocentes. Não poderia suportar a culpa de ter mais alguém vitimado pela brutalidade de

Rodarte, da forma como acontecera com Márcia.

Griff dirigiu direto para casa, quando saiu do campo de treino. Tomou um banho rápido e se vestiu. Deixou para trás a jaqueta Armani e preferiu uma outra que tinha antes de ter sido preso, não querendo parecer bem de vida.

Era enervante chegar ao escritório dos Vista sem ser anunciado, mas ele apostava que o triunvirato concordaria em vê-lo só pela curiosidade, se não fosse por outro motivo. Ele estava certo. Depois de esperar na recepção por quase meia hora, ele foi solicitado a entrar no santuário onde os encontrara pela primeira vez.

As mesmas paredes forradas em madeira, luz indireta e tapetes que abafavam o som, mas a hospitalidade estava visivelmente ausente. Nada de bandeja de sanduíches, nada de bar aberto. O bronzeado de Larry era só um ligeiro bronze, mas aparentemente ele andara passando mais tempo no bar do clube do que jogando golfe. Estava meio pançudo.

Griff se surpreendeu ao ver que Martin conseguia respirar sem qualquer aparato respiratório. Mas ele agora recorria a uma bengala para ajudar a apoiar seu corpo enorme.

Bennett abrira mão do penteado engomado e raspou a cabeça, que era perfeitamente redonda e branca. Vista por trás, parecia uma bola de bilhar que crescera excessivamente e pousara em seus

ombros. Agora, com ainda menos cílios, seus olhos transmitiam uma expressão mais intensa de réptil.

Larry estava com o quadril encostado a um canto da escrivaninha. Bennett estava sentado numa poltrona, de pernas cruzadas. Quando Griff entrou, Martin se sentou pesadamente num sofá de couro que mal tinha espaço para acomodá-lo. Tanto seus pulmões quanto as almofadas do sofá emitiram um chiado de ar quando ele se acomodou.

Griff não foi convidado a sentar-se.

Martin começou.

- O que você quer?

Griff respondeu no mesmo tom seco.

- Mande o Rodarte sair do meu pé.

Ninguém disse nada por trinta segundos. Finalmente, Larry rompeu o silêncio tenso.

- Seria o Stanley Rodarte de quem você está falando? Griff não caiu no fingimento.

- Vocês ficarão contentes em saber que seu cão de guarda é persistente. Ele estava em Big Spring no dia em que saí e vem sendo um incómodo desde então. Atacou uma amiga minha. Uma mulher. Praticou sodomia com ela e arruinou seu rosto. Quando isso fracassou em me vencer, ele mandou dois caras me pegarem. Durante uma semana, eu mal consegui andar e mijei sangue.

- Nossa, Griff, lamentamos em ouvir isso - disse Larry, com a voz transbordando de sarcasmo. - E isso seria problema nosso… por quê?

Griff ficou com raiva pela forma como eles estavam fingindo inocência. Ele não estava dizendo nada que eles já não soubessem, portanto, preferia que simplesmente dissessem que ele e Márcia já estavam na mira.

- Olhe pra vocês, é uma merda que o Bill Bandy tenha escondido dinheiro onde não conseguem encontrar. Mas saiam do meu pé por conta disso. Eu não peguei nada dele. E vocês sabem muito bem que não o matei.

- Você tinha motivo.

- Vocês também.

O FBI prendeu Bandy por acusações de jogo ilegal. Diante de vários anos na prisão federal, Bandy apostou uma ficha de barganha: Griff Burkett. Ele contou aos federais sobre a ligação de Griff com os Vista, especificamente sobre o jogo das eliminatórias que viria a ocorrer contra o Washington. Ninguém em Dalas estava feliz pela derrota daquele dia, exceto os agentes federais que estavam montando um caso de extorsão contra o atacante do Cowboys.

O acordo que Bandy fez deu um ótimo resultado para ele. Griff foi pego; todas as acusações contra Bandy foram retiradas. Porém, essa troca deixou os Vista nervosos. E se o FBI quisesse mais de Bill Bandy, além de um jogador de futebol trapaceiro? O bookmaker poderia ter ficado tentado a usá-los para outro passe livre, em algum ponto no futuro.

O trio Vista eliminara a tentação de Bandy ao matá-lo.

Pelo menos, isso foi o que Griff deduziu e agora era essencialmente do que os acusava. Imperturbáveis, suas fisionomias permaneceram imóveis, sem piscar.

- Talvez tenha havido alguma grana escondida - ele continuou -, mas eu não passei os últimos cinco anos numa caçada ao tesouro. Não quero voltar às suas operações e não estou trabalhando para nenhum concorrente. Vocês podem me ameaçar eternamente e vão continuar de mãos vazias. Portanto, seja lá o que estiverem pagando ao Rodarte para colocar pressão em mim, é um dinheiro desperdiçado. Tirem-no do meu pé.

Alguns instantes se passaram. Eles continuaram como estátuas. Por fim, Martin olhou para Larry, Larry olhou para Bennett e Bennett continuou encarando Griff.

Se Griff ainda fosse um homem de apostas, ele teria colocado seu dinheiro em Bennett como o responsável no grupo pela palavra final. Larry era o tagarela, o cara que fazia a social com as pessoas, o cara de relações públicas. Martin era o cérebro e o que manipulava a todos. Bennett, o silencioso e imóvel Bennett, que parecia ter água gelada em suas veias, era responsável pelo controle de danos.

Foi Martin que finalmente falou.

- O que o faz pensar que… - respiração ofegante - …que nós temos negócios… - resfolego - com um canalha como Rodarte?

- Ele próprio me disse. Disse que havia falado com vocês. Ele transmitiu o recado que mandaram, dizendo que poderia haver

meio de retratação. Que vocês poderiam estar dispostos a perdoar e esquecer.

- Perdoar e esquecer?

Essa foi a primeira e única vez que Griff de fato viu Martin sorrir, e isso fez seu saco se contrair.

- Esse Rodarte está delirando ou é você que está? - Larry perguntou. - Depois que você deu ao júri o serviço sobre nós, acha mesmo que lhe daríamos as boasvindas? - Ele deu uma fungada, para enfatizar a opinião quanto a isso. - Primeiro de tudo, seu babaca, nós não somos clementes, nem esquecemos. Segundo, você é a última pessoa que queremos em nossas operações. Não somos aprendizes lentos. Uma vez que você ferrou com a gente, você é quem está ferrado. Terceiro, se um de nossos concorrentes, não que tenhamos algum que seja importante, o acolher, isso é boa notícia para nós. Isso apenas mostra que são umas porras de uns ignorantes.

“Por último, de fato, você está certo quanto a uma coisa. Rodarte veio ciscar pouco antes de sua libertação. Ele sempre teve a ideia errada de ser um figurão e de nos impressionar. Não nos impressiona. Ele é um bandido desclassificado, só isso.

“Mas, olhe, nós não queremos parecer descorteses, principalmente com alguém tão inferior. Portanto, nós o entupimos de conversa fiada e algumas doses de uísque, depois o mandamos seguir seu rumo. Se ele o está apertando, está fazendo isso por conta própria e por suas razões exclusivas. E para ter mais poder - fungou Martin.

- Amém - disse Larry. - Mais poder. Nós não vamos ficar de coração partido no dia em que você morrer, Burkett. A única razão por você ainda estar respirando é por não merecer nada melhor que Rodarte. Preferimos que alguém da laia dele liquide um babaca como você, pois isso nos poupa de sujar nossas mãos. Agora, se arranca daqui antes que lembremos como ficamos putos.

No seu trajeto de volta de Las Colinas, Griff ficou preso num

engarrafamento por conta de um acidente na via expressa que

havia fechado duas faixas. Olhando as luzes de freio no carro à sua frente, ele ruminava sobre o que Larry lhe falara. Dava a sensação de ser verdade. Eles não lamentariam sua morte, mas, se o quisessem morto, ele já estaria morto.

Os garotos Vista eram assustadores, mas Rodarte, agindo por conta própria, era mais assustador ainda. Griff não estava consolado ao saber que Rodarte vinha

trabalhando sozinho.

Essa ideia foi interrompida pelo toque de seu celular. Ele o

abriu. -Alo? -Você está livre?

221

Capítulo 20

O CORAÇÃO dele quase parou.

- Quando?

- Agora.

- Estou a quinze minutos de distância. - Estava a pelo menos trinta, mas ele não queria que ela mudasse de ideia.

- Então, o vejo lá.

Ele levou cinco minutos até passar pelo acidente; depois, dirigiu o Honda como se estivesse na prova de Le Mans e chegou a casa em vinte e dois minutos após ter recebido a ligação. Foi direto até a porta da frente destrancada e a encontrou em pé, no meio da sala.

Ela estava vestindo uma saia branca justa e uma camiseta regata vermelha, com botões brancos na frente e alças largas. Estava ótima.

- Oi - disse ele. -Oi.

- Eu estava na rodovia 114 quando você ligou. Houve um acidente.

- Eu não liguei com muito tempo de antecedência.

Ele tirou a jaqueta e a colocou por cima das costas da cadeira mais próxima.

- Como tem passado?

- Bem. E você?

- Estou bem. A companhia aérea a tem mantido ocupada?

- Sempre.

- Esse calor é uma droga.

- Nem me lembro da última vez que choveu.

- Acho que é a época do ano.

Até esse ponto, eles não tinham interrompido o contato visual. Agora, ela desviou. Olhou na direção da janela, onde as persianas só deixavam entrar algumas frestas de luz solar.

- Pedi para que você viesse me encontrar hoje para que pudesse lhe dizer pessoalmente.

O estômago dele se apertou.

- Você está grávida.

Ela sacudiu a cabeça.

- Não? - perguntou ele, para ter certeza. -Não.

- Achei que talvez estivesse. Nós dobramos a chance, da última vez.

Os olhos dela voltaram a ele rapidamente, depois desviaram.

- Não estou grávida. Mas eu… nós, Foster e eu, decidimos tentar I.A.

O encontro que ele tivera com Rodarte, sua reunião com os garotos Vista, a ligação dela, o trajeto tresloucado dirigindo até ali, o fato de vê-la, tudo isso junto fez um bolo em seu cérebro. As palavras dela não foram assimiladas. Ele sacudiu a cabeça ligeiramente.

- Perdão?

- Inseminação artificial.

- Ah. Certo. - Novamente, seu estômago se contraiu. - Em vez de nós…

- Sim. -Ah.

Houve uma pausa expressivamente longa, antes que ela continuasse.

- Nós temos consciência das implicações financeiras que nossa decisão terá sobre você.

- Sei.

- Portanto, gostaríamos que você continuasse sendo o doador.

- Ela molhou os lábios nervosamente. - Se estiver disposto, é claro. Caso esteja, e a inseminação for bem-sucedida, os termos de nosso pagamento permanecem os mesmos.

Ele investigou seu rosto, mas ela evitava olhá-lo diretamente. Após um momento, ele foi até o sofá, sentou-se na beirada e ficou olhando o espaço, pensando como o dia tinha ficado uma porcaria.

Ela deve ter interpretado seu silêncio como relutância ou indecisão.

- Você não precisa me dar sua resposta hoje. Tem tempo para pensar sobre isso. Preciso marcar consultas com especialistas. Tenho certeza de que haverá testes. Acho que preciso começar a tomar hormônios suplementares. Portanto, pode levar um tempo até que precisemos de você. Semanas, eu acredito.

Ele a olhou.

- Uma vez que o procedimento esteja programado - ela prosseguiu, parecendo estar com pressa -, eu entrarei em contato e nós podemos combinar um local e horário para que eu recolha a amostra. Tem que ser recolhida no mesmo dia. Eu lhe avisarei com o máximo de antecedência que puder. Um dia, talvez dois.

- Tudo bem.

- De agora até lá, se você decidir que não quer… participar, nós lhe pagaremos os quinhentos mil, de qualquer forma. Pelas vezes que você… pelo seu transtorno.

- Generosidade sua.

- Naturalmente, se você optar por continuar ou cancelar o combinado aqui e agora, nem é preciso dizer que espero a absoluta confidencialidade com a qual você concordou.

Finalmente, algo que ele queria abordar.

- Não quer que ninguém saiba sobre… - Ele inclinou a cabeça na direção do quarto. - O que aconteceu aqui da última vez.

- Sobre nada, sr. Burkett.

- Não, tenho certeza que não, sra. Speakman. Ela se endireitou e pegou a bolsa, na poltrona.

- Bem, acho que isso cobre tudo. Obrigada por vir, mesmo com um aviso tão em cima da hora.

- Há um duplo sentido nisso, se é que ouvi. - Ele falou baixo, mas alto o suficiente para que ela pudesse ouvir.

Ignorando a observação, ela seguiu em direção à porta.

- Preciso ir. Tenho uma reunião em meia hora.

- Mentirosa.

Ela se virou rapidamente.

- Você não tem reunião nenhuma. Está fugindo. - Ele saiu do sofá e foi caminhando em direção a ela. - Está com medo. Não confia em si mesma para estar aqui. Confessou ao seu marido que realmente mergulhou na coisa da última vez?

- O que Foster e eu falamos…

- Foi isso que o fez mudar de ideia sobre nosso pequeno acordo?

- Ele não mudou de ideia. Eu mudei.

Até ali, ele vinha ficando cada vez mais zangado. Mas isso o deteve. Havia sido decisão dela, não de Speakman, e não havia sido uma decisão que eles tinham tomado como um casal. Ele disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça, a primeira coisa que quis saber.

- Por quê?

- Eu não posso… - Ela hesitou, depois começou novamente. Eu não posso continuar com você, assim, só isso. Só concordei com isso porque era o que Foster queria. E eu o amo. Amo mesmo. Eu amo meu marido.

- Tudo bem.

- Esse foi o único motivo pelo qual concordei em fazer isso.

- Foi o que disse.

- Mas eu não posso mais estar com você.

- Também entendi isso. E, resumindo, isso é tudo que tem a dizer. Não me deve uma explicação.

Ela o olhou de forma estranha, depois baixou a cabeça. Nenhum dos dois se mexia. Os segundos se passaram enquanto ele olhava a forma como os cabelos dela cresciam em cachos ao redor da cabeça. Finalmente, ele disse:

- Quando foi que você decidiu?

- Da última vez que saí daqui, eu sabia que não voltaria. Mas me aborreci com isso e não contei a Foster sobre minha decisão até duas semanas atrás.

- Então, por que não me ligou para dizer?

- Nós decidimos esperar e ver se eu estava grávida antes que eu lhe dissesse. Se eu estivesse, não seria necessário. Achei que a questão estava resolvida. - A camiseta vermelha se expandiu, forçando os botões brancos, conforme ela respirou fundo. - Mas Foster passou as duas últimas semanas tentando me fazer mudar de ideia.

- Ele ainda quer que seu bebé seja concebido de forma natural.

- Sim. Ele não chegou a fazer pressão, mas deixou claro que esse é seu desejo, como ele ficará desapontado se mudarmos de direção agora. Usou todas as táticas que conhece para tentar 225

226

me persuadir de que devemos prosseguir conforme o planejado, ao menos por mais alguns ciclos.

- Só que não a persuadiu. -Não.

- Então, por que você não me ligou para dizer que o acordo estava cancelado? Por que está aqui?

- Porque deixei que Foster achasse que finalmente me venceu pelo cansaço. - O olhar dela percorreu a sala, depois parou no terceiro botão da camisa dele, permanecendo ali por alguns segundos antes de subir até os olhos dele. - Ele ficou atrás de mim até que concordei em encontrar você, uma última vez. Se eu não conceber hoje, ele disse que prometia jamais me pedir novamente para voltar aqui e vai concordar com a mudança para o método clínico.

Griff assimilou aquilo.

- Uma última vez.

- Sim.

- Hoje.

- Sim.

- Então, ele pensa que estamos…

- Sim.

- Mas não estamos.

- Ele nunca saberá, não é? Pensará que essa vez teve o mesmo resultado das três anteriores.

- Só nós dois saberemos que não foi isso.

- A menos que você conte a ele.

- Seu segredo está a salvo comigo.

- Eu detesto essa palavra - disse ela, com uma angústia óbvia. Não gosto de guardar segredos de meu marido.

Ela olhou além dele, na direção do corredor que dava no quarto, e seu olhar ficou fixo ali por tanto tempo que Griff olhou por cima do ombro para ver o que poderia estar prendendo sua atenção. O corredor estava vazio. Ele achou que ela poderia estar vendo o quarto, vendo os dois se mexendo juntos, vendo-se gozando. Isso seria, sim, um segredo que ela gostaria de guardar de seu marido.

Ele se virou de volta no mesmo instante em que ela o olhou. Os olhares se fixaram por alguns longos momentos, depois ela gesticulou em direção à porta.

-Bem…

- Sua reunião. Ela deu um sorriso sem graça.

- Não há reunião.

- Eu sei. - Ele retribuiu o sorriso, mas nem sentiu.

Ela esticou o braço por trás das costas, para pegar a maçaneta.

- Não esqueça sua jaqueta.

- Certo.

- Certifique-se de que a porta esteja bem fechada, para ficar trancada, quando bater.

- É claro.

Ela puxou a porta para abri-la e eles receberam um sopro de ar quente.

- Dependendo das circunstâncias - disse ela -, essa pode ser a última vez que eu o verei.

- Pode ser.

Ela parou, depois sacudiu os ombros, constrangida.

- Não consigo pensar em nada para dizer que possa parecer apropriado.

- Conversa à toa parece ainda mais à toa.

Ela sorriu levemente diante da lembrança das palavras dele, na noite em que se conheceram.

- Você não precisa dizer nada, Laura. .

- Então… - Ela estendeu a mão direita. - Adeus.

Ele pegou a mão dela. Eles olharam para as mãos enlaçadas depois um para o outro. Ela soltou a mão dele e simultaneamente parou de olhá-lo, virando-se para a porta aberta.

Mas ela só fez isso. Virou-se e parou.

Griff hesitou alguns instantes antes de agir. Aproximou-se dela por trás, esticou o braço por cima do ombro dela, colocou a mão espalmada na porta e, lentamente, a fechou.

Laura olhava a si mesma no espelho da penteadeira. O reflexo que a olhava de volta parecia de outra pessoa. A mulher no espelho estava desgrenhada, não meticulosamente arrumada como de hábito. O mais perturbador eram seus olhos, repletos de incerteza. Onde estava a sua autoconfiança tão característica? O que acontecera

com a segurança de que tinha o controle da situação? Quem era essa estranha hesitante?

Ela correu as pontas dos dedos pelos lábios e limpou o rímel borrado no canto do olho. Inegavelmente, a imagem no espelho era sua.

- Laura?

Ela girou rapidamente, colocando a mão no peito.

- Foster. Eu não o ouvi chegar.

- Obviamente, não. Você deu um pulo. - Sua cadeira de rodas estava sobre a soleira que dividia o quarto e o banheiro. - Manuelo me disse que você estava em casa.

Ela havia estacionado o carro na garagem anexa, entrado na casa pelos fundos e subido a escada.

- Ele disse que você estava ao telefone. - Ela forçou um riso leve. - Ao menos, isso é o que acho que ele disse. Eu não quis interromper sua ligação. Fico contente de que tenha preferido ficar em casa hoje. O calor está insuportável. Está deixando todo mundo rabugento. As pessoas estão dirigindo como loucas, então a hora do rush fica mais perigosa do que o habitual.

Percebendo que estava falando muito e rápido demais, ela se forçou a desacelerar.

- Tudo isso é pra dizer que estou um caco e quis tomar um banho rápido antes de vê-lo. Como foi o seu dia?

- Sem grandes novidades. Além do clima e do trânsito, como foi o seu?

- Tive várias reuniões hoje de manhã, incluindo aquela com os representantes da Agência Federal de Aviação para discutir as reclamações por parte da Southwest e da American.

- Você terá de ser mais específica. A Southwest e a American estão sempre registrando queixas contra nós.

- Essa é a forma mais alta de lisonja. Ele sorriu.

- Se estivéssemos fracassando, nunca ouviríamos um pio por parte deles. Como foi seu encontro com Griff Burkett?

A pergunta surgiu de forma tão súbita e fora de contexto que ela foi pega desprevenida.

- O mesmo que antes. Rápido e eficiente.

- Achei que ele poderia ser o motivo por você ter voltado para casa tão tarde.

- Por que pensaria isso?

- Sem motivo.

Ela não deu importância.

- Espero que você não tenha me esperado para jantar.

- A sra. Dobbins fez um sanduíche para mim.

- bom.

- Então, por que chegou tão tarde?

- Eu já estava quase em casa quando me lembrei de algo que havia deixado no escritório e tive que fazer todo o caminho de volta para buscar. Myrna ainda estava lá.

- Minha assistente é geralmente a última a sair. A menos que seja você.

- Ela estava terminando algumas cartas e perguntou se eu poderia esperar para trazê-las para casa, para que você assinasse. Elas estão aqui.

Ela tentou se espremer e passar pela cadeira dele para entrar no quarto, mas ele a pegou pela mão.

- As cartas podem esperar. Eu quero saber a reação de Burkett quando você lhe disse que essa seria a última vez que ia encontrálo. Você disse a ele?

- Eu disse assim que cheguei. -E?

- E, nada. Uma vez que lhe assegurei de que seguiríamos os termos originais, caso ele permanecesse como doador, ele disse que não fazia diferença. Algo assim.

- Então, ele não está recuando?

- Não tive essa impressão, não.

- Não achei que ele o faria. Vocês discutiram a respeito de como pegaríamos o sémen?

- Só em termos gerais. Eu disse a ele que primeiro teria de consultar um especialista. Então, quando ele fosse necessário, seria avisado.

- Talvez a inseminação artificial não seja necessária. Vamos esperar.

- Isso é o que todos esperamos, Foster.

Ele a surpreendeu ao pressionar a mão sobre seu baixo ventre.

- Dessa vez, eu tenho uma boa sensação. Carma. Algo. Simplesmente é uma sensação diferente, como se algo significante tivesse acontecido.

Ela sorriu, torcendo para que não parecesse trémula.

- Espere só um instante. - Distanciando-se, ela disse: - Eu realmente gostaria de tirar essas roupas. Você é bem-vindo para ficar.

- Não, eu vou deixá-la tomar seu banho. Só ficaria se pudesse me oferecer para lavar suas costas.

- Em vez disso, você pode me servir um copo de vinho. Eu não vou demorar.

- Que tal um club soda? Só para não correr riscos.

- Está bem.

Ele jogou um beijo, depois manobrou a cadeira passando pela porta, repetindo o movimento três vezes.

Laura esperou até que estivesse sozinha, depois fechou a porta que dava para o banheiro e rapidamente tirou as roupas. Antes de entrar no chuveiro, ela tomou coragem para se olhar no espelho inteiro. Seus olhos ainda tinham uma expressão vidrada e entorpecida, seus quadris, ligeiramente ralados. Ela tocou os mamilos, o umbigo, os pelos pubianos.

Contendo uma lamúria, ela colocou os dedos verticalmente sobre os lábios e

sussurrou:

- Oh, Deus. - Mas não sabia exatamente pelo que, especificamente, estava rezando.

230

Capítulo 21

O MÊS foi mais longo do que qualquer um dos que ele passou preso. Comparado a isso, aqueles meses haviam passado como cometas. Ele se segurou por três dias, antes de fazer o proibido. Ligou para o escritório da SunSouth. Depois de ouvir um menu de opções aparentemente intermináveis e confusas, que exigiam que ele pressionasse inúmeros dígitos, ele finalmente chegou a um ser humano que lhe disse, numa voz educada, que ele ligara para o escritório da sra. Speakman.

- Kay Stafford falando, como posso ajudálo?

- Preciso falar com a sra. Speakman.

- Qual seria o assunto?

Ele ficou imaginando o que a bem treinada e calma Kay Stafford diria se ele falasse a verdade absoluta. Em vez disso, ele respondeu:

- Foster é um antigo amigo de faculdade. Estive com eles alguns meses atrás.

- Seu nome?

- A sra. Speakman lembrará.

Ela o colocou em espera e se ausentou por um tempo que pareceu interminável. Quando finalmente voltou à linha, disse:

- Sinto muito, a sra. Speakman não pode atender. Gostaria de deixar recado?

Ela só perguntou para constar. Se Laura se recusou a atender sua ligação, eram grandes as probabilidades de que sua assistente descartaria qualquer recado seu. Além disso, o que ele poderia dizer?

Deixe seu marido rico e fique comigo.

Ou não o deixe e fique comigo.

Eu não ligo para o que você faça, apenas fique comigo.

- Não, nenhum recado - disse ele e desligou.

231

Ele acompanhava a tabela da menstruação dela de forma ainda mais diligente que antes, marcando os dias em seu calendário.

Ficou viciado numa novela.

Assistia a torneios de golfe de veteranos e partidas de xadrez nos canais de esporte, e ultimamente tudo parecia mais lento.

Ele olhava diariamente os classificados, mas, a menos que quisesse trabalhar em telemarketing, não encontrava nada que pudesse fazer anonimamente, e sabia que ninguém contrataria o infame Griff Burkett.

Numa tarde, desesperadamente solitário, ele ligou para Márcia e se convidou para ir jantar.

- Eu levo o jantar e o vinho. Como pode recusar um negócio desses?

- Agradeço a oferta. Mas me dê um pouquinho mais de tempo, Griff.

Tempo. Ele se tornara seu inimigo.

Como consolo, Márcia se ofereceu para arranjá-lo com uma das garotas. Ele declinou, o que a fez dar uma risada sexy, rouca. Era bom ouvi-la rir novamente, sinal de que a velha Márcia estava emergindo das bandagens e do trauma.

- Você não quer um encontro com uma das minhas meninas talentosas? Isso é interessante. Está saindo com alguém?

Ele teve um nítido flashback de Laura se mexendo embaixo dele, sussurrando aquele som sexy que ele agora ouvia em seus sonhos.

- É. Estou saindo com alguém.

Ele passava quase todo o seu tempo andando por entre os cómodos de seu apartamento, imaginando quando voltaria a ter notícias dela, se voltaria a ter notícias.

Rodarte não reapareceu. Griff só podia torcer para que os garotos Vista o tivessem advertido severamente quanto a continuar importunando-o. Mas isso era um otimismo ingénuo. Ao contrário do que Rodarte dera a entender, ele não tinha nada a ver com os Vista, nem tinha de prestar contas a eles. E, mesmo que tivesse, eles teriam apoiado qualquer final infeliz que ele tivesse planejado para Griff Burkett.

Ele pensou em alertar Bolly e Jason quanto a um homem horrendo, num carro horrendo, mas temia assustar Bolly, que cortaria as sessões de treinamento, e aquela hora diária era a única coisa que distraía Griff.

Ligou para Laura mais duas vezes, em seu escritório, sem sucesso. Depois da segunda vez, ele imprudentemente ligou para seu celular. Sabendo que ela reconheceria seu número no identificador, ficou surpreso e alegre quando ela atendeu. Mas tudo que ela disse antes de desligar foi:

- Pare de me ligar. Você não pode me ligar.

Ele tentou se cansar, nadando. Nos dias em que não nadava, ele corria muitos quilómetros. Na academia, malhava como se ainda estivesse treinando. Ia aos cinemas multiplexes e assistia a todos os filmes em exibição.

Ele matava tempo.

Finalmente, numa lanchonete, enquanto esperava por um iogurte batido com frutas, a ligação veio. Ele quase deixou cair o celular, quando o arrancou do cinto e abriu.

-Alo?

- Griff, Foster Speakman. Parabéns.

Seu campo de visão se resumiu a um ponto minúsculo, consumido por uma escuridão crescente. O atendente atrás do balcão sinalizou para ele que a bebida

estava pronta. Griff o olhou como se tivesse visto algo errado. Ele deu as costas e saiu da loja. Na calçada, ficou em pé na sombra, mas o calor se alojara embaixo do toldo. Era como estar dentro de um forno. Ele estava sufocando.

- Griff? Você me ouviu?

- É… sim, eu só… - Sua mão estava escorregadia do suor. Ele mudou o telefone para a outra mão. - Acho que “parabéns” significa que vocês têm boas notícias para mim.

- Fomos bem-sucedidos. - O milionário nem tentou conter seu júbilo. - Laura está grávida.

O funcionário descontente foi até o lado externo da loja levando o iogurte batido de Griff. Ele tinha uma barra de prata como piercing na sobrancelha e dentes amarelos que precisavam de aparelho.

- Você não pode simplesmente fazer um pedido e depois sair andando.

Enquanto o ignorava, Griff perguntou:

- Tem certeza?

- Três testes caseiros hoje de manhã, todos deram positivo. Isso é bem incontestável.

- Ei, eu estou falando com você - disse o balconista. - Você vai pagar por isso. - Ele deu um solavanco com a bebida na direção de Griff.

- Aguarde um minuto - ele disse a Speakman. Cobrindo o telefone, ele agarrou a bebida, que tinha uma aparência nauseante, e a arremessou numa lata de lixo próxima. Enfiou uma nota de cinco dólares no bolso da camisa do balconista. - Agora sai da porra da minha vista, antes que eu arranque essa merda da sua sobrancelha.

- Deviam tê-lo deixado apodrecer na cadeia. - com um ar debochado, o balconista fez um sinal obsceno para Griff e voltou para dentro da loja.

Griff respirou fundo várias vezes, e isso só serviu para encher seus pulmões com um ar fumegante.

- Aparentemente, eu liguei numa hora ruim - disse Speakman.

- Na verdade, não. Eu estava pagando para sair de uma loja. Peço desculpas. Esses testes caseiros de gravidez são de confiança?

- Eu compartilhei de seu ceticismo. Laura, também. Inicialmente, ela ficou relutante em fazer os testes, temendo que pudesse dar azar. - Ele riu. - Mas, quando o terceiro deu positivo, ela começou a acreditar que era verdade. Um teste no consultório médico confirmou.

- Ela já foi ao médico?

- Hoje de manhã. Pediu ao ginecologista que tentasse encaixála na agenda. Eles fizeram um exame de sangue. Acabaram de ligar com a feliz notícia de que seus níveis hormonais indicam que ela está grávida.

- Ela está aí, com você? - Griff imaginou os dois se abraçando, rindo, chorando de felicidade.

- Ela estava no escritório, mas agora está a caminho de casa. Eu coloquei champanhe no gelo. Bem, eu vou beber champanhe. Laura, é claro, já não pode mais beber, então coloquei refrigerante no gelo para ela. - Speakman riu. Griff se forçou a acompanhá-lo.

- Eu queria lhe dar a notícia imediatamente. Você acaba de se tornar um homem muito rico.

- É. É meio difícil de absorver isso.

- Seria conveniente para você vir até aqui em casa amanhã à noite? Eu providenciei os detalhes para aquele ponto pendente.

- Ponto pendente?

- A forma como você vai continuar a ser pago, caso eu e Laura não continuemos vivos.

- Ah, isso.

Parecia fazer muito tempo, desde que ele estivera na biblioteca da mansão, bebericando Coca-Cola de um copo de cristal, falando sobre os pontos do acordo, argumentando sobre esse arranjo bizarro. Agora, quando pensava a respeito, tudo parecia um sonho. E só agora se dava conta de que jamais havia contado com um final satisfatório para todos. Mas assim fora. Os Speakman teriam o filho que desejavam. Ele seria um milionário novamente. Estava com a vida ganha.

Ele se sentia como se tivesse sido atropelado por um caminhão de bosta.

- É um cenário improvável - dizia Speakman -, mas eu trabalhei uma contingência. E também gostaríamos de lhe pagar o meio milhão pessoalmente.

- Achei que não deveríamos mais voltar a nos ver.

- Só dessa vez. Essa é uma ocasião especial, e eu quero dar as honras que ela merece. Um gesto de nossa eterna gratidão. Você vem?

- Claro - Griff ouviu-se responder. - A que horas?

Ele chegou às oito e meia em ponto. Do portão, interfonou para a casa e se identificou a Manuelo. O portão se abriu. O empregado abriu a porta, antes mesmo que ele tocasse a campainha. Ele estava vestido de preto como habitualmente, exibindo o mesmo sorriso vago de antes. Não disse uma palavra sequer, antes de conduzir Griff pela entrada até a biblioteca, onde Foster estava esperando. Sozinho.

- Griff! - ele exclamou, feliz. Ele fez um negócio engraçado com a cadeira, antes de se deslocar à frente. Sorrindo de orelha a orelha, ele segurou a mão direita de Griff com as duas mãos e a apertou entusiasticamente. - Fico tão contente que você tenha vindo.

- Eu não teria perdido isso.

- Valeu a tarefa, hein? Quinhentos mil dólares em espécie. Você tem um caminhão blindado para ir para casa?

Griff riu, como esperado.

- O que gostaria de beber?

Ele acenou a cabeça na direção do copo que estava na ponta da mesa, junto ao cotovelo de Speakman.

- Um desses está ótimo.

- Uno más - Speakman falou a Manuelo, que imediatamente seguiu até o bar e serviu um drinque para Griff. Assim que ele o entregou, Speakman gesticulou para que o assistente saísse. Manuelo puxou as portas duplas e as fechou atrás de si.

Speakman pegou o drinque na mesa.

- Eu bebi uma garrafa inteira de champanhe, ontem à noite, e acordei com uma dor de cabeça terrível hoje de manhã. Mas você pode brindar com um bourbon, também, não pode? - Ele ergueu seu copo. - Ao nosso sucesso.

- Ao nosso sucesso - Griff ecoou. Ele deu uma golada no uísque, que desceu queimando. - A sra. Speakman não vai nos acompanhar?

- Infelizmente não. Há uma questão dando problemas em Austin há vários meses. Algo quanto ao manuseio de bagagem que demandava sua atenção. Ou assim ela achou. Tentei dissuadi-la de ir, mas ela insistiu em que um de nós precisava ver a resolução disso e achou que a viagem de bate e volta seria muito puxada pra mim.

Griff imaginou que essa teria sido a desculpa dada por ela ao marido. A verdade era que Laura tinha se arrancado para Austin porque não queria vê-lo. Sua ausência transmitiu um recado claro que o fez oscilar entre desejar vê-la novamente e sentir raiva por sua covardia em não querer encontrálo cara a cara, depois da última tarde que passaram juntos,

- Eu não vou deixá-la assumir esse trabalho extra por muito mais tempo - disse Speakman. - De agora em diante, até a época em que o bebé nascer, meu trabalho mais duro será fazê-la delegar responsabilidade. Ela é teimosa quando se trata de transferir .uma tarefa para outra pessoa. - Ele riu com autorreprovação. - É claro que eu também. Mas nós dois queremos ser pais em

tempo integral. Quando o bebé chegar, eu não tenho dúvidas de que ela se dedicará à maternidade.

Era claro, essa havia sido toda a finalidade disso, não? Laura queria um bebé. Ela queria dar um bebé ao marido. Alguns orgasmos tinham sido bónus, mas eles certamente não haviam mudado a programação, e ele seria um grande tolo se achasse que poderia ser diferente.

Ele não tinha diferença alguma de um banco de espermas, exceto pelos favores festivos - um pau duro, dedos, uma língua. Ele a fez gozar algumas vezes. E daí? E daí, nada. Ela pertencia a Foster Speakman, assim como o bebé que teria. Bingo. Missão cumprida. Hora de estourar as rolhas.

Até mais, Griff Burkett. Foi um prazer conhecê-lo. Legal trepar com você. Legal te foder.

E se ele tivesse alguma dúvida a respeito disso, só precisava ouvir o monólogo efusivo do marido dela.

- Você deveria tê-la visto hoje de manhã, quando aquele terceiro teste deu positivo. - Ele colocou o punho fechado sobre a boca, para conter sua emoção crescente. - O rosto dela… Eu nunca a vira mais bonita do que quando ela sorriu para mim e disse: “Nós temos um bebé.” Nós. Essa palavra de três letras foi extremamente significativa para um homem em minhas condições.

- Aposto que sim.

Speakman não parecia notar o tom malicioso de Griff. Ele estava envolvido demais em sua própria euforia.

- Mesmo antes que ela fizesse o teste, eu sabia que estava grávida. Seus seios já estão mais cheios. Tão sensíveis que ela nem me deixa tocá-los. - Ele riu. - Isso a deixaria constrangida, o fato de eu estar lhe contando. Perdoe-me por falar sem parar. Não consigo evitar. Meu coração está tão cheio que está transbordando. E acho que ainda estou um pouquinho bêbado.

Isso o lembrou de oferecer outro drinque a Griff. Griff declinou, acenando a cabeça. Diante da menção dos seios de Laura, ele virou o restante de seu uísque, o que fez seus ouvidos zunirem e seu coração acelerar. Ele se sentia suado e meio nauseado.

- Você tem alguma inclinação de palpite do que poderá ser? Foster perguntou.

- O quê?

- O bebé. Sentiu-se particularmente mais abundante em hormônios femininos, ou masculinos, no dia em que o bebé foi concebido? 237

238

No dia em que o bebé foi concebido o que ele sentiu foi Laura. Sua pele. Seu calor. Sua paixão. O uísque fazia sua garganta arder, mas ele conseguiu dizer:

- Não. Eu nunca pensei sobre isso, nem de um jeito, nem de outro.

- Penso nisso constantemente - Speakman admitiu timidamente. - O sexo de nosso filho… na verdade, todas as suas características foram determinadas no instante em que o óvulo foi fecundado. Isso não é incrível?

- Incrível. - Incríveis foram as tantas vezes que eu gozei dentro dela.

- Eu mal posso esperar para saber se é menino ou menina, mas nós não podemos saber até o quinto mês.

Incríveis foram as tantas vezes que nós gozamos juntos. Speakman riu.

- Daqui a cinco meses, você provavelmente vai estar deitado numa praia em alguma ilha do Caribe, com uma bebida gelada em uma das mãos e uma garota quente na outra.

Griff forçou um sorriso.

- Parece bom.

- Acho que você vai acabar sabendo sobre o bebé. O que é. O nome que lhe demos. Você provavelmente lerá o anúncio no jornal.

- Se aquela ilha caribenha receber jornal. Speakman sorriu.

- Tem certeza de que não quer outro drinque?

- Não, obrigado.

Speakman esticou a mão para pegar o copo de Griff e o levou até o bar. Como antes, ele passou por um ritual, colocando os copos na prateleira embaixo da pia, limpando o balcão imaculado e dobrando a toalha até que as pontas estivessem iguais. Depois de pendurá-la na argola, ele ajustou a bainha novamente. Quando finalmente ficou a seu gosto, ele lavou as mãos com o desinfetante.

Depois, ele deu três tapinhas nos braços de sua cadeira de rodas.

- Agora, vamos ao que interessa. - Ele fez aquele negócio esquisito, para a frente e para trás com a cadeira de rodas, depois seguiu em direção à escrivaninha. Em cima da mesa havia algo que parecia ser uma caixa de papel de cartas. Apontando para ela, ele disse:

-Seu dinheiro. . ? ?

Griff não fez qualquer movimento naquela direção. Speakman, mal interpretando sua hesitação, riu.

- Vá em frente. É seu. Olhe dentro da caixa.

Griff se aproximou da mesa e ergueu a tampa da caixa, indiferente. Do lado de dentro havia pilhas de notas de cem, caprichosamente envoltas em tiras de papel.

- Bonito, não?

Griff mordeu o lado de dentro da bochecha sem dizer nada. Ele temia o que poderia dizer se falasse algo, receava dizer a Speakman o baixo juízo que fazia de um homem que pagava outro para fazer sexo com sua esposa, independentemente do quão louvável fosse o motivo.

Só por curiosidade, ele havia procurado a história bíblica. Foi Sarah, a esposa, que mandara outra mulher ao marido, mas a situação era basicamente a mesma. Também não dera muito certo em Génesis. Na verdade, as coisas ficaram bem feias. E tudo porque Sarah queria um bebé e queria que fosse do seu jeito.

Você podia dizer a si mesmo que era apenas biologia, mas ainda era sexo. Ainda era um homem e uma mulher se deitando juntos e usando um equipamento funcional, porém, que também dava prazer. Ninguém ainda havia inventado nada mais íntimo.

O que ele queria saber era: como é que qualquer homem podia pedir isso da própria esposa? O desprezo por Foster Speakman revolvia dentro das vísceras de Griff, junto com o uísque e o ciúme.

É claro que ele não era nenhum príncipe da virtude. Estava aceitando o dinheiro do homem. Poderia lidar com a aversão a si mesmo mais tarde. Mas, agora, estava revoltado com Speakman, que lhe sorria como se tivesse ganhado na loteria, sorrindo sem sequer ter ideia do distúrbio emocional pelo qual Griff e Laura haviam passado em nome de sua exigência tola, egoísta e teimosa.

- Eu não ficarei insultado se você quiser contar. Griff sacudiu a cabeça.

Speakman o olhou curiosamente.

- Francamente, estou surpreso.

- Por quê ?

- Sua reserva. Está com vergonha de mim?

23 9 í

- O que esperava?

- Mais… - Ele fez um movimento rotativo com as mãos. Reação. Exuberância. Você está agindo quase como se estivesse relutante em receber seu pagamento, como se lamentasse… - Ele parou e estudou Griff por um momento, depois começou a rir. Oh, minha nossa.

- O quê?

- Você não quer que acabe, não é? É isso, não é? Você está lamentando porque aqueles encontros com Laura, durante as tardes, chegaram ao fim.

- Isso é loucura.

Speakman sacudiu o dedo indicador para ele.

- Eu acho que não.

- Vamos apenas concluir nosso negócio para que eu possa ir embora daqui. - Até

mesmo em seus próprios ouvidos, sua voz soou como um rosnado.

- Ah, Griff, não fique constrangido. Fazer amor com minha esposa não é nenhuma tarefa árdua. Eu sei muito bem. Como é que você poderia evitar ficar caído por ela? Foi como seu jogo de apostas, você acabou pegando gosto por ela, não foi? Quanto mais tinha, mais queria. Agora está difícil de abrir mão dela. Eu entendo. Realmente entendo.

Griff fechou os punhos.

Speakman deu outra gargalhada, depois ergueu as duas mãos com as palmas para fora.

- Eu sinto muito, sinto muito, sinto muito. Peço desculpas por rir de você, mas é tão divertido. Seu trabalho acabou e você ganhou seu dinheiro, mas está de coração partido por isso. Não consegue apreciar a ironia? - Speakman piscou para ele. - Você está tão abatido que só pode ter realmente gostado de comê-la.

Aquilo rompeu o último fio do freio de Griff. Ele deu vazão à sua repugnância.

- Você é um escroto maluco.

- Possivelmente - disse Speakman afavelmente. - Mas, pelo menos, não estou com tesão pela mulher de outro homem, por uma mulher que jamais poderei ter, nunca, nunca mais. Pobre Griff, pobre Griff, pobre Griff.

Griff o encarava com uma visão vermelha de ódio, depois deu as costas e olhou em cima da mesa, procurando algo, qualquer coisa que silenciasse aquele cântico enlouquecedor, insultuoso.

- Sra. Speakman?

Laura estava olhando pela janela do avião, enquanto o jato fazia sua aproximação final para descer em Dalas. Ela estava sendo chamada por uma comissária inclinada sobre a poltrona do corredor que estava vazia.

- Quando chegarmos ao portão, eu vou acompanhá-la antes dos outros passageiros.

- Oh, não, por favor. - Ela não gostava de receber qualquer tratamento especial

quando estava num voo da SunSouth.

A jovem sorriu.

- Desculpe, são ordens da cabine de comando.

- Por quê?

- A torre informou ao piloto que a senhora está sendo esperada na chegada.

- Esperada? Por quem?

A comissária baixou a voz a um sussurro.

- Talvez seja seu belo marido. Eu me lembro daquela vez, em seu aniversário, quando ele organizou uma orquestra junto à esteira de bagagem. Que surpresa romântica. De qualquer forma, a senhora deve obedecer às ordens do capitão e desembarcar primeiro.

Ela torcia para que Foster não tivesse um plano elaborado de boasvindas para essa noite. Havia sido um dia exaustivo que começara cedo e terminara bem depois do que deveria. Tudo que queria era ir para casa, tomar um banho rápido e depois ter uma longa noite de sono.

Os pilotos fizeram uma aterrissagem perfeita, exatamente no horário. Ela fez uma anotação mental para relatar isso a Foster mais tarde.

Depois de um taxiamento rápido até o portão, uma comissária falou nos alto-falantes, solicitando que os passageiros permanecessem sentados. Laura se sentiu constrangida, conforme foi conduzida pelo corredor. Ela sorria, com uma expressão de pedido de desculpas, aos passageiros com quem cruzava o olhar.

241

Quando chegou à porta da cabine de comando, o comandante estava em pé, ali. Ele baixou a ponta do quepe.

- Sra. Speakman.

- Voo perfeito, comandante Morris - disse ela, lendo o nome dele em seu crachá,

com sua visão periférica, uma habilidade que desenvolvera ao longo dos anos.

- Obrigado.

Mas a expressão dele era séria e, pelo fato de não ter iniciado uma conversa, ela sentiu uma ponta de apreensão.

- Aconteceu alguma coisa?

- Por favor. - Ele gesticulou na direção da porta aberta da aeronave. Ela entrou no finger do aeroporto e ficou surpresa quando o comandante a acompanhou. Ficou ainda mais surpresa pelo fato de que ele a pegou pelo cotovelo. Antes que pudesse reagir a isso, ela percebeu dois homens vindo na direção deles.

Estavam vestindo uniformes cerimoniais de policiais. Quando a viram, eles respeitosamente tiraram seus chapéus.

Seus passos hesitaram. A mão do piloto segurou mais firme em seu cotovelo.

- O que aconteceu? - As palavras saíram secas, quase não foram audíveis. Depois ela gritou: - O que aconteceu?

Um membro da equipe responsável pela cena do crime, que passara a última hora colhendo provas, assentiu, com um triste aceno de cabeça.

- Ruim, hein? O pior que já vi. Talvez não tão sanguinolento como alguns assassinatos, mas… bem, só um bastardo de sangue frio poderia fazer isso.

- Ou um de sangue bem quente - frisou o primeiro detetive.

- Crime de paixão, você acha?

- Talvez. Seja lá o que for, o filho da puta merece a pena de morte.

Seu parceiro voltou a limpar a garganta.

- com licença, detetives? - Um policial uniformizado surgiu junto às portas duplas da biblioteca. - Pediu que fosse avisado assim que a sra. Speakman chegasse aqui. Eles a estão levando para a sala nesse momento. Por ali. - Ele gesticulou na direção.

Quando a dupla de investigadores entrou na sala, Laura Speakman estava em pé, no meio dos dois policiais. Um deles deu um aceno rápido para avisá-los de que ela já havia sido notificada, mas isso era óbvio. Estava tão pálida quanto o cadáver.

O detetive taciturno se posicionou junto à parede. O outro entrou na sala.

-Sra. Speakman?

- Meu marido está morto? Não há algum engano?

- Não há engano. Sinto muito.

Os joelhos dela se dobraram. Os sacerdotes a conduziram até um sofá. Um deles se sentou perto dela, colocando o braço no encosto do sofá de forma protetora. O outro pediu a um policial uniformizado que pegasse um copo dágua.

Conforme o detetive se aproximou, ele tirou um cartão do bolso de dentro de seu paletó e o entregou a ela.

- Stanley Rodarte, senhora. Detetive do Departamento de Homicídios da Polícia de Dalas.

Capítulo 22

LAURA, ele está aqui. Kay Stafford apareceu na porta do quarto de Laura, onde ela estava recostada numa espreguiçadeira. As cortinas estavam fechadas. O quarto estava fresco e a meia luz. Sua assistente falava baixinho e devagar, da forma como todos falavam com ela hoje, como se temessem que qualquer ruído pudesse fazer com que estilhaçasse feito um cristal. Talvez eles estivessem certos.

- Eu o coloquei na sala - disse Kay. - Desça com calma. Ele disse que vai esperar.

Laura se sentou e colocou os pés nos sapatos.

- É melhor que fale logo com ele, embora não saiba o que possa lhe dizer hoje

que não tenha dito ontem à noite.

O detetive Rodarte ficou até quase meia-noite. Ele havia passado parte desse tempo interrogando-a. No restante do tempo, ele, seu parceiro silencioso e outro policial entraram e saíram da biblioteca, fazendo o que tinham de fazer numa cena de aparente assassinato.

Eles confabulavam em vozes cochichadas, lançando olhares na direção dela, ocasionalmente fazendo perguntas para obter informação. Uma policial solícita lhe perguntara se havia alguém para quem ela devesse telefonar.

- Alguém que possa vir lhe fazer companhia essa noite.

Nem ela, nem Foster tinham familiares. Desde o acidente, eles não mantinham mais contato próximo com os amigos.

- Minha assistente - respondeu ela.

Ela dera o número de Kay à policial. Kay havia chegado em meia hora, compartilhando o choque de Laura, mas, de alguma forma, conseguindo realizar tarefas simples que Laura parecia incapaz de fazer. Ela dava indicações, provia respostas às perguntas e cuidava do telefone, que começara a tocar com uma frequência irritante.

Kay estava com um bloco de anotações na mão quando elas desceram juntas.

- Detesto ter que incomodá-la com tudo isso agora, Laura.

- Vá em frente. Eu não posso me dar ao luxo de desmoronar. Isso virá depois, quando… quando tudo estiver estável. O que você precisa?

Uma cláusula do testamento de Foster, o qual ele havia alterado quando eles se casaram, dizia que, na eventualidade de sua morte, Laura atuaria como cabeça da SunSouth até que o corpo diretor pudesse eleger outra pessoa. Isso lhe concedia os poderes de tomada de decisão e de condução dos negócios. Portanto, além de se tornar uma viúva na noite anterior, ela assumira o papel de presidente da empresa.

- A mídia está acampada lá fora, na entrada de nosso prédio, esperando uma declaração - disse Kay.

- Peça ao Joe para escrever algo genérico. “Todos na SunSouth estão estarrecidos com esse acontecimento trágico etc.” Mas peça a ele que não despache, antes de passar pra cá, por fax, para minha aprovação. - Ela confiava no chefe de marketing para escrever um release apropriado à imprensa, mas era uma prática sua, assim como de Foster, assinar tudo. - Diga a ele que não conduza uma coletiva de imprensa formal, nem responda a perguntas sobre… o crime. Deixaremos isso com a polícia.

Kay verificou cada item em sua lista.

- O pessoal de operações perguntou se eles devem proceder com um minuto de silêncio em memória de Foster. Algo assim?

Laura sorriu levemente e sacudiu a cabeça.

- Foster não permitiria que a programação fosse interrompida nem por um minuto sequer. Mas agradeço pela lembrança. Certifique-se de que todos saibam disso.

- Chegou a pensar em alguma providência para o funeral? Ao chegar ao topo da escada, Laura parou e se virou para ela.

- Não posso agendar o funeral até que o corpo seja liberado. Inesperadamente, as lágrimas encheram seus olhos. Dois anos

antes, logo após o acidente de carro, Foster ficara na UTI se agarrando à vida. Laura temia que cada movimento de sua respiração fosse o último e ela tivesse de organizar seu enterro. Mas, agora,

não estava preparada para falar nesses termos. Dessa vez havia sido uma realidade súbita. Haveria um funeral. Ela só não sabia quando.

Na noite anterior, fora avisada para não entrar na biblioteca. E acatara o aviso. O que lhe fora descrito era grotesco, e ela não queria que essa fosse a última imagem de Foster. Já havia sido chocante o suficiente ver o saco fechado com zíper saindo na maca. Dentro do saco estava o corpo de seu marido, mas, para a polícia, eram provas.

Sentindo a angústia de sua chefe, Kay disse:

- Peço desculpas por ter que mencionar isso. Mas as pessoas ficam ligando para cá e para nossos escritórios, perguntando quando e onde será o enterro. A recepção já está transbordando de flores.

Laura tocou a mão da assistente.

- Eu lhe avisarei, assim que souber de alguma coisa. Enquanto isso, peça ao Joe para incluir no release que, em vez de flores, as pessoas poderiam fazer doações para a fundação de Elaine. Foster ia preferir isso.

- É claro. Uma última coisa. A governadora emitiu uma declaração essa manhã, exaltando Foster como empreendedor, texano e ser humano modelo. Depois, ela ligou para perguntar se havia algo que podia fazer, em nível pessoal, como amiga de vocês dois.

- vou responder pessoalmente, assim que puder. Por agora, diga a ela o quanto eu agradeço por sua atenção.

Kay a acompanhou até a sala, onde o detetive Stanley Rodarte estava esperando. Rodarte. Laura reconhecera o nome instantaneamente, do alerta de Griff. Ele havia se certificado de mencionar o carro verde oliva, mas deixara de dizer a ela que Rodarte era um detetive da Homicídios, do Departamento de Polícia de Dalas.

Rodarte estava estudando uma pintura de uma cena de caça inglesa. Ele se virou, quando ela entrou.

- Isso é original?

- Acredito que sim.

- Hmm - disse ele, parecendo impressionado. - Deve ter custado uma bolada.

Ela não respondeu.

- É certamente uma bela casa, sra. Speakman.

- Obrigada.

- A senhora refez a decoração quando se mudou para cá, após se casar com o sr. Speakman?

- Elaine Speakman havia feito um ótimo trabalho de decoração, eu não vi necessidade de alterar nada.

Estranhamente, o sorriso dele não melhorava sua aparência. Deixava-o ainda mais horrendo.

- A maioria das segundas esposas quer apagar todos os traços da primeira.

A afirmação foi inapropriada e irrelevante. Ela achou que ele a fizera só para ver sua reação. Ela não o acolhera na noite anterior, imediatamente sentindo que ele era grosseiro e malicioso. Agora, decidira que ele a desagradava intensamente.

- Estão me perguntando sobre as providências do enterro disse ela.

- O médico-legista está realizando a autópsia essa tarde. Dependendo do que surgir, nós devemos conseguir liberar o corpo amanhã ou no dia seguinte. Mas eu a aconselho a não fazer qualquer planejamento definitivo sem antes esclarecer comigo.

- Entendo.

Dando as costas para ele, ela seguiu até um dos sofás de couro e estava prestes a se sentar, quando ele a deteve.

- Se não se importa, eu gostaria que olhasse a biblioteca agora. Que visse se percebe algo fora de ordem. Além do óbvio, é claro.

Ela sabia que mais cedo ou mais tarde lhe seria pedido que entrasse ali. Laura estava dividida, pois parte dela precisava ver o local onde Foster havia morrido, outra parte resistia a entrar novamente naquela sala. Se tivesse escolha, teria adiado isso pelo tempo que fosse possível, mas o terror de ter de fazê-lo tornava aquilo tortuoso.

De certa forma, ela estava satisfeita por Rodarte tê-la aliviado de tomar essa decisão por conta própria.

Meio sem jeito, ela liderou o caminho à saída da sala, seguindo rumo às portas

duplas da biblioteca. As ferragens das maçanetas haviam sido preparadas para a coleta de impressões digitais. Ao ver que ela notou a película de pó escuro, Rodarte disse:

- Assassinato é uma coisa que faz sujeira.

Ele empurrou as portas para abri-las e ela adentrou a sala.

- Deve se lembrar de Carter - disse Rodarte.

248

Era seu parceiro detetive, de quem ela se lembrava da noite anterior. Ele estava em pé, diante de uma parede com prateleiras de livros, silencioso e sério, como um sentinela. Nem sua pose, nem sua expressão se modificaram quando ela entrou.

Exceto por ele, quase toda a sala parecia estar surpreendentemente normal. Somente uma área, perto da escrivaninha, estava em desalinho. A mesa em si e tudo sobre ela receberam uma cobertura do pó de identificação de digitais. Uma mesa de canto estava virada de lado. O abajur e tudo que ficava em cima da mesinha, espalhados pelo tapete, quase tudo quebrado. O tapete estava amassado. Foster nunca permitia que sequer a franja ficasse desalinhada, insistindo para que tudo fosse varrido várias vezes por dia.

Ela fez um som involuntário ao ver a cadeira de rodas.

E havia sangue. Na cadeira de rodas. No tapete. Na escrivaninha.

Rodarte a tocou no cotovelo.

- Gostaria de fazer isso mais tarde?

O que ela gostaria era que ele não a tocasse. Ela tirou o cotovelo da mão dele.

- Fora o óbvio, nada parece ter sido mexido.

- bom. - Ele apontou para um conjunto de poltronas. - Vamos

nos sentar.

- Aqui dentro?

Ele sacudiu os ombros e fez uma cara que dizia: Por que não?

Ele era imbecil, ou insensível, um boçal, ou apenas cruel. Laura achava que era a última opção, mas não queria criar problemas quanto à forma com que ele conduzia seu questionamento.

- Passei o dia todo sentada e deitada, prefiro ficar de pé. - Ela foi até a parede de janelas, mantendo as costas para a sala.

Dispensando um rodeio gracioso, Rodarte perguntou:

- Por que foi até Austin ontem?

Pelo canto do olho, ela notou que Cárter finalmente se mexeu. Ele pegou um caderninho e uma caneta no bolso do peito. Mas, aparentemente, ele era apenas um ajudante. Rodarte era o investigador principal.

- A pedido de meu marido, eu fui cuidar de um problema. Houve relatos de roubos de bagagem. Nossos carregadores foram acusados. No fim das contas, um deles era culpado. A polícia de Austin tem os relatórios, se quiser verificar.

- Pegou um voo da SunSouth para voltar?

- O voo das nove horas, o último da noite. Durante a aproximação final para o pouso, uma comissária de bordo me informou que eu seria acompanhada no desembarque da aeronave. Seus policiais me encontraram na saída. Eles me levaram até uma sala privativa do aeroporto e me disseram que meu marido havia morrido. Eu não sabia que ele fora assassinado até o senhor me dizer.

- Até a hora em que foi acompanhada na saída do avião não sabia de nada de errado acontecendo em sua casa?

- Como poderia?

- Um telefonema? Uma mensagem de texto?

- Eu não sabia de nada errado.

- Estava fora o dia todo. Falou com seu marido ontem, em algum momento?

- Por volta de meiodia, ele ligou para o meu celular para perguntar como as coisas estavam indo. Depois, eu telefonei por volta das seis, para lhe dizer que as coisas haviam sido providenciadas e eu estaria pegando o voo das nove horas para voltar, e ele não precisava me esperar para jantar.

- Somente esses dois telefonemas?

- Sim.

- O sr. Speakman tinha algum compromisso agendado ontem à noite?

- Não que eu soubesse.

- Bem, aparentemente ele se encontrou com alguém aqui. Ela se virou para olhá-lo.

- Não havia nenhum sinal de arrombamento - disse ele, num tom de explicação. - Quem matou seu marido recebeu permissão para entrar na casa.

- Manuelo teria atendido à porta. Ele franziu o rosto.

- Nós ainda não conseguimos encontrálo, sra. Speakman.

Na noite anterior, quando Rodarte lhe pedira ajuda para reconstituir a cena do crime, ela mencionara o ajudante. Rodarte anotara seu nome completo. Quando ela explicou quais eram as tarefas de Manuelo, o detetive mandou que a propriedade inteira fosse revistada. Não havia nenhum sinal do homem.

- O quarto dele, em cima da garagem, ainda está vazio - disse ele. - A cama está feita, não há louça na pia. As roupas estão no armário. Ele não tem carro, certo?

- Não que eu saiba.

- E nenhum dos veículos que pertencem ao sr. Speakman estão faltando. Então, como foi que o sr. Ruiz partiu e para onde foi?

- Não tenho a menor ideia. A única coisa que sei, com certeza, é que ele não

deixaria Foster sozinho.

- Ele tem parentes?

- Acredito que não. Ao menos, não que eu saiba.

- Tem certeza de que ele estava trabalhando ontem à noite?

- Ele está sempre trabalhando, sr. Rodarte.

- Vinte e quatro por sete?

- Sim.

- Sua empregada e cozinheira, a sra….

- Dobbins.

- Certo. Ela disse que vai embora às dezoito horas.

- Assim que o jantar está pronto. Não posso imaginar que tenha havido alguma mudança nessa programação. Interrogou a sra. Dobbins sobre a noite de ontem?

- Ela deixou um frango assado no réchaud e partiu às seis. Disse que Manuelo Ruiz estava aqui quando ela saiu. Ela tem certeza disso, pois disse a ele que estava indo embora. Portanto, presumimos que ele estivesse aqui.

- Estou certa de que sim. Ele não teria deixado Foster sozinho

- repetiu ela. - Nunca.

Rodarte caminhou até a área de frente para a escrivaninha, onde o tapete estava revirado. Ele se agachou, como se fosse para estudar as manchas escuras. - Por mais que eu deteste ter de fazêlo, nós precisamos falar sobre o assassinato.

- Precisamos? Sua descrição ontem à noite foi tão minuciosa. Isso pareceu tão… horrível.

- E foi. Foi por isso que eu lhe aconselhei a não ver o corpo de seu marido. Não havia nada que quisesse ver, acredite em mim. Ele ainda estava em sua cadeira de rodas, com um abridor de cartas cravado no pescoço.

Ela pegou os próprios cotovelos e apertou junto ao corpo.

- Pela sua descrição, estou certa de que era o abridor de cartas de Foster. Era uma réplica da Excalibur. Eu lhe dei de presente no Natal, pois ele adorava a lenda de Arthur. Ficava ali, em sua mesa.

- A sra. Dobbins confirmou isso. Mas, assim que eu o obtiver do legista, vou pedir que o identifique, para não haver qualquer dúvida.

Mais uma coisa para ter pavor, pensou ela.

- O que parece - continuou Rodarte - é que o assassino o cravou até o cabo, depois tentou puxar. Mas a lâmina havia atingido a artéria, portanto, quando ele tentou remover a arma do pescoço de seu marido, o ferimento começou a jorrar sangue. Acho que ele entrou em pânico e decidiu deixá-lo.

- E meu marido sangrou até morrer.

- Certo. - Rodarte ficou em pé. - Nós encontramos dois tipos de sangue no tapete. Um era de seu marido.

- Dois? - Ela olhou para as manchas de sangue, depois para Carter, finalmente de volta para Rodarte.

Ele sacudiu os ombros.

- Não sabemos a quem pertence o segundo tipo sanguíneo. Poderia ser de Manuelo Ruiz, mas não temos nada para comparar. Ruiz não tem registro em nenhum banco de dados. Ele tem uma carteira de habilitação atual, do estado do Texas. Só isso.

- Ele dirigia para Foster numa van customizada.

- Ruiz tinha documentos?

- Documentos de imigração? Imagino que sim.

- Ele não tinha.

Ela sentiu uma centelha de indignação.

- Se sabia disso, por que perguntou?

Ele deu um sorrisinho que provavelmente achou ter um ar desconcertante.

- Hábito. Estou sempre tentando pegar alguém numa mentira. Ossos do ofício.

- Eu lhe digo a verdade, detetive. O rosto dele se iluminou.

- É mesmo?

- Sim. ?

- Que bom. Conte-me sobre a senhora e Griff Burkett.

251

Por essa ela não esperava. Uma onda de tontura a arrebatou. Percebendo sua instabilidade, Rodarte a conduziu ao sofá.

- Isso deve demorar um tempo. Quer repensar quanto a se sentar?

Ela detestava concordar que realmente precisava, mas precisava mesmo. Ela se sentou numa poltrona. Rodarte se ofereceu para ir buscar um copo dágua. Ela declinou, acenando a cabeça. Ele sentou-se na poltrona de frente para ela e, inclinando-se à frente, enlaçou as mãos no meio dos joelhos abertos. Ela percebeu que suas unhas precisavam ser cortadas.

- Eu vou lhe poupar um tempo para nós dois, sra. Speakman. As digitais de Griff Burkett estavam espalhadas por todo o abridor de cartas que matou seu marido.

252

Capítulo 23

LAURA cobriu a boca com a mão, temendo passar mal na frente dos dois detetives.

- A senhora está bem? - perguntou Rodarte.

Ela sacudiu a cabeça, ficou de pé e saiu correndo da sala. Mal teve tempo de chegar ao lavabo e alcançar o vaso sanitário. Pelo fato de não ter comido nada

desde o jantar da noite anterior, não havia muito a esvaziar. Mas a bílis era amarga e continuou fazendo com que tivesse ânsia por vários minutos. Quando os espasmos finalmente cessaram, suas roupas estavam encharcadas de suor. Seus ouvidos zuniam, suas extremidades formigavam e ela tremia descontroladamente.

Laura cobriu o rosto com as mãos. Desde o momento em que viu os policiais no aeroporto, ela soube que tinham algo catastrófico a lhe dizer e, independentemente do que fosse, Griff Burkett estava envolvido. Aquela intuição sufocante agora se confirmara, e ela não tinha certeza se conseguiria sobreviver a isso. Saber que ele havia matado Foster poderia ser sua própria morte, a morte do filho que carregava.

Mas agora ela não podia pensar no bebé, ou realmente ficaria louca.

- Laura? - Kay estava batendo na porta. - Laura?

- Só um instante. - Ela lavou a boca e jogou água fria no rosto, que estava pálido como giz. Passou os dedos nos cabelos, depois, se forçando a se recompor, abriu a porta do lavabo.

Kay estava ali, Rodarte estava logo atrás dela. A expressão dele era mais inquisitiva do que preocupada.

- Eu vou levá-la lá para cima e colocá-la na cama - disse Kay.

- Não, agora estou melhor. Mas será que você poderia me trazer um copo de Coca, ou Sprite, algo gasoso?

Kay estava relutante em deixá-la, mas foi pegar a bebida. Laura passou por Rodarte e o conduziu de volta à biblioteca. Seus joelhos estavam moles. Suas roupas úmidas a faziam sentir frio no ar-condicionado. Ela se enrolou numa echarpe antes de voltar à poltrona que rapidamente desocupara.

O outro detetive não deixara seu posto, nem sequer se movera, pelo que Laura podia ver. Os três permaneceram em silêncio, até que Kay trouxe a bebida solicitada.

- Pode me chamar, se precisar de mim - disse ela, lançando um olhar terrível a Rodarte e apertando o braço de Laura para tranquilizá-la.

- Obrigada, Kay. Por favor, feche a porta ao sair.

Laura deu um gole no copo de refrigerante, torcendo para que ficasse em seu estômago e não voltasse.

Novamente, Rodarte recomeçou, sem preâmbulos.

- Já o conhecia, antes que ele fosse para a prisão? Ela sacudiu a cabeça.

- Só depois que ele saiu? Ela concordou.

- Como se conheceram? Onde?

- Nessa sala. - Ela pôde ver que aquilo o surpreendeu. - Foster estava interessado nele. Ele ouviu no noticiário que ele ia ser solto. Escreveu para ele, pediu que viesse encontrálo aqui.

- Interessado nele, de que forma? O que havia num jogador de futebol criminoso que interessou seu marido?

Enquanto o olhava diretamente nos olhos, ela mentiu.

- Eu não sei. - Dizer a verdade não era uma opção. Precisava proteger o futuro de seu filho. Também precisava proteger o sigilo sobre o qual Foster tanto insistira. - O sr. Burkett só esteve aqui naquela única vez. Quando fui chamada a me juntar a eles para ser apresentada, eles já haviam concluído a parte de negócios da reunião e estavam tomando um drinque juntos.

- Foi amistoso?

- Muito. Ao menos, parecia ser.

Ele a observou, por um momento. Ela não tinha certeza se ele estava acreditando. Na verdade, estava quase certa de que ele não acreditara. Mas não havia ninguém para desmenti-la. - Foi durante esse encontro amistoso que surgiu a centelha entre a senhora e Griff Burkett?

- Perdão?

- Quanto tempo depois vocês dois começaram a se encontrar naquela casa na rua Windsor?

O copo de refrigerante quase escorregou de sua mão hesitante. Ele sorriu.

- Aposto que deve estar pensando como sei a respeito de seu romance. Veja bem, eu estou de olho em Burkett desde o dia em que ele saiu de Big Spring.

- Por quê?

- Investiguei o assassinato de Bill Bandy. Esse nome significa algo para a senhora?

- Griff Burkett esteve envolvido no assassinato dele.

- Ele cometeu o assassinato, sra. Speakman. Não há dúvidas em minha cabeça. Mas ele foi esperto, não deixou nenhuma prova, não o suficiente para que eu o levasse a julgamento. Mas não há limites de tempo para condenação por homicídio. Mesmo que seja a última coisa que eu faça na vida, eu vou ver a justiça feita pelo falecido Bill Bandy.

Griff sabia que o detetive o estava seguindo. Agora estava claro por que ele não a queria conversando com Rodarte, por que usou táticas de intimidação para alertá-la quanto a estar sozinha com ele. Ele não queria que ela ouvisse o tom de convicção na voz de Rodarte quando ele dissesse: Ele cometeu o assassinato.

- Dessa vez, ele foi menos cuidadoso - Rodarte estava dizendo. - Ou mais arrogante. Deixando para trás a arma do crime. As digitais.

- Por que acha que ele fez isso?

- É a primeira coisa que pretendo perguntar, assim que o encontrarmos.

Ela ergueu a cabeça e olhou para ele. Ele leu a pergunta nos olhos dela.

- Não, ainda não o localizamos. Ele se escondeu. Temos alguns policiais de plantão em seu apartamento, mas não há nenhum sinal dele. Aquele velho Honda que ele andava dirigindo foi encontrado no estacionamento de um centro

comercial, na Addison. Nesse momento, o pessoal do laboratório de análises está investigando.

255

Também tenho homens vigiando a sua casa, na Windsor, mas ele não esteve por lá. Falando nisso, o serviço de jardinagem esteve lá essa manhã e aparou a grama. Quem paga pela manutenção daquela casa?

- Eu pago. Eu a alugo.

Ele deu uma olhada nos arredores luxuosos, fazendo uma comparação silenciosa entre as duas casas. Quando voltou a olhar para ela, ele perguntou secamente:

- Para quê?

Ela lançou um olhar cheio de significado. Ele a estudou por um instante, depois abriu aquele sorriso revoltante.

- Eu já sabia que a senhora alugava a casa.

- Eu sei - disse ela friamente. E ergueu as mãos espalmadas.

- Desculpe. Era meu dever verificar, sra. Speakman. O contrato de locação não está em seu nome, mas eu o rastreei pelo nome de pessoa jurídica.

- Isso não seria muito difícil de fazer. - Foi um insulto sutil às suas habilidades investigativas, mas ele deixou passar sem criar caso.

- Quando foi a última vez em que viu Burkett?

Ela baixou o olhar para as mãos, úmidas e enlaçadas no colo. Sabia que o detetive cauteloso identificaria sua linguagem corporal, mas não podia evitar.

- Quase seis semanas atrás.

- Seis semanas? Tanto tempo assim?

- Sim.

- Tem certeza?

Ela lhe deu a data exata e viu que Cárter escreveu em seu pequeno caderno espiral.

- O que fez essa data tão memorável? - perguntou Rodarte.

- Eu disse a ele que não voltaria. Ele assoviou baixinho.

- Como foi que ele encarou isso?

- Ele entendeu e aceitou minha decisão.

- É mesmo? - perguntou ele, com ar cético.

- Mesmo.

- Por que terminou o caso? -.

- Não vejo qual a relevância disso.

- Pode não haver nenhuma. Ou pode ser extremamente relevante.

Ela perdeu algum tempo encarando-o.

- O que estávamos fazendo estava errado. Eu não podia mais fazer aquilo. Disse a ele que não podíamos mais nos ver.

- Antes dele, teve outros casos? -Não.

- Não se pode condená-la. Diante do sr. Speakman…

- O que tem o sr. Speakman? - exigiu ela friamente. Ele recuou.

- Burkett foi seu primeiro e único caso desde que se casou com Speakman?

- Foi isso que eu disse.

- E, quando rompeu, Burkett não discutiu, nem criou caso, nem lhe pediu para reconsiderar?

-Não.

- Ora, ora. - Pensativo, ele coçou o rosto marcado de espinhas. - Isso não se parece com o Griff Burkett que conheço.

Friamente, ela disse:

- Então, talvez o senhor não o conheça muito bem.

- Aparentemente, nem a senhora, sra. Speakman. Porque, quando terminou o caso, Burkett não aceitou isso de bom grado. Nem um pouco. Ele vem remoendo isso. Ontem à noite, ele veio aqui, dominou Manuelo Ruiz, depois enfiou um abridor de cartas no pescoço de seu marido. Crime clássico de um amante rejeitado.

Ela se forçou a não desviar o olhar dele. Imaginava merecer o escárnio implícito em sua voz, apesar de que, diante de sua mágoa e dor, aquilo parecia uma punição cruel. Uma coisa era suportar a censura das pessoas que você respeitava. Outra, bem diferente, era lidar com o escárnio de alguém que você pouco considerava.

Rodarte se levantou e caminhou até a escrivaninha.

- Tem certeza de que não está faltando nada nessa sala?

- Acredito que não. Não posso ter certeza até que olhemos com mais cuidado.

- Por favor, faça-o quando estiver disposta.

- Certamente.

- Isso significa algo para a senhora?

Ele tirou um par de luvas de borracha para pegar uma única folha de papel da mesa. E a levou até ela.

- Eu queria que a senhora olhasse isso, antes que eu guardasse

como prova.

Ele segurou a folha para que ela pudesse ler os parágrafos digitados. Eram três

parágrafos. Depois de várias tentativas de passar pela primeira frase com alguma compreensão, ela o olhou, intrigada.

- Não faz sentido algum. Ele riu, brevemente.

- Fico contente por dizer isso. Achei que estava ficando maluco. Também não fez nenhum sentido pra mim. E apenas um punhado de palavras grandes escritas juntas, certo?

- Apenas um punhado de palavras grandes.

- Alguma explicação? -Não.

- Acha que seu marido digitou esses parágrafos?

- Por que faria isso?

- Aí me pegou. Eu imaginei se ele também não teria perdido um pouco de suas faculdades mentais.

Ela se sentiu afrontada pela afirmação e deixou que isso transparecesse.

- Também?

- Desculpe, se eu parecer insensível. A condição física de seu marido era óbvia. Como era ele, mentalmente? Muita gente dependia de seu papel como Foster Speakman, o presidente. Empregados, acionistas. Até os passageiros que voam pela SunSouth se fiavam nele para estar ali, por inteiro.

- Permita-me garantir-lhe que ele estava ali, por inteiro, sr. Rodarte. Foster gozava plenamente de suas faculdades mentais.

- Achei que talvez o seu acidente de carro tivesse afrouxado alguma coisa. Ele bateu na lateral da cabeça. Talvez a senhora nem tivesse notado.

- Eu teria notado.

- Bem, os sinais talvez tivessem lhe escapado. A senhora andava terrivelmente ocupada.

Ele parou estrategicamente. Ocupada com seu amante. Isso ficou subentendido.

Ela se recusou a morder a isca e apenas o encarou com uma passividade que estava longe do que sentia.

- Seu marido tomava medicação.

- Sim. Drogas para fortalecer seu sistema imunológico. Outras para a saude de seu sistema digestivo, que foi severamente prejudicado no acidente. As vezes, tomava medicamentos para dormir.

- Junto com esses medicamentos, ele também tomava outros, para ansiedade aguda. vou poupar mais tempo a nós dois, sra. Speakman: eu já conversei com o psiquiatra de seu marido.

Laura respirou fundo.

- Quando adolescente, Foster foi diagnosticado com DOC: disfunção obsessiva-compulsiva…

- Eu sei o que é.

- Então, também sabe que pode ser controlada com medicamentos. Eu acredito na senhora. - Ele riu. - Eu mesmo, sou um pouquinho obsessivo. Se entrevistar cem pessoas na rua, quase todas serão malucas, de uma forma ou de outra.

Um comentário tão fútil nem merecia resposta.

- Diria que a disfunção de seu marido estava sob controle?

- Sim.

- Ele estava deprimido? -Não.

- Nem um pouquinho? - o detetive induzia. - Por exemplo, ele poderia estar ligeiramente deprimido pelo seu caso com Burkett. O cara me revira o estômago pelo que fez, porém, até eu tenho de admitir, ele tem um rosto que as damas gostam. A altura. Os cabelos. Aquele corpo de gladiador. Para um homem deficiente, como era seu marido, isso, especificamente, seria uma bofetada. Ele sabia sobre Burkett e a senhora?

Ela sacudiu a cabeça.

Ele colocou a mão em concha, ao lado do ouvido.

- Não - disse ela, sucinta. - Ele não sabia. Não que eu saiba. Ela se levantou. - É só isso, detetive?

- Ainda não. O Burkett tentou contatá-la depois do rompimento? Ela pensou em mentir, depois achou melhor não, considerando

a chance de que Rodarte também já soubesse a resposta para a pergunta.

259

- Algumas vezes ele ligou para o escritório da SunSouth e tentou falar, por intermédio de Kay. Eu nunca atendi suas ligações.

- Não o vê desde o dia em que lhe disse que estava tudo terminado entre vocês?

- Não.

- Nem falou com ele?

- Na única vez que ele conseguiu falar comigo, eu desliguei o telefone.

- Alguma vez ele fez ameaças contra seu marido?

- Claro que não!

- Ele chegou a sugerir que se seu marido deficiente estivesse fora de campo, a senhora estaria livre para voltar para ele? Divórcio instantâneo. Esse tipo de coisa. Ele alguma vez deu a entender que poderia eliminar seu marido?

Ela o olhou, horrorizada.

- Se o fizesse, não acha que eu teria agido? Dado queixa? Seu sorriso debochado dizia tudo.

Ela endireitou a postura.

- Não, sr. Rodarte. Griff Burkett nunca representou uma ameaça, nem para Foster, nem para mim.

- Que a senhora saiba.

Ela ia falar quando percebeu que era uma especulação válida. E cautelosamente disse:

- Ele nunca me ameaçou.

- Mas ele poderia ter ameaçado seu marido sem o seu conhecimento.

- Foster nunca disse…

- Mas Burkett poderia tê-lo feito. Relutante, ela concordou.

Rodarte deu uma olhada em seu parceiro mudo, sua fisionomia mostrava a língua presa por dentro da bochecha. Quando sua atenção voltou à Laura, ele disse:

- Burkett alguma vez mencionou um esconderijo? Chegou a falar sobre algum amigo, com uma cabana num lago, um local privativo, algum lugar onde pudesse estar agora?

- Nada disso. Ele não se confidenciava comigo. Nós não falávamos muito.

Tarde demais, ela percebeu que caíra direitinho.

Não, creio que não - disse Rodarte, lançando outro olhar ao eu parceiro. - Sra. Speakman, nem é preciso dizer que, se tiver notícias de Burkett, deve entrar em contato comigo imediatamente. É claro. vou colocar alguns homens aqui, de guarda, em sua casa.

- Isso é necessário?

- Burkett pode ter vindo aqui ontem à noite em busca de vocês dois - disse ele baixinho. - Ele não sabia que a senhora estava em Austin, sabia?

Ela sacudiu a cabeça lentamente, estarrecida pela ideia de que Griff poderia querer machucá-la.

- Só ficou decidido que eu iria ontem pela manhã.

- Então, quando Burkett entrou aqui, ontem à noite, ele também esperava

encontrá-la.

- Imagino que sim. - Ela fechou os olhos, tentando imaginar Griff com uma fúria assassina. Suas mãos eram grandes e fortes, mas sabiam ser gentis. Será que também eram capazes de violência? Ela não conseguia imaginar isso. Conseguia?

- Eu aconselho que mantenha alguém como companhia - disse Rodarte. - Na verdade, eu preferiria que se mudasse para um lugar sigiloso, até que Burkett esteja preso.

- vou pensar a respeito.

- Pense. - Ele olhou ao redor da sala e silenciosamente consultou Cárter, que fechou o caderno e o colocou de volta no bolso do peito. - Acho que isso é tudo, por ora. A menos que possa pensar em alguma coisa pertinente.

Ela sacudiu a cabeça vagamente. Então, se lembrou de uma pergunta que queria fazer.

- Quem informou sobre o assassinato?

- A emergência que atendeu a ligação.

- De Foster?

Rodarte sacudiu a cabeça.

- O médico-legista disse que ele não teria tido tempo. Ele não teria conseguido. E não havia telefone perto dele.

- Manuelo não fala inglês.

Não, a pessoa que ligou definitivamente falava inglês.

- Então, foi Griff Burkett. Rodarte sacudiu os ombros. É o que parece.

Capítulo 24

GRIFF acordou pensando onde diabos estava. Depois ele se lembrou e gostaria de ter continuado dormindo. O sangue de Foster Speakman estava em suas mãos. O homem morrera lutando pela vida, com o sangue esguichando do pescoço, os olhos aterrorizados fixos em Griff.

Griff se sentou e mergulhou o rosto nas mãos.

- Puta que pariu.

Muito em breve, todos os policiais do Texas e estados vizinhos estariam procurando por ele, se já não estivessem. Quando as digitais do abridor de carta no pescoço de Foster Speakman fossem comparadas aos registros e coincidissem com as impressões de Griff, Rodarte se sentiria como se tivesse ganhado na loteria. Melhor ainda.

Ele não tinha pegado Griff por Bill Bandy. Mas dessa vez havia tantas provas colocando Griff na biblioteca dos Speakman, na hora da morte de Foster, que eles provavelmente nem se dariam ao trabalho de fazer um julgamento.

Nem havia perguntas nem motivo. Rodarte sabia sobre os encontros de Griff com Laura e já determinara que tinham a ver com sexo. Todos os elementos se empilhavam. Griff Burkett iria direto para o corredor da morte. Ele já podia até começar a esfregar o braço para prepará-lo para a agulha.

Rodarte iria para a televisão para dizer que Griff Burkett, já condenado por um crime com implicações em um assassinato, fora até a mansão dos Speakman, discutira com o marido indefeso e corno - confinado a uma cadeira de rodas, pelo amor de Deus - e o atacara barbaramente. Sem dúvidas, ele ia enfatizar a selvageria do crime, acrescentando alguns termos como cruelmente, brutalmente e horrivelmente.

A mídia lamberia até os ossos. A história continha os ingredientes suculentos que fazem todo repórter salivar: uma vítima já acometida por uma tragédia. Dinheiro. Sexo. Um caso aconchegante. Um irresponsável que havia seduzido a bela esposa para um caso que acabou levando à morte violenta de seu marido.

Era o tipo de coisa que poderia render um Prémio Pulitzer para um jornalista que não se importasse em chafurdar na lama.

Griff sentou-se na beirada do colchão envergado e olhou para as manchas de

sangue entranhadas nas dobras de suas mãos. Ele as esfregara até que o pequeno sabonete do hotel virou um fragmento, e as manchas continuavam ali, como uma parte irremovível da palma de sua mão.

Não dava para ficar pior.

Bem, na verdade, dava. Diriam a Laura que ele havia matado seu marido.

Na noite anterior, depois de fugir da propriedade dos Speakman, ele seguira de carro até seu apartamento e rapidamente juntara algumas mudas de roupa. Mas ele não permaneceu ali, sabendo se tratar do ponto inicial de buscas. Ele estivera em casa quando foi preso da primeira vez e foi arrastado de algemas, envergonhado na frente dos vizinhos, tendo sua desgraça colocada nos holofotes da mídia. Não queria uma repetição daquela cena humilhante, portanto, saiu rapidamente, levando apenas o que podia carregar, sabendo que talvez nunca mais voltasse a pisar ali.

Dirigiu até um shopping e abandonou o Honda vermelho no estacionamento. Logo seria feito um boletim de ocorrência. Todos os policiais estariam em alerta para localizar o carro, portanto, ele tinha de abrir distância do veículo.

Ele caminhara por quilómetros e quilómetros, mantendo-se pelas ruas escuras, sem um destino específico em mente. Apenas andando. Tentando calcular que diabos faria agora. A primeira coisa a fazer era arranjar um esconderijo para ficar, até que endireitasse a cabeça.

Ele chegara ao motel pelos fundos. O local ficava de frente para uma rodovia interestadual, mas estava localizado bem atrás da rua a que dava acesso, com seus quartos enfileirados entre uma casa de penhores e outra loja que vendia pneus a preços tão baixos que

chegavam a 14,99. Os estabelecimentos comerciais estavam fechados, com suas portas trancadas.

Era um hotel barato, com um sinal luminoso em néon vermelho na janela do escritório. Na verdade, bem adequado para ele. Era o tipo de lugar para onde sua mãe teria ido com um homem que conhecesse num bar. O tipo de lugar onde Griff teria sido concebido.

Quando Griff entrou, o recepcionista estava com os olhos vidrados por conta do baseado que fumava. Griff perguntou quanto era por uma noite, colocou o dinheiro em cima do balcão e pegou a chave que lhe foi entregue, sem uma palavra. Ele nem sequer foi solicitado a assinar um registro. Se o doidão notou as manchas de sangue, ficou indiferente.

Griff entrou no quarto, soltou a bolsa de mão e foi direto ao banheiro, que era do tamanho de uma cabine telefónica. O banheiro estava todo manchado. Cheirava a mijo. O quarto inteiro cheirava a outros corpos, mofo, vidas arruinadas. Ele entrou no chuveiro de roupa e tudo, lavando-se e às roupas, deixando que a água corresse numa corrente vermelha, formando um rodamoinho ao redor de seus pés até desbotar e ficar rosa e finalmente transparente.

A colcha estava manchada, mas ele estava cansado demais para se importar. Os rosnados e gemidos amorosos que passavam pelas paredes finas do quarto ao lado o mantinham acordado, mas a batida rítmica da cabeceira o embalou num sono inquieto, quando o sol se levantava.

Mas agora ele estava totalmente acordado. Era quase meiodia e ele precisava saber como estava sua situação. Ligou a televisão presa à parede. As estações locais estavam começando a transmissão de seus noticiários do meiodia e, como esperado, o assassinato de Foster Speakman era o principal assunto em todos eles.

Eles mostravam imagens ao vivo da extensão do muro que cercava a propriedade, carros de polícia bloqueando o portão de entrada. Uma estação tinha um helicóptero circulando o terreno, embora não provesse uma boa visão da casa por conta das árvores. Uma fotografia do “proeminente negociante e honrado cidadão de Dalas” surgiu na tela. Griff imaginou que a foto de Speakman houvesse sido tirada algum tempo antes do acidente de carro, quando ele era mais robusto.

A governadora, falando do gabinete em Austin, solenemente aclamou Foster Speakman como um homem que havia sido e continuaria a ser uma inspiração para todos os que o conheceram. Ela o louvou pela coragem com a qual ele havia enfrentado sua tragédia pessoal. Seu assassinato foi chocante. Ela mandava seus melhores sentimentos à viúva, Laura Speakman, que demonstrara coragem e equilíbrio equivalente aos do falecido marido. Prometeu a total ajuda de seu gabinete e de todos os órgãos estaduais para a captura e condenação do assassino

de Speakman.

- O autor desse crime odioso responderá por isso - ela garantiu. Um tal de Joe alguma coisa, de quem Griff se lembrava, do estacionamento do escritório da SunSouth, foi identificado como porta-voz da companhia aérea. Ele seguiu determinado, se esquivando de microfones e câmeras, enquanto passava pelos repórteres, a caminho do prédio corporativo.

- Ele prometeu que um release será enviado em breve - disse o âncora aos telespectadores. - Transmitiremos isso assim que possível. Greg, você entrevistou os investigadores na cena do crime. O que conseguiu descobrir deles?

Greg, o repórter externo, assumira seu posto do lado de fora da propriedade com muro de hera. Ele disse que, àquela altura, a polícia estava relutante em discutir detalhes do caso.

- Um aspecto interessante desse mistério - disse ele - é que o assistente da vítima, Manuelo Ruiz, que estava constantemente ao lado do sr. Speakman, aparentemente não estava em casa ontem à noite. Sua ausência é inexplicável.

- Isso é interessante - disse o âncora, sem interesse.

A jornalista com seu penteado caprichado não pareceu dar importância alguma ao desaparecimento de Manuelo, mas, para Griff, era muito importante que o ajudante ainda não houvesse sido localizado.

Ele continuou a passar pelos canais até que todas as estações passaram a outras histórias. Nem ele, nem ninguém, fora mencionado como suspeito. Somente aquele repórter mencionara Manuelo. E Rodarte não surgira em nenhuma das transmissões a que Griff assistiu.

- Deve estar farejando o chão à minha procura - murmurou ele, desligando o aparelho.

265

O envolvimento de Griff ainda era desconhecido ao público, portanto, isso lhe dava algum tempo. Ele tinha um esconderijo. Era improvável que o recepcionista do motel se lembrasse do hóspede do quarto número sete, mesmo

quando o rosto de Griff começasse a aparecer na tela da televisão. Então, ele tinha algum espaço para respirar.

Sua principal preocupação era encontrar Manuelo - Ruiz, não era isso? - antes que Rodarte o fizesse. Mas, de modo a fazer isso, ele precisava de um carro.

Griff localizou uma lista telefónica de Dalas embaixo da cama junto com uma bíblia empoeirada. A lista estava mais usada, mas não muito. Tinha vários anos, e os insetos haviam manchado as páginas, mas continha listagens de pessoas jurídicas, assim como residências. Ele usou o telefone do motel para fazer a ligação.

- Hunnicutt Motores.

- Glenn está?

- Aguarde, por favor. Eu vou ver.

Ele ficou ouvindo a musiquinha de elevador por vários minutos.

- Glenn Hunnicutt. - A voz era imponente, assim como o homenzarrão que a possuía.

- Comfort Inn. Você disse que podia ser a suíte de lua de mel do Ritz de Paris.

Somente um ex-presidiário, mesmo encarcerado nas dependências de segurança mínima, poderia reconhecer o tom e saber o que aquilo significava, ciente de que não deveria soltar um nome, nem falar muito. Após uma pausa expressiva, o revendedor de carros disse:

- Espere um instante.

Griff ouviu o fone sendo colocado na mesa, escutou o movimento, uma porta se fechando, mais movimento. Quando voltou ao telefone, Glenn Hunnicutt falou baixinho.

- Como vai indo?

- Eu estava ótimo.

- Estava?

- Agora estou ferrado. Preciso pegar um carro emprestado e ninguém pode saber disso.

Glenn Hunnicutt era um bem-sucedido revendedor de carros. Segundo ele mesmo admitira, tornara-se ganancioso. Durante

vários anos, ele forjou seus livros de contabilidade pesadamente, burlando o que declarava ao imposto de renda. Ele foi pego e enviado para Big Spring.

Ficar longe da esposa havia sido uma tortura para ele. Ele só falava dela. Em cada suspiro, lamentava a saudade da cama de casal. Numa noite, Hunnicutt ficou realmente deprimido, falando sem parar sobre seu celibato infeliz.

- E não é só de transar que eu sinto falta. Ela é especial. Quero dizer, de verdade. Ela me atura, e isso é muita coisa. Eu a amo tanto. Isso pode parecer uma bobagem, mas é a pura verdade de Deus. Eu não sei se consigo aguentar ficar longe dela. Realmente não sei. Ela…

Griff, que estava sendo um ouvinte involuntário de suas lamúrias, mandou a cadeira para trás e voou na direção de Hunnicutt.

- Jesus Cristo, quer calar essa porra dessa boca?

Depois ele bateu na boca de Hunnicutt com toda a força, o braço famoso por trás do soco. Os nós de seus dedos atingiram as jaquetas perfeitas de Hunnicutt, arrancando-as das gengivas.

Hunnicutt, cuspindo pedaços de porcelana e sangue, foi ajudado a ficar de pé por outros presos, que saíram correndo para ajudálo, gritando insultos a Griff. Enquanto um deles segurava uma toalha junto à boca ensanguentada de Hunnicutt, ele disse:

- A piada é em você, babaca. Você acaba de fazer um favor a Hunnicutt.

Acima das cabeças dos outros, Hunnicutt e Griff fizeram contato visual. Griff o encarou por vários instantes, depois desviou o olhar.

Para os presos da ala de segurança mínima, era possível obter licenças -

temporárias, liberações sem acompanhantes e motivos específicos, como em crises familiares, um enterro ou tratamentos médicos especiais. Incluindo odontológico.

Na manhã seguinte, Hunnicutt entrou com um pedido formal de liberação para ter seus dentes consertados. Seu perfil atendia à solicitação. Ele recebeu um formulário que citava todas as regras e restrições da licença. Assinou no rodapé, prometendo cumpri-las. Alguns dias depois, o diretor lhe concedeu a liberdade temporária.

Entre as visitas ao consultório dentário, Hunnicutt e a esposa esquentavam os lençóis do Comfort Inn, em Big Spring.

267

Por bater em seu colega presidiário, Griff foi repreendido e seus privilégios foram temporariamente revogados.

Quando o vendedor de carros regressou, com suas jaquetas novas em folha, ele chegou ao lado de Griff e lhe agradeceu.

- De que diabos está falando? - Griff resmungou. - Eu só queria que você pusesse uma pedra em cima disso.

Como não era bobo, Hunnicutt disse:

- Eu te devo uma. Um favorzão.

Griff esperava que Hunnicutt se lembrasse disso. Ele agora estava cobrando.

- Nada elegante, nem chamativo - disse ele, falando no fone engordurado. - Só um veículo confiável. Você me ajuda?

Depois de uma longa hesitação, Hunnicutt disse:

- Agora eu tenho um garoto.

Os ombros de Griff caíram de decepção. Ele podia forçar a barra. Podia lembrar a Hunnicutt que, enquanto ele e a esposa estavam trepando sem parar, ele estava fazendo uma porção de tarefas, como punição.

Mas, que direito ele tinha de arrastar esse cara legal, um marido e agora pai, para o poço de merda em que ele estava metido? Hunnicutt seria culpado por ajudálo. Estaria violando sua condicional. Era coisa demais para pedir. Demais.

- Entendo - disse Griff.

- Ele acaba de fazer quatro anos.

- Tudo bem, esqueça o que pedi.

- Ele foi concebido no Comfort Inn.

O coração de Griff quase parou. Ele ficou em suspense.

- A última fileira do estacionamento - orientou Hunnicutt. Terceiro carro, a partir da Lemmon Avenue, As chaves estarão embaixo do tapete.

Griff agarrou o fone, fechou os olhos apertados, e o que saiu de seus lábios poderia ter sido uma prece silenciosa, em agradecimento. Depois ele disse:

- Se for questionado, eu roubei o carro, está bem? Não arranje problemas por causa disso. Diga a eles que o roubei.

Hunnicutt não disse nada.

- Você me ouviu? Hunnicutt desligou.

A pé, Griff calculou que levaria algumas horas até chegar à concessionária Hunnicutt Motores. Ele não podia partir antes que escurecesse. Escurecia tarde nessa época do ano. Ele tinha aproximadamente nove horas de tempo para enrolar.

Estava com fome, mas seu estômago teria de esperar até que ele pudesse usar um lugar onde pudesse comprar a comida de carro, para diminuir as chances de ser reconhecido.

Tentando ignorar as cólicas de fome, Griff ficou deitado na cama, encarando o teto sujo. Pensou em Laura, que diabos ela estaria passando, a dor emocional, a culpa.

Porque, a essa altura, ela já saberia de suas impressões digitais na arma do assassinato. Rodarte, com seu jeito malicioso, já lhe teria dito que sabia do caso. Era um caso clássico de ira e ciúme, quase um cliché. O amante dela matara seu marido.

E como Laura teria reagido? Como poderia reagir? Será que ela contaria a Rodarte sobre o contrato? Não. Griff não conseguia vê-la contando tudo a Rodarte, com seus ouvidos ávidos. Ela omitiria essa parte. Não pela proteção de Griff, nem mesmo a dela. Mas pela de Foster Speakman. E da criança. Ela poderia ser pintada como uma prostituta, mas, a todo custo, preservaria a reputação de Foster e asseguraria o futuro de seu bebé.

Se ao menos ele pudesse falar com ela…

Mas isso não ia acontecer, então, era melhor que ele parasse de desejar.

Ele abriu a lista telefónica e novamente procurou os registros sob o nome de Ruiz. Não havia nenhum Manuelo. Não esperava ter tanta sorte. Mas talvez o salvadorenho tivesse parentes. Usando o telefone do motel, Griff discou o primeiro número.

- Hola?

- Manuelo, por favor.

Seu espanhol se limitava ao que ele aprendera em seus anos de colégio, mas ele entendeu, pelo que a mulher disse, que havia ligado para o número errado.

Ele foi descendo a lista, ligando para cada Ruiz. Nada de Manuelos. E, mesmo se tivesse encontrado o que procurava, Manuelo não teria ficado dando sopa, esperando que Griff aparecesse. Ele teria corrido que nem louco.

O homem não era nenhum tolo.

Sem um carro, não havia nada que Griff pudesse fazer até que escurecesse. Ele não tinha escolha, exceto esperar as longas horas da tarde.

Capítulo 25

ESTÁ um belo dia. Diante do som de sua voz, Laura deu um pulo e subitamente virou.

- Oh, detetive. Olá.

Rodarte chegara sorrateiramente, querendo ver sua reação honesta, sem que ela tivesse tempo de ensaiar. Ele subiu os degraus e se juntou a ela no balcão.

- Já não se vêem muitos desses. - Ele fingiu admirar a borda entalhada em madeira no teto circular.

- A avó de Foster mandou construí-lo antes mesmo que a casa fosse concluída. Foster me disse que ela queria algum lugar onde pudesse se sentar e observar os cisnes. Eles sempre tiveram cisnes no lago.

O balcão ficava numa pequena elevação, com vista para o lago, onde um par de cisnes deslizava sobre a superfície espelhada da água. Gente rica, pensou ele, debochado. Se ele tivesse essa grana, gastaria em coisa melhor do que balcões e cisnes.

- Importa-se? - Ele acenou a cabeça em direção a uma das cadeiras de vime vazias. Ela balançou a cabeça e ele se sentou. Laura estava de óculos de sol, portanto, ele não tinha como ver se ela havia chorado. Ele achava que sim, porque ela estava torcendo um lenço de papel molhado entre os dedos. Lágrimas de pesar, ou de culpa?, pensou ele. Ele realmente não se importava. Não, a menos que ela tivesse tramado com Griff Burkett para matar o marido.

Nossa, mas isso, sim, seria uma história e tanto, hein? Sairia publicada na revista People. O programa 20/20 faria uma matéria a respeito. Eles fariam um filme da semana sobre o tema. Talvez o escalassem para ter um pequeno papel, ou ele poderia servir como consultor técnico para os produtores, ter um crédito no filme.

Mas, primeiro, ele teria de provar. .

- Está mais calmo aqui fora do que lá dentro - ele frisou, ao se acomodar junto às

almofadas de estampa floral.

A assistente da sra. Speakman se reunira com a do sr. Speakman, uma mulher chamada Myrna alguma coisa, que oscilava entre chorar como um bebé e dar ordens como um sargento. Junto com a sra. Dobbins, a empregada, elas estavam cuidando do telefone, encontrando lugares para os arranjos de flores e cestos de frutas que estavam sendo entregues em caminhões, limpando tudo depois da visita dos policiais, na noite anterior, e fazendo listas. Elas faziam listas intermináveis.

Um homicídio gerava muito trabalho para todo mundo, exceto para o cadáver.

- Eu precisava tomar um pouco de ar fresco - disse Laura Speakman. - Longe do telefone.

- Quem ligou?

Por trás das lentes opacas, ele imaginava que ela estava lançando aqueles seus olhares condescendentes, arrogantes.

- Pessoas dando as condolências.

- Alguém que eu deva saber?

- Griff Burkett. É a ele que está se referindo.

Ele sorriu, como se dissesse: Já me conhece tão bem.

- É meu dever verificar. Ele tentou contatá-la?

- Não, ele não o faria.

- Tem certeza disso?

- Ele não o faria. - Ela voltou a olhar os cisnes. Um deles mergulhou a cabeça embaixo da asa.

- Recebi o resultado da autópsia, do médico-legista. - A única reação dela foi dobrar os lábios para dentro e comprimi-los, formando uma linha. - Seu acidente de carro, dois anos atrás? Além dos danos óbvios à coluna vertebral e pernas, seu

marido sofreu inúmeros ferimentos internos.

- Eu mencionei isso essa manhã, quando conversamos sobre os medicamentos.

- Foi muito ruim.

- Sim, foi.

- Alguns de seus órgãos ficaram extremamente frágeis. Foi o que o legista disse. Fracos. Ele acabaria morrendo pela falência de um desses órgãos. Provavelmente não demoraria muito. Também segundo o legista. - Ele parou propositalmente. - Mas o que o matou foi a ruptura de uma artéria. Ela engoliu.

- Quanto tempo teria levado?

- Hmm, não muito. Mas havia sangue em suas mãos e pele sob suas unhas. ?

Ela virou a cabeça para olhá-lo.

- Isso mesmo, sra. Speakman. Seu marido lutou pela vida.

Na verdade, Rodarte estava se divertindo em dizer isso a ela. Finalmente, ele obteve uma reação dela. Seu peito inflava e murchava, numa respiração rápida. Ela pressionou o lenço de papel sobre a boca.

- Ele viveu tempo suficiente para lutar contra seu agressor continuou o detetive. - Tenho que admirá-lo por isso. Ele, paralisado da cintura para baixo, lutando contra um cara com o tamanho e a força de Burkett. Ele jamais teria uma chance, mas lutou corajosamente. - Inclinando-se à frente, ele pousou a mão sobre a dela. Está se sentindo bem?

Ela tirou a mão sob a dele.

- Ficarei bem.

- Sei que isso é difícil para a senhora.

- Há mais alguma coisa, detetive?

- Agora, pode tomar as providências para o enterro.

- Obrigada.

- Apenas entre em contato com a funerária. Eles saberão o que fazer.

Ela concordou.

Rodarte se levantou e seguiu ao corrimão que circundava o balcão. Olhando a paisagem bem cuidada, ele disse, pensativo:

- Acha que Burkett atacou seu marido subitamente, num ataque de ciúmes? Ou acha que eles brigaram por conta do dinheiro?

- Dinheiro?

Quando ele se aproximou, ela havia removido os óculos escuros e o encarava interrogativa.

- Não mencionei o dinheiro?

- Do que está falando, detetive? Que dinheiro?

- O dinheiro em espécie. Na caixa azulmarinho. Estava sobre a escrivaninha de seu marido, bem à vista, na cena do crime, 273

quando os policiais chegaram. Eles quase se cagaram… desculpe. Perdoe a explicação. - Ele exibiu um sorrisinho fraco. - Está vendo? Só em pensar já fiquei agitado. Não é todo dia que se vê esse tipo de quantia junta. Meio milhão de dólares, em notas de cem.

Os lábios dela se abriram silenciosamente. Laura ficou olhando para o espaço por alguns instantes, depois desviou o olhar para um arbusto repleto de flores azuis que pareciam pompons. Ele não sabia o nome das flores, mas sabia definir a reação da sra. Speakman. Ela ficara estarrecida ao ouvir sobre o meio milhão. Mais especificamente, estava perplexa ao saber que ele sabia a respeito.

- Meio milhão de dólares em espécie - disse ele. - Bem ali. Agora está trancado na sala de provas. Terá o dinheiro de volta. A menos que acabe sendo dinheiro obtido por meios escusos.

- Escusos?

- Dinheiro de drogas, algo assim.

Ela se virou para ele e subitamente se levantou.

- Ouça-me, detetive Rodarte. Meu marido não era envolvido com nada ilegal e, caso queira verificar seus extratos financeiros, irá perceber o quanto essa afirmação é ridícula.

- A senhora disse que ele teve uma reunião com Griff Burkett aqui em sua casa. Assim que vocês dois se conheceram.

- O que tem a ver uma coisa com outra?

- Disse que não sabia sobre o que eles conversaram.

- Ainda não vejo qual é a relevância disso…

- Burkett foi culpado de extorsão, sra. Speakman. Portanto, eu estava pensando que…

- O que quer que esteja pensando, está errado.

- Então, como explica o dinheiro?

Ela cruzou os braços e inclinou a cabeça para o lado.

- Por que só está mencionando o dinheiro para mim agora?

- com tanta coisa, acabou escapando - ele mentiu.

O olhar recíproco durou alguns segundos, depois ela sacudiu os ombros.

- Foster guardava grandes somas de dinheiro no cofre aqui em casa e em outro em seu escritório.

- Não diga. Por quê?

- Ele gostava de distribuí-lo.

- Distribuí-lo?

- Era uma característica dele. Ele dava gorjetas generosas. Gostava de deixar grandes quantias para garçons, camareiras de hotéis, atendentes da cabine de pedágio, qualquer pessoa que lhe prestasse um serviço. Às vezes, ele ia até o aeroporto e distribuía gratificações em dinheiro para o pessoal da SunSouth, os emissores de bilhetes, os carregadores de bagagem, gente que trabalhava para ele e raramente recebia algum agradecimento pelo trabalho que realizava. Ele fazia coisas assim com frequência. Pode perguntar a qualquer um.

Ele ergueu as mãos num gesto de quem se rende.

- Eu acredito. É apenas um hobby estranho. Nunca ouvi isso.

- Foster não fazia propaganda disso. Ele fazia pelo prazer que isso lhe dava, não para se promover.

- Obrigado por me contar - disse Rodarte, fingindo sinceridade. - Isso poderia ser uma explicação para a caixa de dinheiro. Exceto…

- O quê?

- Pelo fato de que as digitais de Burkett estavam na tampa da caixa. Como explica isso?

- Não posso explicar. Mas isso prova que Griff Burkett não é ladrão.

Ele riu.

- Bem, o Poder Judiciário, os apostadores de jogos de azar de toda a nação e a organização dos Cowboys discordariam. Ele os roubou um bocado, todas as vezes que perdeu pontos. Acho que não precisava do meio milhão de seu marido.

Ela se preparou para atacar a afirmação, como se estivesse pronta a contradizê-la, depois fechou a boca rapidamente e voltou a colocar os óculos de sol. O que quer que fosse dizer, achou melhor não falar.

- Se isso for tudo, eu gostaria de entrar agora e fazer a ligação Para o diretor da funerária.

- Claro - disse ele, acenando para os degraus. Ele caminhou ao lado dela quando

atravessaram o gramado caro. Sempre que ele chegava perto demais, ela se afastava, o que o divertia. - Oh, eu esqueci de lhe dizer. Encontramos dois tipos diferentes de sangue

no Honda de Burkett. Um, é claro, era de seu marido. Burkett deve ter ficado todo sujo com o sangue dele.

Os óculos de sol não eram grandes o suficiente para ocultar a careta dela, mas Laura não comentou o fato de que o sangue do marido estava no amante.

- O outro provavelmente é dele - disse ela. - Se havia pele embaixo das unhas de Foster, ele provavelmente o arranhou.

- Eu também teria pensado isso, exceto por já termos testado comentou Rodarte. - Não bate com o tipo sanguíneo de Burkett. Portanto, o que eu acho é que se trata do sangue de Manuelo Ruiz. Porque é o mesmo tipo de sangue que encontramos no tapete de sua biblioteca.

- Significando o quê?

- Que Manuelo Ruiz também estava sangrando. - Rodarte segurou o lóbulo da orelha, como se estivesse repensando. - O homem sumiu. Entrei em contato com a imigração para tentar rastreá-lo. Adivinhe o que aconteceu? Ruiz não tem documentação. Seu marido o contratou ilegalmente.

- Nossa, mas isso é uma informação muito útil, não?

A cadela rica estava bem tranquila, olhando para ele com seus óculos escuros, sua linguagem corporal sinalizando categoricamente o quanto ela o desprezava. Ele bem que gostaria de ter feito algo para sacudi-la, algo que partisse aquela máscara que ela usava sempre que falava com ele. Beliscar seu mamilo, talvez. Meter a mão no meio de suas pernas. Algo que a chocasse e assustasse.

- Acho que não faz sentido, agora. - Ele sorriu amavelmente, embora estivesse pensando no prazer que teria em humilhá-la.

- Então, o que faz sentido, detetive?

- Griff Burkett também apagou o gringo ilegal.

Bem, ao menos isso provocou uma reação honesta. Ele não tinha certeza se ela se retraíra pelo insulto racial ou por sua afirmação de que Burkett cometera um duplo assassinato. Era difícil não parecer presunçoso, mas ele manteve sua expressão petrificada.

- Não sei se ele se livrou de Manuelo antes ou depois de ter matado seu marido, mas é quase certo que seja responsável pelo inexplicável sumiço de Ruiz.

Ela molhou a boca, prendeu o lábio inferior entre os dentes e ele compreendeu, então, por que Burkett gostava de trepar com ela a ponto de matar.

- Talvez Manuelo tenha ficado assustado pelo que viu - disse ela. - E fugiu.

- Sem levar roupas, ou pertences pessoais? Sem um carro? Sem meio milhão em dinheiro? Improvável, sra. Speakman. Mas, baseado na chance de que ele tenha fugido de algo que quase o matou de medo, eu coloquei policiais ligando para cada Ruiz da lista telefónica de Dalas. De Fort Worth, também. - Ele se inclinou à frente e sussurrou: - Quer saber algo engraçado? Não fomos os primeiros a ligar para esse pessoal, hoje, perguntando se conheciam algum Manuelo.

-Não?

- Não. Acabamos descobrindo que alguém ligou antes de nós. Um homem andou ligando para as mesmas pessoas, procurando Manuelo Ruiz.

- Griff Burkett?

Ele abriu as mãos nas laterais do corpo e sorriu.

Ela tirou os óculos escuros, cuidadosamente dobrou as hastes e as observou, por vários instantes, antes de erguer a cabeça e olhar novamente para ele.

- Bem, então, é qual dos dois, detetive Rodarte?

- Qual dos dois, o quê?

- Se Griff Burkett matou Manuelo, como o senhor afirma, então, que ele estaria ligando para pessoas de nome Ruiz, procurando por ele?

Ela o olhou fixamente por alguns instantes, depois lhe deu as costas e saiu caminhando em direção a casa.

Rodarte ficou olhando, tentando controlar a raiva que pulsava. Tudo bem, ela o ganhou nessa e ele não podia culpar ninguém, exceto a si mesmo, pela mancada.

Verdade seja dita, ele não pensara muito no destino de Manuelo Ruiz, pois estava pouco se fodendo para o que acontecera com ele. Se Burkett o tivesse matado, ou o estivesse perseguindo para calá-lo, por ter testemunhado um assassinato, isso não tinha a menor importância para Rodarte.

Ou ele acharia o corpo do gringo ilegal, ou o encontraria para testemunhar contra Burkett. Tanto fazia, porque ele tinha Burkett Pelo assassinato de Foster Speakman. O rabo de Burkett pertencia a Stanley Rodarte.

277

E o da viúva também.

Rindo sozinho, ele pensou no troco que tiraria dela por sua arrogância esnobe. Depois do enterro. Depois que as trivialidades já tivessem terminado. Depois que Burkett estivesse atrás das grades. Usando a rede de fofocas da cadeia, ele se certificaria de que o Camisa Dez ficasse sabendo de suas atenções com a dama. Cada detalhe obsceno.

Jesus, como isso seria divertido!

278

Capítulo 26

PELO restante da tarde, Griff ficou andando de um lado para o outro no quarto sinistro, pensando em como poderia ter descido tanto. Quando teria começado essa queda interminável? Quando aceitou o primeiro suborno dos Vista? Ou antes disso, quando ele começou a fazer as apostas, ainda na Universidade do Texas? Ou será que seu destino teria sido irremediavelmente mal fadado, quando sua mãe o abandonou para fugir com o namorado, Ray?

Às vezes, ele pensava que havia sido amaldiçoado até antes de ter nascido.

Durante as semanas que transcorreram entre a sua condenação e o dia em que foi mandado para Big Spring, para iniciar o cumprimento de sua sentença, ele conduziu uma busca por seus pais. Não era natural que um filho procurasse os pais quando estava encrencado?

Graças à internet e às páginas dedicadas à procura de parentes perdidos, não demorou muito para que rastreasse o pai. Depois de cumprir pena no Texas, ele havia deixado o estado, passando por vários lugares sem jamais ficar muito tempo em nenhum, até que foi parar em Laramie, Wyoming. Ele morreu lá, num hospital local, aos quarenta e nove anos. As fichas do hospital diziam que sofreu de várias doenças relacionadas ao alcoolismo.

Levou mais tempo para localizar sua mãe. Ou ela aderira à bigamia, ou se casara com homens sem antes se certificar de que fossem divorciados, ou simplesmente assumira os nomes de vários homens com quem viveu.

À medida que se aproximava o dia em que Griff seguiria preso, ele ficava se perguntando por que estava se dando ao trabalho de tentar encontrá-la, porque sequer estava curioso quanto à sua vida de agora, já que ela o abandonara sem qualquer vestígio de remorso.

Pelo que sabia, ela nunca tentara descobrir o que acontecera com ele, então, por que voltar a se ligar a ela era algo tão importante?

Ele não sabia o que o impulsionava. Era uma compulsão que não sabia explicar nem para si mesmo, então, ele desistiu e apenas seguiu em frente.

Sua obstinação foi recompensada. No dia anterior ao início de sua pena, ele a encontrou em Omaha. Conseguiu um endereço e um número telefónico. Antes que pudesse se convencer a desistir, ele ligou para o número.

Foi uma decisão pela qual se arrependeu mais tarde.

Mas que despedida e tanto para ir para a cadeia, agora ele pensava amargamente.

Por que será que hoje, em meio à maior confusão em que se metera, ele estava pensando em toda essa merda sobre seus pais? Talvez pelo fato de que pensar neles reforçava o que já suspeitava: ele estava nesse caminho de autodestruição

antes de ter deixado o útero.

O que não era nenhum bom presságio para o desfecho da situação.

Deprimido, ele ficou deitado na cama rota e acabou pegando no sono por um tempo. Talvez essa fosse a forma de seu corpo deixar que ele fugisse temporariamente de sua realidade. Mais gentil ainda era seu subconsciente, que o deixou sonhar com Laura. Ele estava com as mãos nela. Estava se movendo dentro dela. Ela o agarrava pela bunda, se arqueando para recebê-lo, gemendo seu nome. Segundos antes de gozar, ele acordou com o nome dela nos lábios, ensopado de suor, com uma ereção dolorosa.

Levantou, tomou um banho e ligou a TV, a tempo de ver os noticiários locais. Como ele temia, um âncora de ar presunçoso e cabelo ruim anunciou que a polícia estava procurando Griff Burkett para “interrogatório sobre o brutal assassinato de Foster Speakman”.

Isso não foi nenhuma surpresa, é claro, mas Griff ficou ali sentado, pasmo, imobilizado pela súbita aparição de Stanley Rodarte na tela. Ele estava em pé, sob os holofotes das câmeras, o que intensificava sua feiura.

- A essa altura, o sr. Burkett é apenas uma pessoa que nos interessa. Tudo que sabemos presentemente é que ele esteve dentro da mansão dos Speakman ontem à noite.

Essa afirmação do fato causou um frenesi entre os repórteres, que começaram a disparar perguntas para ele. Cheio de importância, Rodarte se negou a dar respostas, dizendo apenas:

- O envolvimento de Burkett requer maiores investigações. Por ora, isso é tudo que tenho a lhes dizer. - Ele deu as costas e entrou pelos portões de ferro da propriedade dos Speakman.

Rodarte estava lá. Dentro dos muros cobertos de hera. com Laura. Agora ela podia ultrajar Griff Burkett. Rodarte atiçaria isso, usaria isso para tê-la do seu lado.. Pensar nela e Rodarte respirando o mesmo ar fez com que seu estômago vazio se retraísse como um punho fechado.

Finalmente escureceu. Mesmo com a temperatura acima dos trinta graus, estar ao ar livre, longe dos odores impregnados em seu quarto de motel, dava uma boa

sensação. Mas Griff levou quase duas horas para caminhar até a Hunnicutt Motors e, a essa altura, o calor fizera efeito. Ele não se atrevera a parar para comprar uma garrafa dágua, então, chegou ao estacionamento com um suor seco e desidratado.

Mas a caminhada valera a pena. O carro estava no lugar prometido.

Era um sedan discreto, de uma cor entre marrom e cinza. O nome do modelo na tampa do porta-malas era desconhecido para ele, que não conseguiu identificar o fabricante do carro. Pontiac? Ford, talvez? O tecido do estofamento exalou um cheiro de tabaco velho, quando ele cuidadosamente abriu a porta destrancada. Nenhum alarme disparou.

As chaves estavam embaixo do tapete, o tanque de gasolina estava cheio e o motor ligou assim que ele virou a chave na ignição. Convenientemente, a corrente que geralmente ficava esticada na entrada, como segurança, estava esticada no pavimento. Hunnicutt pensara em tudo.

Wyatt Turner, advogado, morava num dos bairros de novos ricos, no norte de Dalas. Todas as casas tinham piscina no pátio dos fundos, tacos de golfe na garagem e, do lado de dentro, um casal que tentava manter o status. Bichos de estimação eram opcionais. A maioria tinha filhos.

Os Turner só tinham um. Griff nunca vira Wyatt Júnior pessoalmente, mas vira sua fotografia na escrivaninha de Wyatt. Ele era uma mistura dos pais, meio a meio, o que era uma infelicidade para o garoto. Griff encontrara Susan Turner apenas uma vez, num evento social, antes que ele precisasse dos serviços de Wyatt. Ela era uma mulher pálida, literalmente sem cor, com uma personalidade que combinava. Também era advogada, mas não da área criminal, como o marido. Fazia imposto de renda, assistência corporativa, algo tedioso desse tipo. E Griff apostava que ela era boa nisso. Era tensa, antipática e feia. Comparado a ela, Wyatt era a azeitona da empada.

Griff passou dirigindo pela casa deles e viu que havia apenas uma luz acesa do lado de dentro. Torceu para que fosse Wyatt, ralando à meia-noite, não Susan. Estacionou o carro duas ruas adiante e cautelosamente trancou a porta ao sair. Estava de short e camiseta, ténis de corrida e boné. Numa vizinhança de riquinhos como essa, as pessoas corriam a qualquer hora, sempre que

conseguissem encaixar o exercício em suas agendas ocupadas. Torceu para que, se fosse visto, o confundissem com um cara que só tinha tempo para se exercitar tarde da noite.

Ele correu duas quadras. Por trás de uma cerca de madeira, um cachorro latiu para ele, mas, fora isso, passou despercebido. Ao menos, esperava. Alguém dentro de uma das belas casas podia avistá-lo e ligar para a segurança do bairro, ou para a polícia. Esse era um risco que ele teria de correr.

Griff havia notado que a casa ao lado da dos Turner tinha uma placa de VENDE-SE na frente. A propriedade estava escura dentro e fora, o que era uma vantagem para ele. Quando chegou perto, deu a volta na calçada e entrou na sombra do quintal. Contornou o quintal que ladeava a entrada da garagem dos Turner. Ali, ele se agachou dentro de um arbusto e recuperou o fôlego, planejando seu próximo passo.

Através das persianas abertas, ele pôde ver dentro da sala iluminada da casa de Turner. Era um escritório, parecido com o de Bolly, exceto por estar bem mais arrumado. Uma cabeça de veado empalhado pendia da parede. Diplomas emoldurados. Livros de direito nas prateleiras. Um monitor de computador estava ligado, lançando uma luz azul sobre a mesa que tinha várias pastas abertas.

O advogado apareceu, entrando no escritório com um copo de leite e algo que parecia um sanduíche num prato. Vestia uma camiseta branca e calças de pijamas. A camiseta estava para dentro da calça. Para dentro da calça. Apesar de sua situação, Griff teve que rir da indumentária noturna do advogado. Mas ele dividia a cama com a sra. Turner, e isso explicava tudo. Era mais fácil Griff transar com uma espiga de milho.

Turner se sentou junto à escrivaninha, deu uma dentada no sanduíche e, enquanto mastigava, olhava o monitor do computador. Griff respirou fundo e saiu do arbusto. Atravessou a entrada da garagem e caminhou até um par de portas francesas que abriam diretamente no escritório. Bateu devagarinho no vidro da janela.

Assustado, Turner olhou em sua direção. Ao ver Griff, seu rosto registrou uma série de expressões - perplexidade, apreensão, finalmente raiva.

Griff tentou a maçaneta. Estava trancada. Ele virou várias vezes, fazendo o ruído

de metal. Viu a boca de Turner dizendo um palavrão, quando ele saiu da cadeira. Cauteloso, ele deu uma olhada para algo que Griff achou ser um corredor, depois rapidamente veio até a porta e abriu.

Zangado, ele sussurrou:

- Você sabe que todos os policiais num raio de quinhentos quilómetros estão atrás de você?

- Então, é melhor me deixar entrar, antes que um deles me veja aqui em sua porta.

Turner gesticulou para que ele entrasse, depois foi até o lado de fora, olhou na entrada da garagem e na rua. Satisfeito por não haver lobos no portão, ele fechou a porta e andou pelo escritório, fechando as persianas.

Griff pegou o sanduíche e começou a devorá-lo. Desde o estacionamento até chegar ali, passara por uma lanchonete de comida para viagem e comprara um hambúrguer que engoliu no caminho. Chegou a acalmar a fome, mas não a matou. Manteiga de amendoim com geleia não era de seus favoritos, mas naquele momento estava delicioso. Ele também bebeu o leite. Turner o observava, em ebulição.

- Preciso mais disso do que você - Griff disse, de boca cheia. Depois, apontando para a pança do advogado, ele disse: - Muito mais.

- Quero você fora daqui.

- Preciso de informação.

- Não sou a CNN.

- Você é meu advogado.

- Não sou mais.

Griff parou de mastigar.

- Desde quando?

- Desde que você… - A voz alta de Turner assustou até ele próprio. Ele congelou, ouvindo, depois foi até a porta e olhou novamente o corredor. - Não se mexa - ele sussurrou para Griff, por cima do ombro. - Não faça som algum.

O advogado desapareceu pelo corredor escuro. Griff pôde ouvir as portas - imaginou que fossem dos quartos - sendo fechadas devagarinho. Apesar do alerta de Turner, ele foi até as portas francesas e abriu uma fresta na persiana, para espiar lá fora, imaginando se o carro de Hunnicutt, estacionado a duas ruas de distância, teria levantado alguma suspeita. Será que alguém teria notado um corredor que subitamente desaparecera em meio às sombras escuras de uma casa desocupada?

Turner voltou, andando pé ante pé. Silenciosamente, fechou a porta atrás de si.

- Susan tem o sono leve.

- Desde quando você não é mais meu advogado?

- Desde que você assassinou Foster Speakman - respondeu o advogado, com o mesmo sussurro de raiva. - Cristo, Griff, Foster Speakman! Você podia simplesmente ter matado o presidente. É verdade que estava transando com a mulher dele?

Griff ficou encarando o olhar acusador por alguns segundos, depois enfiou o resto do sanduíche na boca, dizendo:

- Você tem muita sorte.

- O quê?

- Nada. - Ele terminou o leite, depois limpou a boca nas costas da mão. - Eu não sabia que um advogado podia despedir um cliente.

- Eu não quero ter nada a ver com você. Você é perigoso demais.

- Perigoso? - Griff abriu os braços. Tudo que trazia era a chave do carro e o telefone celular preso ao elástico da cintura do short de corrida.

- Eu te chamaria de perigoso - disse Turner. - Ele disse que você apunhalou Speakman no pescoço, com seu abridor de cartas. Um paraplégico, Griff. Ele disse que Speakman tentou lutar, se proteger de você, mas…

- Ele quem? Quem disse? Rodarte?

- É claro que foi Rodarte. Ele e seu parceiro silencioso vieram ao meu escritório esta manhã. Rodarte falou tudo. Ele perguntou se eu sabia onde você estava e, felizmente, eu pude honestamente dizer que não. - Turner franziu o rosto, infeliz por agora saber o paradeiro de Griff. - Rodarte está se divertindo. Dessa vez, não se engane, ele te pegou.

- Eu não vou ter meu dia no tribunal?

Turner mordia a bochecha pelo lado de dentro e lançou um olhar preocupado em direção à porta fechada.

- Seja rápido. - Ele se sentou junto à escrivaninha e tentou parecer um advogado, papel meio difícil de assumir com aquele pijama. - Como foi que você conheceu os Speakman?

- Eu fui convidado para ir à casa deles. O Speakman me propôs um negócio.

Turner pareceu duvidar.

- Que tipo de negócio?

- Nós conversamos sobre a possibilidade de eu fazer alguns comerciais para sua companhia aérea. - Isso não era exatamente uma mentira. Também não era exatamente a verdade, mas ele não podia contar a verdade a Turner. Ainda não. A reputação de Foster Speakman seria amaldiçoada. Quanto a manter o seu segredo, as apostas mixaram. Mas Laura compartilhava esse segredo. Griff o manteria, por ela.

- Isso é loucura - frisou Turner.

- Foi isso que eu disse a ele. Mas acabei descobrindo que ele tem uma porção de idiossincrasias e ideias esquisitas. De qualquer forma, ele me disse para repensar, o que ele também faria.

- A esposa? Laura? !

- Eu a conheci na mesma noite.

- Cobiça instantânea, disse Rodarte.

- Rodarte disse isso?

- Quase com as mesmas palavras. Ele disse que vocês dois estavam tendo um caso da pesada.

285

Griff pensou onde Rodarte estaria obtendo suas informações. Ele provavelmente estaria apenas especulando e fazendo parecer fato.

- Ela e eu nos encontramos. Quatro vezes, para ser exato. Ao longo de um período de meses. A última vez que nos vimos, ela terminou.

- Por quê?

Não querendo contar mais a Turner, ele sacudiu os ombros.

- Motivos típicos. Mais por culpa. Achei que nunca mais fosse vê-la.

- Mas você queria.

Ele não respondeu, mas sua expressão o entregou. Turner gemeu.

- Você acaba de dar a Rodarte a motivação, numa bandeja de prata. Para ficar com a garota, você apagou o marido dela. Nem é preciso um diploma em direito criminal para ver isso, Griff.

- Além de motivação…

- A oportunidade.

- Eu não invadi a casa de Speakman ontem à noite. Fui até a mansão porque fui convidado.

- Ele o convidou?

- Ele me convidou.

- Pra quê? Ele o confrontou quanto ao caso? A esposa ficou tão culpada a ponto de confessar tudo?

- Eu não sei. Não sei muito do que Laura disse a ele sobre nós.

- com toda a honestidade, ele não sabia.

- Esteve em contato com ela? Ele sacudiu a cabeça.

- Eu o aconselho a não tentar.

- Como meu ex-advogado?

Ignorando o tom sarcástico, Turner perguntou:

- Você tem como provar que Speakman o convidou para ir à mansão, ontem à noite?

- Ainda não.

- O que significa isso? Perdendo a paciência, Griff disse:

- Além de motivação e oportunidade, o que Rodarte tem contra mim?

O advogado hesitou.

- Ora, Turner. Você me deve pelo menos isso. Contra o que estou lutando?

Turner fungou.

- Bem, existe a arma do crime, coberta com suas digitais. Seu DNA irá coincidir com o tecido que tiraram das unhas de Speakman. - Ele apontou para os arranhões nas costas das mãos de Griff. - Correto?

- Correto.

- Que inferno, Griff - disse ele, se retraindo. - Rodarte não precisa de mais nada para pegá-lo por causa de Speakman. Mas também tem um outro cara, um tal de Ruiz.

- Manuelo. O assistente de Speakman. Parece um matador sulamericano, com um sorriso agradável e vazio.

- Ninguém o viu. - Turner parou e o olhou, na expectativa. Diante do silêncio de Griff, ele continuou. - Rodarte verificou com a imigração. Não há registros dele. Ele era ilegal.

- Você está usando o verbo no passado.

- Ele estava lá, ontem à noite?

Novamente, Griff se absteve de falar qualquer coisa.

- Não se dê ao trabalho de mentir - disse o advogado. - Eles encontraram sangue no tapete de seu carro. Meu antigo Honda. O sangue não era nem seu, nem de Speakman. Rodarte supõe que seja de Ruiz. Ele está à procura de seus restos.

Por entre a respiração, Griff disse:

- Porra!

- Bem, finalmente, o orador fala. E não é uma afirmação eloquente? - o advogado disse asperamente. - Ele estava vivo quando você o deixou?

- Qual deles?

Turner esfregou o alto da testa, como se tentasse alisar as rugas de preocupação.

- Ambos.

- Speakman estava morto. Ruiz disse adiós.

- Ele fugiu de você?

- Ele correu.

- Ele viu Speakman ser apunhalado? Griff não respondeu.

- Você… Ruiz também foi ferido? Era o sangue dele no tapete e no Honda?

Griff estava prestes a responder, mas se conteve.

- Você é meu advogado, ou não?

Turner o estudou por um momento, depois perguntou baixinho:

- E quanto ao dinheiro, Griff? O meio milhão. E não se faça de bobo, porque suas impressões digitais ficaram na tampa da caixa. Portanto, o que era aquilo?

- Não sei - ele respondeu, de forma concisa, sacudindo os ombros. - Speakman disse: “Olhe dentro da caixa.” Eu olhei na caixa. Acho que ele só estava querendo se exibir, mostrar o quanto era rico.

- Não era pra você?

Griff o olhou como se aquela fosse a coisa mais absurda que ele já ouvira na vida.

- Rodarte insinuou que Speakman o estava pagando por alguma coisa.

As vísceras de Griff se contraíram.

- Tipo o quê?

- Algo que você teria entregado. Ou um serviço que teria prestado para ele.

- Mas que merda, Turner, cadê seu cérebro? Onde está o de Rodarte? Se aquele dinheiro fosse pra mim, eu certamente não o teria deixado pra trás. Eu o teria e estaria vivendo em algum lugar exótico, não roubando sanduíches de manteiga de amendoim de você.

O advogado não se abalou.

- Muita grana, Griff. Notas altas, embrulhadas em pacotes. Caprichosamente empilhadas numa caixa. Do tipo que você recebeu do Bandy, para roubar no jogo contra os Skins.

- Eu estou lhe dizendo…

- Está certo, está certo. Por enquanto, digamos que Speakman apenas gostasse de manter caixas de dinheiro por perto, e isso nada teve a ver com seu assassinato.

Rodarte nem precisa desse elemento para conseguir sua condenação. - Turner se levantou, deu a volta na cadeira, colocou as mãos no encosto, como se estivesse pronto para se pronunciar no tribunal. - Ouça-me, Griff. Isso é um caso de sonho para a promotoria. Eles têm provas contundentes. Eles têm seu DNA. E se esse Ruiz estiver vivo…

- Ele está. Ou, pelo menos estava, da última vez que o vi.

- E se ele já não estiver de volta a Honduras…

- El Salvador.

- Tanto faz. Se eles conseguirem pegá-lo, terão uma testemunha além das provas incriminadoras. Mas - disse ele, batendo levemente no encosto da cadeira de couro, para dar ênfase -, pelo lado positivo, foi você quem ligou para a polícia, certo? - Griff concordou. - Então, isso dá a entender que você não queria que Speakman morresse. O fato de Speakman tê-lo convidado para ir até lá pode ser argumentado e, se o júri aceitar isso, então, o passo seguinte é fazêlos acreditar que não houve premeditação de sua parte. Você foi à casa de Speakman a convite dele. Ele o confrontou com o caso que você estava tendo…

- Tive.

- Teve com a esposa dele. Vocês discutiram. Algo que ele disse acendeu seu pavio e, de repente, você sabe…

- Eu peguei o abridor de cartas em cima da mesa e cravei no pescoço dele.

Turner parecia realmente triste por conta disso.

- Você tem uma boa chance de ser acusado de homicídio culposo, em vez de assassinato em primeiro grau. Isso é provavelmente a melhor coisa que vai conseguir nisso, e eu estou lhe dizendo tanto como um conselheiro quanto como amigo. - Ele parou para deixar que isso fosse assimilado.

- Detesto pintar um quadro tão desanimador, mas é assim, Griff. E você só está se fazendo transparecer mais culpado ainda ao fugir. Entregar-se ao Rodarte será duro. Não estou dizendo que não será. Mas será muito mais difícil para você, caso não o faça.

- Eu não vou me entregar.

- Se você o fizer, esta noite, agora, eu vou representá-lo. vou estar lá com você, a cada passo do caminho. Deixe que eles conduzam a investigação e depois nós veremos se as provas que têm são muito ruins contra você. Rodarte é conhecido por exagerar, insinuar que tem mais do que realmente tem, mas nós sabemos que ele tem a arma e, junto com a motivação, isso se torna bem incriminador.

289

“Na verdade, um aspecto a nosso favor é você ter deixado o dinheiro para trás. Você não cometeu roubo, portanto isso não é latrocínio. Eu vou argumentar arduamente pela acusação de homicídio culposo. Também vou entrar com uma solicitação de mudança de fórum. Para conseguir que o julgamento seja fora de Dalas.

“Mas, onde quer que seja realizado, você pode apostar que a promotoria vai bater na tecla de que era Speakman contra você. Eles vão pintá-lo como um bruto que atacou um homem que sequer poderia lutar de volta e ganhar. Farão com que os jurados o desprezem, e qualquer argumento que seja apresentado não mudará o fato irrefutável de que você era um jogador de futebol e ele, um paraplégico.

“Entregue-se e deixe que eu assuma a sua defesa. A única hora que você terá de falar em seu julgamento será quando alegar inocência. Você não precisa falar uma palavra sequer para Rodarte, nem para o júri, para ninguém.”

Griff ouvira pacientemente, mas agora ele disse:

- E você acha que o fato de não falar irá fazer com que eu pareça inocente. Ora vamos, Wyatt.

- Eu acredito na jurisprudência, em nosso sistema judiciário.

- Bem, sua perspectiva quanto a isso é diferente da minha. Você me prometeu que eu sairia em condicional se eu colaborasse com os federais e lhes dissesse o que eu sabia sobre a operação dos Vista. Olhe o que aconteceu com aquilo.

- Aquilo foi diferente.

- Certo. Estávamos lidando com o júri federal e possibilidades. Dessa vez, o Rodarte tem as minhas digitais no instrumento que matou o marido da minha amante.

A cabeça de Turner caiu à frente. Ele ficou de pé, com uma ruga franzindo a sobrancelha. Finalmente, ele levantou a cabeça.

- Eu lhe peço mais uma vez, Griff: entregue-se.

- Isso é o melhor que pode fazer?

- É isso.

Griff o estudou por um momento, depois disse baixinho:

- Você nem sequer me perguntou.

- Perguntou o quê? Abafando uma risada magoada, Griff disse:

- Deixa pra lá. Você teve notícias de Jerry Arnold?

- Ele me ligou essa tarde. Ficava dizendo: “Por que ele faria algo assim?”, coisas desse tipo. Você perdeu outro fã.

Griff não estava surpreso.

- Bem, obrigado pelas informações. E pelo sanduíche. - Ele se virou na direção das portas francesas.

- Eu o verei, Turner. - Ele abriu a porta.

Ele ouviu os pneus cantando, na freada, como se um carro estivesse fazendo a curva correndo demais. Ouviu os motores, freadas no asfalto quente. E, na janela da frente da casa do outro lado da rua, refletiram as luzes coloridas. Vermelho. Azul. Branco.

Capítulo 27

TURNER ergueu as mãos se rendendo. Para se defender talvez.

- Tive que ligar pra eles, Griff. É para o seu próprio bem. Griff o olhou com desprezo.

- Como conselheiro e como amigo, vá se foder.

Depois saiu pela porta. Ele contornou a piscina e usou uma cadeira de jardim para ajudálo a pular a cerca. Seus joelhos suportaram o impacto da queda de dois metros e meio para o chão do outro lado. Outra piscina. Essa tinha as luzes submersas acesas. Dava a sensação de uma luz de busca, direcionada em cima dele.

Uma luz de busca o fez pensar num helicóptero da polícia, e isso lhe deu o ímpeto de estourar o portão, sem sequer tentar a fechadura. Ele correu pelo quintal, atravessou a rua, entrou no quintal da frente de outra casa, onde os irrigadores automáticos estavam ligados. Suas pernas já maltratadas ficaram molhadas, assim como as solas dos ténis, o que os deixou escorregadios.

Outra porcaria de cerca.

- Merda! - Será que essa gente não confia nos vizinhos? Ele procurou o portão, que foi difícil de identificar na escuridão. Encontrou-o, mas estava trancado por dentro. Ele recuou e se atirou contra o portão, que nem se moveu.

Ouviu as cantadas de pneu, perto o suficiente para sentir o cheiro da borracha queimada.

Correu novamente no meio dos irrigadores da casa vizinha. Finalmente, uma casa sem cerca, só uma divisória de plantas. Ele passou direto por dentro dela. As plantas espinhosas arranharam suas pernas nuas, arrancando a pele, mas ele não deixou que isso o desacelerasse. Correu no vão entre essa casa e uma outra atrás, o que o levou até a rua onde deixara o carro emprestado.

Parou na escuridão, entre duas casas, seus pulmões inflados como gaitas de fole, o coração disparado. Ele podia ouvir a gritaria, os pneus cantando, as portas batendo. O carro de Hunnicutt estava a três casas de distância de onde ele estava. Nada se movia. Ainda. Ele não podia mais esperar. A busca por ele rapidamente chegaria até essa rua. Ele precisava arriscar se expor.

Saiu do local entre as duas casas e estava pronto para sair em disparada.

Um carro da polícia, aceso feito uma árvore de Natal, virou a esquina próxima, em duas rodas.

Griff se abaixou na sombra. Xingou Turner. Xingou a própria sorte. Xingou a porra da vida toda.

Depois ele correu.

Mais tarde, ele ficou pensando como teria conseguido sair dali. Sua fuga quase o fez acreditar numa intervenção divina. Talvez, uma vez na vida, Deus tivesse resolvido jogar em seu time.

Ele andou em ziguezague pelo bairro, passando de uma sombra para outra. O helicóptero chegou a aparecer com o farol de busca aceso, e aquele holofote era mais poderoso que um farol náutico. Durante horas ele ficou se esquivando e os carros de polícia ou passavam feito balas ou devagarinho. Os policiais, a pé, vasculhavam tudo, praticamente indo de porta em porta.

Por alguns minutos, ele se refugiou numa garagem aberta, onde encontrou um pano e limpou o sangue das pernas. O suor fazia os ferimentos arderem impiedosamente. Numa das vezes, ao ficar encurralado entre a luz do helicóptero que se aproximava e um policial a pé, Griff ficou submerso na parte funda de uma piscina. Nessa, por sorte, as luzes debaixo dágua estavam apagadas e a piscina não era daquelas pretensiosas, desenhadas para imitar uma lagoa tropical parecendo formada por rochas de lava, então ela estava toda escura.

Ele prendeu a respiração até achar que seus pulmões iam explodir, mas, por conta da natação que praticara ultimamente, estava com um condicionamento físico melhor do que normalmente estaria. Olhando acima, através da superfície, ele podia ver as luzes do helicóptero varrendo a área. O policial passou muito perto e Griff pôde ouvi-lo murmurando consigo mesmo.

Finalmente, tanto o helicóptero quanto o policial seguiram em frente. A cabeça de Griff veio à superfície e ele engoliu o oxigénio.

Saiu da piscina enrugado, mas reviveu. Suas pernas não estavam mais ardendo. Ele nem tentou voltar para o carro. Os policiais já teriam investigado a placa e descoberto que não pertencia a ninguém que morava naquela rua.

Ele ainda estava com seu telefone celular. Graças a Deus o levara. Pensou em ligar para Glenn Hunnicutt, pedindo-lhe que fosse buscá-lo em algum lugar. Mas ele não queria envolver o homem mais do que já o envolvera.

Não tinha mais ninguém para ligar. Ninguém em quem pudesse confiar. Ninguém confiava nele.

Sentiu-se melhor quando estava fora do bairro de Wyatt Turner, mas apenas ligeiramente, porque ainda estava bem longe do motel. Os policiais estavam por toda parte da cidade e agora estariam alertas para um homem a pé com sua descrição. Muitos corredores seriam incomodados em Dalas naquela manhã. Os que corriam antes do amanhecer certamente seriam parados e revistados.

Quando caminhou por baixo da passarela da rodovia e viu o aviso vermelho em néon, piscando na janela do motel, ele quase chorou de alívio. Não era muito, mas era o único esconderijo que tinha. O dia estava nascendo.

Ele precisava se deitar. Fechar os olhos. Respirar com calma. Descansar.

Mas, ao se aproximar do estacionamento, ele notou que o balconista noturno que fumava bagulho não estava mais em serviço. Seu substituto estava vestido informalmente, mas parecia limpinho demais para um lugar daqueles.

Griff se abaixou atrás da marquise da borracharia. Daquele esconderijo tão frágil, ele observou o cara sair de trás do balcão da recepção. Saiu do escritório e foi seguindo pelo corredor aberto. Tinha um copo de isopor na mão. Saindo fumaça. O cheiro de café fresco fez a boca de Griff aguar. Mas seu coração começou a se sentir muito pesado, quando ele viu o cara parar diante do quarto número sete e bater três vezes na porta.

Ela foi aberta por outro cara tão arrumadinho quanto o que estava na recepção. Ele pegou o café do amigo e saboreou o primeiro gole com um longo “Ahhh”. Eles trocaram algumas palavras, depois o cara da recepção deixou o outro dentro do quarto e voltou para o escritório.

Griff ficou agachado atrás da placa que anunciava recauchutagens especiais e abaixou a cabeça sobre os joelhos.

Como será que eles o acharam? Será que Rodarte era uma

porra de um vidente?

Ele continuou abaixado atrás da placa por um tempo, até que seus músculos exaustos começaram a ter câimbra, seus joelhos ficaram rijos e o horizonte ao leste foi ficando alaranjado.

Sabendo que precisava sair dali, ele enfiou a mão na meia para pegar as notas que guardara ali antes de ir para a casa de Turner. O dinheiro estava molhado, por conta do tempo em que ele passara na piscina, mas dava para gastar. Ele havia escondido seu telefone celular embaixo do trampolim da piscina, para que não ficasse à vista antes de entrar na água, depois o pegou ao sair. A bateria ainda tinha carga.

Aquela quantia insignificante e o telefone eram seus únicos recursos restantes. Ele nem tinha uma muda de roupas secas. Mas não podia ficar ali. Tinha que ir andando. Forçou as pernas a desdobrarem e começou a caminhar, tomando cuidado para manter algo entre ele e o ângulo de vista do escritório do motel.

Enquanto caminhava, ele abriu o telefone e fez uma rápida ligação.

Glenn Hunicutt estava em seu escritório, bebendo café e batendo papo com um cliente, quando a recepcionista da concessionária bateu à porta.

- Desculpe-me pela interrupção, sr. Hunnicutt. Há alguém para vê-lo. Um detetive do departamento de polícia. Ele disse que é importante.

- Entre. - Hunnicutt gesticulou para que o homem entrasse em seu escritório.

- Stanley Rodarte, Departamento de Polícia de Dalas. - Ele estendeu a mão e entregou um cartão a Hunnicutt.

- Sente-se, detetive - disse Hunnicutt, apontando para uma cadeira. - Gostaria de tomar um café?

- Não, obrigado.

- Tem certeza? Nosso café é tão bom quanto nossos automóveis.

- Não, obrigado.

- Talvez um refrigerante geladinho, um Dr. Pepper?

- Nada, obrigado - disse Rodarte, demonstrando sua impaciência.

- Está comprando um carro essa manhã, detetive?

- Não. - Rodarte gesticulou na direção do outro homem que estava na sala, sentado de frente para a escrivaninha de Hunnicutt. - Será que poderíamos ter um minuto em particular? Isso é um assunto policial.

- Esse é o dr. James McAlister. Jim é meu advogado, portanto, não tenho segredos com ele. - A expressão no rosto de Rodarte era impagável. Hunnicutt fez tudo para não cair na gargalhada. O detetive não esperava que um advogado estivesse presente.

Hunnicutt chegara à concessionária pouco depois do amanhecer, para que pudesse recolocar a corrente de segurança antes que seus empregados começassem a chegar para trabalhar. Ele estava a sua mesa, adiantando o trabalho com a papelada, quando a ligação de alerta de Griff passou pela mesa telefónica. Felizmente, ele atendeu.

Ao ouvir sua voz, Griff disse:

- É merda no ventilador. Desculpe. Você vai ser procurado por um policial chamado Rodarte. Stanley Rodarte. Se ele te encher o saco, você diz isso a ele. Está ouvindo?

- Estou ouvindo.

Griff deixou Hunnicutt com o recado, depois desligou. Agora, falando com Rodarte, Hunnicutt disse:

- Jim está aqui para comprar um carro para a filha que faz dezesseis anos na semana que vem. Ele espera que eu lhe dê um desconto. Coisa nenhuma, eu disse. Ele nunca me deu desconto das taxas legais. Eu disse a ele…

- Encontramos um carro que lhe pertence - disse Rodarte, interrompendo-o bruscamente. - Foi encontrado abandonado, na rua de um bairro que fica a

alguns quilómetros daqui.

Hunnicutt olhou para McAlister, demonstrando surpresa.

- Vocês o encontraram? Já? - Ele assoviou. - Estou impressionado. Nós só demos queixa do roubo quando, Jim? Oito, nove da manhã? Vocês do Departamento de Polícia de Dalas são muito bons!

Agora Rodarte tomara seu segundo golpe.

-Vocês deram queixa desse carro como roubado?

McAlister abriu a pasta executiva que estava em seu colo e tirou um formulário. Estava preenchido pelo policial que atendera à ligação de Hunnicutt, relatando que o carro havia desaparecido de seu inventário. Rodarte arrancou o formulário de McAlister, deu uma olhada e verificou a exatidão, incluindo até a marca e modelo do carro, número da placa *etc.* Hunnicutt teve a impressão de que Rodarte ia amassar o formulário e jogá-lo no chão. McAlister se apressou e o pegou, recolocando-o na pasta.

- Quando foi roubado? - perguntou o detetive, retraído.

- Não sei. Não notei que estava sumido até esta manhã. Os carros são trocados de lugar o dia todo, todo dia. Poderia ter desaparecido algumas semanas atrás, alguns dias, algumas horas. Não há como saber.

- As digitais de Griff Burkett estão no carro inteiro - Rodarte rosnou, parecendo um homem que mal conseguia controlar seu temperamento.

- Griff Burkett? O Griff Burkett? Não brinca! Tem certeza?

- Ah, sim. Eu tenho certeza.

- Ora, essa. Imagine só. Hmm. É de se admirar. O olhar de Rodarte ficou mais sinistro.

- Ele deixou o carro estacionado a duas ruas de distância da casa do advogado, aonde foi ontem à noite para pedir informações que o ajudassem a fugir da prisão pelo assassinato de Foster Speakman. Em vez disso, Turner nos telefonou.

Hunnicutt olhou para McAlister.

- Que sorte que eu tenho você.

- Burkett conseguiu fugir a pé - disse Rodarte.

- O garoto tem talento - disse Hunnicutt. - É o atacante mais veloz que eu já vi. Seus passos eram algo incrível de se assistir, não eram?

Rodarte parecia pronto para explodir.

- Você deu a ele aquele carro, o que representa cumplicidade com um suspeito de assassinato.

- Essa é uma alegação terrivelmente horrenda de se fazer disse McAlister calmamente. - A partir de agora, instruo meu cliente a não responder a quaisquer perguntas adicionais, detetive.

297

Ignorando o advogado, Rodarte manteve os olhos em Hunnicutt.

- Quando foi que Burkett lhe telefonou? Ontem? Ontem à noite?

Hunnicutt permaneceu sem dizer nada.

- Obviamente você o admira, mas ele não é nenhum herói. Ontem, ele fez uma porção de ligações para famílias da área, de sobrenome Ruiz. Eu mandei os policiais ligarem para as mesmas famílias, em busca de pistas para o desaparecimento de Manuelo Ruiz, que acreditamos ter testemunhado o assassinato de Foster Speakman. Comparamos as anotações. O mesmo número de telefone surgiu em vários identificadores de chamada. Rastreamos aquele número até um motel vagabundo na estrada 635. Tenho homens de plantão no local, esperando que ele volte para pegar suas coisas.

“E, quando o fizer, vou pegá-lo. Ele vai entregálo, Hunnicutt. Burkett não tem amigos, só gente que ele usa, depois caga em cima. Ele não tem lealdade a ninguém, exceto a si mesmo. Fale comigo agora, ou enfrentará indiciamento, mais tarde.”

Rodarte fez uma pausa, respirou.

- Agora, onde está ele? Se você sabe e não me contar, estará obstruindo a justiça. Onde está ele?

Hunnicutt calmamente acendeu um cigarro.

- Tem certeza de que não quer tomar um Dr. Pepper? Rodarte bateu o punho na mesa de Hunnicutt.

- Mas que inferno, diga-me!

- Detetive Rodarte, o senhor está assediando meu cliente disse McAlister.

Rodarte se levantou e se debruçou por cima da mesa de Hunnicutt, chegando o rosto bem perto.

- Eu posso conseguir o registro telefónico desse lugar, provar que ele ligou pra cá.

- Precisaria de um mandado de busca - disse o advogado. Duvido de que algum juiz do condado lhe concedesse isso por uma razão tão fútil, mas, se fosse o caso, e se encontrasse um número pertencente ao sr. Burkett nesses registros, isso ainda não provaria que ele falou com o sr. Hunnicutt.

“Quantas ligações por dia você estima que entram numa concessionária de carros movimentada? Centenas, certo? Meu cliente não pode ser responsabilizado por nenhuma delas. E, se conseguir provar que meu cliente falou com o sr. Burkett, isso não prova que ele lhe proveu o carro nem o ajudou de forma alguma.”

Rodarte, ainda ignorando o advogado, olhava para o rosto sincero de Hunnicutt.

- Acho que o senhor ficou sem munição para respaldar as suas ameaças, sr. Rodarte. - Hunnicutt colocou o cigarro em seu cinzeiro em formato de tatu e se levantou. Ele seguiu até a porta do escritório e a abriu.

Rodarte desprezou a sugestão óbvia para que fosse embora. Ele perguntou:

- Como foi que Burkett pegou a chave do carro, se você não lhe deu?

Hunnicutt gritou da porta:

- Meu bem, venha até aqui um segundo.

A recepcionista que conduzira Rodarte reapareceu, perguntando animadamente:

- Ele mudou de ideia quanto ao café?

- Qual é o meu motivo frequente de reclamações? - Hunnicutt perguntou a ela. - Qual o principal motivo para que eu pegue no pé do pessoal de vendas, mais que qualquer coisa?

- Deixarem que o cliente vá embora sem comprar um carro. Hunnicutt soltou uma gargalhada.

- Depois disso.

- Deixarem as chaves embaixo dos tapetes dos carros.

- Obrigado, querida.

Ela saiu e Hunnicutt se virou para Rodarte.

- Deixar as chaves embaixo do tapete. Eles fazem isso por conveniência, sempre querendo devolver a chave certa ao carro certo, depois que saíram para uma volta de demonstração. Planejam voltar quando não há clientes aguardando. Porém, graças a Deus eu não estou reclamando, às vezes, há clientes esperando. Então, eles apenas colocam a chave da ignição embaixo do tapete. Depois, se distraem e esquecem. - Ele sacudiu os ombros robustos. - Eu vivo dando comidas de rabo por conta disso, o tempo todo, mas o que posso fazer? Eles estão vendendo carros a rodo.

Ele ficou encarando Rodarte por um longo tempo e desviou o olhar para o advogado imperturbável. McAlister ergueu as sobrancelhas de forma eloquente. Rodarte passou marchando pela porta do escritório. Quando ele passou por Hunnicutt, disse, num tom malevolente:

- Não é a última vez que me vê.

Hunnicutt se movimentava rapidamente para um homem de seu tamanho e logo alcançou Rodarte quando o detetive entrava em seu carro. Rodarte deu a volta e ficou de frente para ele.

- Eu sei que deu aquele carro a Burkett. Vocês foram amiguinhos de cela, em Big Spring. Da próxima vez, você irá para Huntsville, e, deixe-me lhe dizer, lá não é a prisão de clube de campo como a que você ficou acostumado. Seu rabão branco vai ser muito excitante pra muitos viadinhos que eu botei lá. - Os olhos dele faiscavam de maldade. - Hoje você fez um inimigo, Hunnicutt. Ninguém me faz de bobo e fica por isso mesmo. Pode esperar pra ver.

Hunnicutt se inclinou à frente. Ele era mais de um palmo mais alto que Rodarte e pelo menos quarenta quilos mais pesado.

- Não me ameace. Eu sei sobre você. Você é um provocador. Da pior espécie. Tem um distintivo para respaldar isso. Mas, se pensar ao menos em me machucar, ou a alguém de minha família, lembre-se do que eu lhe digo hoje.

- Ah, é, e o que seria?

Hunnicutt chegou ainda mais perto e sussurrou:

- Márcia tem muitos amigos. - Conforme ele endireitou a postura, teve o prazer de ver os olhos de Rodarte repletos de cautela. Griff sabia o que estava dizendo. O nome significava algo para Rodarte, e isso envolvia uma ameaça. Impôs algo, se não foi medo, ao menos intimidou.

Hunnicutt manteve os olhos fixos nos do detetive, depois deu um passo atrás e abriu um sorriso largo.

- Se algum dia estiver no mercado para comprar um carro usado, venha me ver. - Ele abaixou até o pneu. - Mas vou logo lhe avisando: eu não aceito esse na troca.

300

O que ele ia fazer?

Onde poderia se esconder?

Entregar-se, como seu advogado vira-casaca havia sugerido, não era uma opção.

Mesmo se ele quisesse voltar a confiar no sistema judiciário, o que não era o caso, Turner o desertara e, pelo que parecia, seu oficial da condicional também. Não havia ninguém ao seu lado.

Não, ele não podia se entregar. Mas, enquanto estivesse fugindo de ser capturado, ele poderia ser morto no meio da rua por alguém com um distintivo, ou até por algum cidadão com mentalidade de justiceiro.

Abrigando-se temporariamente numa galeria de escoamento, ele abriu o celular e apertou o número conhecido, só porque não tinha absolutamente ninguém para quem ligar.

Tocou seis vezes e a secretária eletrônica atendeu.

- Obrigada por ligar para os Miller. Por favor, deixe um recado. - Griff desligou e imediatamente rediscou, mais pelo desejo de ouvir a voz alegre de Ellie do que pela esperança de que sua ligação fosse atendida. Ele ouviu novamente a gravação e ficou imaginando onde o treinador e Ellie poderiam estar tão cedo pela manhã.

Mas, se um deles tivesse atendido, o que ele diria? O que poderia dizer que eles acreditassem?

Ele digitou outro número que gravara na memória. Jason Rich atendeu.

- E aí, Jason, é o Griff. - Ele tentou soar como se nada fora do comum tivesse acontecido. - Eu liguei para pedir desculpas por não ter conseguido ir ao nosso treino de ontem. E parece que também não vou poder ir hoje.

- Por quê?

- Eu fiquei com um problema de estômago. Acho que comi uma comida mexicana que não estava boa. Já vomitei até as tripas.

- Uma pequena pausa, depois: - Seu pai está por aí? Eu gostaria de falar com ele, por favor.

- Você está doente? -É.

- Então, não é verdade o que ele disse?

- Ele quem? E disse o quê?

301

- Aquele policial.

Griff apertou o osso do nariz, com força.

- O nome dele era Rodarte? Um detetive?

- Um homem cheio de cicatriz na cara. Ele veio aqui ontem e falou com meu pai e comigo.

Griff torcera para que Rodarte fosse se esquecer de sua ligação com os Rich, mas o maldito não esquecia nada. Ele tinha feito uma ameaça de machucar Jason. Ontem, ele o interrogara, provavelmente fizera pressão para que o garoto dissesse tudo que sabia sobre Griff Burkett. Ele teria amedrontado o menino. Griff poderia matar o filho da puta, só por isso.

- Ele disse que você - a voz de Jason falhou -, disse que você…

- Jason!

Era a voz de Bolly, vindo do fundo. Aguda e intrusa.

- com quem você está falando? Jason, quem é? Depois, Jason, com uma voz suplicante, disse:

- Pai, ele está…

- Dá esse telefone aqui. - Sons remexidos. Depois, diretamente dentro do ouvido de Griff, Bolly rosnou: - Eu devia deixar de ser trouxa, em vez de confiar em você.

- Bolly, ouça, eu…

- Não, ouça você. A polícia já esteve aqui duas vezes. Minha esposa teve um ataque, principalmente quando esse detetive Rodarte disse a ela o que você fez.

- Bolly…

- Não quero que você ligue pra cá. Não o quero perto de minha família. Eu confiei em você com meu filho. Jesus, quando penso…

- Eu não encostaria a mão no Jason. Você sabe disso.

- Não, matar o marido paraplégico de sua amante é mais a sua linha.

Griff fechou os olhos apertados, tentando bloquear a acusação e a imagem que isso evocava.

- Mantenha Jason longe…

- Nem fale o nome do meu filho.

- Ouça-me!

- Chega de ouvir.

- Não deixe o Jason sozinho com o Rodarte. Não deixe seu filho sozinho. Ponto final. Eu sei o que você pensa de mim…

- Você não sabe nem metade do que penso de você. Espero que esse tal de Rodarte finalmente te pegue. E, quando ele o fizer, espero que te fritem.

Capítulo 28

O ENTERRO de Foster Speakman foi equivalente ao de um chefe de Estado. A Igreja Batista de Prestonwood era o único santuário grande o suficiente para acomodar a multidão, e a congregação afavelmente ofereceu suas dependências para a cerimónia. O auditório ficou abarrotado. As pessoas excedentes foram acomodadas nos prédios anexos, onde um serviço de transmissão fechada foi providenciado.

Os agentes do serviço secreto garantiam a segurança da primeira-dama, que compareceu representando o presidente, que estava fora do país. Vários congressistas também estavam lá. O governador do Texas proferiu o discurso fúnebre. Um clérigo conhecido fez a homilia. Um astro da Broadway, ganhador do Prémio Tony, com quem Foster estudara na escola preparatória, cantou

“Amazing Grace”. Para concluir a cerimónia, o Pai-Nosso foi conduzido pelo mais antigo piloto da SunSouth, sem que restassem olhos secos na igreja.

O cortejo se estendeu por quilómetros.

O acontecimento foi muito bem documentado pela mídia, desde a chegada das autoridades e celebridades à igreja até a multidão se dispersar no cemitério. Grande parte da cobertura dada pela televisão terminava numa imagem pungente, o mesmo quadro que foi capturado por um fotógrafo e publicado no jornal: Laura Speakman de perfil, contrastando com o céu sem nuvens, em pé, sozinha, de cabeça baixa ao lado do caixão do marido.

Enquanto Laura estava ali em pé, ela não percebeu que as câmeras com lentes teleobjetivas a fotografavam ininterruptamente a distância. Na verdade, aquele foi o primeiro momento em que ela se sentiu verdadeiramente sozinha desde a morte de Foster, cinco dias antes.

Conseguir privacidade para seu luto havia sido quase impossível, porque ela estivera cercada de gente. Havia deveres e responsabilidades com as quais só ela, como sua única familiar, poderia lidar. Cumprir esses deveres havia, por necessidade, mantido sua mágoa a uma certa distância, durante o dia.

À noite, quando ela se recolhia ao seu quarto, ainda tinha consciência das outras pessoas dentro de sua casa. Kay se acomodara num dos quartos de hóspedes e Myrna, num outro, ambas se recusando a deixar Laura sozinha para passar a noite. Havia policiais no portão. Outros patrulhavam a propriedade, do lado de dentro do muro.

Consequentemente, ela não se rendera inteiramente à tristeza, nem assimilara completamente que Foster se fora. Não até esse momento silencioso, solitário, quando a realidade desabou sobre ela.

Kay a acompanhara até a funerária para a escolha do caixão. Ela se lembrava de ter ido, de olhar as opções, ouvir o diretor funerário dando recomendações. Mas ela não tinha, de fato, olhado o caixão até agora. Era bonito e simples. Foster o teria aprovado.

Para a cobertura de flores, ela solicitara lírios brancos, uma flor de que ele particularmente gostava, por seu formato simples e sóbrio. Ela esticou a mão e arrumou os botões, passando por entre os dedos, percebendo tanto a textura

macia, quanto o que aquilo significava. Isso era permanente. Foster não ia voltar. Ela jamais o veria novamente. Tinha tantas perguntas a fazer, tantas coisas a dizer, mas ficariam sem ser perguntadas ou respondidas.

- Eu te amei, Foster - ela sussurrou.

Seu coração estava convencido de que ele sabia disso. Ao menos, o antigo Foster soubera o quanto ela o amava. Estranho, mas desde sua morte, quando ela pensava sobre ele, não via o homem na cadeira de rodas se comportando estranhamente, dizendo coisas que a magoavam.

Em vez disso, ela o via como ele fora antes do acidente. Ela via o Foster que fora vital e transbordava energia, com seu corpo forte e vibrante, tanto quanto sua personalidade, seu humor e otimismo contagiando todos com quem tinha contato.

Seu luto era por esse Foster Speakman.

305

Até a hora em que a limusine chegou à mansão, o lugar já estava repleto de pessoas que haviam sido convidadas para comer, beber e compartilhar as lembranças de Foster. Esperava-se que ela fosse ser a anfitriã dessa recepção, mas só a ideia de ter de suportar aquilo a deixava exausta. Laura delegara o planejamento a Kay e Myrna. Na sala de jantar formal, havia um bufê magnânimo. Garçons passavam pela multidão com bandejas de canapés. As pessoas faziam fila no bar. Um músico tocava harpa como som de fundo.

Laura circulou entre os convidados, aceitando suas condolências, chorando com alguns, rindo com outros que contavam anedotas sobre Foster. Durante uma dessas histórias, do canto de seu olho, ela notou que as portas da biblioteca permaneciam fechadas. Ficara sabendo por Kay que a polícia já havia liberado a sala como cena de crime, e ela estava livre para voltar a usá-la. A sra. Dobbins providenciara para que tudo fosse minuciosamente limpo.

No entanto, ninguém se aproximava daquela sala. E ninguém mencionava as circunstâncias da morte de Foster.

O detetive Rodarte era uma lembrança sinistra disso. Ele chegara e se mantivera à margem da aglomeração. Laura tentou fingir que ele não estava ali, mas

constantemente se lembrava dele. De repente, se virava e o via olhando as pessoas com desdém, ou encarando-a com uma concentração enervante.

A casa já estava quase vazia de convidados quando Laura chamou Kay de lado.

- Quero que você convoque uma reunião amanhã às duas horas.

- Que tipo de reunião?

- com o Conselho Executivo e os membros do corpo diretor.

- Laura, certamente você não está pensando em ir ao escritório amanhã! - ela exclamou. - Ninguém espera que você volte imediatamente ao trabalho.

- Foster esperaria - disse ela, com um breve sorriso. - Duas horas. Por favor, Kay - ela acrescentou, quando viu que a assistente ia contestar. - Agora, peça desculpas por mim. Preciso ir lá para cima. Avise-me quando todos já tiverem ido embora.

Meia hora mais tarde, Kay bateu na porta do quarto.

- Sou eu - disse ela, entrando. - Todos já foram, exceto o pessoal do bufê. Eles estão abastecendo as vans e logo irão. - Ela deu uma olhada na mala que estava em cima da cama de Laura. Explique-me novamente, por que motivo você está saindo de sua própria casa?

- O detetive Rodarte acredita que será mais seguro num hotel.

- Mais seguro de quem? Griff Burkett? - Kay zombou. - Ele provavelmente está no México, ou em algum outro lugar a essa altura. Aqui você tem guardas vinte e quatro horas. Ele não conseguiria chegar perto de você, nem se quisesse, e seria louco em tentar.

- Bem, o detetive acredita que ele pode ser louco assim. E Burkett não deixou a área. Ao menos, três dias atrás, ainda estava por aí. Ele foi até a casa de seu advogado no meio da noite. O advogado ligou para a polícia. Burkett conseguiu fugir. Mas a pé. Ela fechou o zíper da mala e a tirou da cama. - O detetive Rodarte acha que ele está desesperado e é perigoso e, até que seja capturado, pode ser uma ameaça à minha segurança.

E, pensou ela, ele teme que eu possa proteger meu amante para que ele não seja capturado. Ele não disse tanto, mas suas insinuações não exigiam muita adivinhação.

- Acho um crime que você esteja sendo forçada a deixar seu lar, particularmente agora, quando precisa de um porto seguro comentou Kay.

Laura olhou para os belos arredores tristemente.

- Na verdade, Kay, eu provavelmente não ficaria mesmo aqui. É uma casa grande demais para uma pessoa só. De qualquer forma, nunca foi minha de verdade.

Ela não explicou a afirmação. Não estava certa se poderia. Ao longo dos últimos dias, percebera que se sentia como uma visitante ali. Uma visitante bem-vinda, mesmo assim, uma visitante. Foster nunca a tratara de tal forma. Na verdade, ele a incentivou a mudar a decoração segundo seu gosto, para tornar o local a sua casa. Mas ela achou que seria inapropriado fazê-lo. A casa tinha sido de sua família por muito mais tempo do que ela fora membro da família. Ele fora a única razão para que ela estivesse ali e sua única ligação com a casa. Sua morte rompera essa ligação.

Além disso, Laura não tinha certeza se conseguiria voltar a entrar na biblioteca algum dia.

Kay pegou sua mala.

- Deixe que eu carrego isso. Você parece prestes a desabar, Comeu alguma coisa?

- Um pouquinho - ela mentiu. Ela havia vomitado o bolinho inglês que se forçara a comer no café da manhã. Quanto à jarra de café que estava na bandeja, ela não podia sequer suportar o cheiro, então, despejara tudo na pia do banheiro. Até agora, ninguém sabia de seu enjoo matinal.

Ela e Kay desceram a vasta escada. Rodarte estava esperando lá embaixo, recostado no pilar entalhado, limpando as unhas com a ponta do canivete que provavelmente estivera usando para apará-las.

- Pronta? - Ele fechou o canivete e o enfiou no bolso da calça, se afastou do corrimão e seguiu rumo à porta da frente. Havia um carro policial esperando perto da entrada.

Quando Laura o viu, ela parou.

- Eu vou dirigindo.

- Tem certeza de que está disposta para isso, sra. Speakman? O Departamento de Polícia de Dalas quer lhe prestar a cortesia de…

- Obrigada, mas prefiro levar meu próprio carro.

- A senhora não precisará dele - argumentou Rodarte. - Será levada para onde quiser ir.

- Está me levando presa, detetive? - Foi o primeiro desafio direto que ela lhe lançou.

- Nada parecido.

- Porque, se essa for a sua intenção, faça isso apropriadamente. Eu quero que meus direitos sejam lidos, depois quero ligar para o meu advogado. - Ela provavelmente já deveria ter procurado ajuda legal, mas fazê-lo teria transparecido culpa. Ao menos, ela temia que Rodarte fosse interpretar assim. Era igualmente possível que, por não ligar para um advogado, ela estivesse caindo direto nas mãos do detetive. A questão do carro era um meio de testar o tipo de “proteção” que ele insistia em lhe dar.

Rodarte olhou para Kay e balançou a cabeça lamentando, como se dissesse que Laura estava ficando histérica e que, diante das circunstâncias, seus nervos frágeis eram compreensíveis. Voltando o olhar para Laura, ele falou como se ela estivesse mentalmente instável.

- Essas medidas são para sua proteção, sra. Speakman.

- Eu vou levar o meu carro - declarou ela, enunciando cada uma das palavras.

Ele tentou encará-la, mas ela não cedeu. Finalmente, ele deu um suspiro teatral e disse para um dos policiais uniformizados que estava perto do carro de patrulha:

- Vá buscar o carro dela.

Laura passou suas chaves ao policial. Ninguém disse nada, até que ele voltou dirigindo o carro. Ele saiu e Laura tomou seu lugar atrás do volante. Antes que ela fechasse a porta, Kay se inclinou.

- vou terminar aqui e ajudar a sra. Dobbins a trancar tudo. Depois disso, você pode me encontrar em casa. - Ela olhou o rosto de Laura, parecendo preocupada com o que viu. - Peça alguma coisa do serviço de quarto. Tome um banho demorado. Prometa-me que vai descansar um pouco.

- Eu prometo. Não se esqueça de agendar a reunião. Você deve ligar para todos essa noite.

- Farei isso.

Laura fechou a porta do carro e esticou a mão para pegar o cinto de segurança.

Rodarte abriu a porta do carona e entrou. Sorrindo, ele disse:

- Achei que poderia querer companhia.

Certamente, não a sua, pensou ela. Mas Laura não disse nada e ligou o carro, dirigiu descendo o longo trajeto da entrada da garagem e passou pelo portão. Um carro de patrulha que estava estacionado na rua saiu na sua frente. Cárter, parceiro de Rodarte, estava dirigindo o sedan verde, colado em seu parachoque traseiro. O outro carro de patrulha o seguia.

Ela reclamou da escolta policial.

- Nós parecemos um cortejo.

Rodarte mal limpou a garganta e abriu o celular, informando à pessoa para quem ligou que eles estavam a caminho.

O destino acabou sendo um hotel de luxo, no centro da cidade, onde ele a registrara sob outro nome. Acompanhado por Cárter e dois policiais uniformizados, eles entraram pela entrada de serviço e usaram o elevador de serviço para chegar ao último andar.

- Tem o andar inteiro - Rodarte disse a ela, quando saíram do elevador. Dois policiais esperavam do lado de fora de um quarto,

ao final de um longo corredor. Rodarte destrancou a porta do quarto e a acompanhou ao lado de dentro. Cárter continuou do lado de fora.

Era um quarto bem instalado e espaçoso. Rodarte colocou sua mala em cima de uma prateleira dentro do armário, enfiou a cabeça no banheiro, verificou a vista de Dalas pelas janelas amplas, depois deixou que as cortinas esvoaçantes caíssem de volta no lugar.

- Espero que fique confortável aqui.

- É muito bom.

- Haverá um policial posicionado do lado de fora de sua porta, independentemente de estar ou não no quarto. Outro ficará no final do corredor, de onde poderá monitorar a escada e ambos os elevadores. Eles terão contato via rádio com os guardas localizados lá embaixo, dentro e fora do prédio.

- Toda essa precaução é necessária?

- Eu quero ter certeza de que ninguém irá entrar. E de que eu não vou sair.

Como se tivesse adivinhado seu pensamento, ele estendeu a mão.

- Poderia me dar as chaves de seu carro, por favor?

- Para quê?

- Segurança. Nós também vamos ficar vigiando seu carro. Apesar de tudo que ele dissera, esse quarto era essencialmente

uma cela. Até que ele estivesse convencido de que Burkett agira sozinho na morte de seu marido, ela continuaria como suspeita e, aparentemente, bem trancafiada.

Ela cruzou os braços sobre o peito, fazendo pose.

- Eu ficaria muito interessada em saber o que meu advogado teria a dizer sobre sua autoridade para confiscar as chaves do meu carro.

Ele sorriu e abriu os braços, gesticulando na direção do criado mudo.

- Ali está o telefone.

O sorriso malicioso que ele exibia, junto com a expressão desafiadora, mostravam que sabia que ela estava blefando.

- E se eu precisar ir a algum lugar?

- Oh, eu vou deixar as chaves com o policial do lado de fora de sua porta, bem aqui. Se precisar ir a algum lugar, apenas peça-as a ele. Ele vai liberar sua saída com os policiais lá embaixo. Será acompanhada em seu carro, ou seguida. - Ele a tocou no braço, com as costas dos dedos, quase como um carinho. - Sua segurança é nossa prioridade.

Ela afastou o braço de seu toque, que fez sua pele se arrepiar.

- Eu me sinto protegida.

- Que bom.

Ela esperava que agora ele fosse partir. Em vez disso, Rodarte se sentou na beirada da cama. Ela continuou em pé.

Ele sorriu, como se soubesse o quanto ela se sentia repugnada pelo fato de ele estar sentado na cama onde ela ia dormir. Depois, seu sorriso sumiu e ele franziu o rosto.

- Tem estado tão ocupada com todas as providências do enterro que eu não quis incomodá-la com a investigação. Mas, só para atualizá-la, não há qualquer traço de Manuelo Ruiz. Nem pista sequer.

- Lamento ouvir isso - disse ela sinceramente. - Eu gostaria de saber o que Manuelo sabe sobre aquela noite.

- Acho que jamais saberemos o que ele viu e ouviu. Acho que Burkett se assegurou disso.

Laura se afastou e seguiu em direção à janela. As luzes começavam a se acender no céu noturno. Havia um tráfego pesado na rodovia em ambas as direções. As pessoas estavam cuidando da vida. Saindo para jantar. Indo a jogos de baseball. Fazendo hambúrgueres na brasa no quintal, com amigos. Ela invejou essa normalidade. Isso faltara em sua vida desde a noite do acidente de carro.

Aquela colisão fatal foi o principal acontecimento em sua vida, até mais do que ela podia imaginar à época. Se não fosse por isso, Foster e ela poderiam estar indo ao cinema essa noite. Eles poderiam ter concebido um filho de forma natural, pelo amor que tinham um pelo outro. Não teria havido necessidade de métodos alternativos. Eles não teriam conhecido Griff Burkett. Ele não seria um fugitivo, Foster estaria vivo e ela não estaria desejando que esse detetive asqueroso fosse embora e a deixasse em paz.

- Até agora, eu consegui manter seu caso com Burkett fora da imprensa.

311

Ela não o ouvira se aproximar por trás. Ele estava em pé, tão perto que ela podia sentir o cheiro de sua colónia pós-barba e também seu hálito úmido na parte de trás de seu pescoço.

- Mas eu não sei por quanto tempo poderei manter isso embaixo dos panos, Laura.

Era algo inapropriado e nada profissional para ele chamá-la por seu primeiro nome. No entanto, corrigi-lo só chamaria mais atenção ao fato, e ela preferia parecer indiferente. Rodarte a queria nervosa e inquieta, até com medo dele. Dessa forma, ela deixou passar e continuou de costas para ele.

- Os repórteres querem saber que tipo de negócio Burkett e seu marido… falecido marido… tinham um com o outro. Qual foi o motivo de Burkett para matá-lo? É isso que estão ávidos por descobrirem.

“Agora, estritamente para lhe prestar um favor - disse ele, baixando a voz a um volume quase íntimo -, eu não revelei isso, nem agi como se soubesse o que poderia ter se apossado de Burkett para que ele fizesse algo tão terrível. Mas, quando ele for pego, bem, serão outros quinhentos. Quando for indiciado, esse troço vai explodir mais do que já aconteceu até agora. Não terei como ocultar seu adultério.”

Essa palavra a fez se virar. Incapaz, porém, de conseguir permanecer tão perto dele, cara a cara, ela se afastou.

- Estou preparada para isso.

- É mesmo? Tem certeza de que está preparada para a surra que vai levar? Agora, está sendo considerada uma figura trágica, a viúva desolada de uma vítima de assassinato. A mídia está delicada em relação aos seus sentimentos, a trata cheia de rodeios. Mas eu nem preciso lhe dizer o quão sórdidos os repórteres podem ser, principalmente quando se sentem traídos. Eles podem se voltar contra você. - Ele estalou os dedos ruidosamente. - De repente. Você irá precisar de proteção desse escárnio.

- Agradeço sua preocupação.

- Alguém que possa apoiá-la para diminuir o impacto.

- Obrigada.

- Você ficará contente por eu estar tão perto. Protegendo-a como um… - Ele esperou um segundo, depois disse: - Irmão.

Ela estremeceu por dentro.

- Estou muito cansada. Se não houver mais nada…

- As chaves do carro?

Ela pegou as chaves na bolsa e relutantemente as entregou, tomando o cuidado de não o tocar.

- Obrigado. - Ele jogou as chaves ao alto e pegou na palma da mão, presunçoso por estar de posse delas. - Peça o que quiser do serviço de quarto. O Departamento de Polícia de Dalas cuidará das despesas.

- Por quanto tempo vai me ofertar essa hospitalidade?

- Até que Burkett seja detido.

- Isso pode demorar um tempo. Ele sorriu.

- Acho que não. Porém, até lá, será nossa convidada, seja lá quando for. Enquanto isso, não se preocupe. Ele não pode chegar perto de você. - Deixando o recado claro, ele foi até a porta e colocou a mão sobre a maçaneta. - Se precisar de alguma coisa, pode me telefonar. A qualquer hora. - Ele deu uma olhada para a cama atrás dela, depois voltou a olhá-la e sorriu. - bom soninho.

Capítulo 29

ASSIM que Rodarte saiu pela porta, Laura passou a tranca. Ela o ouviu confabulando com Cárter e o policial do lado de fora, depois a campainha anunciando que o elevador havia chegado.

Mas, mesmo depois de saber que ele já fora embora, ela ficou ali, com os braços ao redor de si mesma. Pediria à governança que trouxesse uma lata de vaporizador ambiente, para que pudesse tirar o cheiro dele do quarto. Mais tarde. Ela não tinha forças para falar com ninguém naquele momento. Estava exausta de falar.

Laura abriu o zíper da mala e começou a desfazê-la. Na metade do caminho, contudo, ficou sem energia. Até a vontade de se mexer a abandonara. Ela se deitou na cama. As lágrimas vieram facilmente. Corriam dos cantos dos olhos fechados, escorrendo pelas têmporas para dentro de seus cabelos.

Da mesma forma como ocorrera quando Griff Burkett limpara suas lágrimas, no dia em que tudo mudou, no dia - enfrente isso, Laura - em que ele voltara a despertar sentimentos e sensações que ela não experimentava havia muito tempo. Ela disse a si mesma que não sentia falta, que não tinha vontade. Que tolice de sua parte. Como estava errada.

Mas, naquela tarde, ela estava particularmente suscetível à sensibilidade. A indiferença de Foster à sua proposta da SunSouth Select a magoara profundamente. Aquilo tinha sido pior do que ser rejeitada diretamente. Ele simplesmente nunca mais voltou a tocar no assunto. Agia como se ela nem tivesse feito a apresentação. Ele matou o projeto com sua apatia, o abafou com seu silêncio.

Naquela tarde, pouco antes de sair para encontrar Burkett, ela havia ido ao escritório de Foster procurar alguma coisa. O que encontrou foi o relatório que

levara centenas de horas preparando.

Ele estava no cesto de papel, junto com os pedaços do modelo do avião. Foster havia desmontado e jogado cada componente no lixo.

Até Griff Burkett perguntara a ela sobre o modelo. Ele, um estranho, sem o menor interesse na indústria aeronáutica, tinha ficado mais curioso do que Foster.

Ver o modelo destruído a devastou. Isso representava a morte de sua ideia. Embora fosse quase certo que ovularia naquele dia, ela deveria ter ligado para Griff Burkett e cancelado o compromisso. Estava emocionalmente frágil demais para ir, mas ela foi, sem querer explicar a Foster por que teria pulado um ciclo e desperdiçado a oportunidade de fazer um bebé para ele.

Enquanto estava deitada embaixo do lençol, esperando que o garanhão contratado entrasse no quarto, ela se sentiu como um sacrifício sobre um altar. E lhe ocorreu que isso era precisamente o que ela era, um sacrifício no altar do ego de Foster. Ela estava chorando por causa disso, quando Griff entrou no quarto.

Nenhum dos dois havia esperado o que aconteceu a seguir. Ela estava certa de que Griff não tinha nenhuma intenção, tanto quanto ela. Na verdade, suas lágrimas o deixaram zangado a princípio.

Depois, com uma delicadeza surpreendente, ele as limpou. Seu carinho abrandou a mágoa da rejeição de Foster. Instintivamente, ela se agarrou àquilo, com uma necessidade desesperada de compreensão e afeto. Griff reagira a isso da forma como a maioria dos homens teria feito sexualmente.

Ela nunca se encontrara com ele naquela casa buscando satisfação sexual. Bem ao contrário. Lutara contra essa ideia. Passava seus dias e suas noites dizendo a si mesma que ela não se sentia privada, que a satisfação vinha de outros aspectos de sua vida com Foster, que ela não sentia falta do peso de um homem sobre ela.

Mas o fato de senti-lo se enrijecendo dentro dela havia sido uma experiência poderosa e erótica. Ela foi tomada por um desejo muito agudo. Não seria natural, até compreensível, que seu corpo reagisse a isso quase sem que ela quisesse, que ela se rendesse?

Laura quase podia justificar o que havia se passado entre eles naquele dia.

Mas como poderia justificar a tarde de quatro semanas depois? Ela não podia. O que eles fizeram havia sido errado e acabou se tornando uma calamidade.

315

Agora ela pressionava a mão junto ao baixo ventre e chorava pelo filho que jamais conheceria o pai. Nenhum deles.

No dia seguinte, Laura presidiu a reunião que solicitara. Todos os chefes de departamento estavam lá, assim como os membros do corpo diretor.

Ela foi direto ao assunto.

- Não vou prendê-los aos termos do testamento de Foster, que me designa automaticamente a presidente. Foster escreveu o documento para evitar deixar a companhia aérea sem um executivo específico, no caso de sua morte súbita. Vocês sabem que ele detestava deixar qualquer coisa ao acaso. No entanto, ele também administrava essa corporação como uma democracia. Eu pretendo levar essa tradição adiante.

Ela pegou o copo dágua e tomou um gole.

- A forma como Foster morreu resultará num julgamento. Se não um julgamento, então ao menos um processo formal, com implicações legais que não podem ser evitadas. De uma forma ou de outra, vou precisar passar por isso, incerta de como e quando tudo estará resolvido. Quero prepará-los para fatos desagradáveis. Alegações serão feitas e eu terei que responder a elas publicamente.

“Haverá uma discussão com a mídia. Espero poder proteger a SunSouth do pior, mas o nome de Foster e o meu são sinónimos da companhia. Apelo por sua compreensão. Se alguém da mídia solicitar um comentário, por favor peçam que se dirijam ao nosso departamento jurídico. Independentemente do quão inofensivo o repórter possa parecer, por favor não respondam a nenhuma pergunta, nem façam qualquer afirmação ou especulação. Qualquer coisa que vocês disserem poderá ser usada fora de contexto.”

- Que tipo de coisas desagradáveis você prevê? - alguém perguntou.

- A natureza do relacionamento que tínhamos com Griff Burkett pode ser

questionada. Eu confesso que foi intensamente pessoal e particular. - Um silêncio desconcertante pairou na sala. Todos focavam em algo que não fosse ela.

Como ninguém falava, ela continuou.

- Isso me leva ao ponto seguinte. Se, a qualquer momento, vocês me julgarem inapropriada ou incapaz de prosseguir com minhas responsabilidades em relação à SunSouth e seus funcionários, se não quiserem que eu represente a companhia como presidente, nem em qualquer outra função, peçam minha demissão e eu a entregarei imediatamente, sem argumentar. Quero que todos vocês compreendam isso.

Finalmente, Joe McDonald ergueu a mão.

- Eu sou designado como porta-voz dessa reunião.

- Está certo. - Ela se preparou. Talvez eles já tivessem decidido que uma mulher, cujo marido morrera sob circunstâncias inexplicáveis e violentas, que estava envolvida com um ex-jogador de futebol criminoso, não seria adequada para ser presidente.

- Nós discutimos isso antecipadamente à reunião - Joe disse a ela. - E todos somos unânimes que você deve continuar em sua atual posição como presidente.

- Fico muito satisfeita em ouvir isso - disse ela, se esforçando para manter as emoções sob controle. - Eu detestaria perder meu marido e meu emprego na mesma semana. Mas o que eu disse a vocês continua valendo. O sucesso contínuo da SunSouth tem de ser sua prioridade. Se algum dia vocês acharem que o futuro da companhia está em risco, é seu dever me substituir.

- É nosso dever apoiar nossa líder - disse Joe. Vários outros disseram: - Apoiado! - Joe prosseguiu. - Estamos ao seu lado, Laura. Confiamos totalmente em sua integridade, assim como em sua habilidade para administrar essa companhia aérea.

- Obrigada. - Ela piscou para afastar as lágrimas. - Agora, com esse assunto resolvido, vamos falar sobre a Select. - Houve rumores de surpresas. - Ainda há cópias do resumo circulando? - ela perguntou a Joe.

- Eu recolhi todas. Você me disse que, por enquanto, a Select ficaria engavetada.

- O por enquanto passou. Eu a estou oficialmente desengavetando.

Foi um dia exaustivo, mas recompensador. Ela conseguiu realizar muita coisa. A reapresentação da SunSouth Select foi recebida com

o entusiasmo que ela esperava. Muitos a elogiaram por seguir adiante e focar no futuro, em vez de parar na infelicidade do passado.

Em seguida àquela reunião, Laura teve uma conferência com o sócio majoritário do escritório de advocacia que cuidava dos assuntos de Foster. Por consideração a ela, o respeitável cavalheiro veio até seu escritório. Eles falaram sobre o testamento de Foster, os vários legados que ele fez a grupos de caridade e, especificamente, à fundação nomeada segundo Elaine.

- Eu gostaria de entregar a doação pessoalmente - Laura disse a ele. - Como sabe, a fundação era muito estimada para Foster. Na verdade, quando a casa for vendida, eu quero que o dinheiro seja todo destinado para lá.

- Vendida?

Ele ficou surpreso por ela desejar vender a propriedade e tentou dissuadi-la de uma decisão tão radical, numa época em que suas emoções estavam tão sensíveis.

Ela se manteve firme.

- Isso não é uma decisão precipitada. Eu tive dois anos para pensar a respeito. Se Foster não tivesse sobrevivido àquele acidente de carro, eu teria colocado a propriedade no mercado já naquela época. Não há mais nenhum Speakman vivo. Eu não quero viver lá sozinha, e é magnífica para permanecer vazia. Isso seria um desperdício. Portanto, por favor, tome as providências necessárias. Quero que a venda seja conduzida da forma mais discreta possível, sem alarde, sem mídia. Essas condições devem ser especificadas no contrato com o corretor.

- Entendido - disse o advogado.

Por direito, seu futuro bebé era herdeiro daquela propriedade. Mas ela não conseguia se ver criando um filho em meio àqueles cómodos vastos, formais. A criança nunca sentiria falta de algo que não conheceu. Sem dúvida, o advogado argumentaria da injustiça de sua decisão, mas ela não disse a ele que estava grávida.

Ele, assim como todo o pessoal da SunSouth, precisava de tempo para absorver o choque da morte de Foster, antes que fossem chocados ainda mais pelo fato de que ele tinha um herdeiro. Ela própria precisava de tempo para absorver isso.

Exceto pelo carro da polícia que a estava seguindo de volta ao hotel, ela se sentia mais em paz desde que Foster morrera. Ela não estava animada, de forma alguma, mas tinha uma sensação de satisfação por ter suportado o dia sem sucumbir à tristeza que a mantivera inerte na noite anterior.

O policial junto à porta de seu quarto não se esqueceu de pedir as chaves. Ela as entregou franzindo o rosto, o que ele fingiu não ver. Enquanto dava um gole numa Coca do frigobar, ela assistia ao noticiário das seis. A caçada a Griff Burkett ainda era a história principal.

Rodarte estava no ar, falando sobre possíveis pistas, mas Laura não acreditava nele e o repórter que o entrevistava também parecia cético. Quando perguntado sobre Manuelo Ruiz, ele parou estrategicamente, depois disse:

- Receio especular sobre o destino do sr. Ruiz, embora continuemos esperançosos de que ele seja encontrado ileso. - Ele conseguiu dar a entender o que não disse.

Ela desligou a TV e tomou um banho. Deu uma olhada no cardápio do serviço de quarto, porque, apesar de uma ligeira náusea, estava com fome. E ficou pensando como podia ser isso. Nada parecia apetitoso, mas ela pediu um misto quente e puré de batatas, em vez de batatas fritas. Ao menos, as batatas e a torrada poderiam ficar em seu estômago.

A comida chegou. O policial assinou a nota e, rabugento, acrescentou cinco dólares de gorjeta, que ela insistiu para que ele desse ao garçom. Ela levou a bandeja até a cama e, enquanto beliscava a comida, começou a fazer uma lista dos pertences de Foster que ela queria dar a pessoas que haviam sido especiais para ele. Havia itens em seu escritório, na casa e, principalmente, na biblioteca, que ela sabia que ele certamente gostaria que determinados indivíduos

recebessem.

Feito isso, ela começou a escrever agradecimentos. Kay já tinha começado essa tarefa, mas Laura achava que seria apropriado que ela escrevesse pessoalmente alguns bilhetes de agradecimento.

O policial bateu ruidosamente na porta, assustando-a.

- Sra. Speakman? A senhora está bem?

Deixando os cartões de agradecimento de lado, ela se levantou, foi até a porta e olhou pelo olho mágico. Ele quase preenchia o ângulo de visão, de costas para a porta, braços estendidos abertos na lateral do corpo, como se estivesse barrando a entrada.

319

- Estou bem, policial.

- bom. Fique aí dentro.

- O que houve?

- Não abra a porta.

Ela tirou a corrente, destrancou a fechadura e abriu a porta.

O policial se virou e a empurrou de volta para dentro do quarto. Ele chutou a porta com o tornozelo, ao mesmo tempo que a encostou à parede.

- Nunca conheci uma mulher que ficasse quieta quando alguém lhe diz para ficar.

Era Griff Burkett.

320

Capítulo 30

ME SOLTA! - Ela tentou empurrá-lo. Ele segurou com mais força em seus ombros, o que a fez relutar ainda mais.

- Pare com isso! - disse ele.

- Então, me solta.

- Sem chance.

Ela parou de resistir, mas seus olhos atiravam punhais.

- Como foi que você passou pelos guardas?

- Eles estão na escada. Um deles está sem quepe, camisa e perdeu o cinto com a arma - disse ele, acenando a cabeça para si mesmo. As mangas da camisa estavam muito curtas, os botões abriam sobre o peito e o tecido repuxava nos ombros, o que não o deixaria passar por uma inspeção, mas enganou Laura o suficiente para fazê-la abrir a porta. Ele esperava que fosse enganar qualquer um que o visse acompanhando-a ao sair do prédio.

- Não bati neles com força. Não vão ficar apagados por muito tempo. Preciso tirá-la daqui antes que alguém perceba que os guardas não estão em seus postos. - Ele a puxou da parede. - Vista alguma coisa.

Ela fincou o calcanhar no chão e tentou se soltar dele.

- Vão ouvir meus gritos no térreo desse prédio antes que eu vá a qualquer lugar com você.

Ele a pegou novamente pelos ombros.

- Eu não matei seu marido, Laura.

Ela fechou os olhos e sacudiu a cabeça, se recusando a ouvir.

- Ouça: Manuelo Ruiz apunhalou Foster, não eu.

Os olhos dela se abriram. Ela o olhou de boca aberta.

- Manuelo jamais… ?

- Foi ele. E eu vou lhe dar todos os detalhes do que aconteceu naquela noite.

Mais tarde. Nesse momento, nós vamos sair daqui. Agora, que droga, vista uma roupa. - Ele disse isso num tom de ameaça, se aproveitando do medo evidente que ela sentia. Mais tarde ia se redimir, mas agora não tinha tempo para gentilezas.

Friamente, ela disse:

- Eu não posso me vestir enquanto você estiver me segurando.

Lentamente, ele tirou as mãos dos ombros dela, mas ficou alerta, caso ela tentasse seguir para a porta. Ela o contornou e foi em direção à cómoda. Tirou várias peças de roupa de uma gaveta, olhou-as, depois as trocou por outras.

Impacientemente, ele arrancou as peças da mão dela e a jogou sobre a cama, depois arrancou o cinto de seu robe, desamarrando.

- Vista isso e ande logo. - Ela se virou de costas e deixou o robe cair no chão. Ela estava nua. Ele estava correndo pela própria vida, mas foi uma visão que momentaneamente o fez parar de pensar em qualquer outra coisa. Ela vestiu a calcinha e passou uma camiseta por cima da cabeça, depois seguiu em direção à porta. Ele a agarrou pelo braço.

- Tenho um moletom no armário.

O armário ficava ao lado da porta. Ele foi até ele, deslizou a porta e olhou as roupas.

- Aquele - disse ela.

- Esse? - Ela concordou. Ele tirou o moletom do cabide e o jogou para ela. - Anda.

Ela enfiou as pernas nas calças e as puxou.

- Se você me forçar a ir com você…

- Eu não tenho escolha.

- Claro que tem!

- Sapato. - Ele pegou um par de ténis do armário e o jogou aos pés dela.

- Vai acrescentar rapto à sua lista de crimes.

Ele a ajudou a se equilibrar, enquanto ela enfiava os pés nos ténis.

- Onde está sua bolsa?

- Griff, eu imploro.

- Você vai vestir o casaco? Ela o vestiu.

- Rodarte…

- Vai checar com esses caras a qualquer minuto.

- Isso mesmo. Você nunca vai conseguir sair desse hotel. Ele também tem guardas posicionados lá embaixo. Eles estão com as chaves do meu carro.

Ele tirou as chaves do bolso da calça e as sacudiu para ela.

- Você vai sair daqui andando, Laura. Você e seu policial acompanhante. Se alguém lhe disser algo, diga que precisa de algumas coisas da loja, que está com vontade de comer no Taco Bell, que sua avó está doente. Não me interessa a desculpa que você vai dar, apenas faça com que acreditem.

Ela o olhou de cima a baixo.

- Apesar do disfarce, não acha que vão reconhecê-lo?

- Para sua própria segurança, é bom você torcer para que não. Ela deu uma olhada para o coldre no quadril dele. Em vez de

amedrontá-la, ele a fez se sentir mais ousada. Fazendo uma pose, ela cruzou os braços e o olhou:

- Você não me machucaria. Eu sei que não. -Acha que não?

Ela sacudiu a cabeça lentamente.

Ele se aproximou e baixou o rosto, ficando apenas a alguns centímetros de

distância do dela.

- Eu não vou voltar para a cadeia. Se eu for pego, acabaram as apostas. vou dizer ao mundo inteiro que o pau de Foster Speakman não levantava. Ele não era mais homem, o casamento era uma farsa e, para ter um filho, ele me contratou para trepar com sua esposa. O rosto dela ficou pasmo de assombro.

- É - disse Griff -, pense nisso. Eu vi as fotografias do enterro, assisti às histórias sobre tudo na televisão, vi você linda ao lado do túmulo. Li o obituário e ouvi os políticos fazendo seus louvores. Todos o achavam uma maravilha, não é? Que opinião você acha que terão de Foster, o grande, quando eu lhes disser que ele me pagou para bancar o garanhão para ele?

“E não se esqueça de que, para provar, eu tenho cem mil no banco, com o nome dele no cartão de assinatura.” Ele a pegou pelo braço com seus dedos fortes, de forma que ela não teria como se soltar, e a empurrou em direção à porta. “Agora vamos.”

- E aí, Thomas?

323

Griff deu uma parada e Laura parou com ele. O som vinha do plug de ouvido que ele enfiara na orelha depois de colocar o uniforme do policial. Thomas estava sendo chamado por um de seus colegas lá de baixo. Lançando um olhar de alerta para Laura, Griff ligou o transmissor preso ao ombro da camisa.

- Prossiga - ele murmurou.

- Onde está Lane?

- No elevador, com a sra. Speakman - ele sussurrou, como se não quisesse ser ouvido. - Ele está levando a majestade lá para baixo.

- Pra quê?

- Ela quer comer alguma coisa na rua.

- Enjoada da comida do serviço de quarto? Griff resmungou uma resposta casual.

- É, está levando uma vida dura - o policial disse, de forma sarcástica. - Mesmo com Lane indo junto, Rodarte não vai gostar de saber que ela saiu depois de escurecer.

- Então, Rodarte pode vir pra cá ficar de babá. O outro policial riu.

- Entendido. - Ele desligou.

Griff olhou pelo olho mágico, depois abriu a porta e verificou o corredor. Ele puxou Laura e correu até o elevador de serviço. Ele colocara um carrinho para prender a porta e mantê-lo ali. Quando eles estavam do lado de dentro, ele arrastou o carrinho e apertou o botão para o térreo.

- Onde está seu carro? - perguntou ele.

- No estacionamento de funcionários.

- Ao sairmos do prédio, para que lado?

- À direita.

- Que distância?

- Razoavelmente perto. - Os olhos dele perfuravam os dela, exigindo mais informação. - A alguns passos da entrada. Mas nós nunca conseguiremos passar pelo guarda daquela porta.

- Ele está tirando um cochilo.

O policial ainda estava desmaiado, no mesmo local onde Griff o havia deixado, atrás da caçamba de lixo, fora de vista de qualquer funcionário do hotel que pudesse usar aquela entrada. Griff chegara vestindo um conjunto azulmarinho, carregando uma pilha de caixas vazias. O truque funcionara tempo suficiente para que ele conseguisse se aproximar do policial e nocauteá-lo.

O policial no último andar, que vigiava a escada e o elevador de serviço, reagira com surpresa quando as portas do elevador se abriram e Griff saiu.

- Ei, você deve pedir permissão para subir antes… - Griff atirou as caixas nele, depois o socou.

Ouvindo a comoção, o guarda que estava na porta de Laura veio correndo. Ele fez a curva e foi atingido na cabeça com a coronha da arma do colega. Dos dois, ele era o maior. Griff rapidamente tirou a camisa de seu uniforme, o quepe e o cinto com a arma.

Algemara um ao outro com as mãos nas costas e passara fita isolante sobre suas bocas. Mesmo quando recobrassem a consciência, eles fariam sons esquisitos como um animal de quatro patas e teriam dificuldades de sair da escada e causar alarme.

Ele era culpado pelo ataque a três policiais. Essa era a menor de suas preocupações.

Sabia que havia outro policial posicionado no canto do estacionamento. Estava escuro o suficiente, e Griff esperava que, com a distância, o guarda só visse a camisa do uniforme e o confundisse com Lane. Conforme ele e Laura surgiram da entrada de serviço, Griff ficou com o rosto desviado, mas ergueu o braço e acenou. O policial acenou de volta.

Laura o conduziu até a BMW Ele destrancou o lado do motorista. Pensando na buzina, ele disse:

- Lembre-se do que eu lhe falei lá em cima. Se quiser manter a reputação de seu falecido marido, não vai querer que eu seja pego.

Ele fechou a porta e rapidamente caminhou até o lado do carona. Já do lado de dentro, ele colocou a chave na ignição e ligou o motor.

- Pegue a via expressa até Oak Lawn. Saia e siga ao norte, até chegar a Preston.

Ela o olhou, surpresa.

- Isso mesmo, Laura. Nós vamos para sua casa.

Passar pelo policial que estava junto ao portão seria a próxima Parte complicada. Enquanto Laura dirigia, Griff formulou um Plano.

- Você não vai se dar bem com isso - disse ela.

- Até agora eu me dei, não foi?

- Os policiais de cinco estados estão à sua procura.

- Mas não me encontraram.

- Onde ficou se escondendo? Ele não respondeu.

- Quando chegarmos à sua casa, certifique-se de estar de faróis altos. Encoste o carro para que o foco do farol reflita diretamente sobre o parabrisa do carro de patrulha, que está estacionado na frente do portão.

- Você tem certeza de que o portão ainda está sendo vigiado?

- Tenho.

- Como soube onde me encontrar?

- Segui Rodarte.

Ela o olhou, estarrecida.

- Você andou seguindo Rodarte? Como?

- Qual é o código do seu portão?

Ela virou a cabeça para a estrada e as mãos apertaram mais o volante.

- Não consigo pensar numa única razão para lhe dizer isso.

- Consegue pensar num motivo para que seu marido tivesse meio milhão de dólares, em dinheiro, na sua casa, naquela noite, caprichosamente empilhados numa caixa?

- Eu expliquei a Rodarte. - Falando e parando nervosamente, ela contou a Griff sobre a prática que Foster tinha de dar gorjetas generosas.

- Meio milhão de dólares? - disse Griff, rindo. - Ninguém é tão generoso assim.

- Rodarte acreditou em mim.

- Eu duvido. De qualquer forma, eu posso fazer um estardalhaço, contrariando essa explicação. Ou… - ele parou para dar ênfase - você pode me dar o código do portão. - Ela deu o código, depois ele lhe disse como seria o procedimento quando chegassem a casa.

Conforme instruído, quando embicou o carro na entrada da garagem privativa, ela encostou com os faróis altos acesos voltados diretamente para o carro de patrulha. Griff abriu a porta do carona. Antes de sair, ele disse:

- Eu posso destruir a reputação de Foster, lembre-se disso.

Ele saiu do carro deixando a porta aberta e caminhou em direção ao teclado da coluna próxima ao portão.

O policial saiu do carro de patrulha e se aproximava dele com a mão erguida, protegendo os olhos dos faróis de Laura. Griff continuou andando, perguntando por cima do ombro:

- Como vão as coisas por aqui? Tudo calmo?

- Sim. O que houve?

- Policial? - Laura o chamou.

O guarda se virou na direção dela. Griff chegou à coluna, digitou a sequência de números que ela lhe dera, aflito, até que os portões duplos começaram a se abrir.

- Está tudo bem por aqui? - Laura descera e estava em pé junto à porta aberta do carro, falando com o policial.

- Sim, senhora.

- Essa segurança adicional é completamente desnecessária.

- É melhor garantir, senhora.

- Preciso pegar algumas coisas da casa. Não devo demorar.

A essa altura, Griff já estava de volta ao carro, sentado no banco do carona. Ela se abaixou, falando com ele.

- Não precisa entrar comigo - disse ela, seguindo o script que ele lhe dera. - Na verdade, prefiro que não entre. Estarei perfeitamente segura dentro de minha própria casa.

- Devo ficar com a senhora. São ordens de Rodarte - disse ele, certificando-se de que o policial ouvisse.

Ela bufou como se estivesse irritada e olhou para o oficial.

- Poderia, por favor, tirar o carro antes que o portão feche?

Ele rapidamente voltou ao carro de patrulha e o ligou, chegando à frente o suficiente para desimpedir o portão. Laura entrou dirigindo.

Griff não começou a respirar até que o portão se fechou, automaticamente, atrás deles. Mas, se aquele policial tivesse o mínimo de astúcia, verificaria com Rodarte para ver se a visita de Laura à casa havia sido aprovada. Ou logo estaria recebendo uma ligação do hotel, dizendo que a sra. Speakman havia sido raptada. Griff esperava entrar e sair antes que qualquer dessas coisas acontecesse.

- Entre pela porta da frente onde possam nos ver.

Ela seguiu pela entrada de carros e estacionou bem em frente à casa. Griff desceu e se aproximou da entrada principal da mansão,

olhou ao redor, interpretou o papel de guarda-costas, caso eles estivessem sendo observados. Laura usou a chave e abriu a porta da frente. O alarme começou a apitar. Ela não fez qualquer movimento para o teclado digital. Griff disse:

- A casa na rua Windsor se transformaria numa atração turística. Ela entendeu o alerta e apertou o código que silenciou o alarme.

- Luzes?

Ela tocou num interruptor que pareceu acender todas as luzes da casa.

- Chique - disse ele, impressionado.

- E agora?

- Agora vamos até a garagem. Especificamente, ao apartamento de Manuelo Ruiz sobre a garagem.

Ela o olhou com incredulidade.

- Todo esse esquema é pra isso?

- É pra isso. Como se chega até a garagem?

Parecendo desistir de discutir, ela se virou e caminhou pelo hall. Ele a seguiu, aliviado por ela estar conduzindo o caminho na direção oposta à biblioteca.

A cozinha era três vezes maior do que a casa onde Griff crescera.

No lado mais distante, havia uma porta. Laura caminhou em direção a ela.

- Espere - disse ele. - Isso dá no lado de fora?

- Na área de serviço, depois do lado de fora.

- A porta externa é visível do portão da frente?

- Não.

Griff a contornou, abriu a porta e viu a área de serviço, que merecia um nome melhor que esse. Ele abriu a porta externa e olhou do lado de fora. Já não havia mais policiais patrulhando as dependências da propriedade. Eles haviam sido retirados quando Rodarte transferiu Laura para o hotel na noite anterior. Griff estivera observando e ele sabia.

No entanto, ele se sentia exposto quando seguiu com Laura para atravessar até a garagem destacada. Laura indicou uma porta na lateral da edificação.

- O apartamento de Manuelo é passando por aquela porta e subindo a escada, mas você não vai encontrálo lá.

- Não espero encontrar.

Havia um teclado na parede adjacente à porta.

- Outra porcaria de código? - Griff gesticulou para o controle impacientemente, e Laura digitou a sequência de números. A porta se abriu com um clique metálico. Eles entraram. Griff puxou a porta, fechando-a e ouviu a tranca prender.

- Nada de luzes - disse ele, sentindo que ela estava apalpando a parede em busca do interruptor. - Você veio buscar coisas na casa, não na garagem. As luzes ficam apagadas.

Ele pegou uma pequena lanterna do cinto de policial e acendeu. Apontou o facho de luz para os pés deles, mas podia vê-la na luz ambiente.

- Laura, realmente há um bebé?

A JULGAR pela expressão em seu rosto, a pergunta a pegara completamente desprevenida. Laura o encarou por vários segundos, depois deu um ligeiro aceno de cabeça.

Ele sentiu uma pressão se expandindo no peito. Nunca sentira nada assim antes, então, não conseguia dar um nome para aquilo. Era uma sensação estranha, porém boa. Como uma satisfação suprema. Como o oposto total do que ele sentira no outro dia, no motel, quando estava revisando sua história.

Ele olhou para o abdómen dela, mas não conseguia detectar nenhuma mudança. Claro que ainda não haveria nenhuma.

Ele se perguntou se ela estaria pensando, como ele, na última tarde que passaram juntos, quando ele esticou a mão em volta dela e fechou a porta da frente. Como é que eles poderiam prever o impacto estrondoso que um gesto tão simples poderia ter? Por causa daquele gesto, uma vida terminara. E outra começara.

O olhar dele subiu até o rosto de Laura. Os olhares se cruzaram e se fixaram. Aquele espaço quente e fechado, no qual eles estavam, subitamente pareceu pequeno demais e sem ar. Griff não se atrevia a respirar fundo, temendo romper o silêncio que os pressionava, repleto de implicações.

Ele sabia que devia haver algo apropriado para ser dito a uma mulher que estava com seu filho dentro dela, mas que droga, ele não sabia o que dizer, então não disse nada, apenas continuou olhando em seus olhos, até que ela finalmente os

desviou.

Ele tocou seu queixo e a fez voltar a olhá-lo.

- vou pegar pena de morte, a menos que eu encontre Manuelo Ruiz, entende?

Ela sacudiu a cabeça lentamente, depois mais firme.

- Não, eu não entendo. Não é possível. Manuelo louvava Foster. Ele não faria…

- Mas eu faria?

Ela o olhou nos olhos, depois fez um movimento com a cabeça e os ombros que poderia significar sim ou não. Mas se ela tivesse sequer uma leve dúvida, isso o deixava arrasado.

Ele baixou a mão.

- Não sei por que eu esperava que você fosse acreditar em mim, se meu próprio advogado nem se deu ao trabalho de me perguntar se eu matei seu marido. Ele simplesmente supôs que matei. Eu não o matei. Foi Manuelo.

- Ele não poderia.

- Foi um acidente bizarro. Ao ver o que fizera, o cara se mandou. Ele disparou. Está com medo, a essa altura, provavelmente, na metade do caminho para El Salvador. Mas sem ele, estou perdido.

Ele apontou a luz da lanterna para seu relógio de pulso. Eles tinham saído do hotel havia vinte e sete minutos. Thomas, Lane e o restante provavelmente estariam aturando um inferno de Rodarte agora. Em breve, um destacamento policial seria despachado.

- Meu tempo está se esgotando. - Ele gesticulou para que ela subisse a escada.

Na subida, ela disse:

- Se Manuelo está fugindo, esse é o último lugar onde ele estaria.

- Oficialmente, não há registro do homem além de um número de seguro social, que era falso, e uma carteira de habilitação do Texas com um endereço falso.

- Como sabe disso?

- Rodarte. O que ele disse saiu no jornal.

- Se a polícia não consegue encontrálo, como você espera fazê-lo? - A essa altura, ela chegara à porta no alto da escada. Estava destrancada. Griff apagou a lanterna e seguiu Laura para dentro do apartamento.

- Onde ficam as janelas?

- Não tem. Só clarabóias, na parte de trás do telhado. Confiando que ela estivesse dizendo a verdade, ele voltou a

acender a lanterna, mas a manteve apontada para o chão. Era um quarto espaçoso e Griff calculou que devia ocupar metade do espaço da garagem que ficava embaixo. Era equipado com uma pequena cozinha, eletrodomésticos pequenos e uma TV num armário no lado oposto da cama. O banheiro era pequeno.

331

O apartamento já fora revirado pela polícia. As gavetas da cómoda foram deixadas abertas, a porta do armário estava escancarada. A cama de casal tivera os lençóis removidos. O colchão estava torto.

- Segure a lanterna - Griff passou a lanterna para ela, depois começou sua busca pelo armário onde estava a TV. - Como Manuelo se tornou assistente de Foster?

- Ele era zelador no centro de reabilitação. Foster esteve lá por vários meses após sair do hospital. Um dia, depois de uma sessão de terapia intensa, ele teve dificuldades respiratórias. Já não estava mais ligado aos aparelhos monitores e não conseguia alcançar o botão de chamada. Manuelo passou por perto. Ele não chamou ajuda, mas entrou, tirou Foster da cama e o carregou até o posto de enfermagem. Foster lhe deu o crédito de ter salvado sua vida. Acho que Manuelo sentia o mesmo por Foster. Sua vida melhorou drasticamente quando Foster o acolheu.

As gavetas do armário não tinham nada, exceto moedas soltas, um par de óculos de sol quebrados, cortadores de unha, cuecas, camisetas dobradas.

- Foster o acolheu vindo de onde? - perguntou Griff. - Onde ele morava antes?

- Talvez Foster soubesse. Eu nunca soube - respondeu ela, acompanhando os movimentos dele com a lanterna. - Manuelo apareceu aqui com uma pequena bolsa de mão com seus pertences e se mudou para o apartamento. Foster lhe deu roupas novas. Ele pagou por seu treinamento como auxiliar de enfermagem, para aprender como cuidar de paraplégicos. Manuelo era devotado a Foster.

Griff bufou.

- É. Eu sei.

Embora a cama obviamente tivesse sido revistada, ele apalpou o colchão e o apoio de molas embaixo, procurando por calombos, onde algo pudesse ter sido escondido. Afastou a cama da parede e gesticulou para que ela dirigisse a lanterna na direção do chão. O carpete era fino. Não havia nenhum sinal de que ele fora recortado para formar um bolso secreto.

- Ele tinha familiares? Amigos?

- Não que eu saiba. Griff, Rodarte já me perguntou tudo isso. A polícia esteve procurando Manuelo desde a noite… a noite em que Foster morreu.

- Da primeira vez que o vi, Manuelo me pareceu um sobrevivente - disse Griff. - Foster me dissera que ele veio a pé para os Estados Unidos, de El Salvador. - Uma cortininha escondia o encanamento da pequena pia da cozinha. Griff a abriu, mas só encontrou panelas e detergente de louça. Olhou dentro do forno e do micro-ondas, mas estavam vazios. Olhou a geladeira, mas não encontrou nada, exceto algumas latas de bebidas, condimentos e três laranjas.

- Andando pela Guatemala e o México? Isso me diz que ele devia ser muito pobre, ou estava fugindo de algo e não queria se arriscar a viajar no transporte público. Provavelmente ambos.

No banheiro, ele olhou a caixa de descarga do vaso, depois pegou a lanterna de Laura e a apontou para o ralo do chuveiro.

- Como você sabe fazer isso?

- Você aprende algumas coisas na cadeia.

Não havia nada no armário de remédios, exceto acessórios de barbear, pasta de dente, escova. Ele se virou para o quarto principal, com as mãos nos quadris, olhando em volta. O teto? Ele não via nenhuma emenda no revestimento, onde Manuelo pudesse ter cortado um pedaço para fazer um esconderijo.

Dentro do armário havia várias calças pretas, dois pares de sapatos pretos e uma jaqueta preta de baseball.

- Onde está a bolsa de mão? - ele perguntou, com ênfase.

- O quê?

- Você disse que ele chegou com uma pequena bolsa de mão, com seus pertences pessoais. Onde está?

- Imagino que ele tenha levado.

- Confie em mim, ele não parou para fazer mala naquela noite. Não levou suas roupas, nem objetos de higiene pessoal. No jornal, diziam que o dinheiro foi encontrado no apartamento dele. Ninguém deixa dinheiro pra trás, a menos que deixe também seus próprios documentos.

- Por isso que Rodarte suspeita de que você…

- De que matei Manuelo também. Eu sei. Mas não matei, Laura. O homem estava histérico. Fora de si. Ele correu como se o

diabo estivesse atrás dele. - Ele franziu o rosto, diante da expressão que ela demonstrou. - Não, não era de mim que ele estava com medo.

Ela não respondeu. Ao contrário, ela disse:

- Ele não fez mala, então você acredita que sua bolsa de mão esteja aqui, em algum lugar. E daí? Que benefício teríamos em encontrá-la?

- Talvez nenhum. Mas um hospital de reabilitação de primeira linha não contrataria alguém, mesmo um zelador, sem documentos de imigração. Se Manuelo entrou escondido no país, ele deve ter tido ajuda para arranjar os papéis

falsificados para que pudesse trabalhar. Tinha que ter um contato. E eu aposto que ele teria conservado esse contato, para o caso de precisar se mandar rapidamente. Ele teria…

O grito das sirenes se aproximando o fizeram parar.

- Merda! - Ele agarrou a mão de Laura e a puxou pela porta, junto ao pé da escada. Ele apagou a lanterna, mas, assim que o fez, percebeu uma porta do lado oposto ao apartamento de Ruiz. - O que é aquilo?

- O quê? Não estou vendo nada.

- Aquela porta. Aonde vai dar?

- Ela dá acesso ao espaço do sótão, acima do outro lado da garagem. Ele não foi concluído. Foster havia conversado sobre fazer o piso, mas… - O que está fazendo?

Griff empurrou a porta, abrindo-a, e o ar quente preso ali dentro saiu, envolvendo-os. Ele acendeu a lanterna e apontou para o espaço amplo e vazio, exceto pelo revestimento de isolamento térmico e os conduítes de eletricidade.

Aproximadamente a três palmos à frente dele, um duto de ar-condicionado se estendia pelo chão, em toda a extensão do sótão; era o tubo que convertia o ar-condicionado em calefação, no apartamento de Manuelo.

Griff apontou a lanterna para o tubo prateado e o seguiu a partir da parede do lado oposto.

As sirenes ressoavam cada vez mais próximas e mais altas.

Ele tentou bloqueá-las e se concentrar no duto, observando cada emenda, cada ruga no material que o revestia, olhando…

Ele soltou um grito baixinho, quando viu uma emenda.

- Lá está!

Sem perder tempo para pensar, Griff deu um passo, subindo na viga mais próxima, e esticou a mão na direção da emenda. Se escorregasse, seu pé poderia

atravessar a folha de compensado, que não aguentaria seu peso. A única coisa que o impediria de cair e aterrissar com tudo no chão da garagem, seis metros abaixo, seria sua agilidade. E sua vontade de encontrar Manuelo Ruiz.

Quando ele chegou perto da emenda, prendeu a lanterna na boca e, se equilibrando nas pontas dos pés, se inclinou por cima do vazio em direção ao duto.

As sirenes haviam parado. Não era um bom sinal.

Ele arrancou a fita que prendia a emenda e enfiou a mão no duto oco. Seus dedos roçaram em alguma coisa, mas estava fora de seu alcance. A lanterna caiu de sua boca, batendo no compensado vários centímetros abaixo da viga sobre a qual ele se equilibrava. Ela saiu rolando e ficou fora de alcance. Ele deixou pra lá.

Seguiu andando devagarinho sobre a viga, até poder pegar o objeto dentro do duto, O espaço do sótão estava quente como um forno. Manter o equilíbrio enquanto se esticava para dentro do duto exigia um esforço extremo. Seus joelhos estavam gritando. O suor caía em seus olhos, ardendo. A camisa do policial era pequena demais e limitava o movimento de seus ombros e o seu alcance. Ele se esticou e rasgou a costura do ombro, mas conseguiu alcançar mais longe.

Finalmente encostou dois dedos no objeto, prendeu-o pinçando e o puxou para fora o suficiente para pegá-lo. Então, Griff deu um puxão e rasgou o revestimento do duto. Era a bolsa preta de mão.

Ele ficou em pé rapidamente e, com os passos de um malabarista sobre uma corda, fez o caminho de volta até a porta na entrada junto ao pé da escada.

- Peguei! - Mas ele estava falando sozinho. Laura tinha desaparecido.

Capítulo 32

A CASA continuava reluzindo, com as lâmpadas acesas em todos os cómodos. Pelas janelas onde as cortinas estavam abertas, Laura podia ver os policiais vasculhando os cómodos, procurando por ela e Griff.

Ela estava na metade do caminho externo até a casa, quando seu cotovelo foi agarrado por trás.

- Por aqui - disse Griff.

Ela tentou soltar o braço, mas ele a estava segurando com força e ela teve de correr para acompanhá-lo.

- Griff, isso é uma insanidade. Entregue-se. Fale com o Rodarte. Diga a ele o que me contou sobre Manuelo.

A essa altura, eles estavam no lado mais distante da garagem, de onde não podiam ser vistos da casa, longe da iluminação externa, correndo em meio à escuridão. Contornaram o lago correndo e se enfiaram dentro de uma valeta natural. Ela tropeçou e teria caído se ele não a estivesse segurando firme. Ela cambaleou atrás dele. O chão nivelava junto ao muro do terreno. A distância, não parecia tão alto. Agora, seus três metros e meio o faziam parecer terrivelmente alto. As vinhas e arbustos que o cobriam eram densos, mas bem cuidados. Destoando de tudo, havia uma lata de bebida em pé, junto à raiz retorcida de uma planta folhosa que cobria uma parte do muro.

- Griff! - Ela puxou a mão dele. Ele se virou para ela.

- Ouça e acredite, Laura. Rodarte está convencido de que eu matei Bill Bandy, cinco anos atrás. Agora, ele está convencido de que matei seu marido. Se eu me entregar, vou ficar à mercê de um sistema judiciário no qual já não confio. Principalmente, porque Rodarte está no caso.

- Então, se entregue para alguma outra pessoa.

Ele sacudiu a cabeça, teimoso.

- Não, até que eu leve Marmelo Ruiz comigo, pronto e disposto a confirmar a minha história. Eu tenho de encontrálo.

- Está certo, eu estou vendo isso - disse ela, sem ar, por causa da corrida. - Deixe-me voltar. Deixe que eu conte o seu lado da história e explique por que está relutante em se render.

- Não.

- Se eu disser…

- Por que Rodarte a manteve trancada?

- Para me proteger de você.

- Certo. Então, se eu ficar encurralado, contanto que eu a tenha como minha refém, tenho algo com que barganhar.

- Você não me machucaria.

- Você sabe disso. Rodarte, não. Agora, vamos. - Ele a arrastou adiante, na direção do pé de hera.

- Você espera que eu suba nisso?

- Não precisa. - Ainda segurando uma das mãos dela, ele usou a outra para arrancar alguns galhos da vinha, revelando uma grade metálica na base do muro. Ele a afastou, dando um chute. - Isso é para escoamento - disse Griff.

- Como você encontrou isso?

- Eu vim procurar. - Ele colocou a mão no ombro dela e a forçou a se abaixar. - Engatinhe até o outro lado. Estou bem atrás de você.

Deitada de barriga para baixo, ela se contorceu, passando pela abertura. O solo estava úmido, mas, por conta da estiagem, não estava barrento. O muro tinha mais de um palmo de espessura. Do outro lado havia um canteiro gramado, de aproximadamente oitocentos metros, que servia como uma área de isolamento entre as propriedades de elite que davam fundo para aquele lado, como a dos Speakman, e havia um centro comercial do lado oposto.

Quando ela já estava de pé, Griff empurrou a bolsa de mão pela abertura. Foi bem apertado para que ele conseguisse passar seus ombros, mas ele conseguiu e saiu do outro lado. Ele a pegou pela mão e a conduziu, atravessando uma valeta de pedras. Agora estava seca, mas, quando chovia, o escoamento da água da propriedade dos Speakman descia por ali, vindo da abertura por onde eles haviam escapado.

Depois de terem atravessado a valeta rochosa, Griff saiu correndo pelo canteiro gramado. Mas, à medida que se aproximavam da estrada, no lado oposto, ele desacelerou e passou a caminhar. Do outro lado da rua havia uma sequência de butiques perfiladas e dois restaurantes famosos. As lojas estavam fechadas, mas os restaurantes estavam movimentados, cheios de pessoas jantando.

Parando na sombra do parque, ele soltou a mão de Laura por tempo suficiente para tirar a camisa do uniforme e ficar de camiseta branca. Tirou a pistola do coldre, depois jogou o cinto, a camisa, o quepe e a lata de bebida na lixeira mais próxima. Colocou a pistola dentro da bolsa de Manuelo e fechou o zíper.

Voltando a pegar a mão dela, ele esperou até que o tráfego diminuísse, depois atravessou a rua de pistas duplas. Ele não correu, só caminhou calmamente na direção do estacionamento do restaurante indiano. Foi passando por entre as fileiras de carros estacionados, até que chegaram à parte dos fundos do estacionamento onde estava escuro.

Griff puxou um controle remoto do bolso da calça e o usou para destrancar um carro. Abriu a porta do carona e gesticulou para que Laura entrasse. Contornou o carro e se sentou ao volante, fechou a porta e jogou a bolsa no banco detrás. A luz do teto diminuiu, depois se apagou, deixando-os no escuro.

Eles ficaram sentados por um tempo, tentando recuperar o fôlego.

Só agora, que haviam parado, Laura percebeu o quanto estava sem fôlego. E como seu coração estava disparado, tanto pela adrenalina, quanto pelo esforço físico. As palmas de suas mãos estavam sujas. A frente de seu moletom estava toda manchada de terra.

- Lamento por isso - disse ele, quando notou as palmas das suas mãos.

- Eu também sou uma fugitiva. Não estou preocupada com um pouquinho de terra.

- Você não é fugitiva, eu é que sou. Você é minha refém, lembra? Ela sorriu tristemente.

- Você me perguntou por que Rodarte me deixou trancada? Ele alegou que era para minha proteção.

-Mas?

- Ele temia que eu o ajudasse a fugir. - O olhar dele permanecia fixo, mas ela podia ver o tom interrogativo. - Ele nunca disse isso, mas eu senti que foi por isso que ele me deixou no hotel, sob vigilância dos guardas. E imagino que eu o tenha ajudado a escapar. Não ajudei?

- Isso significa que você acredita em minha inocência.

Antes que ela pudesse responder, um carro da polícia passou com a sirene aos berros, as luzes piscando, como um caleidoscópio. Griff ligou o motor do carro. Sorrindo, ele disse:

- Bairro barra pesada. É melhor irmos para um lugar mais seguro.

Ele teve de esperar que outro carro policial passasse em disparada, antes de sair rumo à rua.

- Você está debochando deles - ela frisou.

- Nada assim tão corajoso. Eles não estarão procurando por

esse carro.

- De quem é?

Ele seguiu dirigindo, sem dizer nada.

- A visita que você fez à casa de seu advogado foi mencionada no noticiário.

- É, eu vi. A mídia deixou de mencionar que filho da puta não confiável que o meu ex-advogado é.

- Ele disse que estava tentando ajudar ao denunciá-lo.

- Papo furado. Ele estava querendo cobrir o próprio rabo.

- Eles o procuraram durante horas.

- Tive sorte.

- Como foi que você fugiu? Ele deu um sorriso torto.

- Não foi fácil. Uma hora dessas, quando você tiver bastante tempo, talvez eu lhe conte todas as aventuras por que passei naquela noite.

Ela deu uma olhada na roupa dele.

- A polícia estava procurando um homem de short e ténis.

- Que, por sinal, quase desmancharam até o dia amanhecer na ocasião. Eu estava andando de roupas leves, mas, por sorte, antes de ir à casa de Turner, eu havia colocado algum dinheiro na meia. Eu o usei no dia seguinte para comprar algumas roupas num brechó.

- Ele deu uma olhada na própria camiseta e na calça de operário. As opções eram limitadas. Tenho certeza de que algumas das mercadorias eram frias, por isso, ninguém questionou um cliente que parecia ter mergulhado num rio poluído, depois passado por um triturador.

- Você foi reconhecido?

- Duvido. O mercado tem uma freguesia hispânica imensa. Eles costumam acompanhar futebol de chão, não futebol americano. Procurei ficar imperceptível.

Os olhos dela se desviaram para os cabelos louros dele.

- Isso não deve ter sido muito fácil.

- Não, principalmente quando comecei a perguntar por Manuelo Ruiz, procurando alguém que pudesse conhecê-lo. Essas perguntas levantaram mais suspeita do que a minha aparência desgrenhada. Não fiquei por lá muito tempo.

- Onde ficou escondido? Ele não respondeu.

- Você não vai me dizer, não é?

- Quanto menos você souber, melhor. Rodarte nunca poderá acusá-la de

colaborar comigo. Você é minha refém. Entendeu?

- Eu entendi. Não acho que Rodarte vai se convencer. Quando ele se apresentou, eu reconheci o nome imediatamente. Antes, quando você me alertou sobre ele, não disse que era um policial. Você fez parecer que ele era um criminoso. Disse que havia espancado um amigo seu.

- E espancou. E fez sodomia com ela. Arruinou seu rosto. Quebrou…

- Uma mulher?

- É, e Rodarte quase a matou.

Laura havia pensado que Griff estava se referindo a um amigo homem. Ao saber que Rodarte atacara uma mulher, ela foi tomada de repugnância e medo.

- Ele a atacou por causa de você.

- Porque ela não queria lhe dar nenhuma informação.

- Que tipo de informação?

- Sobre meus negócios do passado e do presente. Não que ela soubesse de alguma coisa, mas não adiantou nada dizer isso a Rodarte.

- Ele só pode ter achado que ela sabia de alguma coisa. É uma amiga próxima.

- Acho que posso chamar isso de amizade. Na verdade, eu sou seu cliente. Ela é uma prostituta.

Essa novidade a deixou perplexa. Será que ele andara usando os cem mil que Foster lhe dera para pagar os serviços de uma prostituta? Claro que o dinheiro era dele, mas ela nunca conhecera ninguém, de ambos os sexos, que admitisse ter procurado uma prostituta. Talvez por isso tenha sido tão espantoso para ela que ele encarasse isso de forma tão casual.

A curiosidade a assolou.

- Qual é o nome dela?

- Márcia. Ela não é piranha de rua. Tem uma cobertura. É limpa, tem classe, é

muito cara, bonita. Ou era. Já faz meses desde o ataque, e ela ainda está se recuperando, passando por uma série de cirurgias reconstrutivas da face. Ela nem fala comigo do outro. Rodarte tem um distintivo, mas ele o usa como passe livre para machucar as pessoas e se dá bem com isso. - Ele deu uma olhada para ela. - Você esteve com ele. Ele chegou a tocá-la?

- Ontem à noite ele pegou em meu braço. Aquilo me fez estremecer por dentro. Acho que ele soube, e foi por isso que fez. Por trás de tudo que ele fazia, havia uma insinuação sexual.

Os longos dedos de Griff apertaram o volante, como se ele estivesse se preparando para arrancá-lo do painel.

- Seria apenas uma questão de tempo até que ele a ferisse. O que era outra razão para eu querer tirá-la de lá. Qualquer coisa que ele fizesse a você, ele acharia que você podia prever por ter tido um caso comigo.

Ela se lembrou de Rodarte se aproximando por trás dela, prometendo, num sussurro insinuante, ser seu protetor - ou não quando o caso com Griff viesse à tona. Griff poderia, de fato, tê-la salvado. Mas havia muito pelo que ele teria de responder.

- Então, você tinha um carro, um esconderijo e estava seguindo Rodarte.

- Você era a minha ligação com Manuelo. Eu sabia que seria essencial para que eu o encontrasse. Mas eu também sabia que Rodarte manteria uma vigilância acirrada sobre você, esperando que eu aparecesse, mais cedo ou mais tarde.

341

“Ontem à noite, depois do enterro e da recepção, eu estava estacionado na Preston Road, perto de onde deixei o carro hoje à noite. Quando vi a caravana de carros da polícia vindo da direção da casa, entrei no tráfego. Então, na verdade, eu estava à frente da escolta policial. Eu diminuí, deixei que vocês passassem, depois os segui até o hotel.”

- Como conseguiu o número do quarto?

- Não consegui, mas era lógico que você ficasse no último andar.

- Eu estava com o andar inteiro só para mim.

- Também imaginei isso. Quando cheguei lá em cima, essa noite, eu tive uma fração de segundo para olhar o corredor e ver que o policial estava vigiando a porta, antes de jogar uma carga de caixas em seu colega.

“De qualquer forma, ontem à noite, ao saber onde você estaria quando eu precisasse de você, voltei até a casa para encontrar uma forma de entrar. O guarda nunca abandonou o posto no portão da frente, mas os que estavam vigiando o terreno por dentro foram embora. Não seriam necessários, já que você não estava mais lá.

“Eu sabia que o parque atrás da casa era o único acesso possível. Vasculhei cada centímetro daquele lado do muro do terreno, praticamente andando de quatro. No escuro, só pra você saber. Eu estava procurando por um portão nos fundos. Alguma coisa. Levei horas até encontrar a grade do chão. Eu a soltei e rastejei para dentro.”

- E deixou aquela lata de refrigerante para que pudesse encontrá-la novamente do lado de dentro.

- com muita pressa. Caso os policiais estivessem na perseguição. O restante, você sabe. - Depois de um segundo, ele disse: Exceto isso.

Ele entrou no estacionamento de um complexo de cinemas e achou uma vaga entre uma van com um Garfield pendurado no vidro traseiro, preso pelas patas, e uma caminhonete com pneus mais altos que o carro deles.

Ele desligou o motor e se virou para ela.

- Na noite em que saí da prisão, eu estava desesperado para transar. Fui até a Márcia. Somente aquela vez. Não houve mais ninguém desde então.

Ela respirou, esperou alguns segundos e soltou o ar.

- Eu pensei nisso.

- Por que não perguntou?

- Eu não tinha o direito.

Ele se movimentou subitamente, esticando o braço no espaço que os separava, curvando a mão atrás do pescoço dela e puxando-a para ele. Ele a beijou com força, colando os lábios firmemente aos dela, pressionando a língua para o fundo de sua boca. Depois ele a distanciou, tão subitamente quanto a agarrara.

com a voz rouca, ele disse:

- Você tinha todo o direito.

Ele soltou seu pescoço e voltou ao seu lugar atrás do volante. Por vários instantes, eles ficaram sentados em silêncio, ouvindo apenas os estalos do motor que estava esfriando. Finalmente, ele se virou para ela.

- Ele me ligou. Foster. No dia em que a sua gravidez foi confirmada. E me convidou para ir até sua casa, na noite seguinte, para que pudesse me agradecer e pagar pessoalmente. Você sabia algo sobre isso?

-Não.

- Ele também disse que havia elaborado uma forma para que eu fosse pago, se continuasse vivendo depois da morte de vocês dois. Lembra-se dessa pendência?

Ela concordou.

- Ele disse que arranjara uma solução. Ele usou isso e a promessa do meio milhão para me fazer ir até lá. E, enquanto eu estava lá, Manuelo tentou me matar.

- O quê?

- Você me ouviu.

- Por quê?

- Porque Foster ordenou que ele o fizesse.

Ela se inclinou para longe dele, até ficar pressionada junto à porta do carona.

- Você está mentindo!

- Não, não estou. E você sabe que não estou, Laura, se não você teria arranjado

uma briga terrível comigo antes de sair do hotel. Você não é moleza, nem é covarde. Se quisesse se afastar de mim, teria gritado “assassino maldito” a cada passo do caminho,

porque, como disse, você sabe que eu não faria nenhuma ameaça de feri-la. Você está aqui porque quer estar. Quer ouvir a verdade sobre o que aconteceu. De qualquer forma, você vai ouvir.

Ele parou para respirar e organizar as ideias. E também para ver, no fim das contas, se ela abriria a porta do carro e sairia correndo, gritando pelo estacionamento. Ela não o fez, então, ele começou:

- Ao longo dos últimos dias, eu passei todas as horas do dia e parte da noite pensando. Pensando. E lembrando. Em minha mente, eu revivi cada palavra, cada pequeno detalhe, desde nosso primeiro encontro até aqueles últimos momentos horrendos da vida de Foster, e agora posso ver como ele planejou tudo tão bem. Foi um plano de mestre.

“Chegou a me ocorrer que ele mentira quando me ligou para dizer que você estava grávida. Eu não ouvira isso de você. Achei que talvez essa fosse a isca mais suculenta que ele podia apresentar. Foi por isso que perguntei antes se você estava realmente grávida.”

- Tive a confirmação no dia anterior à morte dele.

- Então, até aí era verdade. Uma vez que Foster sabia que ele tinha seu filho e herdeiro, ele não perdeu tempo em me fazer ficar em silêncio para sempre. Só que, em vez disso, seu plano falhou e ele morreu.

- Como? Como, Griff? O que aconteceu quando você chegou a casa?

- Manuelo abriu a porta para que eu entrasse. E me serviu um drinque, depois me deixou sozinho com Foster na biblioteca, com as portas fechadas. Nós brindamos ao nosso sucesso. Ele começou a falar… um monte de papo furado. Sobre o quanto vocês dois estavam radiantes por causa da gravidez.

- Isso não era papo furado.

- É, mas… mas foi a forma como ele começou a dizer. Ele ficou todo emocionado, ou fingiu ficar. Ele me disse que você nunca esteve tão linda, como quando disse a ele “nós temos um bebé”, e o quanto significava a palavra “nós”, para um homem nas condições dele.

“Ele me disse que seus seios estavam sensíveis, que você não o deixava tocá-los e o quanto ficaria constrangida se soubesse que ele me tinha dito isso. Ele falou sobre o bebé. Se eu podia imaginar o que seria. Se eu havia pensado no que podia ser, quando o estávamos fazendo. Ele me lembrou que eu teria de ler no jornal se era menino ou menina. Eu não saberia o nome até que lesse a respeito.” Griff deu uma risada amarga.

- Olhando para trás, eu posso ver por que ele estava me cutucando. Ele estava falando coisas que sabia que me provocariam. Naquela hora, eu só queria que ele calasse a boca sobre você e o bebé. Eu não queria ouvir sobre a familiazinha tão feliz que vocês três seriam.

Ela lançou um olhar expressivo, imaginando se ela poderia ler nas entrelinhas. Ele achou que sim. Ela baixou o olhar para as mãos enlaçadas firmemente sobre seu colo.

- Ele me mostrou o dinheiro do meu pagamento. Só de ver aquilo, senti repugnância. Fiquei com o estômago embrulhado, com nojo de mim. Márcia afirma que ela nunca se sente uma prostituta, mas, quando olhei para aquela caixa de dinheiro, eu me senti. Nosso acordo não era ilegal, mas eu me senti muito mais culpado em pegar o dinheiro de Foster do que me senti ao pegar os dois milhões dos Vista, e essa é a verdade de Deus, Laura.

“Eu nem queria tocar no dinheiro, e ele sentiu isso. Ele disse que estava surpreso pela minha reserva. Eu resmunguei alguma desculpa. Então, ele começou a rir e disse: Ah, você não quer que acabe, não é?”

Laura o olhou diretamente.

- O quê?

- Algo assim. Ele começou a zombar de mim sobre ter pegado gosto por você, como havia sido pelo jogo. Ele disse que eu devia ter gostado muito de te “comer”, e essa foi a palavra que usou. Ele estava com um sorriso de escárnio. Só em pensar nisso, fico com raiva de novo.

Diante do risco de lançar dúvida sobre sua inocência, ele conteve a raiva e se ateve aos fatos.

- Eu o chamei de escroto maluco. Ele não calava a boca e começou a dizer, sem parar: “Pobre Griff.”

“O deboche estava me deixando irado, Laura. Eu admito. Eu sentia que estava prestes a perder a cabeça. com ou sem cadeira de rodas, eu queria quebrá-lo. Queria tanto que tive que dar as costas. Quando me virei, eu olhei para baixo, para o tampo da escrivaninha.

345

Juro por Deus que não vi o abridor de cartas. Ou, se o vi, não notei. O que percebi foi uma folha de papel com uma escrita de aparência oficial.

“Nesse momento, Foster parou e interrompeu aquele cântico hediondo. Não sei se ele sentiu o quanto eu estava perto de atirá-lo do outro lado da sala, ou se viu o que tinha chamado minha atenção. De qualquer forma, ele disse: Oh, é por isso que você está aqui, não é? Essa é minha proposta para o que deve acontecer, caso Laura e eu venhamos a morrer antes de você. Leia.

“Aquela altura, eu só queria concluir nosso negócio e me arrancar dali, antes que fizesse algo do que me arrependeria. Então, eu peguei a folha de papel e comecei a ler. Ou tentei.”

- Era uma linguagem inarticulada.

Surpreso, ele disse: ;

- Você viu?

- Rodarte me entregou, me perguntou se eu sabia o que significava.

- Está bem, então, você sabe que era um subterfúgio. Eu tinha mandado aquele bourbon forte pra dentro e ainda estava vendo tudo vermelho de raiva. Achei que por isso não estivesse entendendo o que lia. Voltei ao início e recomecei. E foi quando eu senti um movimento atrás de mim.

-Atrás de você?

- Manuelo. Eu não o ouvira voltar. Foster estava provavelmente entoando aquela musiquinha Pobre Griff, então, eu não ouviria. Dei uma olhada para Manuelo bem a tempo.

“São os reflexos adquiridos durante anos me esquivando do ataque de outro time. Ele se movera ligeiramente para o lado, mas foi o suficiente para neutralizar o bote de Manuelo sobre mim.

“Infelizmente, seus reflexos foram quase tão rápidos quanto os meus e ele conseguiu passar os braços ao meu redor, colocando um em volta de minha garganta e o outro na altura das costelas. Você sabe o quanto ele é rijo e forte.”

Ela concordou.

- Ele começou a apertar. Dava a sensação de ser uma serpente ao meu redor. - Griff se lembrou de como resistiu, agarrando os braços do homem. Ele arranhou a pele de Manuelo, mas não conseguiu mais nada. Para um homem de estatura tão baixa, o ajudante tinha uma força impressionante. Seus músculos tinham um condicionamento para colocar pressão onde a pressão era desejada e para fazê-lo com controle absoluto.

Eles se engajaram numa dança macabra, rodando sem parar, derrubando a mesa de canto, lançando objetos ao chão, quebrando um abajur.

- Eu tentava loucamente me soltar dele - Griff prosseguiu -, ao menos por uma fração de segundo, para respirar um pouco. Nada funcionava.

“Logo comecei a me sentir fraco. Pontos pretos surgiram em meu campo de visão. Eu já havia ficado sem ar e perdido a consciência no campo de futebol, então, reconheci os sinais e sabia que ia cair. Mas eu ainda podia ver Foster sentado em sua cadeira de rodas, batendo nos braços da cadeira, em sequências de três, dizendo: Faça, faça, faça, também em sequência de três.”

Laura apertou as pontas dos dedos junto aos lábios.

- Você está acreditando em alguma coisa disso, ou estou perdendo meu tempo? - perguntou ele.

- Continue.

- Você não vai gostar do que vou lhe dizer. Eu estava quase apagando quando percebi o que achei saber assim que o conheci. Ele era um absoluto lunático.

-Não…

- Não, Laura. Você vai ter que ouvir isso. Ele era insano. Ao menos, até certo ponto. Que homem, em seu juízo perfeito, casado com você, pediria a outro que fizesse sexo com você? Pagaria a ele. Por qualquer razão.

Ela não deu resposta alguma e Griff nem esperava que respondesse.

- Agora estou convencido de que sumir comigo sempre fora sua intenção. - Ela estava prestes a contestar, mas ele falou antes dela. - Pense nisso. Ele era fanático para que nosso acordo fosse um segredo. De modo a garantir isso, eu teria que morrer. E me deixar vivo era um desmazelo. Para um limpador compulsivo, eu era uma ruga inaceitável na toalha do bar, uma gota dágua no granito. Ele insistia em perfeição, e, para que seu plano fosse perfeito, eu teria que ser eliminado. - Ele fez uma pausa, depois continuou: - Ele, eu consigo entender. Mas fiquei me perguntando quanto a você.

-Eu?

- Você estava participando disso, Laura? Isso também era plano seu?

- Eu nem vou me dignar a responder.

- Por que você iria a Austin naquele dia?

Ele ouviu, conforme ela explicou as circunstâncias.

- O que quer que tenha acontecido naquela noite, eu não fiz parte - disse ela, inflamada. - Eu nem sequer sabia que você havia estado na mansão, até que Rodarte me disse que suas impressões digitais estavam na arma do crime.

Ele passou a mão no rosto.

- Não achei que você tramaria minha morte, mas, quando eu estava apagando, a questão passou pela minha cabeça. Você estava convenientemente em Austin,

para não ter que testemunhar o meu assassinato?

- Você realmente pensou isso?

- É estranho como você vê as coisas claramente, quando acha que está prestes a morrer. Você se recusara a falar comigo depois de nossa última tarde juntos.

- Você sabe por que eu não falei, porque não podia falar com você, Griff.

- Culpa.

- Sim.

- Então, a única forma de você se livrar de sua culpa seria acabar comigo.

Ela o olhou fixamente. Ele suspirou.

- Está bem, eu não sou bobo. Mas foi isso que passou pela minha cabeça. Mas, depois, quando ia perder a consciência, uma ideia pior me ocorreu. Você também sabia do segredo de Foster.

Ela olhou sem reação, por alguns segundos, depois se retraiu.

- O que está dizendo?

- Depois que desse à luz a criança, e se ele decidisse que você também era uma ameaça ao segredo?

- Foster me amava. Eu sei disso. Ele me adorava.

- Eu não duvido, Laura. Mas sua mente era mais retorcida que seu corpo. E se ele começasse a vê-la como uma falha em seu plano perfeito? Se você estivesse fora do panorama, ele seria a única pessoa na terra a saber da verdade sobre a parentela de seu herdeiro. Você também seria uma ameaça viva e, dessa forma, teria que ser eliminada.

- Ele jamais faria isso!

- Talvez - disse Griff, sem convicção. - Mas foi o medo de que ele fizesse isso que salvou minha vida. Isso me deu uma força renovada. Eu comecei a lutar contra aquele salvadorenho filho da puta, como se alguma coisa tivesse saído do

inferno. Eu pulava. Chutava. Agarrava. Cheguei até a tentar mordê-lo.

“Mas eu precisava de oxigénio. Minha coordenação estava uma merda. Eu mal conseguia pensar. Tudo que eu havia conseguido era usar minhas reservas de força. Foi quando percebi que a única forma de sobreviver era fingir que sucumbira. E fiquei mole.

“bom, bom, bom, eu ouvi Foster dizer. Manuelo me soltou. Tive a presença de espírito de cair de rosto virado para o tapete, para que eu pudesse esconder que estava respirando. Foster disse: Muy bien, Manuelo, muy bien. Muy bien.

“Eu podia ouvir Manuelo se esforçando para respirar. Ele estava em pé, bem perto de mim. Abri parcialmente um dos olhos e vi seu sapato direito apenas a alguns centímetros da minha cabeça. Eu o agarrei pelo tornozelo e puxei seu pé do chão. A gravidade se encarregou da parte difícil.”

Manuelo caiu com tudo, aterrissando de costas. Griff mergulhou por cima dele e lançou o punho fechado no nariz do homem, sentindo a cartilagem ceder ao golpe, sentindo o sangue nos nós dos dedos. Mas Manuelo ainda não estava derrotado. Ele colocou a mão embaixo do queixo de Griff e deu um empurrão que poderia ter quebrado seu pescoço, se ele não tivesse desviado a tempo.

Manuelo usou aquele instante para jogar Griff para o lado e o tirar de cima dele. Ele ficou de pé com a agilidade de um gato e chutou a lateral da cabeça de Griff com o calcanhar. Griff gritou, conforme a dor se espalhou pelo seu crânio. Sentiu uma onda de náusea no fundo da garganta e engoliu, à medida que cambaleava para ficar de pé.

Conseguiu se levantar, mas estava tonto. A sala estava girando. Para afastar a inconsciência que o ameaçava, ele piscou rapidamente, tornando nítido o foco em Manuelo. O sorriso vago do homem havia sido substituído por um rosnado.

349

- Ele estava com o abridor de cartas na mão - Griff disse a Laura. - Foster estava dizendo: “Nada de sangue, nada de sangue, nada de sangue.” Mas eu acho que Manuelo não o ouvia. Ele já ultrapassara o estágio de ouvir, de se importar. A luta se tornara uma questão de honra pessoal. Ele recebera a ordem de me matar. Para escapar à humilhação, era isso que faria.

Os olhos de Laura estavam arregalados. Ela não se movera, nem falara nada durante vários minutos.

- Quando Manuelo saltou, eu me esquivei. - Griff se valera de sua capacidade de estimativa de tempo, um talento nato que o possibilitara lançar um passe com uma precisão que desafiava a física numa fração de segundo antes de ser derrubado. Ele esperou até que Manuelo se movesse, depois se abaixou no chão e rolou. Manuelo não conseguiu me parar. Ele caiu em cima da cadeira de rodas de Foster, com toda a força.

- E o abridor de cartas…

- É. - Ele estava enterrado até o cabo no pescoço de Speakman. - Quando Manuelo se virou de volta e viu o que havia feito, ele gritou. Enquanto eu viver, jamais vou me esquecer daquele som. - Outro som que Griff jamais esqueceria era o grunhido que saía da boca de Speakman, que abria e fechava, como a de um peixe agonizante. Mas Laura não precisava saber dos detalhes terríveis de como seu marido sofrera, antes de morrer.

“Foi um acidente terrível - ele agora dizia a ela. - Mas, para Rodarte, parece uma atitude de um amante ciumento rejeitado.”

Por um longo tempo, eles ficaram sentados em silêncio. Finalmente, Laura respirou fundo, como se estivesse despertando de um sono profundo após um pesadelo.

- Você está certo. Para Rodarte, parece exatamente isso.

- E o que parece para você?

Capítulo 33

VOCÊ deve acreditar em mim ao menos um pouquinho, ou não estaria mais dentro desse carro. Laura correu os dedos pelos cabelos. Tentava encontrar as palavras que pudessem transmitir as dúvidas que ela guardava, sem parecer desleal ao marido que acabara de enterrar. Mas ela não tinha certeza se isso era possível.

- Foster estava radiante por causa do bebé - começou ela -, mas eu implorei a ele que não lhe avisasse até que eu tivesse a gravidez confirmada.

- Ele ligou assim que você recebeu o resultado dos exames de sangue.

- Naquela noite, ele admitiu ter falado com você. E se desculpou por não esperar que eu estivesse junto quando lhe telefonou, mas disse que não podia esperar para dar a notícia feliz. Ele disse que você nos desejou sorte, mas que estava mais interessado em saber quando receberia seu dinheiro.

- Isso é mentira. Eu… Ela ergueu a mão.

- Deixe-me contar tudo do meu ponto de vista. Você pode contestar depois. - Ele concordou. - Foster e eu comemoramos naquela noite. Ele pediu para que a sra. Dobbins preparasse um jantar especial. Forçou para que eu repetisse as batatas, me lembrando que eu estava comendo por dois. Ele não me perdia de vista. E me fez usar o elevador, em vez de subir a escada. Disse que a escada era perigosa, que eu podia cair. Eu disse que ficaria maluca se os próximos nove meses fossem assim. Mas fui compreensiva com seu humor. Na verdade, nós até rimos de sua superproteção.

“Quando Manuelo o acomodara para passar a noite, eu fui até ele. Foster me abraçou e disse o quanto me amava, o quanto estava radiante por causa do bebé. Coisas assim.” As bochechas dela

esquentaram pelo constrangimento. “Ele estava muito meigo e atencioso, mais carinhoso do que fora em meses. Eu fiquei com ele até que adormecesse.” Ela estava ciente da imobilidade absoluta de Griff, de seu olhar fixo.

“Pela forma como se comportara naquela noite, eu não conseguia entender sua insistência para que eu fosse até Austin na manhã seguinte. Era uma viagem desnecessária. O incidente poderia ter sido contornado pelo supervisor de lá, e deveria ter sido assim. Para ele, foi um insulto que Foster me mandasse como inspetora. Esse não era seu jeito habitual de administração. Mandar-me não fazia sentido algum.”

- Faz sentido pra mim. Relutante, ela concordou.

- Nós tínhamos concluído o problema em Austin no meio da tarde. Eu poderia ter voltado para Dalas, num voo mais cedo, mas, sem me consultar, Foster me obrigara a jantar com algumas das pessoas chaves do escritório de Austin. A refeição se arrastou eternamente. Eu mal consegui chegar ao aeroporto a tempo de pegar o voo de nove horas, último da noite.

- Então, ele não queria que você voltasse antes. Ele a queria fora do caminho. Até a hora em que você voltasse, eu estaria morto.

- Eu ainda não consigo acreditar nisso, Griff. Simplesmente não consigo. Apesar do que você acha, ele não era um lunático. Admito que estava ficando cada vez mais obsessivo. Fazendo coisas em sequências de três. A limpeza. Você percebeu os frascos de desinfetante?

- Por toda parte.

- Nada podia estar sujo, nada fora do lugar, nada por acaso. Mas, para mim, é impensável que ele pedisse ao Manuelo para matá-lo com as próprias mãos.

- Ele não queria que meu sangue arruinasse seu tapete de valor inestimável.

Ela lançou um olhar.

- Você sabe o que quero dizer. Como é que ele planejava se dar bem com isso?

- Alegaria que eu havia invadido a mansão e tentara matá-lo.

- Por que motivo?

- Você. Ele diria que Marmelo o teria salvado, quando eu o ataquei por ciúmes.

- Mas Foster não conhecia Rodarte. Ele certamente não sabia que ele descobrira sobre a casa da rua Windsor e concluiu que nós estávamos tendo um caso. Se, em vez disso, você tivesse sido morto, que motivo Foster teria dado ao investigador…

- Rodarte certamente tomaria as providências para ser colocado no caso. Ele havia prometido testemunhar a minha autodestruição.

- Então, que motivo Foster daria a ele para que você tivesse atentado contra sua

vida?

Griff pensou a respeito.

- Dinheiro. Eu fui até a mansão para exigir mais.

- Foster não teria contado a ninguém sobre nosso acordo com você, principalmente a alguém tão repugnante como Rodarte.

- Talvez ele pudesse dizer que me oferecera um emprego fazendo propaganda, depois mudou de ideia e voltou atrás quanto à oferta.

- Plausível, eu imagino.

- Conhecendo Rodarte como conheço, tenho certeza de que ele teria dado sua cartada, dando a notícia ao pobre maluco de que eu estava saindo sorrateiramente durante as tardes com sua esposa. E claro que Foster o teria deixado pensar que eu agi por ciúmes. Nosso caso secreto o faria parecer uma vítima ainda maior e me faria parecer o assassino mais provável.

Laura silenciosamente concordou em que isso parecia lógico, mas ela ainda não estava pronta para aceitar inteiramente.

- Por que Foster tinha aquele documento falso? E a caixa de dinheiro? Como teria explicado isso?

- Se Manuelo tivesse me matado - disse ele -, essas coisas não estariam lá. Foster não esperava que ninguém as visse além de mim.

Não havia como contestar isso.

- Tudo bem, eu entendo como ele poderia ter dado uma explicação crível a Rodarte, e Rodarte a teria aceitado, achando que Foster estaria sem saber de nada quanto a nós. Mas o que Foster me diria?

- Provavelmente, que a confirmação da gravidez me tornara ganancioso. Eu cheguei à mansão e exigi mais do que o meio

milhão. Quando ele se recusou a pagar mais, eu o ataquei. Graças a Deus por Manuelo. E graças a Deus que eu fizera o trabalho para o qual fui contratado. Você estava grávida. Minha morte teria sido uma tragédia, mas era uma sorte que eu já não estivesse por perto, sendo uma ameaça constante ao segredo e bem-estar de seu filho. Ele parou, depois acrescentou: - Teria sido exatamente como ele queria, Laura, tudo limpo e organizado.

Eles ficaram quietos por um tempo. Os filmes terminaram. As pessoas saíam dos cinemas e seguiam em direção a seus carros. Outras chegavam. Havia uma fila para comprar ingressos. Mas a van e a picape permaneciam ali e ninguém prestava atenção ao casal sentado no carro inofensivo, no meio dos dois.

- Suas digitais estavam no cabo do abridor de cartas.

- Assim como as de Manuelo.

- Mas ele poderia tê-lo manuseado a qualquer hora. - Ela tentava fazer contato visual, mas ele evitava. - Griff?

- Eu não queria que você soubesse como ele morreu.

- Eu tenho que saber.

Ele desviou o olhar dela, olhando através do parabrisa, seus olhos seguindo uma família de quatro pessoas, a mãe, o pai e duas crianças que haviam acabado de assistir a um filme. O menor estava revirando os olhos, fazendo um movimento desajeitado, obviamente imitando algum personagem. Eles estavam rindo, entraram em sua caminhonete e partiram.

- Por que as suas digitais estavam no abridor de cartas?

- Eu estava tentando salvar a vida dele - ele respondeu baixinho. - Quando vi o que fizera Manuelo gritar, eu o empurrei para o lado e mandei que ele ligasse para a emergência. Mas ele estava totalmente transfixado pelo terror do que havia feito. Então, eu fiz a ligação. Enquanto eu estava ligando, Manuelo se arrancou.

“Eu me debrucei sobre Speakman, para ver como ele estava. Minha reação inicial foi tentar puxar o abridor de cartas do pescoço dele. Eu o peguei, mas quase imediatamente percebi que seria melhor deixar o negócio no mesmo lugar.

Ele estancava parcialmente o ferimento e, mesmo assim, estava sangrando muito.” Ele parou, xingou baixinho. “Laura, você não vai querer ouvir isso.”

- Eu preciso.

Ele hesitou, depois continuou:

- Não havia nada que eu pudesse fazer além do que fiz, que foi fazer pressão ao redor da lâmina, tentar diminuir o sangramento.

Ela engoliu em seco.

- Rodarte disse que havia sangue nas mãos de Foster, pele embaixo de suas unhas. Que ele havia…

Griff esticou as mãos para mostrar a ela, com as palmas para baixo, para que ela pudesse ver as marcas na parte de trás das suas mãos.

- Ele estava tentando puxar o abridor de cartas. Eu sabia que, com certeza, ele morreria se o fizesse, então, ele lutou para ter o controle.

Ele esperou para ver como ela reagiria diante disso, mas, como ela não reagiu, ele continuou:

- Eu conversei com ele, tentando acalmá-lo e fazê-lo parar de resistir. Disse a ele que a ajuda estava a caminho. Disse para aguentar firme. Coisas assim. Mas… - Ele sacudiu a cabeça. - Eu sabia que ele não ia conseguir, e acho que ele também sabia.

- Ele disse alguma coisa? Ele sacudiu a cabeça.

- Não conseguia falar.

- Você estava com ele, quando…

- Sim, eu fiquei.

- Obrigada, por isso.

- Jesus, não me agradeça - disse ele, parecendo quase zangado.

- Acredite, assim que ele se foi, eu me mandei. Eu sabia o que ia parecer. Não mostrei mais valentia que o Manuelo. E me arranquei, saí correndo. E… - Ele parou, desviou o olhar na direção da entrada iluminada do cinema.

- O quê?

Ele soltou um sopro de ar.

- Houve vezes de sobra, depois daquela última tarde com você, em que eu desejei que ele estivesse morto. - Nesse momento ele olhou diretamente para os olhos dela. - Não morto especificamente, mas, nas profundezas de minha alma podre, eu desejei que ele sumisse. - Ele continuou olhando para ela, por mais alguns momentos, antes de voltar a falar. - Mas eu não o matei. Você acredita nisso?

355

Ela abriu a boca para falar e descobriu que não conseguia. A história dele era mais convincente do que ela queria que fosse. Mas ela também se lembrava daquela tarde de amor febril, da fome. As reações fervorosas que tivera liberaram uma possessividade selvagem nele. Ela se lembrava da forma como suas mãos grandes se movimentavam sobre seu corpo, pegando como se fosse seu, a intensidade como ele mergulhava nela e a forma enciumada como ele a abraçou depois.

Ela baixou a cabeça e massageou as têmporas.

- Esqueça que eu perguntei - disse ele rapidamente. - Você não vai acreditar em mim até que Manuelo Ruiz diga, sob juramento, que ele acidentalmente apunhalou seu marido. Nem você, nem Rodarte.

Ela esticou a mão e, zangada, pegou a dele.

- Não se atreva a me comparar com Rodarte. E também não seja temperamental. Você está pedindo que eu acredite em sua inocência. Eu quero acreditar, Griff. Porém, acreditar também significa aceitar que meu marido, a pessoa a quem amei e admirei durante anos, era um louco que tramou seu assassinato. É muita coisa para absorver, logo depois de tê-lo enterrado. Perdoe-me que isso possa ser difícil.

Ela abaixou a mão e, por vários instantes, a atmosfera ficou tensa. Ele foi o primeiro a falar.

- Está bem. Nada de ser temperamental. - Ele esticou a mão ao banco detrás e pegou a bolsa, colocando-a em seu colo, e abriu o zíper. - Minha única esperança de perdão, de qualquer um, é encontrar Manuelo Ruiz.

Ele remexeu dentro da bolsa e tirou algo que parecia ser os pertences do ajudante de El Salvador. Um terço. Um mapa do México com uma linha em lápis de cera vermelho, tracejando um caminho que entrava pela fronteira do Texas, onde havia uma estrela.

- A rota dele - disse Griff. Havia uma antiga fotografia de um casal no dia do casamento. - Os pais dele, você acha? - Ele passou a foto para Laura.

- Possivelmente. A idade parece certa.

Era isso, exceto por alguns livretes em espanhol e uma carteira barata. Griff verificou todos os compartimentos. Na última divisória para onde ele olhou, havia um pedaço de papel manchado. Fora dobrado tantas vezes que os vincos estavam sujos e quase gastos. Griff cuidadosamente o abriu sobre a coxa.

Ele leu o que estava impresso, depois sorriu e o passou para ela. Escritos a lápis, havia quatro dígitos e um nome. Ela olhou de volta para ele.

- Um endereço?

- Parece ser. É um lugar para se começar a procurar.

- Pode ser bem aqui, em Dalas, como pode ficar lá em Eagle Pass.

- É, mas é alguma coisa. - Ele pareceu subitamente animado. Você tem um celular?

Ela pôs a mão dentro da bolsa e tirou o aparelho. Olhando o visor, viu que havia perdido várias ligações.

- Eu o coloquei no modo silencioso, no escritório, e me esqueci de religá-lo. Kay ligou uma vez. Rodarte ligou três. A última vez foi há doze minutos.

Ela entregou o telefone a Griff. Ele apertou o botão verde para que o número de Rodarte fosse automaticamente discado. Tocou apenas uma vez, antes que ele atendesse.

- Sra. Speakman?

- Desculpe ter de decepcioná-lo, Rodarte. Sou eu. E ela está comigo.

- Você é um retardado, Burkett. Está apenas cavando mais fundo.

- Ouça, eu vou fazer isso bem rápido e simples o suficiente até para você. Eu não matei Foster Speakman. Foi o Manuelo Ruiz quem o matou.

Rodarte deu uma gargalhada.

- Certo. O queridinho. O escravo que idolatrava o cara. Conta essa pra outro.

- Foi um acidente. Manuelo estava lutando contra mim.

- Tentando proteger Speakman de você.

- Errado de novo, mas eu darei os detalhes depois. Você e eu precisamos de Manuelo. Você está certo quanto ao fato de que ele louvava Speakman. Foi por isso que ele ficou tão horrorizado com o que tinha feito e correu. Encontre-o e todos os nossos problemas estarão resolvidos. Eu tenho uma pista pra você. - Ele leu o endereço.

- Nós encontramos nos pertences de Manuelo. Ele não tinha muita coisa, portanto isso significa algo, ou ele não teria guardado.

- Que cidade?

- Eu não sei, mas você tem recursos.

- E ele já tem quase uma semana à frente.

- E, por isso, você não pode perder tempo algum. Caso o encontre, trate-o educadamente e obterá a verdade quanto ao que aconteceu naquela noite. Ninguém cometeu um assassinato. Manuelo lhe dirá isso. Ele pode lhe dizer…

Griff parou de falar, subitamente, surpreendendo Laura, que estava acompanhando cada palavra. Num segundo, ele estava falando rapidamente ao telefone, no outro, estava em silêncio, olhando para o espaço. Pelo telefone, ela pôde ouvir Rodarte dizendo.

- Burkett? Burkett, você está aí? Burkett!

- Griff? - Ela sussurrou. - O que foi?

Ele a olhou intensamente, depois fechou o telefone, abruptamente interrompendo a ligação. Ele abriu a porta do carro e soltou o telefone no chão. Ao ligar o motor, ele disse:

- Rodarte provavelmente tem um satélite rastreando seu telefone, portanto temos que dar o fora daqui.

- Eu não entendo. - Ela segurou firme na porta, enquanto ele dava ré no carro, saindo do estacionamento e manobrando.

- Manuelo Ruiz pode me livrar.

- Por isso você está tão desesperado para encontrálo.

- E porque Rodarte está desesperado para não o encontrar.

Capítulo 34

GRIFF saiu rapidamente do estacionamento do cinema, passando pelo centro comercial e pegando a primeira rampa da via expressa. Seguia para o norte, dirigindo o mais rápido que podia, sem ser rápido demais a ponto de ser convidado a parar. Dirigia com um olho no espelho retrovisor, temendo que, a qualquer momento, fosse perseguido por um carro da polícia.

- Por que Rodarte não ia querer encontrar Manuelo Ruiz? perguntou Laura.

- Pense a respeito. Ele não deu início especificamente a uma busca por ele, deu?

- Ele achou que você o tivesse matado, que só descobririam um corpo. Estava

mais interessado em encontrar você.

- Então, ele podia me indiciar por assassinato. A melhor hipótese para Rodarte seria que Manuelo já estivesse do outro lado da fronteira, bem adiantado em seu caminho de volta à selva, de onde nunca mais se ouviria falar dele. Merda! - ele disse, batendo com o punho no volante. - Você acha que ele pegou aquele endereço? Acha que ele entendeu?

- Eu…

- Porque, se ele encontrar Manuelo antes de mim, o homem jamais chegará ao tribunal, provavelmente nem mesmo até uma sala de interrogatório.

- Você acha que Rodarte o ajudaria a fugir?

- Se Manuelo tiver sorte, é isso que ele fará. Meu medo é que Rodarte se assegure de que ninguém ouça o relato de Manuelo quanto ao que aconteceu. Nunca.

- Você quer dizer… que ele o mataria? Griff sacudiu os ombros.

- Griff, ele é um detetive de polícia.

- Que se dedica a me colocar no corredor da morte. com essa finalidade, Manuelo é facilmente dispensável.

- Então, o que fazemos? Ligamos para um dos superiores de Rodarte, contamos o seu lado?

Ele sacudiu a cabeça.

- Não sei quem são os seus amigos. Ele recrutou dois deles para me bater. Eu não saberia em quem confiar.

- Então, o que será?

- Nós encontramos Manuelo antes de Rodarte.

- Como é que vamos fazer isso?

Desviando na frente de um caminhão, para pegar uma saída, Griff disse baixinho:

- É o que eu gostaria de saber.

A casa de panquecas ficava aberta a noite inteira. A qualquer hora, estava iluminada e movimentada, assim como seu estacionamento. Um carro deixado ali não chamaria atenção. Griff estacionou e eles desceram.

- Bem-vinda ao glamouroso mundo de um fugitivo. - Ele pegou a mão de Laura e a levou ao redor dos fundos do prédio, onde as caçambas de lixo estavam abertas e transbordando.

- Para onde estamos indo?

- É uma caminhada de quase um quilómetro. Tudo bem pra você?

- Um quilómetro é só aquecimento.

Ele sorriu para ela, mas sua expressão era triste.

- Eu não disse que era uma caminhada fácil.

Deixando para trás a área comercial, eles entraram num bairro residencial. Ao longo dos últimos dias, entre tentativas e erros, ele descobrira o trajeto mais seguro, se não fosse o mais fácil. A trilha os levava por entre quintais com arbustos fechados e árvores imensas, mas nada de luzes externas, cercas nem cães latindo.

Eles chegaram a uma casa pelos fundos. Griff ficou aliviado ao ver que não havia luzes do lado de dentro. A cada vez que voltava para esse esconderijo, ele temia que os proprietários tivessem regressado durante sua ausência.

O quintal dos fundos era circundado por uma cerca de madeira, mas, quando eles chegaram ao portão, ele abriu a fechadura sem dificuldade.

- Nunca está trancada. - Ele conduziu Laura pelo portão, depois o fechou silenciosamente.

- Quem mora aqui? - perguntou ela, sussurrando. As casas de ambos os lados

obviamente estavam ocupadas. Havia luz nas janelas. Em algum lugar próximo, um irrigador automático estava em funcionamento. Eles podiam ouvir o barulho de uma televisão.

- Era eu quem morava. - Ele seguiu até a porta dos fundos, abriu-a e a fechou atrás dele. O sistema de alarme começou a tocar, mas ele apertou a sequência de números e o silenciou. - Eles nunca mudaram o código. Todos esses anos, ainda continua o mesmo.

- Essa foi sua casa?

- Do meu treinador do colégio e sua esposa. Eles me acolheram quando eu tinha quinze anos.

- Os Miller. - Diante da sua expressão de surpresa, ela acrescentou: - Eu li sobre você.

Ele não se arriscou a acender as luzes, mas havia luz suficiente vindo das casas vizinhas, entrando pela cortina da janela da cozinha, para que ele pudesse enxergar o rosto dela.

- Você leu sobre mim?

- Quando Foster o recomendou para ser pai do bebé, eu li sobre seu passado.

- Ah. - Ele esperou um segundo, depois disse: - Imagino que eu tenha passado pelo seu crivo. Apesar do fato de que meu pai surrava a esposa e minha mãe era uma piranha.

- Isso não foi culpa sua.

- As pessoas dizem que a fruta não cai longe do pé.

- De maneira geral, as pessoas são injustas.

- Nesse caso, não. Eu também acabei ficando podre.

Ela sacudiu a cabeça e ia dizer algo quando o termostato da geladeira ligou, produzindo um zumbido que parecia tão alto quanto uma serra elétrica. Ela deu um pulo. Ele tocou seu braço.

- É só a geladeira. Está tudo bem. Venha. - Ele pegou a mão dela e a puxou atrás dele, seguindo da cozinha até a sala, onde as cortinas estavam fechadas, deixando o ambiente bem mais escuro.

Ainda falando em sussurros, ela disse:

- Então, foi aqui que você ficou todo esse tempo?

- Desde minha fuga da casa de Turner.

- Eles o estão acolhendo?

- Nem tanto. Não sabem que estou aqui. Eu vim ver Ellie, não faz muito tempo. Ela mencionou uma viagem ao Havaí. Acho que é lá onde estão. De qualquer forma, eu apareci aqui, preparado para me atirar a eles, pedindo piedade. Não precisei.

- Talvez precise, quando eles voltarem.

- Talvez - disse ele tristemente. - Tenho certeza de que o treinador vai me botar pra fora. Mas ao menos eles não podem ser acusados de me abrigar. Lamento por não poder acender nenhuma luz. Os vizinhos sabem que eles estão fora e vão ficar de olho na casa. É esse tipo de bairro. Cuidadoso. Tenho que fechar essa porta.

- Ele fechou a porta da sala que dava no corredor, o que os deixou em total escuridão.

- Rodarte não pensou em vir procurá-lo aqui?

- Tenho certeza que sim, e ele provavelmente ainda tem um carro fazendo rondas periódicas. Mas, quando descobriu que os Miller estavam fora do estado, ele imaginou que eu não estaria aqui. Além disso, ele sabe que o treinador não tem mais estômago para me ver. Acha que, se eu mostrasse a cara por aqui, ele seria a primeira pessoa para quem o treinador ligaria. Eu tenho torcido para que tudo isso esteja esclarecido antes que eles voltem das férias, e nunca saibam que usei a casa deles. - Ele riu baixinho. Mas Ellie provavelmente descobriria. Eu tentei limpar as coisas, mas ela é uma excelente dona de casa.

- Era o carro deles que estávamos usando?

- O segundo carro. Não é muito usado. Eu o tirei da garagem no meio da noite, dirigi até o estacionamento daquele restaurante e o deixei lá. Tenho ido e vindo a partir de lá. Até onde os vizinhos sabem, o carro continua na garagem.

Ele foi tateando a parede até encontrar a porta do quarto.

- Aqui.

Quando estavam do lado de dentro, ele fechou a porta, soltou a mão dela e foi tateando, de volta, até a escrivaninha. Pelo tato, encontrou o abajur e o acendeu. Eles piscaram diante da luz súbita. Ele gesticulou na direção da janela que dava vista para o quintal da frente.

- Não é refinado, mas é eficaz.

Ele havia esticado um cobertor escuro em cima da moldura da janela e a prendera com fita adesiva para que nenhuma fresta de luz passasse.

- Do lado de fora, só dá pra ver as persianas fechadas.

- Genial.

- É mais desespero.

Havia um laptop em cima da escrivaninha. Ele o ligou. O encontrara num dos quartos. O treinador sempre xingava os computadores, dizendo que eram “difíceis demais para se aprender a operar”, então, Griff supunha que Ellie era quem ingressara na era dos eletrônicos.

Enquanto o estava ligando, ele observou Laura andando pelo quarto, olhando fotos, trofeus e outras lembranças da vida dele começando aos quinze.

- Você começou cedo.

Ela olhava uma foto dele, tirada antes que tivesse barba. Ele estava com um dos joelhos no campo, vestindo um uniforme de futebol completo, com as ombreiras, seu capacete embaixo do braço e a pior expressão de malvado que podia fazer. As fotografias e premiações em seu quarto registravam sua carreira no futebol,

desde os times de adolescência até aquele jogo fatídico, com os Redskins.

- Você adorava, não? - perguntou ela.

- Sim.

- Você se arrepende pelo que fez?

- Você não faz ideia do quanto. - Ele deu uma olhada no monitor do computador. Não era um modelo veloz. Os programas ainda estavam carregando. Laura se sentou na beirada da cama e cruzou as mãos no colo, como se estivesse se preparando para ouvir.

Griff olhou para uma foto sua, emoldurada, em movimento na hora de um passe. Fora tirada durante um jogo que ganhara o campeonato do ensino médio. O time do treinador. O distrito escolar fizera uma parada pela vitória, quando eles voltaram de Houston, onde havia sido o jogo, em Astrodome. Até aquele ponto, havia sido o momento mais importante da vida de Griff.

- Desde o dia em que você começa, sabe que não pode durar Para sempre - disse ele. - Mesmo que siga toda a trajetória até os

times profissionais, é um curto período. Trinta já é velho. Trinta e cinco é ancião. Isso, se você escapar de uma lesão séria. Você nunca está a mais de uma jogada de distância do final de sua carreira. Ou até do fim de sua vida. A cada vez que a bola é lançada, é um novo lance do destino.

Ele virou a cabeça para olhar para ela.

- Mas eu não trocaria um dia disso. Nem um único dia. Eu adorava a expectativa crescente em cada jogo. Desde a hora do primeiro chute, eu já estava com um nó nas tripas, mais forte que um punho fechado, mas era uma ansiedade boa, sabe?

Ela assentiu.

- Eu adorava colocar as mãos naquela bola. Adorava a adrenalina que sentia cada vez que cantava uma jogada capciosa e ela era perfeitamente executada. Ganhei favorecimentos ao longo de todo o caminho, uma formação na faculdade,

milhões em salário. Mas a verdade é, Laura, que eu jogava por nada.

“Porque, mesmo nos piores dias, eu amava o jogo. Eu adorava, mesmo nas manhãs de segunda-feira, quando mal conseguia sair da cama por causa das dores.” Ele sorriu. “Na maioria das manhãs, eu ainda levo meia hora até conseguir ficar em pé ereto.”

Ele olhou o computador. Ainda estava carregando.

- Eu me lembro de uma tarde de domingo, no Texas Stadium, deitado no campo depois de ter sido derrubado por meia tonelada dos Broncos diante da casa lotada. Olhei acima, vi aquele buraco ridículo no teto do estádio e, mesmo caído de bunda e tendo perdido a jogada por sete jardas, eu estava tão feliz por estar ali que dei uma gargalhada. Todos pensaram que eu estava de miolo mole, ou que tivesse tido uma concussão, ou simplesmente tivesse pirado por conta da pressão. Ninguém podia adivinhar que eu estava rindo pelo puro prazer do jogo. O jogo. - Ele sacudiu a cabeça e deu uma risada fungada. - É, eu adorava. Meu Deus, como eu adorava.

Alguns instantes se passaram. Ele ouviu Laura inspirar o ar e soltar lentamente.

- E eles o adoravam.

Quando ele a olhou de volta, ela estava olhando a fotografia em que ele estava com os Miller.

- Você está falando do treinador? De Ellie? - Ele sacudiu os ombros, inquieto. - Enfatize o verbo no passado.

Ela apontou para as paredes cheias de prateleiras e disse baixinho:

- Ainda está tudo aqui, Griff.

Ele a olhou por um momento, depois se virou de volta ao computador.

- Finalmente. - Ele mexeu o cursor até o ícone da internet. E sentiu Laura atrás dele, olhando por cima de seu ombro.

- Qual é o seu plano?

- Não tenho nenhum. vou dar uma olhada nas ferramentas de busca, eu acho. Ver se consigo encontrar esse endereço. Começar pela cidade de Dalas, depois passar ao condado de Dalas e expandir até o estado inteiro, se for necessário.

- Essa é sua velocidade máxima?

Ele digitava catando milho. Olhou para ela, por cima do ombro.

- Consegue ser mais rápida?

Eles trocaram de lugar. Ela se sentou na cadeira da escrivaninha. Ele segurou no encosto da cadeira, para que pudesse ver o monitor. Ela era uma digitadora bem mais profissional.

- Manuelo não escreveu se era rua ou avenida Lavaca. Teremos que tentar tudo.

- Quantas ruas e estradas Lavaca você acha que existem no Texas?

- Centenas?

- Esse também é meu palpite. E Rodarte tem computadores melhores e mais gente.

- Posso dar uma sugestão?

- À vontade.

- Registro de imposto. Toda propriedade tem registro de imposto.

- Você acha que uma pessoa que dá documentos falsos para imigrantes ilegais paga IPTU?

- O imposto seria acessível. Se foi pago ou não, é outra história.

- Está bem. Tem isso online?

- Vamos tentar. Registros de IPTU para o Condado de Dalas?

- Vai fundo.

Ela começou a procurar pelo site.

- Conte-me sobre Bill Bandy.

O pedido o surpreendeu e, por um momento, ele não dissç nada. Depois, perguntou-lhe:

- O que quer saber?

- Como vocês se conheceram. Como você se envolveu com ele. Ele deu uma versão resumida.

- Quando eu já estava atolado, ele me apresentou a um cartel. Eles cancelaram minha dívida em troca de algumas interceptações atrapalhadas. Nada que não pudesse acontecer a qualquer atacante num domingo qualquer.

- Bandy o traiu.

- Os federais ofereceram liberdade condicional em troca de me armar uma cilada, e eu aposto que eles nem precisaram torcer seu braço.

- Há uma rua Lavaca em Dalas, mas os endereços têm três dígitos, não quatro - informou ela.

- Tente a estrada Lavaca.

- Os jornais disseram que Bandy entregou os dois milhões em seu apartamento, em Turtle Creek.

- Verdade. Ele estava grampeado. No instante em que peguei a caixa de dinheiro das mãos dele, eles invadiram pela porta da frente, lendo meus direitos.

- Você foi posto na cadeia?

- Sim - ele respondeu, retraído, lembrando-se da humilhação daquela experiência. - Wyatt Turner conseguiu me soltar, sob a condição de que eu entregasse meu passaporte. Assim que saí, fui à procura de Bandy.

Laura parou de digitar e se virou para olhá-lo.

- Certo. Foi algo estúpido a se fazer. Mas eu estava furioso. Acho que eu queria

assustá-lo, para que ele pensasse que estaria morto por armar pra mim. - Ele se xingou baixinho. - Que idiota que eu fui. Quando cheguei à casa de Bandy, a porta estava aberta. Eu entrei. Quase saí sem vê-lo. Ele tinha sido enforcado entre a parte de trás do sofá e a parede. Seu pescoço tinha sido quebrado com tanta força que o rosto estava praticamente virado para trás.

- Quem o matou?

- Tenho certeza de que os garotos Vista estavam por trás daquilo. Eles o queriam de boca fechada para que não pudesse entregálos, como fizera comigo.

- Eles também poderiam ter matado você.

- Imagino que tenham achado mais divertido me manter vivo, deixar que eu fosse acusado pelo assassinato de Bandy. Tenho certeza de que foram eles que deram a dica aos policiais.

- Como souberam que você estaria na casa de Bandy?

- Acho que imaginaram que eu iria atrás de Bandy, no mínimo para lhe dizer o quanto eu estava decepcionado com ele - disse ele, com sarcasmo. - Eu ainda estava ajoelhado ao lado do corpo quando dois carros de patrulha apareceram, atendendo a um chamado feito por um telefone público, segundo eles.

- Os Vista o estavam vigiando.

- Obviamente. E, se você visse um tal de Bennett, ia pensar que ele poderia ficar sentado, sem piscar, no meio de um furacão. De qualquer forma, lá estava eu, enfrentando acusações federais de suborno e jogo ilegal de apostas, e ali estava meu bookmaker, o mesmo que havia me dedurado, morto no chão.

“E chega o detetive Stanley Rodarte, que havia sido designado para investigar a cena do crime. Ele entrou, se apresentou, me disse que grande jogador eu havia sido e que pena era o fato de eu ter me tornado um bandido. Depois, ele olhou o corpo, olhou de volta para mim e começou a rir. O caso pareceu ter sido aberto e encerrado.”

- Também não há nenhum endereço como esse nos registros de IPTU do Condado de Tarrant - disse Laura.

- Denton? O que fica no lado oeste de Tarrant?

Ela consultou um mapa na tela, onde os municípios estavam discriminados. - Parker.

- Tente isso também. Droga - disse ele, olhando o mapa e se dando conta do grande empenho que teria de fazer. - Isso pode levar a noite inteira. - Ele consultou o relógio, imaginando se Rodarte já teria isolado o endereço e estava se apressando para chegar lá.

- Não foi o caso aberto e encerrado que Rodarte achou que seria - disse Laura.

367

- O quarto dos fundos da casa de Bandy havia sido totalmente revirado, saqueado. Minhas digitais estavam no sofá, na parede atrás dele. Porra, eu estava ajoelhado ao lado do corpo, quando a polícia chegou. Mas eles não conseguiram me colocar naquele quarto dos fundos, por mais esforço que Rodarte tenha feito. O júri achou que seria impossível que eu evitasse as digitais em outras provas, enquanto estivesse saqueando o local, para depois tirar as luvas, ao matar Bandy. E, se eu o tivesse feito, onde estariam as luvas?

- Por que o quarto dos fundos havia sido saqueado?

- Rodarte é da opinião de que Bandy tinha dinheiro escondido em algum lugar e eu o peguei.

Novamente, ela se virou para olhá-lo.

- Mas você não tinha nenhum dinheiro escondido nos bolsos na ocasião, tinha?

- Não. Mas não seria necessariamente dinheiro que eu estaria procurando. Poderia ser o número de uma conta bancária. A combinação de um cofre. Algo que eu pudesse guardar na memória. Mais tarde, quando saísse da prisão, eu teria esse tesouro esperando por mim. - Ele a olhou fixamente. - Só para que você saiba, eu nunca entrei no quarto dos fundos de Bandy. Não sei o que havia ou não havia lá. Até onde eu sei, ele não tinha dinheiro algum escondido para uma emergência.

Ela disse baixinho:

- Eu não perguntei. - Ela se virou de volta e, olhando as informações no monitor, disse: - Não tem nenhuma Lavaca no Condado de Parker.

Griff abriu a bolsa de mão e tirou o mapa de Manuelo.

- Abra novamente aquele mapa do estado. - Ela abriu. Quando o mapa surgiu no monitor, ele apontou um local específico. - A estrela vermelha em lápis está aqui. - Ele indicou a ponta sudeste do estado. - Em algum lugar entre Mission e Hidalgo.

- Nós imaginamos que esse tenha sido o local por onde ele entrou no país. Deus, a que distância isso fica daqui? Mais de seiscentos quilómetros, quase setecentos.

- Muitos municípios.

- É, mas eu aposto que seu contato não ficaria muito distante dessa área. Digamos que Manuelo tenha entrado por San António e Austin.

- Basicamente, seguindo a rodovia Interestadual 35.

- Basicamente. Vamos nos concentrar nos municípios localizados diretamente ao sul de Dalas e Forth Worth.

- Hood, Johnson, Ellis.

- Verifique esses e vá seguindo abaixo. Eles encontraram no Condado de Hill.

- Griff! Tem uma estrada Lavaca no Condado de Hill. Na periferia da cidade, e ela desemboca na rodovia rural 2010. Nós achamos que fosse um número residencial!

Ele se inclinou acima dela, e ela apontou para a tela.

- Que cidade é essa? - ele perguntou.

- Itasca.

- Repita isso - disse Rodarte.

- Itasca.

- Onde diabos fica isso? - Ele estava dirigindo com uma das mãos e segurando o celular junto ao ouvido com a outra.

Ele mandara um policial administrativo, da delegacia de polícia, pesquisar o endereço que Griff lhe dissera antes de desligar. Graças a um satélite e à tecnologia que ele não entendia, o celular de Laura Speakman fora rastreado até um cinema. Antes que pudesse se animar por conta disso, eles encontraram a porcaria do troço jogado no chão do estacionamento.

A partir dali, o rastreamento esfriara, pois o carro da sra. Speakman tinha sido deixado na mansão; agora, eles não sabiam que carro Griff estaria dirigindo e os frequentadores do cinema que foram questionados não sabiam de nada. Rodarte havia deixado Cárter por lá, para tentar levantar algo. Na verdade, Rodarte estava contente por poder designar seu parceiro para outra tarefa. Dali em diante, ele ia preferir trabalhar sozinho.

Rodarte ficou furioso ao pensar em Griff com sua amante adúltera. Será que ela havia tramado a morte do marido junto com ele? E estariam morrendo de rir dele? Os idiotas que ele colocara para ? vigiá-la estariam procurando emprego amanhã. Depois, ele ia machucá-los. E às suas esposas. E aos seus filhos. Eles iam se arrepender do dia em que nasceram.

E isso não chegava nem perto do que ele tinha planejado para Griff Burkett e a pobre, inocente e pesarosa viúva. Ele gostaria de

tê-la fodido, quando tivera a chance. A quem ela diria? Aos policiais? Pensou ele, debochado. Sem chance. Não, já que ele podia dar meiavolta e contar a todos sobre seu caso ilícito com o assassino de seu marido. É, ele deveria ter reagido segundo o impulso que tivera no quarto dela, tê-la envergado e enrabado. O problema dele era ser um cara legal demais.

O policial do escritório estava transmitindo direções.

- A partir de onde você está, siga ao sul, pela rodovia estadual 35 até chegar à interestadual 20 e siga a oeste. Depois, em Fort Worth, pegue a 35 ao sul. Fique de olho na saída.

- Então, onde fica essa estrada Lavaca?

- Ela segue ao lado leste da cidade, desembocando na estrada rural 2010. Nós calculamos que os números venham daí. Não é exatamente um endereço de rua, mas faz sentido.

- Imagino que sim - disse Rodarte, não convencido. - Mas fique de sobreaviso, caso eu tenha que ligar novamente.

- Já liguei para a chefia de polícia local de lá. O nome é Marion.

- Primeiro nome?

- Sobrenome. Além disso, alertei ao departamento de Operações Especiais do Condado de Hill. Marion está mandando uma viatura para a área, para ver se seus garotos conseguem descobrir algo. Quando você chegar lá, terá um bocado de gente para dar cobertura.

- Ainda há um pedido de prisão em nome de Manuelo Ruiz?

- Pedi a Marion que lembre a todos.

- E um para Griff Burkett?

- Considerado armado e perigoso. Exatamente como disse, detetive.

- Ele está com a arma de um policial.

- Eu também disse isso a Marion. E ele ficou injuriado. Depois de uma pausa, ele acrescentou: - E pensar que nós costumávamos torcer pelo filho da puta.

-É.

O melhor que poderia acontecer seria Burkett ser localizado e detido por um policial mal pago e ansioso de Hicksville, um fã dos Cowboys que tivesse guardado rancor, baseado em princípios.

Uma outra pessoa que matasse Burkett tiraria todas as suspeitas de cima dele. Mas havia um lado bem desfavorável: isso o privaria de ele próprio pegar o bastardo, e isso era algo que ele queria muito.

- Qual é o número da delegacia de polícia de lá? - Rodarte perguntou ao policial.

Depois de anotar, ele desligou e telefonou para o número. Identificou-se e foi logo transferido ao chefe Marion. Rodarte, polícia de Dalas.

- Sim, senhor - ele disse, rapidamente.

- Estou ligando apenas para fazer um follow up. O que está acontecendo por aí?

- Não há nada na estrada 2010, exceto uma antiga casa de fazenda. Vazia. Parece que está abandonada há muito tempo. Meus homens disseram que um vento forte pode derrubá-la.

- Não sacaneia.

- O local foi abandonado. Vamos ficar de olho, mas, entre o pessoal do xerife e meus oficiais, eles não conhecem nada naquela direção. Não até depois de muitas milhas.

- Está bem. Mantenha-me informado.

- Pode deixar, detetive.

Rodarte fechou o telefone e o jogou no banco do carona, xingando. Será que Burkett o teria mandado numa corrida atrás do próprio rabo? Dado algo que o mantivesse ocupado, enquanto ele e a amada fugiam?

Ele parou o carro no acostamento da rodovia, abriu o vidro e acendeu um cigarro. Deixou o motor ligado, enquanto pensava em suas opções.

- Itasca - repetiu Laura. - Já ouviu falar?

- Não, mas vou encontrar. - Ele deu um apertão nos ombros dela. - Ótimo trabalho, obrigado. - Ele seguiu em direção à porta.

- Apague a luz até que eu saia. E lembre-se de não acender luz alguma, a menos que a porta desse quarto esteja fechada.

-Você vai agora?

- Nesse instante. Só espero que Rodarte não esteja muito adiantado.

- Mas nós não sabemos se é isso, Griff. E, mesmo se for, Manuelo pode ter

partido há muito tempo.

371

- Tenho que tentar. Ele é minha última esperança.

- Eu também vou - disse ela, decidida.

- Não, não. Sem chance. Eu não sei o que…

- Eu vou com você. - Ela se levantou, mas, ao fazê-lo, uma expressão estranha estampou seu rosto e ela colocou as mãos no meio das pernas.

- O que houve?

Ela apenas ficou ali, olhando para ele, alarmada. Depois franziu o rosto e gemeu:
- Ah, não.

372

Capítulo 35

MESMO quando viu o sangue nas mãos dela, os filetes escorrendo pela calça de ginástica, Griff não compreendeu o que estava acontecendo, até que olhou em seus olhos e viu a angústia que estampavam.

- Oh, Jesus.

Bem baixinho, ela disse:

- Meu bebé.

Ele esticou os braços para pegá-la, mas ela recuou.

- Laura, eu preciso levá-la a um hospital.

- Não há nada a fazer.

- Você não sabe.

- Sim, eu sei. - Os olhos dela se encheram de lágrimas. - Eu o perdi.

- Não, não. Nós vamos evitar isso. Nós podemos. E vamos. Ela olhou em volta, freneticamente.

- Onde fica o banheiro?

Ele chegou à porta antes dela e apagou a luz. Ela o contornou e fechou a porta.

- Laura?

- Não entre.

Ele espalmou as mãos sobre a porta e, se inclinando em direção a ela, recostou a testa na madeira dura, se sentindo mais impotente do que jamais se sentira na vida. Aborto espontâneo. Ele já ouvira falar, sabia o que significava, mas nunca pensara que isso envolvesse tanto sangue, nem causasse tanto desespero. Sentia-se desnecessário e inútil. As leis da natureza o haviam deixado impotente.

Griff ficou do lado de fora do banheiro por um tempo que pareceu uma eternidade. Bateu várias vezes, perguntou como ela estava indo, se havia alguma coisa que ele pudesse fazer. Ela respondia em monossílabos sussurrados que ele não podia fazer nada.

373

A descarga foi dada inúmeras vezes. A água estava correndo na pia. Ele acabou ouvindo o chuveiro. Logo depois que a água parou, ela abriu a porta. Estava embrulhada numa toalha. Ele correu e a percorreu com os olhos, desde o alto de seus cabelos molhados até os dedos de seus pés, e voltou, parando em seus olhos, vermelhos e lacrimosos.

- Não tem jeito? Ela sacudiu a cabeça.

Ele assimilou aquilo, impressionado pela angústia que lhe causou.

- Está doendo?

- Um pouquinho. Como se fosse uma cólica muito forte.

- Aaah - disse ele, embora não fizesse a menor ideia de como seriam cólicas menstruais.

- Preciso de algo para vestir.

Ele olhou atrás dela. Seu conjunto de ginástica estava embolado no chão do chuveiro.

- vou encontrar alguma coisa.

- Acha que a sra. Miller pode ter alguns absorventes? Absorventes? Sua cabeça estava embaralhada. Absorventes.

Certo. Pergunte a ele sobre remédios para dores musculares e ele tem papo. Frieira? Positivo. Mas ele jamais sequer passara na seção de produtos de higiene feminina do supermercado. De propósito, não. Ele nunca comprara um produto para uma namorada, esposa, filha. Seu conhecimento de tais coisas era limitado à caixa de tampões que a mãe tinha embaixo da pia do banheiro. Ele sabia que eram necessários, mas só isso.

- Eu já volto.

Ele nem pensou nas luzes que estava acendendo à medida que andava pela casa, esbarrando nas paredes, escancarando portas que mantivera fechadas pelos últimos dias. No quarto dos Miller, ele abriu o armário do casal. As roupas do treinador estavam penduradas de um lado e as de Ellie, do outro, os sapatos caprichosamente alinhados, abaixo.

Ele arrancou um robe de um cabide, depois começou a revirar as gavetas, até que encontrou suas calcinhas. Não eram do tipo rendado que vira em Laura, mas o que ele arranjara serviria.

Absorventes. Será que Ellie já não teria passado da menopausa? Ele não tinha ideia. Procurou no banheiro, mas não encontrou nenhum produto pessoal nos armários. O banheiro de visitas? Ellie tinha sobrinhas que vinham visitá-la, ocasionalmente. Talvez…

No armário do banheiro de visitas, ele encontrou papel higiénico extra, pasta de dente e sabonete, barbeadores descartáveis e até escovas de dente embrulhadas em celofane. Absorventes e tampões. Graças a Deus por Ellie. Ele pegou a caixa de absorventes.

Laura estava sentada na tampa do vaso, abraçada à cintura, olhando para o

espaço, se embalando para a frente e para trás. Ele colocou os itens em cima do balcão, depois se agachou na frente dela. Ela ainda estava embrulhada na toalha. Ele viu seus braços e pernas nus, arrepiados.

- Desculpe ter demorado tanto.

- Você não demorou, está tudo bem.

- Você está com frio. - Ele colocou o robe grosso ao redor dos ombros dela. - Coloque seus braços aí dentro. - Ele guiou seus braços para dentro das mangas, depois puxou o robe, fechando sobre o peito, com toalha e tudo.

- Obrigada.

- O que mais eu posso fazer?

- Nada.

Ele continuou agachado na frente dela, olhando para seu rosto.

- Você tem certeza de que… Talvez… - Ela sacudiu a cabeça, interrompendo-o, cortando sua esperança.

Novas lágrimas começaram a cair de seus olhos e rolar pelo rosto.

- Foi muita coisa. Coisa demais para ser um alarme falso.

- Você deveria ir ao hospital. Ao menos ligar para seu médico.

- Em um ou dois dias, eu vou ao médico. Sei que eles têm que se certificar de que saiu tudo. - Ela engoliu com força, e ele achou que provavelmente seria para conter as lágrimas. - Eu vou ficar bem. Tenho que passar por essa parte. Não é agradável, mas… - Ela limpou as lágrimas nas bochechas. - Isso acontece o tempo todo. Uma em cada dez mulheres grávidas. Algo assim.

Mas não acontece com você. Nem comigo. Essa era uma tristeza que eles compartilhavam. Ele a tocou no rosto, mas ela recuou a cabeça e se levantou.

- Agora eu preciso de privacidade.

- Não posso…

- Não. Não há nada que possa fazer. Apenas… - Ela gesticulou para que ele saísse.

Sua rejeição o fez se sentir como se tivesse garras. Seu mais leve toque era uma violação à sua pele feminina e sensível. Seu tamanho e sexo subitamente pareciam incriminadores. Ele não sabia por que, mas se sentiu estranho e digno de culpa ao se levantar e andar para trás na direção da porta aberta. Ele saiu e puxou a porta atrás de si.

Quando ela saiu, Griff estava sentado na beirada da cama, com os cotovelos nos joelhos, a cabeça nas mãos, os dedos fazendo rolinhos nos cabelos.

Ao ouvi-la, ele olhou acima com uma expressão de desolação. Ela se sentia constrangida, embrulhada do queixo aos tornozelos num robe cor-de-rosa que pertencia a uma mulher que ela nem conhecia. Ele encontrara calcinhas para ela. Absorventes higiénicos. Nem com o marido ela tivera momentos tão íntimos como tivera com Griff Burkett.

- É culpa minha, não é?

- Culpa sua? Ele ficou de pé.

- No hotel, eu fui brusco com você.

- Não, não foi.

- Fui sim. Eu a maltratei. Depois a forcei a correr, a fiz rastejar e passar por um muro, de bruços, arrastei…

- Não foi culpa sua, Griff.

- Claro que foi! Isso não teria acontecido se você estivesse sozinha. Ainda teria seu bebé, se estivesse a salvo em seu quarto de hotel, não nessa minha missão tola.

- Ouça - disse ela baixinho, esperando acalmá-lo. - Eu vinha sentindo algumas pontadas já fazia vários dias. E tive algumas gotas de fluxo na manhã do enterro de Foster. Isso é normal, durante o início da gravidez. Achei que fosse por causa

do estresse, pelo choque de sua morte. Ignorei. Mas as cólicas e o fluxo eram sinais. Isso teria acontecido independentemente de qualquer coisa, Griff. Pela expressão dele, ela podia ver que não o convencera.

- Você ainda está sangrando?

- Um pouco. Acho que já expeli o… - Incapaz de dizer, ela terminou com: - Acho que o pior já passou.

- Então, você vai ficar bem?

- Não se preocupe comigo. Lamento por ter lhe causado esse atraso.

-Atraso?

- Manuelo.

- Ah, certo.

- Você sabe como chegar até Itasca?

Ele a olhou como se não tivesse entendido a pergunta, depois disse:

- Sul na 35, saindo de Fort Worth. Eu vou achar.

- Quanto tempo vai levar?

- Eu não sei, talvez uma hora e meia.

- E, se encontrar Manuelo, como vai convencê-lo a voltar com você? Ele nem fala inglês.

- Eu vou me fazer entender.

- Ele ficará amedrontado. Quando o vir, só Deus sabe o que fará.

- Eu posso me cuidar. E você, pode?

- vou ficar bem.

- Posso pegar alguma coisa pra você, antes de ir?

- Não consigo pensar em nada. Ele desviou a cabeça.

- É, está bem. - Ele estava falando numa voz falhada, batendo levemente as mãos nas laterais das coxas, ansioso para ir embora. Eu ficaria, mas…

- Não, você precisa ir. Na verdade, eu prefiro ficar sozinha

nesse momento.

- Claro. E compreensível. - Ele correu os dedos pelos cabelos e caminhou num círculo, depois puxou a colcha da cama. - Deite-se. Durma.

- Farei isso. Tome cuidado. -Tá.

Ele se virou subitamente e saiu do quarto, fechando a porta, não ruidosamente, mas com firmeza. Ela ouviu a porta que ligava o corredor à sala de estar sendo aberta, depois fechada.

377

Sabendo que finalmente estava sozinha, ela cedeu sob o peso da dor da mágoa. Ficou deitada na cama, se virou de lado e se fechou numa bolinha. Depois, enterrando o rosto no travesseiro, ela abriu a comporta da enxurrada que vinha contendo suas emoções.

Seus soluços eram tão intensos que sacudiam seu corpo inteiro. Então, quando o colchão se moveu, ela não confiou em si mesma para acreditar que ele teria voltado. Não se deixou aceitar, até que sentiu a mão dele acarinhando seu ombro e o ouviu dizer: “Shh, shh.”

Ele só conseguiu chegar até a porta dos fundos. Chegou a colocar a mão na maçaneta. Seu futuro, possivelmente sua vida, dependia de encontrar Manuelo Ruiz antes que Rodarte o fizesse. Era de seu maior interesse partir agora, dirigir o mais rápido que pudesse até aquele ponto do mapa e desencavar o único indivíduo no mundo que poderia salvá-lo de ser condenado pelo assassinato de Foster Speakman.

Além disso, Laura rejeitara sua ajuda. Ela praticamente o empurrara para fora da porta. Até aí, nada de mistério. Era culpa dele que ela perdera seu bebé. Mais cedo, naquela noite, quando ela lhe disse que era pra valer, que estava grávida,

ele havia pensado: Finalmente. Pela primeira vez em sua vida, ele havia feito algo certo e bom.

Ele deveria saber que isso não duraria, que, de alguma forma, ele estragaria tudo. De qualquer forma, havia acabado. O bebé fora perdido, e agora não havia nada que ele pudesse fazer sobre isso.

Vá! Vá! Vire essa porcaria dessa maçaneta.

Ele estava voltando pela sala, antes de perceber que dera meiavolta. Ouviu o choro dela quando abriu a porta que dava no corredor. Vê-la encolhida com o robe cor-de-rosa, chorando no travesseiro, fez seu coração sentir algo como se tivesse sido beliscado. com força.

Ele deitou atrás dela e a tocou no ombro.

- Shh. Shh.

- Você precisa ir - ela gemeu.

- Não, eu preciso ficar aqui com você. Quero ficar. - Colocando o braço por cima da cintura dela, ele puxou suas costas para junto dele.

- Você não pode deixar que Rodarte…

- Não posso deixá-la. Não vou fazer isso. - Ele pressionou o rosto junto à parte de trás do pescoço dela. - Desculpe, Laura. Deus, eu lamento tanto.

- Por favor, pare de dizer isso, Griff. Pare de pensar isso. Não foi culpa sua. Não foi culpa de ninguém. Foi a forma como a natureza encontrou de dizer que algo não estava certo. Eu só estava grávida de sete semanas. Ainda nem era um bebé.

- Para mim, era.

Ela ergueu a cabeça. Seus olhos inundados encontraram os dele. Então, com um longo gemido, ela se virou para ele e pressionou o rosto junto ao seu peito. Os braços dele a enlaçaram, trazendo-a para perto, encaixando-a embaixo de seu queixo. Ele mergulhou os dedos nos cabelos dela e massageou seu couro cabeludo.

Ela caiu em prantos e ele deixou. Era um negócio feminino, uma coisa maternal. As lágrimas eram essenciais, limpavam como se fossem necessárias para curar o sangramento. Ele não tinha a menor ideia de como sabia disso, simplesmente sabia. Talvez, em horas de crise, você seja agraciado com algumas percepções superiores desse tipo.

Quando o choro finalmente diminuiu, Laura inclinou a cabeça ao lado sobre o braço dele.

- Obrigada por voltar,

- Eu não podia ir embora.

- Eu não queria que você fosse.

- Você me afastou.

- Para evitar de implorar que ficasse.

- Honestamente?

- Honestamente.

Ele olhou profundamente nos olhos dela.

- São bonitos.

- O quê?

- Seus olhos. Quando você chora, seus cílios ficam grudados, formando mechas escuras. São bonitos.

Ela deu uma risadinha de leve e fungou. f

- Sim, tenho certeza de que estou com uma aparência radiante nesse momento. Mas eu agradeço pela bajulação.

380

- Não é bajulação. Eu não faço bajulação.

Ela hesitou por um momento, depois voltou a mergulhar o rosto no pescoço dele.

- Você nunca precisou, não é?

- Eu nunca quis.

- com a Márcia?

- Ela era paga para me bajular.

- E comigo certamente não foi necessário. com ou sem isso, você estava sendo pago.

Ele colocou o dedo embaixo do queixo dela, forçando-a a olhar para ele.

- Acha que naquele último dia eu estava pensando no dinheiro? Ou em fazer um bebé? Não. Eu ultrapassei todos os limites de velocidade para chegar lá somente por uma razão: ver você. Aquela tarde não teve nada a ver com coisa alguma, exceto você e eu. Você sabe disso, Laura. Eu sei que sabe.

Lentamente, ela assentiu.

- Ah, bom. - Eles sorriram carinhosamente um para o outro. Ela foi a primeira a falar.

- Você não é ruim. Ele riu.

- Vamos voltar a falar disso?

- Você algum dia procurou por seus pais? O que aconteceu com eles depois que o abandonaram? Você sabe? - Ele não disse nada por um tempo tão longo, que ela disse: - Perdoe as perguntas. Você não tem que falar nisso.

- Não, tudo bem. É que é horrível.

Mas ela continuou a olhar nos olhos dele, com um ar interrogativo.

Ele imaginou que Laura tinha direito de saber o quanto havia sido horrível.

- Meu pai morreu de alcoolismo antes dos cinquenta anos. Eu rastreei minha mãe até Omaha. Logo antes de entrar em Big Spring e começar a cumprir a minha

pena, tive a audácia de ligar pra ela. Ela atendeu. Eu ouvi sua voz pela primeira vez em, hmmm, quinze anos.

“Ela disse alo de novo. Impacientemente, como a gente faz quando atende ao telefone e a pessoa não diz nada, mas a gente ouve a respiração. Eu disse: E aí, mãe. É o Griff. Assim que eu disse isso, ela desligou.” Embora ele tivesse tentado colocar uma pedra em cima disso, a dor dessa rejeição ainda era aguda.

“É engraçado. Quando eu estava jogando bola, eu costumava ficar pensando se ela saberia que eu me tornara famoso. Se me vira na televisão, ou se vira alguma foto minha, num produto ou numa revista. Eu me perguntava se ela assistia aos jogos e dizia às amigas: Aquele é meu filho. Aquele atacante de futebol profissional é meu garoto. Depois daquele telefonema, eu não tive mais que me perguntar.”

- Sua ligação a pegou desprevenida. Talvez ela precisasse apenas de tempo para…

- Eu achei a mesma coisa. Acho que isso é gostar de sofrer. Então, eu mantive aquele número telefónico. Durante cinco anos. E liguei algumas semanas atrás. Atendeu um cara e, quando perguntei por ela, ele me disse que ela havia morrido dois anos atrás. Ela teve muitos problemas de pulmão, segundo ele. Morreu lentamente. Mesmo sabendo que ia morrer, ela não fez nenhuma tentativa de me procurar. A verdade é que simplesmente nunca deu a mínima pra mim. Nunca.

- Sinto muito, Griff. Ele sacudiu os ombros.

- Não tem importância.

- É claro que tem. Eu sei o quanto dói. Minha mãe também me abandonou. - Ela contou sobre seu pai. - Ele foi um herói da vida real, como um personagem de filme. Sua morte arrasou a mim e a minha mãe, mas eu acabei me recuperando. Ela, não. Sua depressão foi ficando cada vez mais debilitante, até o ponto em que ela não saía mais da cama. Nada que eu dissesse ou fizesse fazia com que se sentisse melhor. Ela não queria melhorar. Um dia, ela se livrou de sua própria infelicidade. Usou uma das pistolas do papai e ficou lá para que eu a encontrasse.

- Jesus. - Ele a puxou para perto e beijou seus cabelos.

- Por um bom tempo, achei que eu tivesse fracassado com ela. Mas agora percebo que foi ela que falhou comigo. Embora esse bebé fosse minúsculo, só tivesse algumas semanas de concepção, eu me sentia sua feroz protetora, Griff. Queria resguardá-lo de ser

ferido, emocional e fisicamente. Como pode um pai ou mãe renunciar ao instinto de proteger seu próprio filho?

Ele respirou fundo e soltou o ar lentamente. Não tinha uma resposta. Vinha perguntando isso sobre sua mãe desde sempre.

- Eu deveria ter sido sincero com você quanto ao meu passado. Mas eu temia que, se fosse, você pudesse pensar que eu era semente ruim e preferisse alguma outra pessoa como pai biológico.

- Eu admito que, a princípio, não pensei muito bem de você.

- Conta - disse ele, com um sorriso por trás da voz.

- Minha opinião sobre você mudou no dia em que você trouxe o gel lubrificante.

- Você está brincando.

- Não.

- Eu não queria machucá-la novamente.

- Hmm, e ficou muito zangado quando descobriu que eu não o havia usado.

- É, mas o que me deixou realmente zangado foi você pensar que eu não me importava em machucá-la.

- É, você disse. Sua reação de raiva mudou a opinião que eu tinha sobre você. Você se importava muito mais do que queria demonstrar. Eu vi que você não era nem de perto ruim como as pessoas acham. Até como você mesmo acha.

- Não venha me dar louros, Laura. Você ainda era a esposa de outro homem, mas eu passei a torcer para estar com você. Eu não admitia isso, nem a mim mesmo.

Mas eu queria. Foi ideia dele, e todas as vezes que você me encontrava era porque ele insistia nisso. Mas, depois daquele dia em que você teve o orgasmo, eu parei de me enganar.

- Eu também - ela confessou baixinho. - Eu sabia que seria perigoso ficar novamente sozinha com você. Foi por isso que eu disse a Foster que não voltaria. Mas voltei. E, apesar de tudo que aconteceu, eu honestamente não posso dizer que lamento ter voltado.

Nesse momento, ele quase disse algo, fazendo um tipo de confissão, algo que nunca pensou que diria a outro ser humano. Mas a hora não era certa. De jeito algum.

Em vez disso, ele pegou a mão dela e a pousou sobre seu peito, apertando-a sobre o coração. Ela não saberia, não tinha como saber que para ele, que jamais convidara a um toque - o quanto foi significativo aquele pequeno gesto. Mas ele sabia.

- Eu sempre me perguntei… - ela começou.

- O quê ? ,;r Parecendo envergonhada, ela sacudiu a cabeça.

- Deixa pra lá.

- O quê?

- O que você usava.

- Usava?

- Para… você sabe. Enquanto eu estava no quarto, esperando. Sempre me perguntei o que você fazia, o que usava para ficar excitado.

- Ah - disse ele, dando uma risadinha. - Eu usava você. -Eu?

- Da primeira vez em que nos encontramos lá, você estava com uma blusinha rosa macia embaixo de seu conjunto corta-tesão.

- Perdão, eu não entendi?

- Você estava usando um tipo de conjunto profissional que dizia que queria ser levada a sério. Queria ser vista da mesma forma como é vista no seu local de trabalho. Não como uma mulher. Mas não funcionou, porque, para mim, você ainda parecia alguém com quem eu queria fazer sexo. Principalmente aquela blusa. Era de uma cor parecida com a desse robe.

- Eu sei qual é.

- Então, pra me animar, eu pensava nos seus seios por baixo da blusa, macios e quentinhos. Pensava em enfiar minha mão por debaixo deles e tocá-los. E pronto.

- Só isso?

- Bem, podia haver outros flashes de língua nos mamilos acrescentou ele, sorrindo, sem arrependimento. - E, nas vezes depois dessa, eu pensava em você, ali deitada, vestida na parte de cima, sem nada na parte de baixo, esperando por mim. Funcionou todas as vezes. É claro que da última vez foi diferente.

- Sim.

Ele a tocou nos lábios, com a parte de trás dos dedos.

- A coisa mais difícil que eu já fiz na vida foi deixá-la voltar Para ele.

383

- Acho que ele sabia que alguma coisa tinha acontecido naquela tarde. Algo que me abalou. Quando cheguei em casa naquela noite, ele estava agindo de forma estranha. Eu estava toda desalinhada, e ele soube. Ele estava quase debochando de mim.

Ao afastá-lo devagarinho, ela se virou de barriga para cima e ficou olhando o teto.

- Eu chego à conclusão de que tudo isso, você, o bebé, tudo, foi a forma com que Foster encontrou para me punir por estar ao volante quando se acidentou.

- Como é que ele poderia culpá-la? Foi um acidente.

- É simplesmente isso, Griff. Ele não acreditava em acidentes. Você precisa entender sua obsessão. Tudo tinha de ser feito em sequências, e de uma forma específica. Jamais havia variações. Ele acreditava que qualquer mudança na ordem das coisas resultava em calamidade.

“Ele queria dirigir para casa naquela noite porque tinha dirigido na ida. Mas eu disse não porque ele havia bebido mais que eu. Interrompi a sequência, e o que aconteceu foi decorrente disso. Ele nunca me culpou em voz alta. Mas, agora, eu acho que ele me culpava por dentro. Ele deve ter guardado um profundo ressentimento que acabou se tornando corrosivo.”

Griff estava contente por ela estar conversando sobre isso. Ela precisava, mais por ela mesma do que por ele.

- Eu poderia ter concebido uma criança por meio da trajetória clínica, usando um doador. Foster usou sua disfunção obsessiva como desculpa para que eu não o fizesse. Mas essa não foi a razão. Agora, eu vejo isso. Nosso casamento era sagrado e estimado para mim. Eu o valorizava, acima de qualquer coisa. Então, ele tramou uma forma de enfraquecê-lo, se não o destruir de vez.

- Como suas pernas.

- Como suas pernas. Moralmente, ele sabia como eu me sentia sobre seu plano. Repetidas vezes, eu disse a ele como achava errado, mas ele não aceitava não como resposta. Jogava com o fato de que eu sempre agia acima das expectativas, sem jamais recuar de um desafio ou tarefa. Agora posso ver como fui manipulada. Ele apelou àquilo que me faria concordar.

- Depois ele a colocou na cama comigo, um homem excluído da sociedade, um homem que você não poderia admirar e de quem não ia gostar.

- Não - disse ela, com um sorriso triste. - Nisso, você está errado. Ele escolheu você porque era bonito e forte, inquestionavelmente masculino. Você estivera abstinente durante cinco anos. Eu estivera por dois. Como é que cada um de nós não ficaria atraído por outro indivíduo que estava nos dando o que nos faltava? Ele queria que nos sentíssemos atraídos. Principalmente eu. Então, em meu coração, eu estaria cometendo adultério, violando as juras de meu casamento, algo que eu guardava com tanto apreço.

O que ela dizia fazia sentido. Ou teria feito, na mente distorcida de Foster

Speakman.

- Uma vez que a criança tivesse sido concebida e eu estivesse morto, você sentiria a perda junto com a culpa.

- Eu acho que isso era o que ele tinha em mente.

- Você acredita em mim? Em tudo que lhe contei sobre a forma como ele morreu? Sem questionamentos?

- É difícil pensar dessa forma sobre meu marido, mas, sim, Griff, eu acredito em você. Sua morte foi parte de seu plano. A punição perfeita. Eu jamais seria capaz de olhar a criança sem pensar em você e me lembrar de meu pecado. Minha infidelidade jamais seria reconhecida como tal, mas eu teria passado minha vida inteira tentando compensar isso. - Depois de um longo momento, ela se virou de lado novamente, para ficar de frente para ele. - Nós o arrastamos para essa terrível confusão. Eu peço desculpas por isso.

- Você não me arrastou, eu pulei prontamente com muito menos escrúpulos do que você. Eu estava atrás do dinheiro fácil. Muito dinheiro. Até Rodarte disse que um prostituto como eu…

- Rodarte! - Ela se sentou como um raio e o empurrou. Agora, você tem que ir.

- Não posso deixá-la.

- Você precisa, Griff. Estou bem. Mas não vou ficar, se você ficar comigo em vez de encontrar Manuelo. Você precisa ir. Sabe que estou certa.

Ele sabia disso. Lamentando, ele saiu da cama, depois se abaixou para acarinhar os cabelos dela.

- Tem certeza de que vai ficar bem com… tudo. - Ele gesticulou para a barriga.

- vou ficar bem.

- Fique na cama. Tente dormir. - Ele a beijou levemente nos lábios. - Volto assim que puder. - Ele se virou, antes que pudesse se convencer a não ir.

O treinador e Ellie estavam em pé na porta aberta. Em seu tom de voz mais alto, o treinador berrou:

- Que diabos você está fazendo em minha casa?

386

Capítulo 30

O NEGÓCIO é o seguinte, Rodarte disse a si mesmo, Griff Burkett tivera êxito em (a) seduzir ou (b) raptar Laura Speakman do hotel. Ele escapara de ser preso na mansão. Estava dirigindo um veículo desconhecido. Basicamente, estava em boa situação para evitar sua captura por mais um bom tempo, talvez até tempo suficiente para chegar bem longe.

Então, por que ele teria usado o celular da perua para ligar, sabendo que Rodarte seria capaz de rastrear a ligação e identificar sua localização? Claro, Burkett fora esperto o bastante para deixar o telefone no chão do estacionamento do cinema, mas por que correr um risco tão grande?

Burkett não o faria. Não, a menos que tivesse algo muito importante a dizer, algo que imaginasse poder livrar totalmente a sua cara.

Rodarte ficou sentado em seu carro, no acostamento da interestadual, e fumou meio maço - parar de fumar que se foda - antes de concluir que Burkett não estava fingindo. Ele pareceu empolgado e determinado. Burkett acreditava que a estrada Lavaca, em Itasca, fosse uma ligação com Manuelo Ruiz, quem ele alegava ter matado Speakman acidentalmente. O que significava que Burkett era inocente.

Tinha de ser verdade. Se Ruiz tivesse testemunhado Burkett assassinando Speakman, Burkett estaria correndo para Itasca para silenciar o homem, não ligando para Rodarte para lhe dizer onde encontrálo.

Conclusão: Manuelo Ruiz já não era mais um figurante do caso. Ele passara a protagonista. Seu novo status pedia ação.

Rodarte usou o botão de rediscagem de seu telefone. Só tocou uma vez antes de ser atendido.

- Delegacia de Polícia de Itasca.

387

- Aqui é Rodarte novamente. Coloque o chefe Marion na linha.

Depois de alguns cliques:

- Detetive Rodarte?

- Alguma coisa?

- Nada. Mas tenho alguns homens vigiando a casa.

- Ligue pra eles e cancele o mandado de Manuelo Ruiz. Rodarte sentiu a surpresa de Marion.

- Por que motivo?

- Alguém fez cagada - disse Rodarte, fingindo estar exasperado. - Esses babacas de computador. Procurando um endereço residencial e, em vez disso, acabaram com o número de uma estrada. Deixei vocês em polvorosa por nada. Espero em Deus que nunca dêem armas a esses caras.

O outro policial riu.

- Obrigado pela ligação, detetive. vou remover todo mundo, incluindo o pessoal do escritório do xerife. Meus policiais ficarão decepcionados. Eles acharam que teriam um grande acontecimento.

- Essa noite, não.

- E quanto a Burkett?

- Ainda está solto.

- Um cara grandão como ele, era de se pensar que seria bem fácil de localizar.

- Era de se pensar.

- Vamos ficar de olho.

Rodarte se desculpou novamente pela confusão e disse que esperava que Marion não tivesse mantido os policiais acordados até muito tarde. Em seguida, despediu-se. Jogou a guimba do cigarro pela janela, depois, sorrindo, seguiu dirigindo pela interestadual rumo a Itasca.

Ao ver os Miller, Griff pensou: as surpresas não param.

Ambos de sanDálias, short e camisas floridas do Havaí. Ellie estava usando um chapéu de palha. E um colar de flores brancas pendurado no pescoço. Ela parecia aturdida. O treinador, apesar da roupa ridícula, estava em estado de ebulição.

Esperando dissipar a explosão iminente, Griff disse:

- Treinador, Ellie, essa é Laura Speakman.

O treinador deu um cutucão em Ellie e olhou para Griff.

- A viúva? Sim, sabemos quem ela é. Lemos a respeito do assassinato de Foster Speakman no The Wall Street Journal, enquanto estávamos no Havaí. - Ele lançou um olhar para Laura, depois o desviou de volta para Griff. - E, de repente, eu recebo uma ligação de um detetive de Dalas, se desculpando por me incomodar enquanto estou de férias, mas era importante, disse ele.

- Rodarte?

- Isso mesmo. Stanley Rodarte. Ele perguntou se sabíamos onde você estava. Se tivéramos contato com você. Se sabíamos onde eles deveriam começar a procurar. Por quê? Eu perguntei. Isso tinha algo a ver com Bill Bandy? Ah, não, disse ele. Isso era notícia antiga. Ele o procurava por sua ligação com o assassinato de Speakman. Suas digitais estavam na arma do crime.

- Joe, olhe a sua pressão - Ellie disse baixinho.

- Eu disse a ele que não sabia nada de você, nem o que estava fazendo, nem onde estava, nem queria saber. Agora, eu chego em casa e o encontro todo aconchegado na cama, com a esposa do milionário falecido. E, pra mim, não parece que ela está pesarosa.

- Bem, você está errado! - Griff berrou, nivelando a raiva do treinador. - Ela está

pesarosa pela perda de seu bebé. Meu bebé disse ele, batendo no peito. - Ela teve um aborto espontâneo essa noite, ali, dentro de seu banheiro.

Ellie fez um som aflitivo de dor.

- Laura estava grávida de mim, mas eu não matei seu marido. Griff olhou além do treinador, para Ellie. - Vocês têm que acreditar nisso. - Para o treinador, ele disse: - Fica a critério de Laura, o quanto ela quer confiar em vocês, mas ela pode lhes dizer que eu não cometi assassinato. Estou a caminho de encontrar o único homem que sabe disso com certeza e pode evitar que Rodarte me coloque no corredor da morte.

Griff seguiu em direção à porta, mas o treinador plantou-lhe firmemente as mãos no peito e o deteve.

- Você não vai a lugar algum. Eu vou entregálo.

- Você não pode me deter.

- Ah, é? - O treinador o empurrou para trás.

- Ele precisa ir, sr. Miller. - Laura virou os pés para o chão e saiu da cama. - Eu vou lhes contar tudo que quiserem saber. Mas Griff não matou Foster. Para provar isso, ele precisa partir agora.

O velho desviou o olhar dela para Ellie, cuja expressão indicava que, dessa vez, ela não estava ao seu lado. Ele voltou até Griff, que podia ver que o treinador relutava consigo mesmo, por razões que ele achava certas e justas.

- Se você é inocente…

- Eu sou.

- Então, se entregue.

- Não posso. Enquanto eu estiver passando pelas formalidades, Rodarte pode eliminar esse outro cara.

- Eliminar? O que você quer dizer?

- Exatamente o que acha que estou dizendo.

- Quem é esse outro cara?

- O ajudante de Speakman, que está desaparecido. Treinador, não há tempo para explicar tudo isso agora. Eu preciso ir.

O treinador deu um passo atrás e ergueu as mãos.

- Enterre-se mais fundo ainda. Como se eu estivesse ligando. Eu lavo as minhas mãos.

- Já fez isso cinco anos atrás.

- Muito tempo antes!

As palavras doeram, mas Griff não podia pensar nisso agora. Ele pegou a bolsa de mão de Manuelo. Quando olhou de volta para Laura, ele não disse nada, mas esperava que ela soubesse o que sentia.

Então, ele passou esbarrando no treinador e deixou a casa em disparada.

Rodarte localizou a casa rural abandonada enquanto o amanhecer ainda estava a algumas horas de distância. Conforme descrito, era a única construção que ele vira desde o centro da cidade e estava praticamente desabando. Ele não passara por carros de patrulha e não havia nenhum à vista. O chefe Marion, bom de palavra, mandara recolher a vigilância.

Rodarte pegou sua nove milímetros do coldre de ombro e colocou uma bala nela, pegou a lanterna no porta-luvas, depois, cuidadosamente, saiu do carro. Deu a volta na casa, apontando a lanterna para as estacas instáveis que seguravam a estrutura do teto, que tinha buracos enormes. A maioria das janelas havia sido quebrada. O lugar estava bambeado.

A casa era cercada por campos de algodão sem cultivo, a terra estava tão plana e negra quanto uma chapa de grelha. O ar estava quente e parado, e tão quieto que ele podia ouvir um mosquito peidar. Nem a aproximação de seu carro, nem suas andanças haviam desalojado Ruiz ou qualquer pessoa que estivesse se

escondendo lá dentro. Ele também não tinha a sensação de estar sendo vigiado através de uma das janelas quebradas, e seu instinto era excelente para esse tipo de coisa.

Andando com cuidado, por receio de cair pelas tábuas podres, ele atravessou a varanda e tentou a porta da frente. Ela se abriu, rangendo as dobradiças enferrujadas. Em pé na soleira, empunhando a pistola na mão direita, o detetive percorreu a luz da lanterna pelo lado de dentro. Fedia a ratos, vivos e mortos.

Havia uma sala principal, com uma lareira cheia de lixo e cinzas velhas. Dando para essa sala, havia várias portas. Ele abriu uma a uma. Quartos. Um banheiro. Uma cozinha. Tudo vazio. Nenhum sinal de ocupação por pelo menos uma década.

- Que perda de tempo do caralho - ele murmurou. Então, no fim das contas, Burkett o fizera partir para essa caçada sem rumo, enquanto estava levando a viúva para o México para um pouco de romance e coito.

Ele apagou a lanterna e a colocou no parapeito de uma janela. Depois, acendeu um cigarro enquanto pensava em seu próximo passo. Soprou uma nuvem de fumaça pela moldura vazia da janela. Sem vento, a fumaça pairava no ar como um fantasma. Rodarte olhava através da janela para o quintal de terra seca.

Havia um cercado que provavelmente abrigara um porco, talvez um bode. Era pequeno demais para um cavalo. Os mastros da cerca de arame farpado estavam tortos ou já tinham caído. O arame repousava em bolos enferrujados no chão. Aproximadamente trinta metros adiante havia um celeiro que parecia em piores condições do que a casa.

O celeiro.

Rodarte colocou o cigarro entre os lábios e estreitou os olhos em meio à fumaça que subia. Ele verificou a lanterna para ver se a pilha ainda tinha carga. Estava enfraquecendo, mas ainda funcionava. Largou o cigarro no chão de madeira e pisou nele para apagá-lo.

Do lado de fora, podia enxergar bem o suficiente sem a lanterna. Mas ele a manteve numa das mãos e a pistola na outra, conforme contornava a casa pela

parte de trás. O quintal era uma trilha de obstáculos. Um carrinho de mão abandonado caído de um lado. Um toco de árvore que obviamente servira para cortar lenha, ainda com o machado encravado. Uma sombra grande acabou se revelando um trator depenado.

Ele passou por cima da cerca, cuidadosamente evitando o arame farpado, e caminhou em direção ao celeiro. As portas duplas estavam fechadas, presas por um toco de madeira e um prego. Ele girou a trava para cima e empurrou a porta, abrindo somente o suficiente para espiar o lado de dentro. A escuridão era penetrante. O ar parado cheirava a esterco e palha seca.

Sem pressentir nenhum movimento nem som, Rodarte abriu mais a porta e entrou. Acendeu a lanterna e lançou a luz ao redor. Seu conhecimento de celeiros se limitava ao que ele vira nos filmes, mas, em sua opinião, esse até que estava razoavelmente dentro dos padrões. Havia um segundo andar do comprimento de uma das laterais. Curral para cavalos. Utensílios rurais.

E Manuelo Ruiz.

Ou alguém.

Instintivamente, o detetive soube que não estava sozinho. E, por uma fração de segundo, ele sentiu uma pontada de medo. Podia ser Burkett. Burkett lhe armara uma emboscada. Burkett poderia tê-lo enviado ali para pegá-lo. Será que o filho da puta o enganara?

Antes que Rodarte pudesse concluir a ideia, ele sentiu movimento atrás dele. Ao se virar, levou um golpe forte no ombro que o deixou com o braço e a mão anestesiados. Ele deixou a lanterna cair. com seu outro braço, girou em arco, o que fez a coronha de sua pistola colidir com a lateral da cabeça de seu agressor.

Não era Burkett. Baixo demais, escuro demais, troncudo demais. E Rodarte se odiou pelo alívio que sentiu ao saber disso.

Mas ele ainda tinha uma luta nas mãos. O homem estava atordoado e cambaleante, mas não estava no chão. Ele abaixou a cabeça e avançou em Rodarte. O detetive levantou um joelho que atingiu o homem embaixo do queixo e praticamente o enterrou em

suas narinas. Rodarte ouviu o barulho dos dentes batendo, imaginou que alguns

tivessem se quebrado. com um gemido de dor, o homem caiu no chão de terra.

com seu medo momentâneo agora substituído pela raiva, Rodarte agarrou a lanterna e a apontou para baixo, diretamente no rosto do homem. Era moreno, largo, de traços retos. Os olhos que piscavam diante da luz eram negros como piche e se arregalaram ao ver o cano da pistola de Rodarte apontando diretamente em sua direção.

- Ola, Ma-nu-e-lo.

O homem demonstrou um lampejo de surpresa.

- É, eu sei seu nome. Nós temos um amigo em comum. Griff Burkett.

Diante disso, Ruiz começou a falar em espanhol.

- Cale a boca! - Rodarte rosnou. Ruiz ficou em silêncio. - Não estou interessado em nada do que você tenha a dizer. De qualquer forma, você deveria poupar sua força para o trabalho que tenho pra você.

Esticando a mão, Rodarte agarrou a frente da camisa do homem e o arrastou para ficar de pé.

- Está vendo aquela pá, ali? - Ele apontou a lanterna para uma pilha de ferramentas que vira antes. - Pegue-a. - Ruiz só ficou ali parado, olhando para ele vagamente. - Não me venha com esse papo furado de no comprendo. - Ele deu um solavanco na pistola e claramente enunciou: - Vá pegar a porra da pá.

Os olhos petrificados de Ruiz brilhavam sob a luz da lanterna, mas ele fez conforme ordenado.

- Nem pense em me bater com isso - Rodarte disse, quando Ruiz se virou segurando a pá com as duas mãos. - Se o fizer, eu vou matá-lo neste momento.

Ele gesticulou para que Ruiz seguisse à sua frente, passando pela porta do celeiro. Rodarte seguiu a uma distância segura, com a nove milímetros apontada para a espinha do homem.

O horizonte começava a ficar cinza ao leste.

- Ande logo, Manuelo. - Plantando o pé nas nádegas do outro homem, Rodarte o empurrou com força suficiente para fazê-lo tropeçar e cair.

393

Ruiz rolou de costas e encarou Rodarte de uma forma que fez o detetive ficar contente por estar com uma arma apontada para ele.

- Vejamos o quanto você vai ficar de mau humor, depois que colocar essa pá em bom uso. - Ruiz olhou para a pá, depois para Rodarte, parecendo intrigado. - O quê? - Rodarte perguntou, dando uma risada. - Você não achou que eu fosse cavar a sua cova, achou?

394

Capítulo 37

LAURA encarava as duas pessoas que a olhavam.

Ela podia sentir o cheiro dos botões de pluméria no colar de Ellie Miller. Era forte e doce.

- Vocês acabaram de voltar de férias? - ela perguntou. :

- Chegamos ao Aeroporto de Dalas meia hora mais cedo - respondeu Ellie. - Por volta de quatro e meia.

- Lamento que tenham de voltar depois de um voo longo e encontrar uma estranha em sua cama. - Ela deu uma risadinha levé, e sem graça. - Como os três ursos. Como foi seu voo?

Ellie atravessou a sala, foi até Laura e pegou sua mão.

- Foi você quem teve uma noite difícil. Como está se sentindo?

- vou ficar bem.

- Claro que vai. Mas, nesse momento, está ruim. Cólicas?

- Hmm.

- Eu sei, passei por isso quatro vezes.

- Eu sinto muito.

Ellie sacudiu os ombros, com uma expressão filosófica.

- Não era para ser. - Ela afagou a mão de Laura. - Eu vou lhe arranjar alguma coisa para essa cólica.

Ela saiu deixando Laura sozinha com o treinador Joe Miller, Ele era uma presença que intimidava. Encarava-a com um ar de julgamento. No entanto, parecia curioso em relação a ela, mesmo sem querer.

- Lamento sobre seu bebé. - Ele acenou a cabeça na direção da porta pela qual a esposa havia passado. - Ellie releva, mas ficou de coração partido todas as vezes.

- Eu tenho certeza que sim.

- Tem certeza de que era o bebé de Griff?

- Sem dúvida. Meu marido era incapaz. -Estéril?

395

- Incapaz - ela repetiu.

- Sei. - Ele digeriu aquilo, depois perguntou: - Por isso que se envolveu com Griff?

Antes que ela pudesse responder, Ellie voltou trazendo um frasco de analgésico e um copo dágua.

- Tome dois.

Laura já eliminara os analgésicos que as mulheres grávidas não deveriam tomar. Engolir as cápsulas foi um lembrete doloroso de que essa precaução já não era necessária.

- O que está fazendo? - perguntou Ellie ao marido, com uma voz aguda imperiosa, pois ele pegara o telefone em cima da escrivaninha.

- Ligando para a polícia.

- Você não vai mandar a polícia atrás daquele menino.

- Ele não é um menino, Ellie. Ele é um homem. Tem que assumir suas responsabilidades.

- Por favor, não ligue para Rodarte - disse Laura. - Ele é um inimigo jurado de Griff.

- Porque ele é um detetive da homicídios e Griff é um… um…

- Está vendo? - disse Ellie, colocando as mãos nos quadris. Você nem consegue dizer, porque sabe que não é verdade.

- Se não é verdade, por que ele está fugindo? - perguntou o treinador. - Por que não se entrega?

Sem ter a resposta, Ellie olhou impotente na direção de Laura, que implorou ao treinador que desligasse o telefone.

- Por favor, não faça essa ligação. Ao menos não até que eu lhe conte sobre Griff e eu. E Foster. Sobre tudo. Por favor, sr. Miller.

Ele a olhou por alguns momentos, depois, relutante, recolocou o fone no gancho e cruzou os braços grossos sobre o peito largo.

-Bem?

Ela começou com o dia em que Foster lhe contou pela primeira vez sobre seu plano e não deixou nada de fora, exceto os detalhes mais íntimos das quatro vezes em que ela e Griff estiveram juntos.

- Eu nunca ouvi nada tão grotesco - disse o treinador. - Você está me dizendo que seu marido pagou Griff para… fazer isso?

- Lamentavelmente, eu concordei, por motivos que são complexos demais para explicar agora. Depois que eu soube que estava grávida, não esperava ver Griff nunca mais.

Enquanto ouvia a história de Laura, os olhos de Ellie ficaram molhados.

- Como se sentiu quanto a isso? Por não voltar a ver Griff? Laura hesitou, depois disse:

- Fiquei em conflito. E, por esse motivo, eu não nunca mais me permitiria voltar a vê-lo.

Ellie assentiu, compreensiva.

- Eu teria ficado com meu marido para sempre - continuou Laura. - Criando a criança como se fosse dele, exatamente como ele queria.

- Então, o que fez tudo ir por água abaixo? - perguntou o treinador. - Deixe-me adivinhar: Griff.

- Na verdade, foi Foster. Eu me culpo por não ter visto a seriedade de sua disfunção obsessiva. Acho que eu não quis ver. De qualquer forma, além do acidente, aquilo o modificou. Ele já não era o Foster por quem eu me apaixonara. Eu torcia para que um bebé pudesse trazer de volta aquele Foster.

“De qualquer forma, eu era comprometida com nosso casamento e nossa vida em comum. Se ele não tivesse tentado matar Griff, eu estaria com ele essa noite. E Griff não seria um fugitivo.” Ela desviou o olhar de um para o outro. “Eu juro que tudo que estou lhes contando é a verdade.”

Ela não tinha dúvidas de que Ellie acreditava nela. O treinador estava mordendo o interior da bochecha, aparentemente não convencido. Subitamente, ele se virou e pegou o telefone.

- Joe, você não ouviu uma única palavra do que ela disse?

- Não há nada de errado com meus ouvidos, Ellie.

- Então, como é que você pode…

- Porque conheço Griff - disse ele. - Ele sempre quis ser um número um. Nunca ligou a mínima para ninguém, exceto para ele mesmo. Você, eu, seus companheiros de time, ninguém.

- Está errado - disse Laura.

- Ele até pode ter sido um pouquinho egoísta antes - disse Ellie. - Mas agora está diferente. Eu vi a mudança nele quando ele esteve aqui. E, se você não fosse tão teimoso, Joe Miller, você também teria…

- Sr. Miller, por favor - disse Laura. - Vai se arrepender…

397

- Eu vou ligar para a polícia. - Ele gritou acima dos protestos em coro, dando um golpe no ar. - E acabou o assunto.

Não havia muito tráfego para reter Griff. A hora do rush e seu tráfego mais pesado já tinha passado duas horas antes. Ele fez um bom tempo até a saída de Itasca. A cidade ainda estava adormecida, mas ele passou por ela devagar, mantendo o limite de velocidade, sem querer ser parado agora.

Não foi difícil encontrar a estrada Lavaca. Continuou seguindo por ela até virar na estrada rural 2010, uma trilha estreita que não parecia ser muito trafegada.

Após algumas milhas, começou a temer que ele e Laura estivessem errados. Mas, depois, ele avistou uma casa dilapidada e o celeiro por entre as sombras que contrastavam com o céu, onde o sol começava a nascer. E soube que estava no lugar certo.

O carro de Rodarte estava estacionado na frente.

Griff diminuiu e embicou o carro na entrada de garagem e os avistou imediatamente - duas silhuetas escuras, com o horizonte clareando ao fundo. Ele foi diminuindo até parar, desligou o motor e abriu a porta do carro. Naquele início de manhã, a atmosfera era leve e silenciosa, enganosamente benigna.

Mantendo os dois homens em seu ângulo de visão, Griff esticou a mão para pegar a bolsa e tirou a pistola do policial. Fingir-se de entregador, incapacitar os guardas, sair com Laura da propriedade numa louca escapada, tudo isso parecia ter sido havia muito tempo. Essas lembranças estavam embaralhadas.

Mas o que estava nítido em sua memória era o rosto dela quando percebeu que havia perdido o bebé.

Se… se… se…

Eram muitos, e ele nem sabia por onde começar a se arrepender.

Mas o maior “se” permanecia: se não sobrevivesse a isso, esperava que Laura soubesse que ele a amava. Sendo ou não a hora certa, ele gostaria de ter dito isso, quando teve a chance.

Enfiou a pistola na parte de trás do cós da calça azulmarinho de operário que ainda estava vestindo. Quando saiu do carro, ele deixou a porta aberta, para o caso de precisar fugir rapidamente. Caminhou ao longo da parte externa da casa, em direção aos fundos, percebendo que era um alvo grande e fácil, com sua camiseta branca. Rodarte e Manuelo Ruiz estavam em pé como dois espantalhos no campo infértil.

Mas, então, Rodarte ergueu o braço e acenou:

- E aí, Griff ?

Griff não gostava de armas. Não sabia muito a respeito delas. Sabia menos ainda sobre pistolas policiais. Mas, quando atravessou o quintal cheio de lixo e caminhou em direção aos dois homens, foi confortado pelo peso da pistola que levava presa ao pé das costas.

Ele teve que passar por cima de uma cerca de arame farpado que havia sido derrubada. Placas de terra e trilhas petrificadas de trator deixavam o solo desnivelado. Mas ele não olhava para baixo. Mantinha os olhos fixos em Rodarte. Quando chegou perto o suficiente para identificar as feições do detetive, Griff viu que ele estava sorrindo com deleite, enquanto mantinha a pistola apontada para Manuelo.

Aquele quadro confirmou o que Griff temera - Rodarte não planejava levar Manuelo Ruiz como testemunha. Mesmo que Griff tivesse tranquilizado os temores de Manuelo e o persuadisse a voltar a Dalas e contar a verdade sobre a morte acidental de Foster Speakman, Rodarte jamais permitiria isso. Porque Rodarte não queria que Griff fosse inocentado. Ele não o queria sequer trancafiado para sempre. Ele o queria morto.

E, agora, Griff entendia o motivo. Ele sabia por que Rodarte estivera esperando por ele na saída de Big Spring. Ele compreendeu por que o seguira e havia

monitorado todos os seus passos desde sua libertação. Ele havia achado que Rodarte estava tentando amedrontá-lo para cometer um erro, ou uma confissão. Mas o fato era que Rodarte era que tinha medo dele.

O chão ao redor dos pés de Rodarte estava todo sujo de guimbas de cigarro. Aos pés de Manuelo, havia uma pá. Atrás dele havia um monte de terra fresca e um buraco largo. A dedução nauseou Griff. O bastardo fizera o salvadorenho cavar sua própria cova enquanto ficou ali, fumando e rindo.

Griff pensou que, provavelmente, ele e Manuelo fossem compartilhar o mesmo túmulo.

Manuelo estava imóvel como uma estátua entalhada. Seus olhos estavam parados e impenetráveis como se fossem pedras polidas. Griff não sabia dizer se ele estava com medo, resignado ou

esperando uma oportunidade de atacar. Ele não tinha a menor ideia do que sua chegada significaria para o salvadorenho. Gostaria de saber falar espanhol para lhe dizer que Rodarte era um inimigo comum de ambos.

- Eu estava começando a pensar que você não viria - disse Rodarte, quando Griff parou, a cerca de dez metros de distância.

- Estava esperando por mim?

- Torcendo. O que o fez demorar tanto? Aposto que eu sei. Ele piscou. - A bocetinha da viúva. Espero que você tenha comido bastante, porque foi a última vez. - Sem mudar a expressão de malícia, ele disse alegremente: - Passe a pistola.

- Pistola?

- Quer um joelho estourado?

- Você não pode apontar para nós dois ao mesmo tempo. Se desviar a arma de Manuelo, ele vai voar em você antes que possa piscar.

- Está certo. Que tal se eu atirar nele primeiro, depois estourar seu joelho, só pra

ganhar tempo?

Griff colocou a mão atrás das costas.

- Fácil.

com uma lentidão exagerada, Griff puxou a pistola da cintura. Ele poderia matar Rodarte sem remorso. Márcia já seria um bom motivo para isso, sem mencionar o resto. Mas, mesmo com um ferimento fatal, Rodarte poderia ter tempo de dar um tiro. Griff não podia arriscar que Manuelo morresse. Ele ainda precisava do testemunho do ajudante em relação a Speakman. Ele segurou a pistola afastada de sua lateral.

- Jogue pra cá.

Griff fez conforme lhe foi dito. A pistola parou em meio às guimbas, junto aos pés de Rodarte.

- Obrigado. Agora todos nós podemos relaxar. Acenando a cabeça na direção de Manuelo, Griff disse:

- Deixe-o ir.

- Não, acho que não.

- Ele vai direto para El Salvador. Você nunca mais vai vê-lo.

- Provavelmente - disse Rodarte. - Mas por que devo perder meu sono por isso? Ele pode ficar com sentimento de culpa, com a consciência pesada de sair correndo e te abandonar.

- Então, você sabe que ele matou Speakman?

- Só pode ter matado, ou você não teria me falado onde ele estava.

- Percebi esse erro tarde demais.

- Perdeu sua famosa estimativa de tempo, Camisa Dez? - O detetive fez uma cara triste. - Ah, mas que pena. Logo quando você mais precisava.

- Solte-o. Seu problema é comigo, não com ele. Rodarte deu uma gargalhada.

- Bem, nisso você acertou.

- Você quer derrubar a mim.

- Como é que você notou?

- Você quer me derrubar por Bill Bandy. Mas não porque acha que o matei. Sabe que não matei.

Rodarte sorriu.

- Tá esquentando.

- Sabe que eu não matei porque foi você quem o matou.

- E dizem que os atletas são burros. - Ele deu uma fungada. - É claro que você levou cinco anos pra descobrir isso.

- Os garotos Vista o contrataram para silenciá-lo permanentemente.

- Foi um tipo de teste. Havia um boato correndo de que os dias de Bandy estavam contados. O trio Vista temia que ele fosse entregálos, como ele fez com você. Eu já vinha querendo fazer um bico pra eles, mas eles fazem muito jogo duro. É difícil ganhar a confiança deles.

- Então, você agarrou a oportunidade.

- Ofereci meus serviços.

- Achando que, ao se livrar de Bandy, eles lhe dariam as boasvindas no metiê e o colocariam na folha de pagamentos.

Rodarte mostrou seu sorriso horrendo radiante.

- Quem poderia ajudar melhor com um problema como Bandy do que um detetive da Homicídios que pode mudar o rumo da investigação para a direção errada? - Ele começou a rir do fundo do peito, depois, bem alto. - Foi um ótimo plano e depois ficou até melhor. Juro por Deus, Burkett, quando você apareceu na casa de Bandy, eu quase me mijei. Eu não poderia ter planejado algo melhor.

- Você estava lá quando eu cheguei.

- No quarto dos fundos. Antes de quebrar o pescoço dele, ele jurou que não tinha dinheiro escondido, mas você já conheceu um bookmaker que não minta? Se eu devolvesse algum dinheiro aos Vista, além de me livrar de Bandy, imagine o quanto eles ficariam satisfeitos.

“Então, eu estava lá nos fundos, revirando o local, quando ouvi a porta. Você entrou parecendo um elefante pra resolver o seu rancor. Quando percebi que era você, eu quase não consegui conter um ataque de riso. Enquanto você estava se atirando por cima do corpo de Bandy, eu saí escondido pela porta dos fundos.”

- E fez uma ligação anónima para a emergência.

- De um telefone público, da esquina. Assim que o chamado saiu via despachante, eu passei um rádio, dizendo que estava perto e me ofereci para verificar o suposto homicídio. - Ele sorriu. Você sabe o restante.

- Você também teve uma oportunidade de ouro para me matar. Por que não o fez?

- Fiquei receoso de fazê-lo, achando que fosse injuriar os garotos Vista. Achei que eles poderiam ter algum plano especial pra você, e não ia pegar bem se eu lhes roubasse o prazer. Agora, pensando bem, acho que devia ter te apagado.

- Aqueles cinco anos foram terrivelmente longos pra mim, mas eles devem ter sido uma tortura pra você - disse Griff. - Enquanto eu estivesse vivo, você estaria vulnerável. Você ficou se cagando de medo de que eu descobrisse. Por isso ficou atrás de mim, fingindo estar agindo por conta dos Vista, o tempo todo sabendo que eu não tinha roubado de Bandy. Você não achou nada em seu quarto dos fundos, achou?

Rodarte sacudiu os ombros.

- No fim das contas, talvez ele não estivesse mentindo.

- Você ainda não pertence ao meio dos Vista. Aparentemente, eles não ficaram muito impressionados.

- Ainda não.

- Mas está torcendo para que me matar o faça ganhar a aprovação deles.

- Não custa tentar. Eles não gostam de você.

- Gostam menos ainda de você.

- Veremos. - Ele riu, bruscamente. - Sabe o que é realmente engraçado? Eu nem precisei arranjar a sua queda. Você fez tudo sozinho. Trepando com a esposa do paraplégico. Isso é baixo, Burkett. Até pra um cara como você. Só uma coisa - disse ele, fazendo cara de concentração. - Pra que era aquele meio milhão? Ele estava tentando te comprar?

Griff apenas ficou ali em pé, olhando pra ele.

- Não vai me contar? Tudo bem. Não tem importância, mesmo. - Ele se inclinou à frente e casualmente pegou a pistola no chão, depois se virou e disparou diretamente no peito de Manuelo.

Sem qualquer som, o salvadorenho caiu para trás dentro da cova provisória.

Capítulo 38

GRIFF deu um grito estrangulado e saltou à frente.

- Você o matou!

- Eu, não, Burkett, você. - Rodarte jogou a pistola na cova aberta e ela caiu na terra. - Você perseguiu o homem. Aliás, lembre-me de perguntar à sra. Speakman como foi que você ficou sabendo desse lugar. De qualquer forma, você perseguiu Ruiz até aqui, o forçou a cavar a própria sepultura, depois, usando uma arma que roubou de um policial, você matou Ruiz a sangue frio para que ele não pudesse testemunhar contra você no julgamento do assassinato de Foster Speakman.

Griff ainda encarava o espaço vazio onde Manuelo estava em pé, segundos antes. Ele olhou a pistola, longe demais para pegá-la. Seu olhar voltou a Rodarte e ele ergueu as mãos.

- Eles saberão que eu não disparei a pistola.

- Ah, saberão, sim. Depois que você estiver morto. Não se preocupe. Eu vou providenciar para que fique bem convincente.

- Laura sabe a verdade. Rodarte piscou.

- Eu tenho um jeitinho que vai convencê-la do contrário. Esquecendo todas as regras para se preservar, Griff avançou. Rodarte reagiu, disparando dois tiros antes que Griff agarrasse a arma pelo meio e a arrancasse. Rodarte gritou de dor e soltou a pistola.

Hora do troco, pensou Griff, enquanto esbofeteava a boca de Rodarte com toda a força. Ele girou seu punho esquerdo acertando o rosto do detetive e ouviu a pele dele se abrir. Mas sua satisfação durou pouco por conta da dor que sentia no ombro, como se fosse um ferro em brasa entrando em sua carne. Somente então, Griff percebeu que havia sido atingido por uma das balas de Rodarte. No

entanto, a dor só alimentou ainda mais a sua fúria. Ele batia impiedosamente.

Rodarte revidava. Acertou um soco no estômago de Griff e, quando ele cambaleou para trás, Rodarte deu um passo ao lado e acertou outro, no fígado. O ângulo não foi bom, então, o golpe não teve todo o impacto, mas foi o suficiente para fazer com que os joelhos de Griff dobrassem…

Ele se segurou antes de cair e, agindo por reflexo, deu um chute para trás, acertando solidamente a tíbia de Rodarte. Isso desacelerou o detetive por tempo bastante para que Griff se virasse e ficasse novamente de frente para ele, acertando o punho em suas costelas e seu fígado.

Eles bateram um no outro, até que Griff perdeu todo o senso de tempo e lugar, até que suas mãos doessem quase mais que o ferimento à bala, mais do que qualquer outra parte dele que sangrava. A boca de Rodarte não parava de cuspir sangue. Seus olhos estavam enlouquecidos de ódio. E Griff sabia que Rodarte lutaria até que um deles estivesse morto.

Até bem pouco tempo atrás, ele pensaria Tudo bem. Eu vou matar o bastardo, ou ele vai me matar, de uma forma ou de outra, não faz muita diferença. Mas, agora, ele queria viver. Queria viver por muito tempo, e com Laura. Essa esperança o manteve lutando, mesmo depois que a luta diminuiu e cada esforço era tremendo.

O som mais doce que ele ouviu foi o grito das sirenes. Elas vinham de longe, mas se aproximavam rapidamente. Embora fosse um alívio para Griff, pareceram enfurecer Rodarte e renovar sua força e determinação.

Ele mostrou os dentes cobertos de sangue e avançou. Griff fingiu que ia para a esquerda e foi para a direita. Rodarte mergulhou à frente, de cabeça, tropeçou na profunda trilha feita por um pneu de trator e caiu de cara num ninho de arame farpado, todo emaranhado.

Ele gritava como um carneirinho, mas depois Griff se perguntou se seria pela dor do arame ou pela fúria de ter sido derrotado.

Griff ficou em pé, olhando Rodarte relutando para se soltar, mas suas tentativas frenéticas de escapar do arame só o emaranhavam ainda mais. O arame foi prendendo em sua roupa, sua carne.

As sirenes agora estavam mais perto. Griff berrou para Rodarte.

- Pare de lutar! Acabou!

Miraculosamente, o detetive conseguiu rolar de barriga para cima, mas já estava completamente enrolado no arame. Havia pedaços por cima de seu rosto, espetando suas feições contorcidas. Os braços e pernas ainda presos. Ele conseguiu levantar um joelho, embora seu sapato estivesse preso no arame.

- Desiste, Rodarte - Griff disse, ofegante, enquanto limpava seu nariz ensanguentado. - Pelo amor de Deus.

As sirenes já estavam a menos de um quilómetro. Griff olhou a estrada e viu os carros de polícia se aproximando. Do outro lado do campo infértil e plano, ele avistou o lampejo das luzes coloridas. Um minuto, dois, no máximo e…

- Pode dizer tchau, Camisa Dez.

Rodarte estava apontando um pequeno revólver para ele e, só agora, Griff via o coldre de tornozelo, embaixo da perna da calça. O detetive sangrava em inúmeros ferimentos de perfurações, mas parecia não os notar. A mão que segurava a pistola estava arranhada e sangrando. Mas o dedo em volta do gatilho

estava firme, assim como sua pontaria em direção a Griff. O arame que passava por cima de seu rosto deixava sua feiura ainda mais grotesca. Embora ele tivesse o canto da boca preso, ainda conseguiu dar um sorriso.

Griff registrou tudo isso numa fração de segundo. Ele sabia que esse seria seu suspiro final. Seu último pensamento foi Laura.

Então, o sorriso de Rodarte desapareceu. Ele deu um grito breve, no mesmo instante em que Griff foi arremessado ao chão. Manuelo Ruiz passou diante dele numa imagem embaçada, assim como a borda da pá ao fazer um arco e descer diretamente de cima do salvadorenho para dentro do crânio de Rodarte, partindo-o em dois.

Depois de falar quase sem parar, por aproximadamente duas horas, Griff se acomodou, cansado, junto ao travesseiro do hospital e olhou os ladrilhos do teto. Seu novo advogado, recomendado por Glenn Hunnicutt, falou do outro lado do quarto:

- Cavalheiros, meu cliente já respondeu a todas as suas perguntas. Sugiro que saiam agora e o deixem descansar um pouco.

Os dois detetives de Dalas ignoraram o advogado e permaneceram onde estavam. Griff imaginou que eles estivessem esperando para ver se ele tinha algo mais a acrescentar. Um deles tinha cabelos grisalhos, era taciturno, com um olhar cauteloso, era um veterano. O outro era mais jovem que Griff. Mais agressivo e nervoso que o parceiro, foi ele quem mais falou.

Griff não conseguia se lembrar de seus nomes. Ele não tinha certeza do nome do advogado. Hunnicutt tomara todas as providências enquanto Griff ainda estava em cirurgia, para tratar do ferimento que a bala fizera em seu ombro, que fora horrível e doloroso, mas não causara muitos danos e certamente não representava risco de morte.

Após um silêncio longo, ele perguntou:

- O Ruiz vai conseguir?

- Parece que sim - respondeu o detetive mais jovem. - Ele é bem duro na queda, isso eu tenho de admitir.

- Ele é mesmo. - Griff podia se lembrar de como se sentira ao ser esmagado por ele. - Ele não vai ser acusado pela morte de Rodarte, não é?

Os detetives sacudiram as cabeças ao mesmo tempo. O mais jovem disse:

- Se não fosse por ele, Rodarte o teria matado. Griff reconheceu isso com um breve aceno da cabeça.

- Aquele velho celeiro é usado como um tipo de casa, na metade do caminho, para os imigrantes ilegais que entram. Quando entrou no país, Ruiz foi mandado para lá e lhe disseram que ele poderia obter documentos falsos de um cara que o encontrou ali. Os papéis lhe custaram todo o dinheiro que tinha, mas, com eles, ele poderia conseguir trabalho imediatamente. Os oficiais da imigração estão procurando os caras que administram essa operação. Ele parou, depois acrescentou: - Por intermédio do intérprete, Ruiz também admitiu ter matado Foster Speakman.

- Foi um acidente - disse Griff.

- É o que ele alega.

- É a verdade.

- Ele disse que você e ele estavam lutando. Isso está correto?

- Sim.

Como Griff e McAlister - esse era o nome do advogado, Jim McAlister - não tinham tido tempo de conversar em particular antes do interrogatório, o advogado agora o alertava com uma ligeira tosse, limpando a garganta. Não que Griff fosse sair tagarelando a verdade, somente a verdade, nada além da verdade.

O detetive mais jovem continuou.

- Ruiz foi ligeiramente vago em relação ao motivo da briga. Manuelo estava sendo leal ao seu falecido patrão. Ele não

incriminaria Speakman dizendo à polícia que tinha recebido ordens para matar

Griff. Griff também não via sentido em lhes dizer isso. Ele só ficou com sua cara de jogador de pôquer.

- Gostaria de esclarecer isso, sr. Burkett? - o detetive mais jovem incentivou.

- Não posso.

- Estava acontecendo alguma coisa entre você e Speakman?

- Antes daquela noite, eu só o encontrara uma vez e foi um encontro amistoso.

- Vocês não trocaram palavras ásperas naquela noite? -Não.

- Você provocou Ruiz?

- Não. Intencionalmente, não. Ele me atacou por trás.

- Ele admitiu isso - resmungou o detetive mais velho. Ele franzia o rosto como se estivesse confuso. Ou altamente desconfiado. Isso ainda não explica o motivo para que ele o atacasse.

- Eu não sei o motivo.

- Ora, vamos, Burkett - disse o detetive mais jovem. - É claro que você sabe. O que estava fazendo lá?

O advogado interferiu.

- Eu gostaria de ter uma palavra em particular com meu cliente, antes que ele responda a isso.

- Não, tudo bem, dr. McAlister. Eu posso responder. - Griff estava apostando que a polícia não soubesse de seu relacionamento com Laura. Ele podia apostar que Rodarte guardara o ás na manga para jogar quando fosse mais vantajoso para ele, e mais prejudicial para Griff e Laura. Ele disse: - A reunião daquela noite foi uma segunda entrevista de emprego.

- Emprego?

- Para fazer propagandas para a SunSouth. - Era uma afirmação nada plausível, mas também algo que seria impossível que eles conseguissem desmentir.

- E quanto a todo aquele dinheiro?

- Não tenho a menor ideia - Griff mentiu, falando antes que McAlister pudesse impedi-lo. - A caixa estava em cima da mesa, à vista. Speakman me disse para abri-la e olhar o que havia dentro. Eu fiz. Foi mais ou menos nessa hora em que Ruiz me atacou. Talvez ele tenha pensado que eu estava querendo roubar o dinheiro de seu patrão. Como eu disse, não sei o que deu nele. Seja lá o que for, ele vai se arrepender pelo resto da vida. Ele idolatrava Speakman.

Claramente os detetives acreditavam que havia mais coisa, mas era só isso que iam tirar dele.

Relutante, o jovem detetive disse que Ruiz lhes contara a mesma história.

- Ele admitiu ter matado o patrão acidentalmente durante uma briga com você e disse que, quando saiu correndo da casa, você estava tentando salvar a vida de Speakman. O que o livra.

Jim McAlister estava sentado na cadeira de vinil, com expressão complacente.

- Ele também confirmou tudo que eu lhes disse sobre Rodarte? O jovem detetive assentiu.

- Ele não entendeu que diabos estava acontecendo entre você e Rodarte, mas todo o restante do que ele nos disse coincide com o que você relatou sobre o ocorrido no antigo sítio.

- E quanto ao assassinato de Bill Bandy? - perguntou McAlister.

- O que é que tem? - perguntou o detetive mais velho.

- Foram cinco anos de suspeitas lançadas sobre meu cliente. Ele negou terminantemente ter tido qualquer envolvimento além da descoberta do corpo.

Os detetives se entreolharam numa consulta silenciosa sobre o quanto deveriam falar. Finalmente, o detetive mais jovem disse:

- Estamos inclinados a acreditar na alegação do sr. Burkett contra Rodarte. Ele está sendo investigado pelo departamento interno já faz algum tempo. Muitas reclamações foram registradas contra ele por parte de alguns de seus colegas de

departamento. São muitas para serem ignoradas. Coisa séria, como assédio, brutalidade, corrupção. Uma mulher suspeita alegou que Rodarte a acariciou enquanto ela estava detida. Depois, quando ela protestou, ele foi rude com ela.

- Isso parece bem ele - Griff rosnou. Ele tivera esperanças de manter o encontro de Rodarte com Márcia fora de questão e agora estava contente em saber que ela poderia ser deixada em paz.

- De qualquer forma - continuou o detetive mais jovem -, o caso do assassinato de Bandy será reaberto e investigado sob uma perspectiva diferente.

- Eu estou preso? - Griff acenou a cabeça em direção à porta de seu quarto de hospital, onde um policial uniformizado havia sido colocado.

- Pelo ataque a três oficiais de polícia, no hotel, e também por se fazer passar por um policial.

- Havia circunstâncias atenuantes - disse McAlister.

- Poupe-as para o juiz, quando ele for citado - disse o oficial mais velho. Ele parecia não ter mais consideração por advogados do que pelos infratores da lei que representavam.

- Apenas fique contente por não ser acusado de sequestro disse o jovem detetive. - Segundo a sra. Speakman, quando você explicou que Rodarte estava obstruindo a justiça, ela se dispôs a ajudálo a localizar Ruiz.

Havia três pares de olhos em cima de Griff, esperando para ver como ele responderia. Então, ele disse:

- Sem a sra. Speakman, eu jamais o teria encontrado e, sem ele, eu seria equivocadamente acusado pelo assassinato de seu marido. Jamais vou conseguir retribuir a confiança que ela teve em mim. Ele parou e perguntou o que viria pela frente para Manuelo Ruiz.

- Assim que liberarmos as coisas com ele, e ele estiver bem o suficiente para viajar, será mandado de volta para El Salvador. Ele tem acusações por lá. Matou um cara que supostamente teria estuprado sua irmã. Eles têm provas.

- Desejo tudo de bom a ele - disse Griff, quase que para si mesmo.

- Generosidade sua - disse o policial mais velho. - Se ele não o tivesse atacado, você não estaria nessa confusão.

- Ele também salvou a minha vida. - Respirando fundo, Griff fechou os olhos e perguntou, cansado: - Acabou?

Capítulo 39

SEU novo advogado assumiu a partir dali. McAlister acompanhou os detetives ao saírem. Instruiu Griff a manter contato e não responder a nenhuma pergunta adicional sem que ele estivesse presente, disselhe para descansar, depois foi embora.

Griff fechou os olhos, mas o descanso lhe escapava. Embora seu corpo estivesse arrasado e ele estivesse exausto, sua mente não se desligava. Na véspera, ele e Manuelo haviam sido transportados de helicóptero até o centro de traumatologia do Hospital Parkland, onde ambos passaram por cirurgias.

Ele tinha vagas lembranças de estar sendo preparado e algumas recordações da sala de recuperação. Nessa manhã, ele despertara nesse quarto particular, pouco mais de vinte e quatro horas após ter visto o crânio de Rodarte ser partido em dois pela borda de uma pá.

James McAlister, advogado, surgira alguns momentos antes dos detetives de Dalas. Ele mal tivera tempo de se apresentar e dizer a Griff que, assim que Glenn Hunnicutt soube dos acontecimentos em Itasca, ele ligou em nome de Griff.

Agora, Griff estava aliviado porque o interrogatório ficara para trás. Mas isso o deixara mais exausto do que antes. Seu corpo doía devido à briga com Rodarte. Seu ombro latejava. Mas sua mente estava inquieta por causa de Laura.

Como viúva de Foster Speakman, ela novamente estaria sob os holofotes, enquanto a polícia e a mídia se divertiam com os resquícios legais deixados por Burkett, Ruiz e Rodarte. As especulações à sua volta seriam inevitáveis. Ele só podia torcer para que surgisse uma história maior e tomasse o lugar deles como principal matéria do noticiário noturno.

Mas, enquanto isso, como será que ela estava suportando tudo? Estaria bem? Além do óbvio, ela teria sofrido por causa do aborto espontâneo?

Ele se culpava por qualquer sofrimento que ela tivesse de suportar. As coisas poderiam ter tido um desfecho diferente, sua mágoa poderia ter sido evitada totalmente, se não fosse aquela última tarde que passaram juntos. Se ele não a tivesse impedido de partir, como ela estava prestes a fazer, será que tudo que acontecera com eles poderia ter sido evitado?

Mas - e agora era a hora de total honestidade -, se ele tivesse que fazer tudo outra vez, será que a deixaria partir? Ou, agindo segundo a hesitação dela, teria ele esticado a mão para fechar a porta, como fizera? Pensando no que se passou, ele se perguntava se a teria deixado ir. Mesmo sabendo o que sabia agora, será que teria deixado?

Ele fechou os olhos e deixou que sua mente viajasse de volta até aquela tarde, até a horrível decepção que sentira quando ela disse que estava indo embora e jamais voltaria. Ele não havia tentado persuadi-la do contrário. Como poderia? Ele não tinha direito algum sobre ela. Nenhum.

Havia ficado de lado, impotente, desesperançado, vendo-a abrir a porta e dizer:

- Dependendo das circunstâncias, essa pode ser a última vez que o verei.

- Pode ser.

- Não consigo pensar em nada que pareça apropriado.

- Conversa à toa parece ainda mais à toa. - O sorriso dela disse a Griff que ela se lembrara de quando lhe dissera essas mesmas palavras. - Você não precisa dizer nada, Laura.

- Então, adeus.

Eles apertaram as mãos e ele teve a sensação de que Laura estava relutante em soltar a dele, da mesma forma com que ele estava em largar a dela. Mas ela acabou soltando-a e se virou em direção à porta. Por não fazer nenhum movimento para sair, ele esticou o braço e fechou a porta.

Ele deixou a mão ali por vários segundos, dando a ela tempo para contestar, dando-lhe tempo para dizer: Que diabos você pensa que está fazendo? Abra essa

porta. Eu estou indo embora.

Porque ela não o fez, ele recuou a mão e colocou embaixo de seu queixo. com um mero movimento, ele a fez se virar para ficar de frente para ele. Olhou profundamente nos olhos dela e viu aquele mesmo desejo desesperador que ele estava sentindo, e, ao vê-lo, ele mergulhou sobre ela faminto, apertando a boca junto ao seu pescoço, prendendo-a com o corpo de encontro à porta. Ela gemeu baixinho e esticou os braços para abraçá-lo. Eles se beijaram loucamente, perdidamente, sem qualquer sutileza.

Eles trouxeram um mês de preliminares mentais para aquele instante. A saia dela era apertada, mas ele conseguiu levantá-la até seus quadris; a partir daí, ela assumiu e a tirou, enquanto ele lidava com o próprio cinto e a braguilha. Segurando-a nas mãos, ele a ergueu e posicionou suas coxas abertas sobre as dele. Ela estava pronta. Numa única investida, ele entrou completamente dentro dela.

Laura passou os braços ao redor da cabeça dele e a segurou com força enquanto ele mergulhava nela, tanto com o corpo, quanto com a mente. Por causa da posição em que estavam, ficava impossível se movimentar muito, mas ele se balançava junto a ela, pressionando o mais alto e com a maior força que podia. Pensar no que eles estavam fazendo, saber que finalmente estava dentro dela outra vez, o fazia queimar. E o ângulo era perfeito para ela. A cada investida, ele roçava em seu ponto erógeno. Quando ele gozou, ela também gozou. E foi estrondoso.

Por um tempo que pareceu minutos intermináveis, eles se agarraram um ao outro, com a respiração ruidosa na casa vazia, seus corpos desprendendo um calor inacreditável. Finalmente, ele recuou e cuidadosamente a colocou de pé. Os braços dela continuaram ao redor do pescoço dele. Lentamente, ele a foi beijando até seu queixo e deixou seus lábios pairando sobre os dela por alguns segundos agonizantes, antes de pousar sobre eles. Os lábios dela se abriram para receber a língua dele.

Foi o primeiro beijo verdadeiro que trocaram. Um beijo perfeito. Sedoso, molhado, doce. Intenso. Muito sexy. Quando eles finalmente se separaram, ele colocou as palmas das mãos sobre a porta, uma em cada lado da cabeça dela, e posou a testa febril sobre a dela.

- Os últimos trinta dias foram os mais longos da minha vida disse ele, com a voz embargada. - Eu vivi com o medo de que você me ligasse e dissesse que nós não precisaríamos mais nos encontrar. Tive medo de nunca ter a chance de beijá-la.

Ela colocou os dedos sobre os lábios dele.

- Se nós conversarmos, eu tenho que ir embora - sussurrou ela.

- Você não pode dizer nada. Eu não posso ouvir nada.

Ele recuou, pronto para argumentar, mas a expressão dela o implorava para que ele entendesse. E ele entendeu. Eles tinham que fingir que aquilo não era algo pessoal. Nenhum dos dois era bobo. Não estavam se enganando. O que acabara de acontecer não tinha nada a ver com fazer um bebé, nem nenhuma outra coisa, exceto o mais puro desejo. Mas eles não podiam reconhecer isso em voz alta. A única coisa que ela podia fazer era fingir estar fazendo aquilo só porque o marido exigira.

Sem dizer mais nada, eles foram para o quarto e começaram a tirar as roupas. Até que ela tirasse os sapatos e a blusa, ele já estava nu em pelo. Sem querer esperar mais um instante para se deitar com ela, Griff se esticou na cama e a puxou para seu lado. Mantendo-a junto dele, ele a segurou pela parte de trás da cabeça e a beijou até que eles ficaram sem ar.

Ele desabotoou o fecho da frente de seu sutiã de renda. Seus seios eram adoráveis, macios, naturais. Ele segurou um deles enchendo a palma da mão, passando o polegar sobre o mamilo até enrijecê-lo, depois o acariciou com a língua. Quando ele o colocou dentro da boca, ela arqueou as costas e gemeu de prazer.

Cegamente, ele pegou a mão dela e a conduziu para baixo. Ele gemeu profundamente quando ela o pegou nas mãos, passando os dedos ao redor dele, descobrindo uma gota na ponta de seu pênis e espalhando-a lentamente, fazendo círculos que a desmancharam.

Passando o braço ao redor dela, ele abriu o fecho da saia e a puxou para baixo dos quadris e desceu pelas pernas. Agora nua, ela se deitou timidamente com as coxas fechadas, formando um V perfeito. Ele se debruçou e suavemente a

soprou, depois pressionou um beijo em seus pelos enrolados e úmidos, provocando, provocando, até que suas coxas relaxaram. Ele entrou no meio delas e fez amor vagarosamente com a boca.

Foi ela quem recuou os joelhos e o puxou pelos cabelos, até fazê-lo se deitar em cima dela, com seu sexo mergulhado nela novamente. Dessa vez, foi devagar, sem pressa, mais emotivo do que ardente. Ele saboreava cada sensação e se assegurava de que ela também o fizesse. Quando sentiu que estava perto, ele segurou o rosto dela com as duas mãos e olhou em seus olhos, querendo que não houvesse nenhuma dúvida de que ele, somente ele, estava fazendo amor com ela por um único motivo.

Ele perdeu as contas de quantas vezes eles fizeram amor naquela tarde, pois foi um longo ato, uma troca erótica que se fundia na outra. Embora não tivessem a liberdade de falar, eles se permitiam um acesso irrestrito.

Griff tocava cada feição do belo rosto com os lábios repetidamente. Tinha a liberdade de acariciar cada pedacinho de sua pele, beijar a parte de trás de seus joelhos. Desceu o polegar pela coluna até as suas nádegas, depois ficou deitado com a bochecha no pé de suas costas.

Igualmente curiosa, ela examinava as mãos grandes, tracejando as veias grossas na parte de trás, chupando seu dedinho mindinho torto. Ela pareceu gostar dos pelos em seu peito. Muito. Frequentemente os cheirava. Ele adorava a sensação do seu hálito soprando por entre seus pelos, adorava a sensação das pontas dos dedos dela passando por seu umbigo e o joelho dela por seus testículos, sua boca molhada o engolindo até ele quase morrer de prazer.

Eles estavam deitados, em silêncio, trocando beijinhos, como fazem os amantes saciados, quando ela o olhou e tristemente se afastou. Havia muito que ele queria dizer, mas estava proibido de fazê-lo. Queria dizer a ela que, pela primeira vez em sua maldita vida, estava apaixonado. Ele estava amando, e ponto final. Ele a amava.

- Deus me ajude - ele sussurrou para as paredes do hospital. Eu amei desde o começo.

Ele deve ter dormido. Uma leve mudança no ar o despertou. Abriu os olhos. O treinador estava em pé no meio do quarto.

- Você estava dormindo?

- Só descansando os olhos.

Ele hesitou, depois caminhou até a lateral da cama e olhou para Griff, o olhar parando sobre a bandagem do ombro.

- Como está?

- vou viver. Dói muito.

- Eles não têm medicação pra dor nesse hospital?

415

- Estou tomando. - Ele ergueu a mão com o tubo intravenoso.

- Mesmo assim, dói.

- Algum dano permanente?

- Depois da cirurgia, disseram que não deve ter. Se eu fizer minha fisioterapia.

- Ah, bom, desejo sorte ao seu cirurgião. Você sempre fugiu disso.

-Ela. -Ha?

- É uma cirurgiã ortopédica.

- Ah. - O treinador olhou ao redor do quarto, percebendo a televisão presa ao teto, a janela grande. - Belo quarto.

- Não posso reclamar.

- A comida é boa?

- Eu só tomo caldo de carne e gelatina de limão.

- Está com fome?

- Na verdade, não.

Depois do papo furado, eles ficaram quietos por um tempo. Então, Griff disse:

- Obrigado por não ligar para os policiais e mandá-los atrás de mim, naquela noite.

- Eu liguei.

Griff o olhou, surpreso.

- Apesar da choramingação de Ellie, eu fiz a ligação. Mas não ao Rodarte. Depois de me passarem para vários detetives, finalmente consegui falar com um que pareceu ter alguma sensatez. Eu disse a ele o que estava acontecendo, para onde você havia seguido e que a situação poderia ficar perigosa, possivelmente fatal para alguém. Ele entrou em contato com a polícia de Itasca e os mobilizou imediatamente.

- Então, você acreditou em mim.

- Eu acreditei nela.

- Laura.

- Eu acreditei em todas as palavras que saíram de sua boca. Você, eu ainda sei que é um mentiroso.

- Eu não estava mentindo! Eu não…

- Que diabos, eu sei que você não matou Foster Speakman, nem aquele baixo nível do tal de Bandy. Não é disso que estou falando.

- Então, dê uma dica.

- Você mentiu sobre aquele jogo contra o Washington.

O coração de Griff quase parou. Por essa ele não esperava. Ele encarou o treinador por um momento, depois desviou a cabeça e murmurou.

- Do que está falando?

- Você sabe muito bem do que estou falando. - O rosto do treinador estava vermelho de raiva quando se inclinou sobre Griff, até que ele foi obrigado a

olhar em seus olhos. - Aquele passe para Whitethorn. Aquele passe que daria o resultado do jogo, o que o colocou na cadeia. - O treinador bateu na beirada da cama de hospital com o indicador. - Eu sei a verdade, Griff, mas quero ouvir você dizer, depois quero saber o motivo.

- Dizer o quê? Motivo de quê? O treinador fumegava.

- Eu assisti ao vídeo daquela jogada até ficar zarolho. De todos os ângulos possíveis. Em câmara lenta e acelerando. Repetidamente. Mil vezes.

- Assim como todo mundo.

- Mas não é todo mundo que conhece o jogo como eu conheço. Além disso, nem todo mundo te conhece como eu conheço. Ninguém o ensinou, nem foi seu treinador como eu, Griff. - A voz dele se tornara rouca, e, se Griff fosse tolo, até acharia que havia lágrimas começando a se formar nos olhos do homem. - Você não tinha como dar um lançamento mais preciso, um arremesso melhor. Você praticamente levou a bola até a linha de duas jardas e a entregou nas mãos de Whitethorn. Você a colocou bem no meio dos números da camisa dele.

Ele se endireitou e se virou por um momento, depois, quando voltou a olhá-lo, simplesmente disse: ?

- Ele não pegou.

Griff continuou em silêncio.

- Whitethorn não pegou a bola - disse o treinador -, mas não porque você não atirou o passe. Ele simplesmente deixou a maldita bola cair.

Griff, sentindo a pressão de suas próprias emoções, concordou.

- Ele deixou a maldita bola cair.

O ar saiu da boca do treinador como se um plug tivesse sido aberto num brinquedo inflável. Para Griff, até pareceu que ele murchara.

- Então, em nome de Deus, por que você mentiu, dizendo que tinha roubado no

jogo? Por que admitiu um crime que não cometeu?

- Porque eu fui culpado. Tive uma culpa do cacete. Eu tinha toda a intenção de sacanear e perder aquele jogo, para meu próprio lucro. Por dois milhões de dólares, eu ia providenciar para que perdêssemos. Mas…

Ele parou, incapaz de continuar, por alguns instantes. Quando continuou, sua voz estava grave.

- Mas, quando chegou a hora, eu não consegui fazer. Eu queria ganhar o jogo. Eu precisava. - A mão dele se fechou num punho, querendo pegar o inalcançável. - A única forma que eu tinha de me salvar era ganhar aquele jogo.

Ele se recostou e fechou os olhos, se colocando no campo. Ouviu o rugir da multidão, sentiu o cheiro das camisas suadas de seus colegas de time conforme se juntaram, sentiu a tensão condensada no estádio de setenta mil expectadores gritando.

- Estamos quatro pontos atrás. Um tiro direto não vai dar. O relógio está correndo. Não há mais pedidos de tempo. Era o pior panorama possível, e, se não fosse o suficiente, a final depende desse jogo. Temos tempo para mais uma jogada.

“Para receber a grana dos Vista, tudo que eu precisava fazer era deixar que o relógio corresse e o Washington teria levado. Mas, ao sair daquela última roda fechada com o time, eu pensei: Fodam-se esses bastardos desses Vista. Fodam-se seus dólares. Eles podem quebrar minhas duas pernas, mas eu vou ganhar esse campeonato.

“Tudo dependia de uma jogada, treinador. Um passe. Uma escolha que me faria melhor do que o lodo de onde eu viera. O que eu fizesse naquela jogada ia definir o meu caráter. Na verdade, a minha vida.”

Depois de um instante, ele abriu os olhos e riu da ironia.

- Então, Whitethorn deixou o passe cair. Ele o deixou cair! Ele esfregou o rosto com as duas mãos, como se quisesse apagar a lembrança de ver seu recebedor deitado de barriga para cima, na última linha, com as mãos vazias e relógio virando zero.

“Mas isso realmente não importou. Eu já tinha vendido minha alma ao demónio mesmo. Depois da derrota, achei que tinha mais era que ser pago. Então, quando Bandy me mostrou o dinheiro, eu o peguei.

“Às vezes, eu acho que o psicólogo lá de Big Spring estava certo, talvez eu quisesse ser pego. De qualquer forma, depois que eu dancei, as pessoas presumiram que eu tivesse feito um lançamento impossível de ser pego. Whitethorn deixou que elas pensassem assim. E eu também deixei que pensassem. Eu era culpado de todo o restante. Tinha mentido, apostado, trapaceado, infringido a lei, caguei nas regras e na ética do esporte profissional.” Ele deu um sorriso torto. “Mas eu não roubei naquele jogo.”

O treinador passou os punhos nos olhos molhados.

- Eu esperei um longo tempo para ouvir você dizer isso.

- Dá uma sensação boa dizer. Porque a pior parte de tudo, a pior coisa de toda a experiência, da prisão, de tudo, foi saber o quanto eu havia envergonhado você e Ellie.

O treinador limpou a garganta e disse bruscamente:

- Nós sobrevivemos àquilo.

Ele disse de uma forma casual, como se esse momento não tivesse importância alguma. Mas tinha e era algo gigantesco. Griff não suplicara por seu perdão e o treinador não lhe dera. Não em tantas palavras. Mas foi esse o entendimento que se passou entre eles, sem que se tornasse algo cheio de sentimentalismo. Mais uma vez, ele caíra nas graças do treinador. Tinha seu perdão. Talvez até

- ele se atrevia a pensar - seu amor?

- Significaria muito para Ellie se você viesse nos ver com mais frequência, deixasse que ela cozinhasse pra você, o paparicasse, te desse dinheiro escondido, pensando que eu não sei.

Griff sorriu.

- vou fazer isso. Eu prometo. Se eu não estiver na cadeia. O treinador franziu o rosto.

- Pelo que fez para tirar Laura de Rodarte?

- Ela lhe contou sobre isso?

- É, e está em todos os noticiários hoje. Mas eu não acho que as acusações de agressão vão pegar. Não quando sair o tipo de

ameaça que Rodarte representava, e ela vai se certificar de que todos saibam.

A menção de seu nome trouxe Laura para dentro do quarto com eles, uma presença intangível, mas evidente. Griff olhou seriamente para o treinador, que leu a pergunta silenciosa em seus olhos.

- Ela não pode vir vê-lo Griff. - Ele falou com uma voz suave, da forma como pôde. - A imprensa cairia em cima que nem mosca na merda. Já houve especulação. Sobrancelhas erguidas. Você sabe do que estou falando. Nada específico, apenas a sugestão de que existe algo entre vocês três que foi meio sombrio.

“Não esqueça que só faz alguns dias que ela teve um enterro público do marido. O público não sabe que Speakman tinha ficado biruta e, para o futuro da companhia aérea, ela gostaria de manter as coisas dessa forma. Ela certamente não quer que ninguém saiba para que você foi contratado por eles.”

- Ela também lhe contou sobre isso?

- Tudo. - O treinador balançou a cabeça, abismado. - Que troço de doido. Nunca ouvi um negócio desses.

- Está na bíblia.

- É, mas Moisés também usava uma barba até o umbigo e comia gafanhotos.

- Esse era o Abraão.

- Bem, de qualquer forma, Laura disse que você deveria entender por que ela não pode vir até você agora.

- Eu entendo. - Depois de um segundo: - Eu a amo, treinador.

- Eu sei. - Diante da expressão surpresa de Griff, o homem mais velho assentiu. - Na outra noite, quando todo o seu futuro dependia de perseguir Rodarte e Ruiz, você ficou com ela. Isso não é do seu tipo, colocar o bem-estar de alguma outra pessoa acima do seu. Você precisa fazer outro sacrifício agora, Griff. Se realmente se importa com essa moça, você precisa lhe dar tempo. Distância. Ausência de você.

Griff sabia disso. Ele entendia a necessidade. Mas isso não tornava mais fácil de aceitar.

- Ela está bem?

- Está indo bem. Seu pior problema é Ellie.

- Ellie?

- Ela está em seu modo mãe. Só falta alisar a garota. Griff sorriu e fechou os olhos.

- Ela está em boas mãos.

Ele deve ter adormecido novamente, porque, quando acordou, o treinador se fora. O quarto estava vazio. Ele estava sozinho.

421

Epílogo

GRIFF atendeu ao telefone celular no segundo toque. -Alo?

- A uma hora hoje? Seu coração quase parou antes de disparar perigosamente.

- Você pode estar lá?

- É… posso. Sim, sim.

- Então, te vejo lá.

Ele continuou segurando o telefone no ouvido por mais trinta segundos, antes de

fechá-lo. Depois, ficou ali em pé, no shopping, deixando que outras pessoas o contornassem, enquanto ele se assegurava de estar acordado, de não estar sonhando, de que era, de fato, Laura ligando.

Como da primeira vez, ele chegou à casa mais de vinte minutos antes. Ficou dirigindo pelo bairro até meiodia e cinquenta e oito. Quando voltou, o carro dela já estava na entrada da garagem. Ele estacionou atrás. Pareceu uma longa caminhada até a porta da frente. Ele estava esticando a mão para tocar a campainha, quando a porta se abriu e ela estava ali, em pé, diante dele.

- Eu ouvi seu carro.

Por um longo tempo, ele não falou, apenas ficou ali, olhando para ela. Finalmente, sua alegria saiu de seu peito apertado em forma de uma risada leve.

- Você está maravilhosa.

- Obrigada.

- Não, estou falando sério. - Ela estava vestindo um suéter justo, cor-de-rosa, e calça preta. Simples, elegante, sexy de matar. Realmente maravilhosa.

Ela ficou vermelha diante do elogio e deu um passo ao lado, gesticulando para que ele entrasse. Ele entrou na sala tão familiar, no entanto, estava completamente modificada em relação à última vez que ele estivera ali. A casa havia sido transformada num lar convidativo.

Do armário, ele se lembrou, mas o sofá era novo. Havia peças de móveis adicionais, obras de arte nas paredes, revistas e livros, e uma área com um tapete, um vaso com tulipas brancas em cima da mesa de centro. Pela primeira vez, as cortinas estavam abertas, permitindo a entrada da luz do sol. Não estava tão frio lá fora, portanto o fogo baixo da lareira era mais para uma ambientação do que para aquecer.

Ele se virou para Laura, sabendo o que ela ia dizer antes mesmo que dissesse.

- Agora, eu moro aqui.

- Eu li que vendeu a mansão. Você gosta daqui?

- Adoro.

Eles se olharam longamente até que ela gesticulasse para ele, em direção ao sofá.

- Você gostaria de um chá?

- Claro.

- Quente ou gelado?

- Gelado, por favor.

Ele se sentou e ela desapareceu rumo à cozinha. Curioso, ele se inclinou à frente e abriu uma das portas do armário. Havia uma TV, algumas coisas para ler e filmes recentes em DVD. Nada impróprio para menores. Griff fechou as portas e se recostou nas almofadas do sofá, numa posição que torcia para parecer relaxado. Ao longo das duas horas e dezoito minutos, entre a ligação dela e sua chegada ali, ele não tivera um momento de calma.

Ela voltou, carregando uma bandeja com um jarro de chá e dois copos. Colocou-a na mesinha e serviu um copo para cada um deles.

- Açúcar?

- Não precisa.

Laura passou o copo para ele, depois levou o dela até uma poltrona e se sentou de frente para ele.

Ele deu um gole no chá. Ela deu um gole no dela. Mas eles bebiam um olhando para o outro. Ele receava começar a conversa, temendo dizer algo errado. Não sabia o motivo por que ela o convidara para ir até ali hoje. A maneira familiar como havia ligado e a hora que especificou não podiam ser coincidências. No entanto, ela não fizera nada que sugerisse que isso terminaria como haviam terminado seus encontros passados nessa casa. Talvez ela só o tivesse convidado para ir tomar um chá.

- Sua companhia aérea está arrebentando - disse ele finalmente. - Aquele negócio novo da Select parece interessante.

- Está programado para ser lançado em três meses. - Ela riu enquanto sacudia a cabeça. - Está uma loucura. Muita coisa a fazer. Um milhão de decisões. Prazos a serem cumpridos diariamente.

Ele sorriu diante da aparente exuberância.

- Mas você está gostando disso.

- De cada minuto - admitiu ela. - Estou muito otimista quanto ao sucesso. Já vendemos setenta por cento de nossa meta para associados. Ouvi dizer por aí que nossos concorrentes estão se mexendo para começar serviços semelhantes.

- A imitação é a forma mais sincera de lisonja.

- Certamente. Mas ainda é imitação. Nós seremos os primeiros.

O entusiasmo dela estava evidente na forma como todo seu rosto se iluminava. Seus olhos brilhavam. Seu sorriso estava tão bonito e desinibido que fez o coração dele doer. E ele percebeu que essa foi a primeira vez que ele a viu contente. A primeira.

Ele ergueu o copo, fazendo um brinde debochado.

- Boa sorte a você e à Select. Não que você precise de sorte. As ações da SunSouth estão na máxima de todos os tempos.

- Você tem monitorado as ações?

- Sou um investidor.

- De verdade?

- Aã. Seja lá o que você estiver fazendo, continue. Está dando certo.

- Estou muito ocupada e trabalhando com afinco, mas também estou mantendo o equilíbrio de minha vida. Dou a mim mesma as tardes de quarta-feira de folga.

Isso explicava seu traje informal. Ela não ia voltar ao escritório mais tarde. Ele tentou não interpretar nada por conta disso. Tentou, mas falhou.

Ela o observou atentamente ao dizer:

- Essas quartas de folga me permitem dedicar um tempo às coisas que são importantes para mim. Como a Fundação Elaine.

Ele se remexeu no sofá.

- A fundação. Certo. Eu vi sua foto no jornal recentemente. Num evento beneficente de gala. Como foi?

- Muito bem.

- Isso é bom.

- Além do dinheiro levantado naquela noite, a fundação recentemente recebeu uma doação considerável.

-Ah, é?

- Cem mil dólares.

- Não me diga.

- É… mas foi uma doação bem incomum.

- Em que sentido?

- Por ter sido feita em espécie. Em notas de cem dólares, depositadas diretamente na conta da fundação.

- Nossa.

- Anonimamente.

- Ora essa.

- E o banco que recebeu o depósito disse que o doador insistiu em se manter anónimo.

Griff manteve sua expressão impassível.

- Tenho respeito por ele, por ter mantido uma doação tão generosa em sigilo - disse Laura. - Eu só espero que ele saiba o quanto seu presente foi apreciado.

- Tenho certeza que sabe.

Depois que a conversa ficou suspensa por um tempo que, a Griff, pareceu uma eternidade, ela deu um sorriso meigo e mudou de assunto.

- Você também tem andado ocupado.

- Ouviu falar sobre o programa?

- Eu vi sua entrevista sobre ele na TV.

- Está indo bem, até que está dando bem certo.

- Você parece surpreso - frisou ela.

- Estou. Ele meio que caiu no meu colo.

Ao receber alta do hospital, ele compareceu ao tribunal e se confessou culpado pelas acusações de ataque. Jim McAlister conseguiu que fosse libertado sob fiança e argumentou de forma 425

brilhante na audiência de sua sentença. Seus argumentos foram apoiados ” pelo testemunho de Laura Speakman, apresentado por seu advogado, assim como pelos testemunhos dos oficiais de assuntos internos que vinham investigando Rodarte.

Griff recebeu uma severa reprimenda do juiz e teve mais um ano de condicional acrescido ao tempo em que já estava servindo. Jerry Arnold continuou sendo seu oficial de condicional. McAlister e Glenn Hunnicutt, que provou ser um verdadeiro amigo, levaram Griff para jantar e comemorar o que consideravam uma vitória.

Pouco tempo depois disso, Bolly Rich o surpreendera ao convidá-lo para almoçar. Ele se desculpou por se recusar a ouvir quando Griff quis alertá-lo sobre Rodarte. Disse também que lamentava por ter se recusado a ajudálo quando Griff mais precisou, mas, principalmente, por não acreditar nele.

- Demoraram duas semanas para Jason voltar a falar comigo. Griff abanou a mão diante do pedido de desculpas.

- Não se preocupe com isso, Bolly.

- Você está livrando a minha cara com muita facilidade.

- Eu também tive muita facilidade para livrarem a minha. Então, Bolly lhe contou sobre um programa que ele e outros

colunistas esportivos pelo país vinham discutindo a respeito, havia muito tempo. Achavam que havia chegado a hora de implementá-lo.

- Estamos cansados da negatividade que cerca o esporte, tanto nas faculdades como no esporte profissional. Por mais que a gente escreva sobre as roubadas de bola no basquete, os gols do futebol e as corridas de base no baseball, somos obrigados e relatar os abusos de drogas, o uso de anabolizantes, de armas, comportamentos violentos, estupro…

- Jogatina - disse Griff.

- Jogatina. Estamos fartos dessa porcaria toda. Queremos dar uma virada nisso, trazer a honra e os ideais do espírito esportivo de volta ao esporte. Mas somos apenas um bando de escritores e eu sou o melhorzinho do grupo, pra você ter uma ideia. O que queremos é uma pessoa que seja um porta-voz. - Meio sem jeito, ele acrescentou: - E alguém que fosse todo certinho não daria muito impacto.

- Você precisa de um garoto propaganda com uma boa chamada, do tipo: “Não se estrepe como eu fiz.”

Bolly sorriu.

- Isso capta o espírito do que estamos pensando.

- Eles precisavam de um cara malvado como eu para falar com os jovens atletas - ele agora explicava a Laura. - com a voz da experiência, eu os alerto quanto às ciladas. Bolly e seus colegas arranjaram alguns patrocinadores corporativos para bancar o programa. A Liga Nacional de Futebol está dando apoio total. A Agremiação Atlética. Organizações Alumni. Associações esportivas de todo o país já agendaram para que eu vá falar. - Ele sacudiu os ombros. - Talvez minhas palestras estejam ajudando em alguma coisa.

- Você está sendo modesto, Griff. Ainda essa semana, eu li que a coluna do sr. Rich já recolheu a assinatura de milhares de atletas em seus juramentos quanto a se manterem limpos de anabolizantes *etc.* Incluindo o próprio filho.

- O Jason é um bom garoto. Provavelmente nunca se meteria nisso de qualquer forma.

- Mas outros, sim. Suas palestras estão causando um impacto imenso.

- Vamos ver. - Ele sorriu para ela. - Pelo menos, eu estou juntando um monte de milhas na SunSouth.

- Você deveria se associar à Select.

- Não posso pagar por isso. Minhas despesas estão cobertas e eu ganho um salário mais que decente, mas não vou ficar rico, Laura. Nunca. - Ele jamais seria rico como Foster Speakman. Como ela. Era isso que estava lhe dizendo. - Mas estou trabalhando com esportes, mesmo que não diretamente. E fazendo algo que vale a pena. - Ele sorriu. - Às vezes, quando termino uma palestra, eles até me pedem pra arremessar uma bola de futebol, uma ou duas vezes. Dar um passe, coisas assim.

- Tenho certeza de que esses jovens atletas estão deslumbrados.

- Quanto a isso, eu não sei. Mas eu gosto.

Eles ficaram em silêncio por um tempo. Laura deu uma olhada pela janela, depois para a lareira e o vaso de tulipas.

- Quer mais chá?

- Não, obrigado.

- Como vai a sua amiga Márcia?

Ele ficou surpreso por ela se lembrar de Márcia.

- Está indo bem. Eu a vi na semana passada. -Ah.

Diante disso, o sorriso educado de Laura hesitou ligeiramente. Ou talvez ele tivesse imaginado.

- Ela tem mais uma cirurgia agendada, mas é só para retoques.

- Então, as operações foram bem-sucedidas.

- Ela está fantástica. Melhor que nunca.

- Isso é bom. Ela… voltou a… trabalhar?

- Em tempo integral.

- Mesmo?

- Ãã. Nos negócios de sempre.

- Hmm.

Se ela estava querendo saber sobre a natureza de suas visitas a Márcia, então, por que não lhe perguntava diretamente? Ele estava torcendo para que o fizesse. Ele podia lhe contar que agora eles eram exclusivamente amigos, mas, se Laura perguntasse, isso ao menos indicaria que ela se importava em saber se ele andava satisfazendo suas necessidades sexuais com uma profissional.

Em vez disso, ela disse:

- Como foram suas festas de fim de ano?

- Engordativas. Ellie cozinhou como se não houvesse amanhã. E as suas?

- Eu viajei. Fiquei numa pousada em Vermont, dirigi pelas estradas do interior, li bastante.

- Parece legal. - Parecia solitário.

- Gostaria de mais chá?

- Você já me perguntou isso, e eu disse não.

- Desculpe. Como vai seu ombro?

- Bem.

-Já sarou completamente?

- Laura, por que você me ligou?

A pergunta súbita a surpreendeu, depois ela pareceu envergonhada por estar enrolando. Ela respirou fundo e disse baixinho:

- Eu queria agradecer-lhe.

O coração dele murchou. Será que ela realmente o convidara para ir até lá só para tomar chá?

- Pelo quê?

- Por manter nosso segredo. Você teve tantas oportunidades para contar toda essa história sórdida. Mas não contou. Você protegeu Foster, tanto quanto a mim. Ele certamente não ganhou sua confiança. Eu queria lhe dizer o quanto fiquei grata.

- Bem, eu também não queria que o mundo inteiro ficasse sabendo que banquei o garanhão de aluguel.

- Qualquer que tenha sido a sua razão, obrigada.

- De nada. Ele não queria sua porcaria de gratidão. Ele honrara a promessa que havia feito ao treinador de não a procurar, embora nenhum dia tenha se passado sem que ele não tivesse vontade de fazê-lo. Por isso, hoje, depois de meses, quando ela ligou, ele achou que talvez…

Mas não. Enquanto estava ali sentado, conversando educadamente, agoniado para tocá-la, querendo saborear seus lábios, tudo que ela queria era dizer obrigada. Ele não conseguia mais suportar.

Agitado, Griff esfregava as palmas das mãos sobre as coxas, depois subitamente ficou de pé.

- Olhe, eu preciso correr. Tenho um… negócio.

- Oh, desculpe. - Ela também se levantou. - Eu não queria prendê-lo.

- Não, tudo bem. Foi bom revê-la.

- Também foi bom rever você.

- Certo. Obrigado pelo chá.

Quando ele se virou para a porta, deu um tapinha na lateral do corpo, que serviu como um lembrete.

- Ah, eu quase esqueci. Eu te trouxe uma coisa. - Ele enfiou a mão no bolso da jaqueta e tirou uma caixinha.

Ela o olhou intrigada, quando ele entregou a caixa.

- O que é isso?

- Só tem um jeito de descobrir.

Ela segurou, hesitando por um instante antes de puxar a ponta da fita e desamarrar o laço. Ele percebeu que estava prendendo a respiração, à medida que ela abria a tampa. Sobre o forro de cetim havia uma estrelinha de ouro com um diamante bem pequenininho no centro. Laura ficou de cabeça baixa, olhando o pingente, então ele não pôde ver sua reação. Mas ela continuou tão imóvel que ele começou a achar que aquilo tinha sido uma péssima ideia.

Quando passou mais um momento e ela não disse nada, ele tentou se justificar:
429

- Eu sei que não tinha muito tempo. Provavelmente nem era maior que esse diamante. Mas… - Ele correu os dedos pelos cabelos. - Mas não tem nada que mostre que ele um dia existiu, sabe? E existiu. Ao menos, por algumas semanas.

Ela continuava de cabeça baixa. Não se mexia. Merda! Má ideia. Muito, muito, má. Ele devia simplesmente calar a boca e ir embora. Em vez disso, ele disse:

- Achei que talvez você gostasse de ter algo que a fizesse se lembrar dele.

Quando Laura finalmente ergueu a cabeça, seu rosto estava molhado de lágrimas.

- Eu sempre me lembrarei dele. vou guardá-lo em meu coração enquanto viver.

Eles se moveram ao mesmo tempo. Os braços dele a envolveram, e ele a abraçou como se nunca mais fosse soltá-la. Ele podia até jurar fazer isso. Depois, ele não conseguia lembrar ao certo que declarações tinha feito ali, naquela hora, e quais havia feito antes de segurar o rosto dela e erguê-lo. Mas se lembrava de ter dito que a amava, repetindo isso enquanto beijava seus lábios, seus olhos, bochechas e sobrancelhas. Finalmente, os lábios deles se encontraram e eles se beijaram profundamente.

E depois, por um bom tempo, enquanto a tarde se transformava em noite, eles ficaram sentados no sofá, juntos, desfrutando do fogo da lareira de mãos dadas, conversando. Eles conversaram sobre coisas sem importância, nada muito sério. Trocaram histórias e informações frívolas. E frequentemente riam.

E, naquele dia, eles começaram a namorar.

Fim